COMEDIA AVLEGRAFIA:

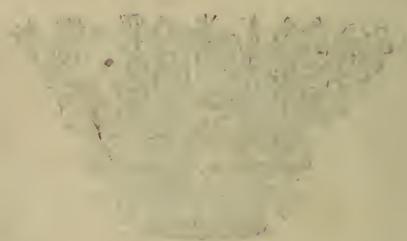
FEITA POR IORGE FERREIRA DE VASCONCELLOS.

AGORA NOVAMENTE IMpressa à custa de Dom Antonio de Noronha.

DIRIGIDA AO MARQVEZ DE ALEMquer, Duque de Francauilla, do Conselho do Estado de sua Magestade, Visorrey, & Capitão General destes Reynos de Portugal.

Com todas as licenças necessarias.

Em Lisboa. Por Pedro Craesbeeck.

Anno 1619.

Reuista do Reuedor.

EStà conforme ao original. Em S. Domingos 8. de Março de 619.

Fr. Diogo Ferreira.

T A X A.

TAxão este liuro da Comedia Aulegrafia em duzentos, & cincoenta reys em papel. Em Lisboa, a 11. *de Março de* 619.

Moniz. Machado.

ERRATAS.

FOlio 1. verso, regra 10. conhecimentos, diga desconhecimentos. Fol. 13. regra 4. dá, Din. dá. diga, dão, Din. dão. Fol. 27. reg 26. podoys, diga podeys. Fol. 28. ver. reg. 14. rebuçado, diga derrubado: Fol. 47. ver. reg. 25. muneo, diga mundo. Fol. 48. reg. 16. pesposto, diga desposto. Fol. 49. reg. 15. desenganado, diga desenganada. Fol. 50. reg. 7. mereço, diga merece. Fol. 52. reg. 7. abrixa, diga abaixa. Fol. 54. reg 7. mao diga não. Fol. 55. ver. reg. 7. caparreira, diga caparoeira. Fol. 78. reg 1. duro, diga dura. Fol. 79. ver. reg. 15. borroés, diga gorriões. Fol. 84 reg 22. caros, diga claros. Fol. 90. ver. 6. tambem, dida tão bom. Fol 91. reg. 1. gueys diga bem Fol. 93. ver. reg. 1. aferrado, diga aferrada. Fol 94. ver. reg 22. estimo, diga estima. Fol. 148. ver. reg. 15 poir diga poem. Fol. 149. ver. reg. 18. sò vòs he necessario andaruos, diga só a Deos he necessario andarmos. Fol. 180. ver. reg. 20. desejo, diga despejo. Fol 181. reg. 3. contente, diga consente. Fol. 185. reg 12. liberdade, diga liberalidade.

LICENÇAS.

VI esta Comedia intitulada Aulegrafia, & não tem cousa algũa contra a nossa Sancta Fè, nem boõs costumes: & me parece digna de se imprimir. Em S. Domingos 29. de Outubro de 1618.

Fr. Diogo Ferreira.

VIsta a informação, podese imprimir esta Comedia Aulegrafia, & dipoys de impressa torne a este Conselho para se conferir com o original, & se dar licença para poder correr, & sem ella não correrà. Lisboa aos 31. de Outubro de 1618.

Bertolameu da Fonsequa. Antonio Diaz Cardoso.
Fr. Manoel Coelho.

POdese imprimir esta Comedia, aos 25. de Nouembro de 1618.

DamiãoViegas.

QVE se possa imprimir esta Comedia, hauendo primeiro licença do Ordinario, em Lisboa 17. de Nouembro de 1618.

Fr. Pinto Moniz.

AO

AO MARQVEZ DE ALEMQVER, DVQVE DE Francauilla, do Conſelho do Eſtado de ſua Mageſtade, Viſorrey, & Capitão General deſtes Reynos de Portugal.

HE tão vaã (excellentiſsimo ſenhor) a opinião humana, ſegundo della zomba Percio, que hauemos por nada quanto alcançamos ſaber, ſe outrem não ſabe que o ſabemos. Deſte commum erro naſcem quantos vèmos de Autores, que enleuados neſta vaidade, aſſoalhão ſuas fraquezas. Sendo poys eu hum dos que menos razão têm para querelo ſer, & que algum conhecimento tenho deſte engano, por lhes imitar a culpa, ja que al não poſſo, cometo publicar a V. Excellencia faltas, que todas me ſão proprias, pela

razão que ha. E aſsi para encubrir as que neſte liuro ſe podem enxergar, não achey remedio mays efficaz que deregilo a V. Excellencia, & polo diante dellas, para que com ſeu reſplandor cegue os olhos, & enmudeça as lingoas dos maldizentes, que quizerem calumniar o Autor delle, que foy Iorge Ferreira de Vaſconcellos meu ſogro. E fique V. Excellencia ſendo defenſaõ, & amparo ſeu como quem tudo pode. Lembrando, que inda que a oferta ſeja pobre: a eſtima della he igual aos deſejos de ſeruir, poys donde a poſſe não chega, elles não encorrem em culpa. Aceiteo V. Excellencia com o goſto que ſe lhe offerece: para que vendo o mundo que o recebe, não haja que temer cenſuradores delle. E o ſer deſta Comedia tenha o lugar que lhe cabe em peitos generoſos, pelo que participa de V. Excellencia, que Deos &c.

Dom Antonio de Noronha.

Iorge Ferreira de Vasconcellos, não poz nunca seu nome em nenhum dos liuros, que compoz, & por esta razão se lhe fizerão ha muytos annos estes versos.

Iacobi Teuij ad Auctorem.

ÆPYGRAMA.

INscribunt alij morituris nomina chartis,
Cumq; illis cernunt, nomina obire sua;
Funeribusq; suis intersunt, vesteq; operti
Hac sua lugubri fata suprema vident.
Tu bone Ferreri victuris nomina chartis,
Non tua subscribis, sed latitare cupis.
Est tibi sat sæclis prodesse aliquando futuris,
Quamuis nulla tui nominis aura sonet.
Nil agis, insequitur fugientem fama sequentem,
Aufugit ad Superos, & volat alta polos.

nhor de Braga, Primàs das Hespanhas, &c. Dignidade tam curta a tantos merecimentos, que se podera aver outra mayor sem falta se lhe fizera a restituiçaõ do q̃ merece hũ Prelado de tantas, & tam illustres partes, pella qual rezam deixa tantas saudades a todas as ovelhas do seu Bispado vniversalmẽte, que naõ se poderà consolar esta magoa, senaõ quando vm. venha occupar o lugar, donde o obrigaõ a ir, (o que Deos ha de ordenar que seja cedo) pois só em vm. teram outro Pastor seu igual, & fundam tam bem as esperanças desta consolaçam, que as tem por certeza, pois vm. em tudo o immitta, como seu, & seu retrato, nas obras, vida, condiçam, letras, & benignidade em favorecer bons desejos, & honrar bons intentos: testemunha desta verdade seja o continuo estudo de vm. donde jà mais se aparta, occupando o tempo que lhe crece de se dar ás obrigaçoẽs de Sacerdote, & mais devaçoẽs, em estudar sempre, & compor, com tanto fructo, como pôde testemunhar o Doctissimo liuro *de Immunitate Ecclesiarum, ad Caput Inter alia,* que vm. agora tirou a lux, impresso na sua Igreja o mosteiro de Lordello, pera onde levou a impressam, porque se naõ gabe Benavente em Portugal, que só elle teve essa præeminencia no liuro *de Solicitandis, &c.* por merce do Illustrissimo, & Reverendissimo senhor o Bispo D. Rodrigo d'Acunha seu Author, que costuma honrar sempre os lugares onde està, fazendoos famosos com a impressam, & a mandou vir pera esta cidade do Porto, onde està ha tantos annos, naõ avendo nunqua nella Impressor

de

de pórte, ſenaõ o da impreſſam onde mandou imprimir o ſeu Iubileu tam douto, o Cathalogo dos Biſpos da cidade, des o principio, & eſtà cada hora eſperando pera imprimir os ſeus tomos ſobre o Decreto. Naõ eſtà vm. ocioſo à ſombra deſte trabalho, antes cõ muito recolhimento gaſta o tempo que lhe crece da Prégaçam, & doutrina das almas, com que engrandece os Pulpitos, & enſina o caminho da ſalvaçam com modo tam excellente, como teſtemunham todos os que ouvem de vm. a palaura Evangelica, naõ eſcondendo o talento que Deos neſſa parte lhe deu com maõ tam larga, antes empregandoo com ganho de tantas almas, quantas a doutrina de vm. enriquece de diſpoſiçoẽs pera procurarem ſua ſalvaçam, & naõ ſe aquieta o zello de vm. com eſte trabalho, mas antes o toma em compor liuros de direito, de que muito cedo ſe aproveitaràm os letrados, acompanhando as letras com tanto exemplo de virtude, que como verdadeiro Correa ſe cinge vm. conſigo meſmo na fórma Evãgelica, tendo nas maõs a tocha ardente da doctrina, que por meo de vm. alumia a tantos com a lux da palaura, do exemplo, & das obras, cõ que ſe apaſcenta, naõ ſó eſſe piqueno rebanho que o mayor Paſtor encomendou à guarda de vm. mas ainda todos os outros que ſe querem aproveitar da doçura de tam bom paſto. Boa por certo foy a eſcolha dos meus paſtores, venturoſo ſeu atrevimento, pois ſouberam com ſúa ſimplicidade alcançar, que de peſſoa algũa podiam milhor fiar a fraqueza de dom tam ruſtico como eſte que apreſento,

ſenaõ

ſenaõ de vm. que por immittar a condiçam deſtes ſenhores tam parentes ſeus, emparará vm. deſemparados, alevantará humildes, & engrandecerá pobrezas offerecidas de boa vontade, pois o animo dos fidalgos he facil, a vontade dos virtuoſos, ſingella, os bons entendimentos acompanhados de letras, prudentes pera diſſimular faltas com ſubtileza pera as defender. Guarde Deos a Peſſoa de vm. muitos annos, pera lograr as dignidades que merece, como deſeja eſte criado de vm.

Ioaõ Nunez Freire.

DO PADRE LOVRENÇO DE SANCTA ANNA
Religioso de S. Ioaõ Evangelista.

AO AVTHOR.

EL floreciente jardin
De tu ingenio delicado
Estos campos hà esmaltado
De toda Roza, y jazmin,
Aqui de la invidia el fin
En fama transformaràs,
Y discreto mostraràs
A las censuras del necio,
Que lo que es de mayor precio
Es lo que se imbidia mas.

En estos campos Amores
Por modo sutil, y honesto
Tan doctos los às compuesto,
Que son de ingenio esplendores,
Cante el Duero tus valores,
Y con grave, y dulce son
Llege al monte de Helicon,
Que, si mira attento el caso,
De los campos del Parnasso
Son tus Elysios blason.

COMEDIA
AVLEGRAFIA.

De Iorge Ferreira de Vaſcoencellos.

PROLOGO.

Autor Momo.

Rilhado eſtilo he deſtes q̃ chamais de arte, entrando na guardaroupa falar de cabeça aos conhecentes, o meſmo preto da boa criança Portugueza,& aceſorio, olhar carregado (digo graue) aos extrauagantes, & pretendẽdo venderſe por de caſa, dão moſtra de ſua lingoagem ante os da ſua ceuadeyra, por equiuocos,& diriuações, com hum deſdem pirnarlto, & caſquicheo, por nada lhe ficar por fazer em qual quer arrepique.

Perdoay me ſe me não declaro, nas orelhas me

zine ja que vou cumprido,& vòs ſoys todos mor
tos por breuidade.Mas venho ao ponto.

Eu por tanto,ja que entro aqui, antes que vos
ſequeys eſtranhandome , por moſtrar conuerſa-
ção,que ha dias que a temos por eſtas Reaes ca-
ſas,falouos como dellas,dado que como ando de
rebuço a vſo de galantes amornetados , não ſey
ſe me conheceys agora que vos falo de face a fa-
ce , atalhando porem a todo inconueniente , ao
deſar dos voſſos conhecimentos , & ſequidões:
diruoshey de mym,& eſcuſo mandalo dizer por
outrem,porque terceiros tem muytos pees que-
brados.

Sou , ſenhores , hum dos antigos Deoſes , que
por nome não perca,o *Momo*,ſe vos chegou,& por
quanto todo o deſacoſtumado he oſcuro , para
que volo não ſeja a tēção de vir aqui, apontarey
minhas calidades,quiça por ellas , donde ora me
aueys por eſtrangeiro, reconhecermeys natural,
porque aueys de aſſentar que tenho o mays viuo
delicado,& ſutil juyzo que pudeſtes ver. Sabeys
quanto,inda que he mal dizelo eu , por ſer vil o
louuor na propria boca , mas dilohey ja que co-
meço. Ca dado he ao bō caualeiro louuarſe per
natural, intrinſeca, puriſsima diſcrição mera mi-
nha meſma , sô eu ſoube emendar natureza na

compo-

composição do homem,em que se ella esmerou, produzindo hum animal perfeito sobre todos,& tendoo o graue consilio dos Deoses por acabado,aparado,& perficionado sem falta algũa,lancey o rabo do olho por sobrerolda de seus juyzos,& à propria hora,sem mays tirte,nem tiraytuos,julguey serlhe necessaria hũa porta no peito per que se lhe pudesse ver o coração: tomays ora isto bem , & cahis nesta delicadeza , & em quão proueitosa,& importante era esta trapeira,se viera a lume? Presuposto que não ha cousa peor de conhecer que o coração do homem,a que não se pode dar sacapelouro que lhe alimpe a ferrugem que crearão , & conuersação nelle imprime , não me quizerão crer : donde notay quão antigo he, espiritus nobres admitirem mal parecer alheyo.

De modo,feição,guisa,arte,& maneira,porque abafemos a copia Castelhana,que esta foy a fonte dos enganos do mundo , a mina de seus resabios,& o centro dos seus escarceos,porque o animal mays imigo do homem, he o mesmo outro homem, por o desconhecimento que tem da pureza de seus corações: ca o bem, & o mal conhecese nas cousas, em que consiste, & o verdadeiro, & falso,na alma,em que se encobre.

Per aqui vereys quão pouco val o bom con-

ſelho onde não querem ſeguilo,ſe tomarão meu voto,eſcuſado deſte dano,fizeraſe muyto proueito:nunca por iſſo vos moua a authoridade de quem fala,ſenti o que ſe diz, & chegar à boa razão , poys o melhor homem do mundo ha meſter conſelho , & o engenho de cada hum , qualquer que ſeja , não ſe vence com leue arte , que a natureza a todos dà o que lhe conuem.

Digo ao propoſito do que não ſe emendou,ſegundo ſotilizey , a culpa em fim foy ſua , que eu conſolame que he melhor ſer deſprezado por fazer virtude,que eſtimado por doudices.De mym crede,que ninguem cae aſsi na realidade das couſas,mas ſou(digamos) tão mal eſquençado , que nunca minhas razões imprimem para fruyto, donde perdido o trabalho, ficame ſempre a magoa,por não eſcapar á pena do enuejoſo , que he tormento de males proprios, & triſteza de bẽes, alheyos: ora eu dambas mãos ſiruo , & corto de dous gumes, & dado que quanto a mym , defeito de peſſoa,não he culpa propria , com tudo algum tanto ando eſtomacado , porque tem a minha incrinação eſta manqueira , com que me dou de roſto , vendo triumphar contra dereito aquelles em quem mays tachas aponto, vay iſto de maneira, ꝗ dizem ꝗ aos boõs,a bõdade he ſeu

premio,

premio,& aos maos,ſua malicia ſeu tormento. E certo he grande trabalho cuidar que tendes razão,& não vos conhecerem della.

Vedeſme aqui que deſque o mundo he mũdo, tenho corrido diuerſas terras,couſa não me ficou por notar , & de ter o eſpiritu muyto ſotil neſte exame,em tudo hachey pecha, tè na fermoſa Venus , à qual fuy deſcubrir hum chapim deſigual doutro , que o diabo lhe não pudera cahir neſte deſar. Não ſey ſe eſtays comigo neſta ſotileza, porq̃ nenhũa ha ſem difficuldade , aſsi no alcançala,como na inuenção,& pode acontecer muyto bem,ſaber hum ſogeito diuerſas,& muytas couſas,mas o entendelas todas , não he tão facil , & aqui jaz o ponto : porque cada hum ſabe o que aprendeo, & muytas vezes mal, & eu reuoluo o centafolho do mundo melhor que o vento ſoão. E peregrinando aſsi ao ſom do atambor da fortuna,q̃ a ſeu ſabor diſpoem dos eſtados,vimme por fim com ella ao tom da voz da fama a eſta voſſa notada prouincia Luſitania,aqual achei tanto do meu goſto,& o bom paſſo para meu officio , iſto aqui antre nòs,como antre lebre,& ſeus filhos,q̃ me tenho apoſentado nella , onde ora viuo com larga dominação , tratando o Paço , & todos os mays corrilhos deſta ſeita,& hũa hora por outra

 chego

chego a fazerme Arraez de Vnhos, & com gèral alçada vos ando aſſoprando os eſpiritos, tão embebido neſte goſto rayuoſo, que muytas vezes por morder outrem me mordo a mym meſmo de gargantão. Ca o bom dezidor antes perde o amigo que o bom dito aſſazonado, & como não ha mòr pobreza que ſer auaro, tal o enuejoſo, tudo lhe faz nojo, & então tornome ás armas da molher por atalhar a dòr, ou em parte ſatisfazela. Não ſey ſe hides comigo neſta moralidade: mas ſabey que viuo à ley da terra, ja que ſeus defeitos, digo propriedades, ſe mal não falo, fazem tanto a meu propoſito, que me mantem a paſto, ſobejãdome ſempre materia para minha obra, & como o trabalho cria os generoſos animos, trago por aqui muytos obreiros com aiforges, quaes eſtes meus, ao peſcoço, que apanhão mays ſalitre que hum calçado velho, & deſpendem mays poluora que hum agoardente, com eſta prouidencia não ha preſſa a que eu não acuda com obra de ſobremão, & a minha jurdição abrange tè o futuro, que he muyto para notar, eſtimar, & ponderar. *Vèrbi gratia.*

Couſas ha que trazemos na forja algũs dias, exempro, as companhias do anno paſſado ſobre edificar a fortaleza de Mazagão, dandolhe mil

voltas,

voltas, & outras tantas cores de diuersos juyzos, passa, não passa, bem feito, mal feito, segundo chega a lança do proprio, ou alheyo juyzo. Ca mal peccado mays nos himos com a voz gèral, que com o particular arbitrio. Outras com hũa calda, & duas se apurão, como ora digamos, hũa hida ou vinda de natural, ou estrangeiro embaixador, leuando sempre por sonda a ordem do tempo, que a tudo dà sua tinta, & com esta condição o tratamos.

Per maneira que vos tenho feita esta Corte hũa ferraria dos Cycoplas, que forjauão os rayos de Iupiter: a calidade porem dos meus, por a mayor parte, he sobirem, & esuanecerẽ como fogetes. Ca como não ha cousa que não saiba a natureza que tem, & inueja sempre atina logares altos, & nada ha tanto no cume a que ella, & o trabalho não cheguem, tal o meu exercicio voltea sempre sobre as gaueas, & he cousa de admiração vèr que tudo se me aqui dá, & prende, que em despondo reprensaõ, ou sensura de algũa obra de que sorte, ou calidade quizerdes, ja dà flor, & parece cousa feyta asinte o arreigar, & produzir de qualquer fruyta noua que trago: não ha qui palmo de mato, por pequeno, & mao que mo deys, q̃ não tenha bojo para a vay-

dade de Alexandre,& então em que cuydays que me banho,todos meus enxertos ſahem empenados de confiança, a razão não a ſey : ca os mays vecejão tanto, que não baſta ſahirem brauios na diſcreta nobreza,mas nem para nelles a enxerirdes preſtão.

Ora olhay,peçouos quantas pontas faz o tempo,leyxay juyzos de poldros desbocados,de que não faço caſo,porque todos ſe apagão no naſcer dos colmilhos, mas o velho ſengo que vio o que paſſou, & vè o que ora corre, difficil he não eſcreuer ſatira (como dizem) donde não ha por aqui eſtamago de tão màs ancorages, em que eu não tenha alfandega deſta mercaduria, porque tomais os Portugueſes tanto em groſſo toda nouidade, & ſoys tão maos de contentar, & gèralmente receoſos hũs dos outros, que tudo vos faz nojo,& aqui o vèmos cadora antre mãos.

Que os moços de eſporas, que ſohião cantar de ſolao a vezes:quebra coração, quebra que não hes de pedra, & outros do teor, em quanto os amos eſtauão no ſerão, ſem cuydado de mà ventura, agora fazem conſulta antre mô de caualos ſobre as prematicas do Reyno, & deſaprouão tolherſe a ceda, porque ſe perderão os chapeos de feltro.

Daqui

Daqui vay de grao em grao,que não ha cousa
q̃ não seja traçada,aparada, agorentada, & cerzi-
da. Damas notão os seruidores de não querenso-
sos da caça. Galantes as notão de interesseiras,&
desafeiçoadas do filho segundo q̃ chamão treçò
por ardido que seja. Caualeiros ladrão apos De-
sembargadores. Escudeiros (se os ha)chorão se-
nhores auaros , louuandolhe o auoengo Final-
mente anda esta materia tanto em pratica,que tẽ
dos elementos, dizem que não são os que sohião
& eu sou o padroeiro,& inuentor que mexo estes
caldos,por quanto hasse de falar como os muy-
tos,& saber como os poucos.

Por esta razão por tanto me escolheo,& mãda
por seu Autor a Comedia Aulegraphia:que pre-
tende mostraruos ao olho o rascunho da vida
cortesaã , em que vereis hũa pintura que fala, &
vos farâ vente & palpauel a vaydade de certa relè
cuja compostura trasladada ao natural, vos serà
representada per corrente,& apraziuel estilo , de
certos almogaueres que correm o campo, fazen-
do hũa salçada de gente manceba,em que as pri
meiras partes .tem Grasydel de Abreu amante
seruidor de Phylomela,da qual agrauado,& des-
auindo , não sem grande dor, & sentimento nos
primeiros recõtros,& ella por fim das desauẽças,
traslada

trasladada a outro Orago de ſeu goſto. Elle ſobredito Graſidel de Abreu, viſto o facho em terra, fazſe forte no caſtelo da propria liberdade com não menos deſcanſo, & aſsi fica tudo pacifico, & quieto, rematandoſe a Comedia na quietação, & repouſo, não eſperando ao principio, & diſcurſo das vaſcas do querelante queixoſo, para auiſo, & exempro que nos caſos humanos, onde o juyzo, & diligencia humana não alcança, dà Deos ſubito, & nunca cuydado remedio.

Neſta ſelada Portugueſa vereys varias differenças, & certeza que paſſaõ em vſo, & coſtume por eſtes bairos. Donde deue notarſe, & aduertirſe, que as calidades, & epitetos atribuidos em ſingular a toda eſpecia de peſſoa aqui introduzida, compete gèralmente ao genero das taes eſpecias, conuem a ſaber declarandome: Quando ſe pinta hũa eſpecia de corteſaõ, ou corteſaã, que dizemos eſpeciaes, ao natural de ſuas artes, & modos, principal, & ſingularmente: entendeſe em gèral, por o genero das taes peſſoas. Ca de particular nada ſe trata, por quanto ſeria odioſo, & alheyo do eſtilo comico moderno.

Finalmente fazey conta que vos apreſento hũ inſtrumento esferico, aſtrolabio, baleſtilha, ou que mays quizerdes, porque podeys diuiſar os

Auges, & Epiciclos dos Planetas deſte orbe palenciano.

Eſte he o primeiro fundamento de ſentirdes eſta muſica. E o ſegundo ſeja, que tudo o que eſtes miniſtros meus dizem, he hum decorado traſunto do que commummente ſe diz, pratica, & trata antre os que por elles ſe repreſentão, tendoſe muyta conta com o decoro deſta couſa, que em tudo he muyto importante.

E o terceiro, ouuirdes protos: porque poſſais diſcernir antre lepra, & lepra, & comerlhe o ſaõ com as condições do bom juyz: que eu voume pór de rebuço, & fazerme inueſiuel, & tornome logo para vòs de ſoticapa, para ſaber que julgaes deſta inuenção. Ca fugir juyz, he confeſſar peccado, & para lograr do proueito, haſſe de ſofrer o dano, & aſsim ſe paſſarà a vida com tu bom, & eu bom, quem tangerà o aſno?

ACTO

ACTO PRIMEIRO.

SCENA PRIMEIRA.

Grasydel. Rocha.

ORA se he posiiuel ocabar hũa molher consigo tanto, que leue auante sua teyma a seu saluo, sem valer tela penhorada de amor de tanto tẽpo, eu me benzerey della. *Roc.* Duro caso he, mas não o duuido. *Gras.* E porque não acabarey comigo tambem o que me cumpre. *Roc.* Essa era a verdade, quem pudesse. *Gras.* E porque não poderey? *Roc.* Isso não sey eu, ha mister bem cuydado, ser o bom não se render, não se duuida, começalo para o não acabar, he perigo, arriscase a outra peor: porque tornar atras com determinação, se he sem tempo, he mao remedio. quando o tomar por falta de sofrimento, será necessario rogar, quãdo não ouuer lugar ao rogo, & conhecida, ou cõfessada a força do amor & renderse, não quer ella mais para cachar a seu saluo,

ſaluo: rogadas,ſaõ indomaueys, & deſprezadas, impacientes. *Graſ.* Poys Que conſelho? *Roc.* Couſa que o não tem,nem modo de entenderſe, não ſe pode reger por elle. *Graſ.* Por que razão? *Roc.* Tratar della com quem a não tem, he eſtar quebrando as ſoltas do juyzo: neſta couſa de amor, não ha ſaber cõſelharſe,tomaſe por arbitrio dalma, a qual ſatisfeita da ſua eſcolha acertada, ou errada, raramente, ou com muyto trabalho ſe deſafeiçoa do que lhe ſatisfaz:& o melhor valhacouto que lhe eu ſinto, he, fugirlhe quem puder: & iſto acabão as molheres melhor conſigo, como ſe determinão. *Graſ.* E pode hũa molher confeſſando amor,em palauras,& obras, izentarſe? *Roc.* Nũca fazem outra couſa,ſaõ muyto determinadas na võtade *Graſ.* E porque o não ſerey eu tambem,quando iſſo for? *Roc.* Por ſer mimoſo da condição que arraſta o ſaber,& de todas eſſas vaſcas,farey,não farey,com hũa lagriminha esfregando os olhos,deitada por força, arraſa tudo,& eu não ſey ſe baſtarâ pedirlhe mil perdões, que da noſſa parte eu lhos faço bõos. *Graſ.* O miſero eſtado o de quem ſe afeiçoa a couſa algũa da terra, que a falta da liberdade ſempre he trabalhoſa! conheço minha mâ ſorte,padeço ſogeição, entendo a izenção da cauſa,& arço em amor,ſey

o que

o que me ſeria melhor, & não tenho eſpiritu para acometelo; que farey? *Roc.* Atalhar ao mal antes que tenha mays força o principio admite remedio, & ao fim não o compadece. *Graſ.* Poys que maneyra? *Roc.* A ſenhora Filomela, ſe eſtà vacante, & não tomada de penſamentos nouos, que ſempre ſaõ apraſiueys, admitirà rogos, & eu diria que lhe offereçamos arrependimentos. *Graſ.* E ſe lhe eu não errey? *Roc.* O valhame o que pode, & que val; façamos as pazes quando nos cumpre a noſſo cuſto, & lâ virá o tempo das vingáças. *Graſ.* Eſſas toma ella de mym ſem cauſa *Roc.* Do pouco ſofrimento naſce muytas vezes ſofrer muyto: ſaber deſsimular afrontas, he o meyo de ſatisfazer dellas. *Graſ.* O goſto da vingança he breue, & de eſpiritus baixos: eu della pretendo sò paz. *Roc.* Quem a quer, ou ha de dalla, ou pedila. *Graſ.* Que talho days vòs agora aqui? *Roc.* Pareceme, ſegundo minha mà cabeça, que deuo hirme ver com Dorothea ſua donzela, & ter meyo de falar com a ſenhora: ſe lhe falo, farey o campo franco a meu riſco, ſe o mal tem cura. *Graſ.* Ora vay, & dàlhe eſta carta, que dè à ſenhora Filomela: quando lha não poderes dàr, vejamos em que ſe determina, & tende maneira que não tardeys, que toda tardança cuſta muyto, & para mym agora he inſofriuel.

ſofriuel. *Roc.* Bom eſtamago eſtá eſſe para cozer o mays. Vou, & voltarey ſegundo ſe me azar, que o tempo negocea mays do que a deligencia pode.

SCENA PRIMEIRA.

Graſidel.

QVE grande pequice he ſer afeiçoado, & muyto mayor deſauentura, chegar a eſtado que vos ſeja neceſſario hauer outrem dó de vòs, & pender voſſo remedio da valia, ou diligencia alhea, porque sò a Deos ſe pode confeſſar neceſsidade, & tela, menoſcaba o entendimento, como a ſobegidão lhe dà fouteza, em mym o vejo que peço conſelho, & remedio a rocha, & elle està ſobre mym como hum Seneca, & dàlhe tão pouca pena a minha, que virâ quando quizer, hirà onde quizer, & fará o que quizer, & hey de ſofrelo, & pendurado da eſperança, padecerey receyos, padecerey deſconfianças, que ſe payrão com deſsimulalas; vede ſe ha laberinto de deſauenturas qual o meu. Não ha maſmorra menos ſofriuel que ter negocio, & deſejo, quem acabaſſe

conſigo

comſigo telo de nada, atalharia a enfadamentos, & lograria ſua liberdade, que não ſe comprando por preço algum, todos a vendemos por mil couſas ſem elle, antes de nenhum tomo: olhayme agora eu que perco o ſono de noite, o deſcanſo de dia, o goſto da mocidade, a quietação da vida, por hũa molher que eſtà triumphando de mym, recreaſe em enfadarme, & muyto ſegura, que lhe hey de ſofrer ſuas perrarias, pairar ſuas manias, & agradecerlhe muyto amainar ſuas birras, & mais não pode ſer menos, que ellas nacerão para ſerem rogadas, & nòs para ſofrelas, & eu naõ ſou de natureza mais forte que a dos outros. Sanſaõ que afogou hum leam, não afogou o amor, quebrou as priſoẽs de ſeus imigos, & não as da ſua afeição, queimou as ſearas alheas, & não pode ſaluarſe do amoroſo fogo de hũa molher falſa: pois que menos farà o amor de hũa virtuoſa que he a melhor joya que o mundo tem, & ſer iſenta he diſcrição, & virtude, eu não me poſſo ſaluar de culpa, ante ella, dado que a não tenho no que me culpa, he muyto diuido que a ſofra, que a molher naſceo para ſer eſtimada do homem, & ſenhora do amor, a que não ha poder reſiſtir, & o que he mais de temer que tem aſas, & voa de hũs noutros, & a molher he incoſtante de ſua na-

tureza

tureza,& assanhada,indomauel,quem tomará pè em pego tão profundo de inconuenientes: vejome hum confuso homem,& com tudo,que menos pode sofrerse por hũa molher fermosa, mal (como dezia o outro)sem o qual não se pode viuer,& o praguejar dellas he pequice,que se ouue algũa má, ha mil boas, & os homẽs saõ a materia de seus males. Poys chegar eu a cuydar que pode a senhora Filomela dàr o seu amor a outrẽ, tendolhe eu tão merecido,& aquellas amorosas, & brandas palauras que della ja tiue,não ha coração que tal compadeça,rẽdermehei a tudo o q̃ ella quizer,& se posso,não dilatarey mays o meu descanso:mas muyto me cansa a pouca segurança que nalma sinto. Ora verey que faz Rocha,& asi me determinarey.

SCENA TERCEIRA.

Rocha.

Iadoso estado he o do homem que carece de conselho proprio no seu trabalho,que no alheyo, pouco dà (como dizem) o farto por o faminto,& ninguem vos diga al,Deos vos-

liure de conſelheiros , que eu não ſey bateria de
moſquetes mays enfadonha,todos ſaõ diſcretos,
ou foutos em conſelhar,& fracos em padecer:di-
goo ao tanto,cuydando em meu amo,o qual ſen-
do inſofriuel de ſeruir proſpero,agora he hũ cor-
deiro ante mym,& eu hum gigante cõ elle: tudo
tem volta,& o tẽpo lhe dà as cores: em amoeſtar
não ha quem não ſeja Cicero , â cuſta alheya to-
dos ſaõ prudentes, esforçados, & comedidos , &
quem tem a dòr padece,veleſe cada hum de deſ-
auentura quanto lhe for poſsiuel,q̃ mays não ſeja
q̃ por não ouuir conſelhos,ora os julgos q̃ choué
ſobre vòs,aqui errou, iſto não entendeo, foy mal
atentado , &c. he hũa munição que choue ſobre
voſſa vida,& vòs não achais quem vos dè a mão,
& muytos moſtrão tèr dò de vòs , & nenhum o
tem,inda que volo deua, porque a fortuna como
vos quer tomar a fame ao ſeu ſabor,tomauos os
portos do remedio,por mym o julgo,que me eſ-
tou banhando no deſabrimento de meu amo , &
o triſte ficou dando a alma,eſperando o remedio
que lhe eu leuo bẽ mao. Mas he eſte que là vejo
meu amigo Cardoſo? Eſte he : voume a elle,que
inda que venho depreſſa , não pode homem lei-
xar de comunicar ſeus amigos , que he a melhor
fruita da vida,quando ſaõ quaes deuem.

SCENA

SCENA QVARTA.

Rocha. *Cardoſo.*

SVAS mãos beijo. *Car.* O ſenhor, grão ſaber vir. *Roc.* Donde bueno? *Car.* Eſtaua naquella trauéſſa ſobre vèr hũa rapariga que me atrauéſſa. *Roc.* E ella he trauêſſa? *Car.* Mas trauéſſa dalma. *Roc.* Deſſa maneira fareis damor hũa cancela? *Car.* Eſſa alcãcella de mym a ſeu ſaluo. *Roc.* E a eſſe aluo pretendeys vòs fazer tiro. *Car.* Mas tiro pouco mays de nada, porque a minha ſenhora nada em penſamentos altiuos. *Roc.* Yuos logo aos banhos deſeſperados, curar deſſa lepra, q̃ ſe vos ella enxerga a da voſſa miſeria, ruim ſeja quem vos ouuer enueja, que eſſas mecas não deſcem a mochos. *Car.* Hũa couſa vos afirmo eu, que não dá ella vento a bilhafres tão mal empenados, & mays agora que vos enxergo tocado de penſamentos malenconicos como figo baſureiro em vnhas de cartaixo. *Roc.* Não vou eu todo trigo, nem vòs não vindes puro, aueis miſter cipilhado dalgũas friezas, & eu vos hirey adeſtrando pelo tempo. *Car.* A mà ventura ſempre he queixoſa,

como a felicidade ſoberba, mas tudo paſſa. *Roc.* Aaſsi he,& ſe a miſeria não ſe alternára,que hoje vem por hũs, & amenhãa por outros,não puderamos ſofrernos os proſperos de malquiſtos, & os meſquinhos de deſprezados.*Car.*Por iſſo faz Deos bem, que hũa hora por outra, a todos viſita, & nos baralha as ſortes. Eſqueçanſe embora os ricos dos pobres, que lá virá ſua reſidencia: *Roc.* Eſſes ameaços não forção natureza : velayuos de cayr em neceſsidade, que he trabuco que derruba todo repairo de parente,& amigo,& proſperidade:ſabeys que legume he, q̃ até Deos parece q̃ eſtâ do ſeu bando.*Car.*Bem auiado eſtà logo quem por mays que braceje por ſoltarſe de miſeria,não pode mudar a penugem,& ſobriſſo, catiuo ſou de catiuo,& ſeruo de hum ſeruidor bẽ longe de ſer ſenhor.*Roc.*Diſſo vou eſcumando,& aſſentay cõ letras douro, q̃ a mayor rapazia q̃ ha no mundo,he ſeruir outrem, ſeja elle quẽ quer q̃ for.*Car.*Poys como dizem que ſeruir Principe nobre não he ſeruidão, nem ha mor liberdade que viuer debaixo da jurdição do Principe piadoſo? *Roc.*Iſſo he ja remedio que ſempre foy vilão roim & ſeu nome lhe baſta:mas o q̃ vos eu digo,daruolohei moente,& corrente,inda q̃ doutra parte ſabeis q̃ me enfrea,hacho por minha conta ſondando as

do as alturas da miſera vida humana, que ninguem a paſſa liure, nem o meſmo Rey. *Car.* Muyto filoſofar he eſſe, não dirà mays Segamundos. *Roc.* Ora ouui remar, & vereys como tomo o vento à vaydade mundana; vòs tereys por forro o Rey, porque manda ſobre todos; & eu o julgo ſogeito de todos, poys inda q̃ não queira, ſe ha de fazer ſeu officio, & cumprir com a obrigação delle, ha de eſtar continuo á eſtaca para ouuir agrauos dos grandes, mimos dos nobres, pequices de letrados, queixumes de mal caſadas, gemidos de viûuas, arengas de conſelhos, obrigações de caualeiros, & mil outras couſas de enfadamento; & a toda eſta bataria ha de eſtar em corda de ſofrimento, ter copia de repoſtas, & mealheiros de eſperanças que reparta, & nem aſsi ſatisfaz: pareceuos que baſta paciencia para leuar o jugo deſta ſogeição com folego. *Car.* Não vos tinha por tão alquimiſta; & os ſenhores de eſtado em que os tendes? *Roc.* Por garauatos, porque o trabalho que tèm em eſtadearſe he inmenſo, a vigilancia ſobre não lhe errarem ponto das diuidas, cerimonias, & martirio o balãça na taixa das corteſias, he ſer atalaya. Finalmente podeſe fazer delles hũ galarim de brauas ſogeições. *Car.* E os nobres dantre fouce, & vencelho, em q̃ rumo os pó-

 des?

des? *Roc.* O viuer desses he a corrente da enxouia, seus ingrifamentos, seus fastios, suas ostentações, & suas diuidas: fazey conta que vedes buso em soalheiro, sofrendo, porque os sofrão, grangeando, porque os acatem: & se algũs tèm a sogeição sofriuel, saõ os de bico rebolto; que os outros de almazem, he melhor ser cugumelo. *Car.* E a gente que chamão de hũa lança em que as prezas do Reyno fazem escora? *Roc.* Mas em que fazem gazùa os que mandão: essa relè tem piadoso catiueiro. Não ha siso que payre as diligencias de que se sustentão, nem lingoagem que supra seus cumprimentos, nem terra que sostenha o seu passear, nem Ceo que seu espirar sofra, que direy? Saõ hũa galè de fortunas, & achareys mil generos de prumages sustanceaes, que para fazer delles alardo não basta tempo. *Car.* E da gente piaã que trazeys a rol? *Roc.* Esta tenho por liure, & descançada, se pode ser, porque comem seu pão com seu suor, como Deos mandou, dormem seu sono por encheyo, sem os cuydados do priuado que entesoura: *Et in hora, cui congregabit ea.* *Car.* Bem emcaixastes o Latim, de maneira que segundo isso Salamão rematou tudo em vaydade, & vós em seruidão: queria poys saber, sendo assi, vòs, & eu em que paragem ficamos? *Roc.* Vós em pessoa nobre

agra-

agraduado a obreiro,ſobre que ja competem pàdeiras,lee pelo Conde Partinoples,ſabe de còr as trouas de Maria Parda, & entra por fegura no auto do Marquez de Mantua.*Car.*Eſtà bem. E de vòs que diremos? *Roc.* De mym, vaſculho: não, pouco he,antes muyto:digo rodilha,inda preſta: cauaco,em fim, calçado velho do genero humano,hauido reſpeito,que meu amo naſceo no Planeta Mercurio,que he ſer neutral,nem pêga,nem gauião, & eu ſou a agoa ruça da ſua diſcrição, & quando me vejo em mares cruzados, com meus pòſinhos de Latim,voume ao meu cartapacio em que colegi mil auiſos bõos,& faço conta que corro tormenta ao ſom do vẽto atè que acalme.*Car.* Ora o rapaz do Latim que preſſa foy a ſua tamanha,que lançou anchora em vòs?*Roc.*Não o hajays por eſtranho,& improprio, que ja não ha aldea que não lance de ſy ſeus dous pares de Bachareys de cabo,& topete alfanado,& deſtes troncos Bachareys enxertos que vecejão mays que os da nobreza antigua, & ſempre as boas letras ſe entauolarão bem.*Car.*Poys ſe iſſo entendeys,que razão teueſtes para leixar eſſa eſtrada? *Car.*A que tèm todos os que errão à que lhe cumpre; & diruoshey a verdade como amigo: meu pay foy tabalião do judicial da vila de Alfayates, & ſendo

 mexe-

mexericado por descuidos de seu officio, foy prezo, em que desbaratou o que tinha, & faleceo na cadea. Auia no termo hum Pero Esteues merchante, & rendeiro, que por sua astucia (& não sem gemidos do pouo dizia) fezse rico: casou com minha mãy; ouuerão hum filho, & como ambos fomos de idade, que eu sòs dous annos lhe leuaua, mandounos ao estudo Colimbriense, no qual passamos algũs tres, em que me eu ja hia aproueitando: o outro, como era mimoso, jugaua isso que tinha, & sabia cada vez menos: fomonos à terra nas vacações, hia doente, & lá morreo. Pero Esteues, correo a fortuna tras elle, como acontece a quem mal sobe, & quanto tinha gainhado em muytas rendas, perdeo em hũa sò, & lá foy tudo, & morreo na cadea. Eu destrahido assi do bom caminho que leuaua, neste comenos, vay de cà da Corte hum meu primo, que ora he na India, mancebo que lhe pungia a barba, como ora a nòs, de sua roupeta, & calções còr de telha, botas bayas, & chapeo de feltro, com fita encarnada, galante mancebo bofè, & fôra homem de prol se viuera: em fim venhome com elle, o qual viuia com hum primo de meu amo, com quem foy à India, & como elle pretende á mesma jornada, a esse mesmo fim assentey com elle, & assi

vim

vim de eſperanças em eſperanças, nas quaes viuo vay em dez annos. *Car.* Eſſas conſumem as vidas de quantos peregrinamos com eſtes fados que acenão com o que não dão. *Roc.* Dão logo trabalhos, afrontas, & neceſsidades aſſaz, mas não ſe eſcuſaõ em quanto lidamos com a vida, que noſſo Senhor hauia de acreſcentar aos corteſaõs para poderem pairar o vagar de ſuas ſatisfações. Paſſaõſe os dias à mercê da vontade alheya, que as mays das vezes eſcaſſea de noſſos fundamentos, fazendo contas ao longe que ſe alongão cadora, àuezes ſatisfeito do que cuydo, outras deſeſperado, ſem acabar com determinações: o tempo vaime tomãdo, os annos bõos, correm caminho dos maos, não poſſo melhorarme ſegundo vejo outros q̃ de menos vierão a mais do que cuydarão, & ſem merecer o quelles não cuidão: corrome de quem me conhece, & me uè: eſtou penhorado do ſeruiço, he forçado pairalo, que aſsi faz meu amo. *Car.* E fazé todos, & o meſmo vos digo de mym: mas aſſentado tenho comigo, ſe o meu não ſe embarca eſte Março, leixálo a boas noites, & citálo ſe me não pagar, que eu tenho aderencia de parenteſco com hum Corregedor que o condenarà ſem dò, & não hey de morrer ſem vèr a India. *Roc.* Là queria tambem hir fazer a oſſada, ſe meu

amo

amo me dèr a el Rey, como me tem prometido, mas tão mà ventura he a ſua como a minha. *Car.* Ninguem a tem boa, como pende da vontade doutrem. *Roc.* Aſsi he, que o coitado ſerue como hum perro, gaſtando o ſeu, & o alheyo, & quanto mais obrigação lhe têm, menos lha ſatisfazem: & por iſſo digo, que algum grande neſcio foy o primeiro que ſeruio outro, & muito peor o que poz maos foros na terra, que eſte negro medrar, nos conſume alma, & vida, & não sòmente nos degra da da natureza, mas do goſto, & do amor dos voſſos. Podera ſer (ſe me eu ca não viera) que jágora fora caſado na minha patria, viuera por meu trabalho ſem ſogeição, goſto que poucos entendem & todos ſuſpirão, não me deſuelara por vontade alheya, negando a propria, não diſsimulara ſoberbas ſemrazões dos que me aborrecem, não viuera de fingimentos, não me pendurara de eſperanças que eſtilão: meu amo pende das de ſeu ſeruiço, eu das do meu, & aſsi tudo he eſperanças que ſegurão sò em Deos, cui ſeruire, regnare eſt. *Car.* Em eſtremo folgara de ſaber Latim, porque ſempre achays nelle hũs contrafortes que çarrão a abobeda a pedir por boca. *Car.* Perdoe Deos a maos remendões que o deuaſſarão, que elle por ſy não lhe podem tolher ſer caſto de preço, & por fim

fim hacho por boa conta que de todas as empresas,hum triumpha,& os outros perecem.A India dânos hum rico, mata por elle cento, & empobrece dozentos,& desta maneira corre tudo : & o merecimento raramente o vedes alcandorado, & entẽdelo não basta para nos desuiarmos do mao emprego, porque vontade incrinada, não aceita inconuenientes,por seguir desejos mancebos.*Car.* Daisme a vida em vos ouuir, não se pode falar com outro homem,bẽ parece que o lestes,& entẽdeys:& onde fazeys a derrota?*Roc.* Na volta da pousada. *Car.* Nossos amos saõ no Paço, he horas de se virem. *Roc.* O meu em casa està esperando, mandoume com hum recado à dama, & o que lhe eu leuo, não lhe ha de ser muyto saboroso. *Car.*Como assi? *Roc.*Estão desauindos sobre certos ceumes, & ella escandalizada. *Car.* Essas desauenças saõ costumadas, & para mays confirmação da mor.*Roc.*Nunca vos fieis disso,que a constancia he rara nas molheres, & determinadas, poem em efeito o que querem, & esta, segundo entendo,està mays que determinada.*Car.* Contay por vossa vida. *Roc.* Ia sabeys que me pico com Dorothea sua criada que he hũa pega. *Car.* Bico tẽ,mas pareceme muyto gaarida. *Roc.* Esse mao; queroa eu por ventura para conselho?Sabey que

he o

he o meſmo azougue, & que a trago braſa,bem que receyo agora que ſe me remonte com ſua ama,porque mandey chamala na portaria,& dõde ſohia vir em hum pè , tardou de maneira que deſeſperey ſua vinda , & ſoſpeito que não viera, ſaluo porque vinha tomar roupa à lauandeira: ora ſobriſſo fezſeme tão graue,que eſtiue em erre de leuarlhe as toucas nas vnhas:vou,& ſequeime tambem,& ſem tratar de mym,deilhe hũa carta, rofuſou tomarma,dizendo que lhe era defeſo:todauia a tomou com mil achaques , & ſequidões. *Car.* He arteficio , & ſciencia que tem antre ſy de natureza. *Roc.* Foy em fim , & voltou logo com me tornar a carta,dizẽdome,que ſua ſenhora lhe mandara,que recado nenhum me tomaſſe,& por tanto eſcuzaſſe mandala mays chamar:repriquei lhe a voltas de meus amores,deſenganoume limpamente,tão infinta, & izenta,que não ſey como a ſofri:venho ſem paciencia de me aſsi cachar,hei de eſtomentala,& mays vi eſtar hum pagem mirrado nella,como que a ſerue,ou pretende ſeruir, & ella que o agaſalhaua com os olhos , & tenho para mym que por ſeu reſpeito me rechaçou a conuerſação.*Car.*Eſſas ſaõ ellas,perdidas por nouidades.*Roc.*Poys pareſtas que lhe hey de tirar a encraua,& vingarme a poder que eu poſſa.*Car.*To

mar

mar vingança de molher, he dàr no proprio bruquel; leixay parellas ser vingatiuas. *Roc.* A vingança abranda a dòr. *Car.* Tomála, he fraqueza, per officio, arte, odio, & malicia, he ignorancia, & desconfiança propria. *Roc.* Não vos nego ser realengo, grandeza de animo, & de espiritos poderosos o perdoar, qual foy Socrates, que não quiz dàr da peçonha que lhe derão em pena de morte ao seu acusador; mas os maos tomão ousadia da facilidade do perdão. *Car.* A vingança sofriuel, he, vèr os imigos soberbos tomados de temor, & necessidade por castigo de suas culpas. *Roc.* Boa paciencia seria a minha se lhe tal esperasse; sabey que me hei de melhorar, porque não zombe de mym, que a natureza da molher mays compassiua he que a do homem, & assi tambem mays enuejosa, maliciosa, & mays facil de enganar, & por tanto hei de ensinala â sua custa. *Car.* Não ha cousa de tanto fruyto, & bom exempro, como o castigo assazonado. *Roc.* Estays com vossa paixão, como a virdes, que se vos rir. *Car.* Mas que me chore. *Roc.* A lagrimas de molheres, inda que fingidas, não ha casa forte. *Car.* Não me vistes alardear com estas: heyuos lá de leuar hum dia, & tereys maneira que ocupeys o guarda em pratica, que se hacha quem o ouça, & diuirta, fareys delle

çambarco,

çambarco, & neste antretanto tende rento em mym, & vereys touros. *Roc.* Aprazme. *Car.* Meu amo espera por mym, alonguemos o passo, que para a sua dôr, ja lhe tardo. *Roc.* Eu voume ao Paço ao meu, que ja que estoutro està em casa, quiçà quererà virse. *Car.* Deos diante que eu subo.

SCENA QVINTA.

Grasidel de Abreu. Rocha.

O COMO tardays, meu amigo. *Roc.* Mays ouuera de tardar. *Gras.* Que nouas? *Roc.* Outras vi ja melhores, temos tudo entornado: a senhora Filomela faz banco roto segundo vou barruntando. *Gras.* Bom estou eu logo? *Roc.* Qual Deos melhore; & mays lhe digo, que hei medo não estar a see vacante. *Gras.* Peor he essoutra: venhamos ao ponto. *Roc.* O ponto he, que não quiz tomar a carta, auisandome logo que ouuesse por escusado tornar là: esta he a resolução. *Gras.* Poys donde conjeturays essa sospeita? *Roc.* Vi hum certo polhastro embicarse para Dorothea, & ella tão despejada, & destra, que me quiz cachar com elle, mas afè que mo não leue

em

em ſoſſo:*Gra.*E da hy inferis a maçada.*Roc.*Serey paruo,mas outros tem peor faro.*Graſ.*Muyta ſutileza he eſſa, não vos tenho por tão notomiſta. *Roc.* Oxalá me enganaſſe, mas como não ſe hão de crer ſoſpeitas,tambem, tambem não ſe ha de fiar dellas.*Graſ.*E o pagem cujo he?*Roc.*Eu o ſaberey antes que amanheça.*Graſ.* E Dorothea que diz?*Roc.*He gentil peça, tudo foy faſtios, entejos, preſſas fingidas, mas ella me ouuirà. *Graſ.* Finalmente que a couſa vay de romania,& daiſme por axorado de todo. *Roc.*Muyto me doe o cabelo,q̃ lhe entrou lanço de ſeu goſto,& lançou anchora; quer,parece,obrigar quem a contenta â conta de deſcontentar a quem lho deſmerece; que eſte he o viſco com que cação.*Graſ.*Dias ha que ſey que he peſada obrigação.*Roc.*Poys ſe ella ſe determinou em negarlha, & perderlhe o reſpeito, não auerà couſa que a torne a nós; que molheres, & Principes sò vontade os obriga,& fóra della,nada as penhora;& as culpadas izentãoſe mays de quẽ ſaõ deuedores.*Graſ.*Antigo he gainhar imigos cõ obrigações.*Roc.*Não me hauerey por homem ſe a Dorothea não eſcozer as orelhas,& lhe tirar do bojo o feito,& por fazer.*Graſ.*Ora andar.*Roc.*Deſta vez para traz. *Graſ.* Bom vay o negocio, he brinco que o tempo traz com os humanos, nenhum

nhum ſaber que deua deſejar, ou fugir: tende là confiança em amor de molher, fazey fundamento de ſuas promeſſas, crede ſeus afagos, entregayuos a ſuas meiguices, & vereys onde hides parar: não de balde ſe diz, que todos os males naſcerão de bôs principios. Mas como he certo ſer a fortuna videntra, quebrar quando mays reſprandece, & com afagos nos armar a queda. *Roc.* Gente meguiceira ſempre he falça. *Graſ* Bem o ſentio Theramenys, que eſcapando de hum perigo, diſſe: para que ocaſião me guardas fortuna? Crendo que ſeria para peor, como foy. E Demetrio que de eſperiencia lhe ſabia a condição, a trazia pintada com hũa letra: Tu me ergueſte, tu me abaixaſte: o meſmo poſſo dizer agora. *Roc.* As fortunas ſaõ iguaes, verdadeiramente, ouui iſto, & calayuos: hey de vir a deſenganalo, quero porem leixalo pernear para que abrande a furia, & metigue a colera, porque vencer a propria ira he melhorarſe de hum brauo imigo. *Graſ.* O atribulada ſorte a do homem afeiçoado! Que he poſsiuel izentarſe hũa molher penhorada de amor. *Roc.* Nenhũa couſa fazem tão facil, terlhe a cacha, que rogada ha de ſer peor. *Graſ* Eſſe conſelho he de baque, bom deſcanſo ſeria de eſpiritu o que ſe compadeceſſe fazer eſſas eſperiencias, ſendo tão

perigoſo

perigoſo fazelas em toda amizade, quanto mays no vidétro amor; o forro da perda, ou gainho do ſecedimento conſelha fouto. *Roc.* Se o negocio meu fôra, eu lhe tiuera as pelas, mas he mãqueira da noſſa natureza, cada hum no proprio ſer mays boto que no alheyo. *Graſ.* Nas aduerſidades haſſe de aceitar o neceſſario, & não o bem falado. *Roc.* Para iſſo conſultálo bem, que não he pequeno deſconto da perda, errar por conſelho, poys he menos mal morrer por culpa alheya, que por a propria. *Graſ.* Até iſto tem a mà fortuna, q̃ aueys de ouuir, & ſofrer, & todos ſaõ ſentencioſos. *Roc.* Não ha molher tão cõſtãte en ſua determinação, que não poſſa mouerſe della, nem tão prouida, & conſultada, que não ſe lhe entenda, & entendida, he logo contraminada, & o engano pode a vezes mays que a força. *Graſ.* Como vòs meu ayo vos prezais de bacharel, ora ſabey que nenhũa couſa tem deſtruido, & deſtrue o mũdo, ſenão elles. *Roc.* Pouco me vay niſſo. *Graſ* E muyto menos na minha dòr, porque na verdade cada hũ paſſa a ſua: & porque não poſſo ſofrer tantos, pondeuos no andar da ſala, leixaime bracejar com minhas ma goas, & braſfemar de mym. *Roc.* Aſsi o faço na meſma hora. Forte aziar he o da verdade, q̃ ninguẽ o aguarda, & mays hey por graça falala pois

tudo he ja mentira, & na Corte fica em paruoice, porque vos cahe em caſa a pena: & o bom diſto he ſer juyz da propria vida,& nada ſaber da alheya, & quem conhece, & raſteja ſua culpa, emendála; que o reprender outros he facil,& ſofrer ſer reprendido muyto raro, aſsi que o calarme he eſcuſar queſtões,mas eu não poſſo acabalo comigo,porq̃ o tenho de condiçaõ,& mays tambem não eſcuſo pezarme do ſeu pezar. Quero ouuir ſe abranda; & quando não, eu não hey de deſemparalo. *Graſ.* Ora viuey là de deſsimular a inconſtancia de hũa molher voluntaria, & paſſar por deſconcertos tão cuſtoſos a quem lhe he forçado ſintilos, & que não haja algũa que queira prezarſe do primor que lhes dà preço, & eſtima, & com que ſe ſenhoreão dos homẽs de entendimento. *Roc* As damices,& purezas que eſtes querem nas damas, ſaõ tão maas de achar,como de conſeruar,& só Deos pode fazer homẽs ſemelhantes a ſeu coração: & nòs ſe nos não ſofrermos, & deſsimularmos muytas quebras, não he poſsiuel betarmos cores tão differentes, quaes ſaõ as condições humanas, mayormente a Portugueſas tão eſquiuoſas, que não ſofrem argueiros nas orelhas, que em fim ſaõ de carne, & imperfeitos. *Graſ.* E que chegue a tanto a bajougice

do

do homem affeiçoado que o deſatine, & deſaſoſ-ſegue a pequice (por não dizer malicia) de hũa molher voluntaria,& mudauel, em tanta manei-ra, que a mays comedida, nunca leixou de fazer ſua vontade, mayormente no que he menos ra-zão. *Roc.* Muyto menos a tem quem conhece o contrario do que faz: homem que não ſabe con-traminar malicias femeninas, digolhe paruo; co-mo he porém certo queixarſe dellas quem as ſo-fre, & quantas mays queixas, & com mays ra-zão, ellas tèm de nòs. *Graſ.* Poys não he nada, ſe-não que vos val entendellas. Verdadeiramente não ſey deſculpa que nos dè, ſaluo lançalo à con-ta do animo varonil que não ſe offende de ſuas fraquezas,& Deos em pena de noſſa ſoberba nòs confunde com o vicio vil que nos afronta,& auil-ta. *Roc.* Poys inda eu hey por peor culpalas, & acuſalas, ſendo nòs ocaſião de ſeus erros,& faze-los por ellas muyto mayores. *Graſ* Tal ſou eu agora, que tiue ja por graça poder afeição comi-go o contrario do que entendo, & venho cahir em tudo o que deſaprouo. *Roc.* Não vi mòr cer-teza em todos. Que vitoria teria agora a dama ſe o ouuiſſe, que a ellas nenhum goſto lhes chega ao moſtrarſe poderoſas, com queimar o ſangue aos ſeruidores. *Graſ.* Não ſe pode viuer da vontade,

cujo principal gosto saõ minhas dores. *Roc.* Como se o amor descobre na aduersidade! se as molheres soubessem, nunca fauorecerião os homẽs, para se melhorar delles, & por mal os armarião ao bem: tal he nossa natureza. *Gras.* Dura cousa he sogeição para quem nasceo liure. *Roc.* Essa chega ao viuo; como a dòr he sentenceosa! *Gras.* Mas inda he mayor magoa dàr a liberdade a troco de ingratidão, & desamor. *Roc.* Companheiros bachareys; que mal peccado, foro he da terra. *Gras.* Coytado de quem ha de esperar remedio de seu contrario. *Roc.* Mas coytado de quem o pretende de ti. *Gras.* Triste da vida que na morte espera o descanso, poys todo mal, por leue q̃ seja, he sofriuel se muyto não dura. *Roc.* Estou remedeado cõ amo tão moral: *Gras.* Ah desauẽturauel alma! Ó izenta molher! Esta he a satisfação do amor de tantos annos? *Roc.* Poys que direy eu do meu seruiço? *Gras.* Onde està a fè? onde as promessas? onde aquellas palauras meigas que me tantas vezes forão o espiritual pasto desta alma, agora tão magoada? Ó fingimentos femininos, cujos laços, nem Alexandre os cortou! Ó vida sogeita a elles! Ó coração vendido tanto tempo! E que he posiiuel, que debaixo de hum rosto tão fermoso, se encubra hũ espiritu tão desleal, & que o tenha eu

nha eu para não abafar de paixão! mays que de ferro seria o coração que tal compadecesse com sofrimento; eu me hirey à serra D'ossa, ou onde ninguem sayba de mym, & enterrarme viuo: não he posiuel verme asi desprezado, & desapossado de hum amor a q̃ me entreguey; não hey de sofrer izentarme, q̃ antes não morra, ou faça hum estremo soado. *Roc.* Muyto auante vay isto; & bo. fé que receyo que faça algum desatino: quero hir chamar Dinardo Pereira; mas leixalo sò serà dar lhe hazo a tentação, cousa que nunca leixou de danar muyto se he para mal, como para bẽ tambem val muyto; todauia lhe quero hir repricar, inda que se apure cõmigo, quebrarâ ja asi o impeto da paixão em que está o perigo, & depoys tudo o tempo abranda, & cura: entro, valha o que valer. Logo eu senhor diria hũa cousa, se algũa hora lhe armasse o meu parecer. *Gras.* Dizey, que poys não tenho conselho proprio, necessario he tomalo, com entender que todo o alheyo he sospeitoso, mayormente onde o juyzo falta, para estremar o bom, ou a necesidade faz força. *Roc.* O ouuilo he de bom animo, & o aceitalo, sendo tal de espiritu confiado, mas os discretos desta monção costumão arredar de sy quem os entende, abater os dados ao bom juyzo se lhe sentẽ lanço,

 & de-

& depoys ajudãose do que ouuem como de proprio cabedal, com lhe darem outra tinta. *Gras.* Tambem isso he discrição: guardeuos Deos dos que tem entejo a tudo o alheyo, & o seu proprio he qual Deos melhore, porque claro està que hũ sò não pode saber tudo, tende por timbre de discrição o entendimento que sabe acomodarse ao bom, & estremar os votos: mas venhamos ao vosso, que ja me rendo a confessar que soys sotil, & homem de conselho, tendes porem muyta parola, & eu estou em tempo que requere remedio apressado. *Roc.* Tambem sou disso, se me valesse, mas tudo quer sazão, & todos tèm furor no seu gosto, & interesse, & no alheyo saõ dormentes. *Gras* Caro me custa ja o conselho, verdade he que nenhum ha barato, & sobrisso tão incerto que as mays das vezes he errado, tal pode ser o vosso, & porque sinto que me vay faltando folego para vos ouuir falar bem, abreuiay, & vinde ao ponto. *Roc.* Digo senhor, que deuo hir perder esta tarde sobre acolher Dorothea, & tirar della o fundamento de sua ama, porque sabido, apriquemos o remedio conforme a infermidade, isto dito breuemente. *Gras* Bem apontays, eu hirmehey passear nas tranqueiras de rebuço antre lusco, & fusco: manday o mulato trazer prouisaõ para a casa, &

tende

tende man eira que vindo Dinardo Pereira,& eu a deshoras, hachemos candea aceſa. *Roc.* Aſsi ſe farà.

SCENA SEXTA.

Rocha *Mulato.*

MVyto melhorado eſtou com meu amo, poſſo vender officios em ſua caſa,pareſtas repas que me apontão, ſe me não faz o que pretendo, que por juſtiça hey de deſpilo na ſatiſfação de meu ſeruiço, porque não cuydem cabrões que ſe hão de ſeruir dos homẽs de bem, a ſom de bem che farey, & nunca lho fazem; & a idade que deſpendeys não pode cobrarſe,& ſe vimos eſtar à conta com elle, & eu hame de pagar timtim por timtim,quero dizer,conuem a ſaber, tantos annos de pagem, tantos de eſtribeiro, tantos de conſelheiro,demo,& ſa mãy,& por fim tãtos de tudo,& aqui ha de ſer a de maçagatos,q̃ eu ſempre me fuy empondo com elle em meus acrecentamentos, atè que me entauolei no que ora eſtou,que he pouco menos de ayo,ou por ventura mays,que elle não faz mays do q̃ lhe eu digo,

mas quero ora dàr ordem ao que cumpre a meu corpo quanto ao presente. Dezhy, hirey vèr Dorothea de que muyto desejo melhorarme. Ah monseor comprador? *Mul.* Que foy? *Roc.* Quatro parole. *Mul.* Falar, & seruir. *Roc.* Mandese fazer na volta da ribeira: ja sabeys, cea leue, marisco, fanecas, qualquer outro peixe sàdio, celadeta, rabanete, & para a comunidade, sardinhas fritas, ou berguigões, & por amor de mym não vos atrauesseys a solho, inda que vos caya em lanço, porque vòs soys comprador do enxurro, & tomãouos na lambugem como heiró. *Mul.* Oula escudeiro, não vos desmãdeys que vos danarey a grauidade. *Roc.* Cardoso vos sabe a vôs a lenda, & vos açama. *Mul.* Pelos sãtos que eu fiz, que lhe dè quinze falta: elle fezse muyto infinto, & não lhe lembra que veyo para o senhor Dinardo Pereira com hũa capa de dò que parecia rede, & esta emprestada, & o pelote do teor pouco mays de jaqueta, que parecia grumete das Berlengas, que vende perrexil, & eu lho enculquey, & não sey bofè se andaua à seirinha: mas não duuido que vendia obréas; & agora não ha quem possa com elle, & quer zombar, & desprezar. *Roc.* Dirlheheis vòs isso no rosto? *Mul.* Eu não quero afrontalo, mas se me vier a abespa ao nariz, tanto me pode indinar.

nar, que não lhe valha trazêlo seu amo mimoso: mas receyo meu senhor. *Roc.* Asi volo conselho eu, que ja sabeys que he agastado, não cureys de competencias, que a paz he dom de Deos. *Mul.* Tenho eu logo hũa condição, que o meu gosto seria guerra. *Roc.* Como sey certo onde haueys de hir parar, mas que arengas, & esforços haueys de mostrar como vos virdes de verga alta. *Mul.* Pareste rosto, que me não conheceys, não me vejays estes couros baços, que o castanho obscuro corre o mole, & o duro: bem sey que hey de morrer vestido, mas ha de ser de estocadas frias, como homem de bem que as sabe dàr, & tomar: não me víreys Domingo na porta do mar? *Roc.* A fugir. *Mul.* Estomenteyuos hum tauerneiro de la gala. *Roc.* E porque? *Mul.* Ganheilhe ao rodizio hũa canada, & elle quizme desacatar, & pôsse em me não pagar, & as palauras não herão ditas, quando o bom do Mulato Eitor de los Lindos, se poem no andar da rua, & toma a porta, as trepeças chouião sobre mym, eu com receyo dos croques trasmalheime em hum assopro pellas trauessas, & não parey senão em São Mamede, mas sabey que fiz terreyro. *Roc.* Em fim que vos valestes dos pès como gentil gração? *Mul.* He mal; poys que quereys? q̃ fizesse rosto a cem bebados,

que

que me embaraçarão ali, atè me filharem os ſeus galegos? Aſsi he o menino tolo, baſta que o bebado não ſe quiz hir aueriguar comigo, nem foy para iſſo, & quiz logo o diabo que não leuaua eu o meu pao, que eu ouuerauolo de eſtilar a dous por tres. *Roc.* Senhor meu Eitor Sanhudo, encomendouos muyto que trabalheys por conſeruar voſſa pele ſaã para odre, porque não façays voſſo ſenhor orfaõ de ſeu dinheiro. *Mul.* Por ſi, ou por não, ſabey que não hey de leuar duas em capelo, paſſe por onde paſſar, porque tenho aueriguada minha peſſoa por meus amigos, & ſe me cumprir heyos de achar comigo em toda a afronta. *Roc.* Não vos fundeys neſſas atenças, que faltão no melhor. *Mul.* Não, que elles ſabem o que tem em mym, & eu nelles *Roc.* Sereys marca de me en xoualhar hum polhaſtro que ſe me atraueſſa em ſeruir minha dama? *Mul.* Si por Santa Guiterea, ahi ſou eu homem: daymo a conhecer, & leixaime com elle, que eu volo tomarey com a minha quadrilha, & volo faremos ſalmoyra; mas haueis de dàr como peſſoa nobre para o beberete dos da oſma, para ſobre meſa, meus liaes companheiros metigarẽ ſeu corage. *Roc.* Não ſey ſe me fie diſſo, q̃ vòſoutros, ſe vos arreganhão os dẽtes, fugis mõtes, & vales. *Mul.* O que eu digo, eu o farey bom.

Roc.

Roc. Falarey com Cardoſo, veremos que lhe parece. *Mul.* Eſſe fidalgo ha de zombar, porque he boa lança. *Roc.* Todauia elle he bom bicho, & diz que ſoys ronca. *Mul.* Quando o demo quizeſſe q̃ fizeſſe elle ſombra ante mym; mas quereys que auenturemos à cuja certas brancas que tenho, & me carregão, que ja ſey que ſoys meu herdeiro? *Roc.* Eu neceſsidade tinha dellas para hũa certa compra, mas tenho que fazer; fique para a noite: vamos agora fazer o que he neceſſario, que para tudo ha ſeu tempo.

SCENA SETIMA.

Dinardo Pereira. Cardoſo.

SAM horas de correr as eſparrelas, & vèr ſe aparece caça no parque do amor, que neſte antre luſco, & fuſco ha grandes acertos, mayormẽte em noute de calma, & luar, em que os ſuſpiros amoroſos ſaõ rayos de calmaria que centilão, & eſte he o mel da vida, eu ao menos não me dem outra q̃ ſob los teus cabelos ninha dormiria, & leixay cabrões apagados no ſintir o bõ, pôr ſuas bemauenturanças em cobiças, & onze-

nas

nas insaciaueys, vender almas por vil preço, açoutar o mundo com diligẽcias, enriquescer depressa com perder medo, & vergonha a inconuenientes, pondo todo seu ser no que tèm, porque diz que quanto tẽs, tanto vales: que tudo se isto remata em entesourar para quem não sabe, & que o ha de espalhar mays depressa do que elle o ajunta. Poys essoutros garções que tèm por recreação tirar pela carta. Não os desculpa jugar Iulio Cesar, que o fazia raramente por diuertir trabalhos, & com esta condição, he sofriuel moderado, que os varões graues, se tèm apetites estranhos, sabem vsalos com leue culpa, ou sem ella: & o jogo he officio de desgostos. De caçadores não ha que tratar, basta saber o fim de Actẽão, & Meleagro, & faz os homẽs muytò mõtanheses, & intrataueys, dado que seja officio varonil: mas requere muyta moderação para ser compatiuel, por maneira que tenteados estes, & todos outros passatempos humanos, tenho alcançado, que não ha recreação q̃ chegue à dos amores: & não vos gabo, antes desaprouo essa canalha dos sensuaes. Trato do amor contempratiuo que he hum arminho, porque ja ver hũa bela dama em ouriçada, & fumosa, he mays que Roma triumphante: ora ver hum paciente mirrado nella, he outra caça de altenaria

que

que vos tira a viſta, hum bom acerto para hum remoque leua os pès do chão, hum eſpreitála a deshoras,he mays doce que hum banho: ja chegar a eſcabelala por freſta, não ha mays campos Yliſeos,poys a comunicação,& pratica com amigos, & amigas, não lhe chega a melodia das Sereas. Finalmente he hũa ocupação eſta que vos adormenta os ſintidos para não ſintirem outra algũa dòr,& hũa ſerpente Aſpis que vos chupa tão docemente a vida, que não quereys outra, nem a ha tão meliflua, & dos que iſto não ſintem aſsi, baſta para vingança, carecerem della, & deſte juyzo,& por iſſo como viuo enſopado neſta opinião,& goſto, não me trocarey por algum outro homem que não ſeja deſta ſeita:& porque a companhia faz a poſição doce,& a fortuna leue, quero augoar os enfadamentos do Paço com hir em cata de Graſidel de Abreu que deue eſtar velando ſeu quarto, ou não tardarà de vir à traueſſa q̃ ja ſaõ horas.Cardoſo,à quem digo? *Car.* Senhor. *Din.*Ah velhaco,ja dormias?Em caſa mo direys, eu vos hey de tirar eſſa manha à voſſa cuſta: inda não torna em ſy. *Car.* Eſtou eruoado da cabeça. *Din.*Não ſeja vinho? que vòs, cuido que não lhe perdoaes.*Car.*Elle não ſe dâ de graça,& o dinheiro tem azar comigo, foge de mym. *Din.* Como

não

não ha de fugir de hum vilão tão carregado: vaite para casa, & se là estiuer Grasidel de Abreu, dizelhe que cá o espero, & não vos vades da hi. Cà me parece que vejo meu amigo: voume a elle.

SCENA OITAVA.

Dinardo Pereira. Grasidel de Abreu.

QVE espirrar he esse, micélo mio? esse desordenado passo? essas personages para o Ceo? esses olhos para a terra? Sinal he de serem os pensamentos que vos mouem mays terrestres, q̃ Diuinos; esse colear de cabeça? esse escarrepiçar de barbas? esse morder de bigodes, que decrinão que o mar deue andar brauo na costa? *Gras.* Nada senhor, saõ passatempos que se tem comigo. *Din.* Grande olho tenho, apósto que lhe ponha o dedo, que como recochilhado sey desse rapaz Cupido quão continuo he em trauar escaramuça: & vòs estays mays infiado que se ouuesseys de entrar em desafio. *Gras.* Com a morte. *Din* Muyto moral vay isto: nunca Castelhano chegou a fazer tal fero, ja esse passa pelo de Alexandre, que ouuindo que hauia muytos mundos, choraua

por

por não ter conquiſtado mays de hũm, ſendo ja de trinta annos:& vòs ſoyſme deſſes? não vos ſabia tanto bem? *Graſ.* Mas tanto mal. *Din.* Anhadilhe, por bien venido, que ja ſabeys que por amor de Iulianeta eſtó, y mas ſe ha de paſſare. *Graſ.* Vòs ſabeys da minha deſtroyção. *Din.* Como? de que? roubarãouos? *Graſ.* Ó contentamẽto! O amor! não ſoube de ti pouco, quem te deu por cõpanheira a fortuna. *Din.* Soys perdido por moralidades, mas eu riome da fortuna, & dos ſeus fados, & acho iſto para mym, que noſſo bem nòs o grangeamos cà humanamente ſem tratar da prouidencia Diuina, em que cruzo o juyzo, & me aferro com a Igreja, & cà pelo meu leigal, tudo cuydo que vay em acertar, ou errar o aluo de noſſa ſorte. *Graſ.* Iſſo he falar às apalpadelas: o cego não julga de cores, nem eu do que não ſey, mas ſe quereys ouuir, vereys quanto a minha deſauentura ſoube para deſtrohirme o meu deſcanſo, & quanto mays facilmente ſe cahe nella, do que a bonança pode ſuſtentarſe, porque a fortuna nunca ſe ſatisfaz cõ danar hũa sò vez a quem começa moſtrar ſua oſcura cara, antes tudo ſe arma contra o abatido. *Din.* Abreuiay, que eu ſou pouco de muytos rodeos, & enfadamme muyto poèſias. *Graſ.* Sereys Portuguez? *Din.* Do lombo. *Graſ.* Eſtà voſſa prima

comigo

comigo de fogo,& ſangue. *Din.* Ia vós aqui ſoys com voſſas deſauenças? Forão os mays nouos amores eſtes voſſos que ſe virão: na continuação das pelejas, como gatos, parece que vos recreays nellas.*Graſ.* Eſſe he o puro amor, que ſe lhe tirays as guerras,não durão,& mortificaſe,como o fogo que morre faltandolhe a materia. *Din.* Não ſou diſſo,poys mao grado a quem for mays namorado, & tremo ante minha dama ſe me arreganha os dentes: porque amor mudaſe como tudo, & a ninguem deu o ſeu mel, que não goſtaſſe ſeu fel: traz por mote: Venceràs,ou ſeràs vẽcido:& a molher he mays mudauel que o vento,& para ſostela,ha miſter lãçarlhe muytas amarras,& diz meu amigo Propercio, que foy mancebo que ſoube tratalas, que não ſe mouem aſsi as Syrtes com a enxurrada,nem a folha treme tanto com o Norte,quanto a femea aſſanhada he incerta nas promeſſas,tanto me dá que ſeja a cauſa graue,como leue. E por tanto não ſou de me pòr em pontos com ellas, & crede vòs que eſte he elle todo medroſo, que o cruel amor (diſſe o outro) enſina ſofrer ameaços,æ deſsimular mentiras,mas vòs não ſabeys querer bem, ou não quereys. *Graſ.* Inde mal. *Din.* Não ſey,eu por certo não vos entendo, nem eſtou bem com eſſe eſtilo, o rigor em tudo

he da-

he danoſo. A brandura peſca corações, inda que ſeja com mentiras. A aſpereza cauſa odio, & deſauenças: hãoſe de iuitar muyto, & fugir contendas,& maas palauras,que eſcandalizão,& com as boas ſe cria o brando amor,& ſabeys quanto,que nem culpas ſe hão de reprender : porque o deſsimulalas , foy proueytoſo muytas vezes. Ha meſter muyto arteficio para encayxar hũa repreſaõ os males abrandãoſe a tempos,com nomes bõos: & dàr boa còr aos erros em ſazaõ , o aceitala he, ſagacidade de que ſe tira muyto fruyto: muytas couſas não ha homẽ de querer ſaber , q̃ a mayor parte dellas offende:outras não entender, ou entendidas calalas,& querer apurar tudo,he trabalho imẽſo que brota ſempre em magoas:& bem me eſtà que os que muyto ſe querem de qualquer palaura ſe aſſanhão,doces menices deſſe rapaz Cupido, que hoje he guerra, amenhãa paz, por o que logo ſe amigão ſem terceiros:& como quando faz ſol,& choue, dizem que caza a rapoza:aſsi ellas que o ſaõ para com noſco,chorão, & rim juntamente : mas nunca al vi ſenão pombas, que agora peleyjarão,a pouco eſpaço ajuntarem os bicos,& grangearſe,a razão o pede,quem quer ſer amado,ame,& queira antes ſelo q̃ ſer temido: por onde , de meu conſelho , não deueys tentar

ſempre minha prima de paciencia: porque receyo, que tantas vezes vay o cantaro à fonte, &c. *Graſ.* Em veſporas diſſo eſtou, ou poco menos: *Din.* Que differentes ſaõ os juyzos, & os goſtos dos homẽs! o que vòs fazeys, para a minha arte enfadarmehia, que lhe perderia toda a deuação a poucos lanços: porque os amores ſaõ para goſtar da vida, & lograr do tempo em branda conuerſação, & não para queimar o ſangue ſem porque de couſas que não vão, nem vem. *Graſ.* Fazeys muyto bem ſe podeys, mas pareceme não correſtes inda eſta coſta com mao temporal, & os proſperos perdem a natureza, & ſintemſe pouco dos afortunados. *Din.* A ninguem lhe parecem pouco ſuas afrõtas, & o eſtado alheyo, ſempre o auemos por menos canſatiuo. Coytado de mym que viuo de ſofrer, & calar. *Graſ.* Onde aproueita o ſer mao, dana o ſer bom; & para com as molheres he ja muyto certo valerem menos as verdades. *Din.* Mas para com todo mundo, ſe hides por hy. *Graſ.* Poys ſe o noſſo penſamento não ſe aparta do certo, como dizem, dou tudo por acabado: porque não poſſo tirar da fanteſia eſte receyo. *Din.* Nunca al vi nellas, ſenão feros, & por fim ſaõ cordeiras. A ferida do amor, quem a dà a ſara; qualquer deſculpa, inda que fraca, para quem folga de

acei-

aceitala, alcança mil perdões. A vida vay aſsi alternada, tras o goſto, ſocede o deſgoſto. antreuem hũa payxão, & logo tornão a congraçarſe com retorno de mays amor, q̃ o eſtado da reconciliação não tem preço, nada he goſtoſo, ſaluo o que refaz a variação: tão enferma, & enfaſtiada he noſſa mâ natureza, q̃ lhe enfada eſtar ſempre em hum ſer, inda que bonançoſo, & a mudança dos tempos emnoua as couſas, & da maneira que os males nouos ſaõ mays graues: aſsi os contentamentos emnouados ſaõ mays goſtoſos, & naturalmente ſomos tão inconſtantes que atè das boas couſas nos faz mal o muyto coſtume, porque nos vẽ em deſprezo, & aborrecimento, & aqui abate o voſſo deſenho, a fim de voſſa opinião: & reconciliado, na primeira hora refarey todos os paſſados dãnos: & por tanto não vos acanheys, nem eſmoreçays *Graſ.* Não ſey q̃ ouze eſperar, O amor deſatalſe facilmente, & tornaſe atar com trabalho, porque toda a yra enuelhece tarde, mayormẽte a da molher vingatiua de ſua fraca natureza. *Din.* Vòs deueis ſer culpado; que quem teme vaõs medos, confeſſa os verdadeiros, & o que jaz em algũa culpa, aborrecelhe tudo o que eſtà em duuida, mas o innocẽte, ſempre do mal eſpera bem. *Graſ.* Teme o pequeno o que o grande peca. Culpas de

 Prin-

Principes,ſaõ penas do pouo.Padecem os Gregos (dizia Homero)os erros dos Reys:a condição de voſſa prima coſtumada a ter ſemrazões comigo, me faz temer o que nunca cuydey.*Din.*Outra hora não tomar eſperiẽcias.*Graſ.*Ia ſey que ſaõ perigoſas na amizade. *Din.*Queria q̃ vos ficaſſe dahy arrependimento para vos ver bem julgado deſtas ſenhoras, não ſe eſcandalizem em vèr que não agradeceys a minha prima a eſtima em que vos tèm:porque o ingrato faz mal a todos os neceſsitados,& voſſas culpas podẽ danarme, que como ſaõ cabras que ſaltão hũas tras outras,julgarme-hão por vòs, & eu ſou prezo ſem culpa, que não quer quebrada a cadea. *Graſ.*Ia ſey que he engano contar ninguem ſuas magoas, ſendo tão certo ninguem ſe ſentir, ſaluo das proprias, & a noſſa natureza he triumphar do mal alheyo, em lugar de enternecerſe. *Din.* Alguem hauerà, como não for official,ou priuado, que ſe compadeça de ſeu amigo,por virtude,ou por vaydade.Ora contayme;não ha tres dias que eſtaueys muyto amigos? *Graſ.* Iſſo me tem mouro : cuydaua eu deſcanſar de tempeſtades paſſadas, & de ſubito veyo eſte pè de vento, tomandome deſcuydado com a vela deluua ſobre o maſto de minha confiança, & coçobra o barco do meu deſcãſo,leixandome no

pego

pego de ſuas brauas eſquiuanças bebendoas cõ talmagoa, que me afogo ſem achar tauoa em que me ſalue, nem poder tomar pè para ter folego em ſofrer o impeto das ſuas ſemrazões, contra as quaes bracejo deſque a conheço. *Din.* Não ha mays poèſia em Ioão de Mena: deſſa maneyra ſoys hum Hicaro, ou outro Leandro, bracejando nas agoas do deſamor. *Graſ.* Mas ſou o meſmo Apolo fugindolhe Daphinis, & as meſmas ſetas de ouro, & chũbo com que Copido ſe melhorou delle, herão figura do que padeceo. *Din.* Não ha couſa para ouuir como excramações de amantes agrauados, & aquelle ſeu ponderar ſuas magoas, tanto, que todas as chagas da lingoagem do mũdo não baſta para o argumento da obra. Quem vos ouuir eſpirrar, cuydarà q̃ eſpirays, & a mym que vos conheço, enleaeſme, & tudo ſeria, quando muyto fazer ella que vos não via, & fugiruos da janela, & por ventura lhe ſeria forçado diſsimular com a guarda. *Graſ.* A mym quereys vòs enſinar reſpeitar tempos, naſcendo antre eſſes abrolhos? Soube eu nunca al ſenão receber eſſes encontros ſem perder a ſela, & terme amor enſinado todos ſeus poſtos? Indemal porque ha tanto que ſou reo, padecendo culpas de autor. *Din.* Pelo judicial vay o caſo, poys podeys perder ſaudade

 dade

dade de justiça.que os seus ministros temse conjurados contra o genero humano. *Gras.* Estays muyto frautado,& eu nada para graças.*Din.* Não ha quem alcance as posturas destes vossos amores;sabeys algũa para tiro de arcabuz? *Gras.* Ora zombemos.*Din.* Acabay vòs ja,& contayme à letra o que passa. *Gras.* Estou em estado, que vossa prima não quer ouuirme mentar ante sy,apartase da conuersação de minha comadre,como vos ella dirà,& de todas minhas amigas:porque não lhe vão à mão,nem lhe falem em mym.Ora julgay se ha erpes que asi corrompessem em breue vontade que tanto se pubricaua por minha.*Din.* Falasteslhe vòs?*Gras.*Se me ella condenara ouuindome,sofrera eu a sentença por justa : mas mexericarãome com ella que tinha outros amores,do que indinada,assentou em desabrir mão de mym para nunca mays. Pareceuos q̃ he izenta damor condição tão determinada? *Din.* Dayas aos coruos todas em hum vencelho,tudo podem como querem.Crer ella sen indicios lhe não louuo,mas todauia amor anda por hi, q̃ Porpercio sospeitaua que na camisa de Cinthia estaua homem escondido,& sem ceumes,não ha grande afeição:ja em molheres he dór impaciente,como os Poètas pintão em Procris, & Iuno, & são muy prontas em

crer o mal.*Graſ.*E porque não crerà a minha verdade?*Din* Diruoshey:não ha molher que não presuma de ſy,que ſe lhe deue amor, & que a todos apras ſua fermoſura: & eſta vaydade, muytas vezes lhes dà cambadelas, & aſsi tambem por outra via ſaõ ſoſpeitoſas, & deſconfiadas, & como ſou a lenda dellas, a ſua deſconfiança vemlhe da propria inconſtancia,ſe mal não cuydo.Por onde ſaõ muyto incertas, & màs de conchauar,& com paixão de ceumes, diz Ouidio, que as leo, que o jauari quando ſe rebolue antre os caẽs rayuoſos, a Leoa dando a teta aos filhos, & a bibira piſada do pè, não he tão cruel: & com eſta yra eſquece todo decoro de ſua obrigação por ſatisfazerſe como Medea,que matou os filhos,& Prognes,& Seneca diz,que não ha beſta braua q̃ não ſeja mays mãſa,nem Scila,nem Charibdis tão indomaueys, nem couſa peor, y mays indomauel, que a molher quando ſe determina. Por o que a natureza o ſeu animo pronto ao mal, & vingatiuo, as fez medroſas,& fracas para poderem ſer domadas,& ſer a ſua fraqueza freo da ſua yra,& as apaixonadas tudo reboluem em contendas, & ſaõ prontas em fingimentos.*Graſ.* Coytado do coroção afeiçoado,& ſogeito a tanta tempeſtade. *Din.* Agora vos chegou:pezar de Fez, porque ſou todo calos

de apayrar. *Gras.* Não hauia de quererlhe bem quem alcança conhecer tanto mal. *Din.* Si, quem podesse: mas daime quem tenha esse siso, mas Hercules que os trabalhos não domarão, sofreo, & padeceo o jugo de Iole, & morreo por os ceumes de Dianiça. Ca na verdade quereys que veja, & não desege? Fermosura he dos principaes does de natureza de tanta força, q̃ não sòmẽte adquire amigos, mas tãbem não tem imigos. Muytos alcanção o conhecimento de que se deue temer, & querer das molheres, & quem o tèm melhor, vèmos mays enleado, & castigado tambem. Porem hũs olhos furtados que ferem de pancada, hum desdem de beiço dobado, hum riso mordido da volta, hũas acolhẽças meygas, & escassas, & hum querer, & não querer, quem ha que possa ser tão insensiuel, & tão boto que fuja parecerlhe bem? E este bem traz apos sy logo outro, & sombra de outros para mays engodo, que nos faz correr bebados para a cilada de nossos males sob color de bẽes, & saã tão doces suas dores, tão massios seus desprezos, & seus fauores tão aferrados, que eu vos afirmo de mym que não saberia, nem quereria viuer hora sem ellas, & açoutaime se vos parecer que eu volo consinto. *Gras.* Heys ahy vòs senhor que soys ditoso, & tendes a razão em tudo

por

por vòs. *Din.* Não vos vades porhy, não ha tão boa fortuna de quem não possays queyxaruos; tambem tenho meus descontos. *Gras.* Tédes logo outro para abutamar todos esses, que he saberdes certo que vos querem bem? *Din.* Não tendes duuida: ao menos assi mo dizem, & eu que o creyo. *Gras.* Conserue Deos vosso estado: mas que consselhais neste meu tão mao? *Din.* Leixaime hir falar com minha prima, que eu vos farey mar chão a pezar dos mouros. Já sabeys que tenho ante ellas credito, que he a principal alfaya para este trato. Não vos agasteys; que tanto he homem mesquinho, quanto se elle faz. *Gras.* Como quereys que não me agaste ser hũa molher tão senhora de sy, que assenta comsigo em não ouuir, nem tomar desculpa de quem està inocente da culpa que lhe dà? Que se pode cuydar disto, saluo que busca achaque para se desobrigar de mym? *Din.* Tudo isso he vento: o amante merencoreo metese em muytas cousas, não ha determinação tão birrenta que a razão não vença. Dayme vòs quem sayba darlhe a bataria, que eu vos digo, q̃ folgão de as enganarem, & aceitão de boamente toda desculpa forgicada, quando mays não podem, quanto mays offerecendolhe inocencia: ora ella me ouuirà, & vereys como sou destro

nestas

neſtas eſcaramuças. *Graſ.* Não me leuantão o eſpirito voſſos esforços, o que tenho a mao ſinal. Lembrame quãdo recayr morrem os mays, & a pouca juſtificação que de mym quiz, me certifica muyto que he cilada que me alguem armou: & ſabeys de quem me temo? de Aulegrafia, que me foy ſempre cõtraria, & dizemme que ſaõ agora grandes alforges. *Din.* Que me matem ſe iſſo não traz agoa no bico: aſſentay, que dahy vem a toce ao gato, & ſe tal he, leixaime com minha madrinha, que eu vola farey do noſſo bando: tudo ſerà mandarlhe hũa merenda que a molefique, & vereys que he iſto trato antrellas, & cacha para vos aſir, & rematar: que aqui atirão todas, & ſe deſuelão por ſe remir de ſeus fados, porque em quanto curſaõ nelles não viuem: & minha madrinha Aulegrafia he perra velha, & o tombo de ſuas negociações; ſabe mays cautelas que hum Legiſta, pode ler as leys do Paço como Bartolo, & todas lá regiſtão com ella ſeus negocios, toma os portos a quantos grações ſe apontão nos liuros de Cupido. E digouos que vos cumpre grangeala, ao menos porque vos não faça mal, como homem faz a outros roins, & quando aproueita, he menos mal. *Graſ.* Não tenho paciencia quando cuydo quã de improuiſo, & ſem cauſa ſe me eſta

molher

molher izentou. *Din.* Não ha quem ſe entenda com molheres,nem ſayba temporizar, & payrar com ellas ſem muyto riſco: porque ſe começão fazer mal,nunca acabão, & ſe bem, logo canſaõ. Já crerem que lhe quereys muyto, he o açoute, com que nos diſciprinão ſem dò. Hacho eu que nenhũa couſa as auinagra como o fauor,mas com tudo eu me atreuo anichilar eſſa ſoſpeita, & reſtituyruos a voſſo eſtado, ſabey conſerualo, que não he menos que gaynhalo, porque adquirir, querer ventura,& conſeruar arte, & eſte mar que vos eſpanta com ſuas ouelhas, eu volo farey de donas. *Graſ.* Nada me ſegura; doutras vezes que nos deſauinhamos,nunca me chegou perder eſperança de conformidade, a que agora vou perdẽdo:todo esforço acho fraco,todo remedio duuidoſo,traz tal furia conſigo a enchente dos meus receyos,que me afoga o conſelho, & perco acordo neſta afronta.Por aquy vereys que neceſsidade tenho de diligente ſocorro:por tanto valeyme em breue, antes que me eſtile eſte penſamento. *Din.* O varão não dà coſtas á fortuna, nem ſaõ meſquinhos os que padecem muytas:mas os que ſe leixão vencer dellas, & a proſperidade he lepra, & mangra dos generoſos eſpiritos, como o trabalho eſcamel dos animoſos.O bom namorado ha

do ha de ser muyto sofrido: ca sofrendo se vence a desauentura, donde dizia Dario, que guerras, & cousas asperas, & contrarias o fazião prudente, porque não ha juyzo claro sem esperiencia. Daqui vem dâr o tempo saber, & quem á perna estendida (como dizem) & bocejando presume entender o que outros esperimentarão melhor, podeyslhe assouiar. Mas isto saõ horas de nos recolhermos, que ellas deuem ja dormir, que he tarde: àmenhã eu descobrirey os portos, & trabalharey quanto me for posiuel, por falar com minha prima, & lhe dàr hũa fraterna, & se for necessario, tambem com minha madrinha para que nos não encontre, que eu confessouos que a tenho por muyto daninha, & perigoza.

SCENA NONA.

Aulegrafia. *Filomela.*

VInde ca, sobrinha, que tenho muyto que vos contar. *Fil.* De que, tia minha? *Aul.* Agora vereys como sou profeta, & como dá causa, antes he ocasião da culpa, quem disimula com o peccado: vòs não me quereys crer, & folgo

mays

mays do mundo,porque vos fiays de amigas que vos vendem, & eu conheço. Ponhamonos a essa janela, & ouuireys marauilhas: sabeys que me agora affirmou pessoa que o sabe de certa sabedoria, grande cousa minha? *Fil.* Já vos entendo. *Aul.* Não entendeys. *Fil.* Si entendo. *Aul.* Que he, por ver se acertays? *Fil.* Toca a foão? *Aul.* Qual delles? *Fil.* A Grasidel de Abreu. *Aul.* Si, mas sobre cousa de que por ventura estays bem segura, & soys bem vendida: porque o mao, quando se finge bom, então he peor. Disserãome de certa certeza, que andaua o senhor perdidissimo d'amores em hũa certa parte da Cidade, com grandissimos fundamentos de cazar, ou muy perto disso, por a senhora ser muy rica, que ja sabeys que esta he a mays certa barreyra,a que estes galantes atirão: fermosura,& virtude, nenhũa valia tem,& ja não se tomão as molheres, senão a pezo *Fil.* Poys enforquemse em bõ dia claro. Quando noutro dia viemos em pratica ambos sobre vosso amigo Germinio Soares, me dissestes, que vos viera às orelhas essa sospeita. *Aul.* Poys si,mas agora mo certificarão que não hauia duuida,quẽ o tem sabido por hũs certos canos de Carmona. *Fil.* Eu volo dou por ser assi. Mas sabeys o que tenho feyto sobrisso, porque vejays que não

sou

ſou molher que leue duas em capelo. *Aul.* Que, por voſſa vida? *Fil.* Tanto que mo diſſeſtes, não curey de mays cà, nem là:mas aſſentando comigo que era aſsi,por elle não lograr a vitoria deſſes enganos,mandey logo deſenganalo deſencalmadamente,que não falaſſe em mym mays,nem lhe lembraſſe que hera viua, ou me vira algũa hora, que tal hauia eu de ſer com elle d'oge auante: & mays lhe fazia ſaber, que d'agora para todo ſempre me deſdezia de todo o paſſado, que fora hũ ſonho, & hũa ignorancia de molher moça confiada,em que leuemẽte cahe,quem não ſabe malicias,mas que o deſenganaua,que me não fazião papo ifantes.*Aul.*Ora fezeſtes a melhor couſa que molher fez:ò como andaſtes bem, & da minha arte,agora vos tenho por molher de fanteſia,eſtes aſsi ſe querem: porque haueys de ſaber, que a muyta facilidade he em parte doudice, mayormente neſtes caſos. E poys,elle que diz a iſſo? ſabeys ſe lho tem dito? *Fil.* Já me depoys mandou carta, que lhe não quiz tomar, & reſſegundou: mas eu auiſey à minha Dorothea, que ſe guardaſſe, como de fogo, de tomar recado ſeu. *Aul.* Adiante vòs vades, nunca vos a mão doa, não ha tal couſa para eſtes picões, que preſumem muyto,como arreganharlhe os dentes,& deſprezalos:

porque

porque a peſſoa, ja vingaſe, que he grande goſto, & elles não ſe vão alabando: quanto mays, que ſe vos elle quer bem (o que eu não creyo) agora o vereys no que faz: & tambem ſe he quem eu cuydo, para que quereys que zombe de vòs, que mal pecado, iſto he ſempre o mays certo dos taes, mana minha, de meu conſelho, va (como dizem) o perdido por amor de Deos, tornayuos ao ſiſo: mays val perder, que mays perder, arrenegay de paſſatempos que em vez de aproueytar, danão: eſtimayuos, ſereys eſtimada: porque ſabeys que couſa ſaõ homẽs? Se os fauoreceys, & amimays, não vos eſtimão, parecelhes que os grangeaes a fim de voſſo proueito, & mays não errão, como nada fazem ſem leuar o ſeu por guia, aſsi nos julgão: & tambem quem não viue deſte ſiſo, fica cõ a magoa, & perda: & por tanto abri voſſo olho, eſquiuay os ſeruidores quando o tempo o requere, porque aſsi inda que não tenhão amor, ſaõ tão mortos por chegar com tudo ao cabo, que ſe entregão por ſe ſatisfazerem a quem lhes ſabe armar com ſofrimento, acolhenças, & juntamente deſabrimentos, deſcuydos, & entejos, & mays temuos na poſſe em que vos aforaes, & ſe mal naõ ſey a lêda deſte meu ſenhor: não arma daqui muyto longe. Eu não lhe quero mal, por aqui, &

peran

perante Deos,nem meus pecados me cheguem a querelo a ninguem,& elle não me tem feyto porque lho queira. Verdade he, que não hey de negar,que me aborrece muyto,ha dias: porq̃ ouui sempre, que a mayor injuria que se pode dizer a hum homem,he chamarlhe ingrato,& sey que o foy para vòs que o trazeys muyto mimoso: por onde não posso telo em boa conta, nem gostalo, & certamente não andara com elle d'amores,inda que soubera que me hauia de fazer Raynha,não por mays que por sua condição taõ fora de meu geito. Pasmada hera eu de como podieys sofrer amor tão enxarondo:por isso dizem de nosoutràs com razão,que somos lobas no escolher. *Fil.* Agora lhe farey a vontade, enfadada me leixão seus desgostos. *Aul.* E bem desgostos, não vi homem tão desengraçado,& solobro: elle pode ser discreto,que não lho tolho, està porem bem longe de galante: serey paruoa, & não o entenderey por ventura, mas não sey de que vós gostaueys. *Fil.* Querialhe bem de lõge, pareciame que mo queria,& ja sabeys que he cega a affeição:mas vamos & venhamos, com tudo não se lhe pode negar q̃ escreue muyto discreto. *Aul.* Dessas discrições comeremos,quizeralhe mays condição,mana,antes asno que me leue, &c. A molher não gaynha em

tratar

tratar com diſcretos que não pode domar, & ſaõ muyto peſados,liureme Deos de ſaberes ſengos, & reuitados,que nunca acabo de entendelos,matemme com eſpiritos humanos , & brandos : & digouos , que antes os queria bajoujos para me ajudar delles. *Fil.* Muyto val a conuerſação da peſſoa diſcreta , & tambem ſempre me pareceo tello ſeguro por ſer honrado. *Aul.* Eſſas confianças nos desbaratão a nóſoutras tolas, tudo o que nos dizem cremos : porque temos o ſiſo na caſa dianteira , & como nos gabão de fermoſas , cremos que tudo nos obedece. *Fil.* Hum coração ſimpres não he muyto crer o que lhe parece que ſe lhes deue , & enganarme quem me mente , a culpa he ſua. *Aul.* He logo a pena voſſa,não volo dizia eu? Conheço melhor aquelle rapozo que minhas mãos : guardeuos Deos deſtes ſotrancões diſsimulados , que nunca ſabeys,como os tendes : & eſte , ſegundo ouui , he vzeyro , & vizeyro neſtes conluyos:andaſtes vòs bem que vos izentaſtes com tempo , que caminho leuaua elle com voſco ſe podera , & como dizem: não he sò ladrão o que furta,mas o que furtaria ſe podeſſe, aſsi que foy muy acertado leixalo em branco. Ca perdoar aos maos,he danar aos bõos,no tempo que o ſofreſtes podereys ter gaynhado outro,

& a molher ſeſuda, não ha de paſſar tempo à ſua cuſta: ſoys muyto moça, & ſe me quizerdes crer, eu vos apoſentarey acrecentada. *Fil.* Si, mas q̃ parecerà iſſo aſsi logo? para Graſidel de Abreu ter que dizer, que por eſſe reſpeyto me deſauim com elle. *Aul.* Olhay como ella ſabe: dinheiro daria eu, ſendo vòs, creſſe elle que o leixaueys por outro: que ſe pode deſejar mays para ſaneardes voſſa opinião? Muyto ſem comparação he melhor ſe poder ſer; que fiqueys rindo delle, que rirſe elle de vòs. *Fil.* Todauia me julgarão por mudauel, quanto mays, tia, que falando comuoſco como aos pès de meu confeſſor, porque a vòs nada ſe ha de negar, poys vim a iſſo, Eu ha annos que quero bem a Graſidel de Abreu, & tenho delle muytas palauras, & recebido obras, & não lhe quero inda mal: eſtou agora aſsi eſcandalizada, & amor podeſe no principio tomar ſegundo a propria vontade ſe incrina, mas deſque ſe aceyta, não ſe engeyta quando a peſſoa quer. *Aul.* Tanto melhor volo dou: lançayuos â minha banda, com a noua ocupação, & de mays goſto que vos offereço, hireys perdendo a ſaudade à afeição antiga, mayormente em quanto o eſcandalo eſtà freſco: eſta he a mays certa cura que eſte mal tem, que amor, inda que poſſa mal deſ-

arrei-

arreigarſe de improuiſo, pode dilirſe na vontade por outros meyos. Regra he de diſcrição não olhar o que fez, mas prouer o que eſtà por fazer. Quem paſſa o dia com fortuna, procure tomar porto para a noute, que do fim toma nome a vida, & ſe eſtiuermos á conta do que vos eu digo, bem vedes qual dos dous fica deuendo: ao menos ſeyuos eu dizer que tem Germinio Soares a condição bem differente, & que ſerâ muyto mays maneauel para quanto quizerdes. Aſsi Deos me ampare, & tire deſte fadairo do Paço, em que andamos, como elle he hũa cera bella de brando, & eu ſou perdida por homẽs deſta arte, poys galante, ſe o virdes perderuosheys por elle: he a meſma graça, & o meſmo bom enſino, ora andays a proueyto, porque tudo ſe ha de cuydar, & iſto he o que importa. Sabey de mym, & crede, porque não vos falo a lume de palhas, que tem moyos, & eſperanças. *Fil.* Bem vejo que não me cahia mal nelle a ſorte, mas. *Aul.* Que mas? Não vos fiays vòs de mym? Eu não ſou de hũas que vendem ſuas amigas, por fazerem por ſeus amigos: não falaria por homem de que não ſoubeſſe certo que anda em boa tẽção, por couſa deſta vida: porque ſenhora, o que não queria q̃ me fizeſſem, não hey de fazelo: medo aueria de Deos:

 por-

porque assas de mal viria ao mundo quando tal ouuesse, não cuydo que o auerà: boa estou porem quando a sanearme, & desconfiardes de mym. *Fil.* Se a confiança q̃ tenho em vòs, senhora, não fosse, longe estiuera de falar comuosco desta maneira. *Aul.* Não sey disso, eu por mym me julgo, & vejo-uos fazer muyto caso de amigas, que por ventura vos seria melhor não conhecelas, & asi entrou o mundo, & ha de sahir, valerem lisonjarias, & não verdades. *Fil.* Eu me cauidarey daqui por diante, que bem entendo ja quanto mal me tem feito a minha boa condição: como tenho os bofes lauados, cuydo que todas taes saõ, & não posso negar, nem negarey q̃ sempre vos achey muyto verdadeira, & amiga desenganada. *Aul.* Ora poys leixaime cõ o cargo, & vá sobre mym, q̃ se vos eu, sobrinha amiga, não meter nas mãos Germinio Soares, cõ elle cuidar q̃ o vem Deos a ver, q̃ me cortẽ estas na picota, nisto não se auentura mays q̃ duas vistas desta janela, & aceitarlhe hũa barretada, & vindo a falarlhe, farlhehey primeiro certa declaração, se medesarmar delladesarmalohey tambẽ limpamẽte, não se tacha tèr a dama muytos seruidores, antes o tèr muytos q̃ a cobicẽ a faz izẽta, & senhora de sy, & ser bẽ seruida: porq̃ trabalhão todos por cõprazela, & guardase cada hũ da nojala,

& ella

& ella pode,& tem que eſcolher:& ſem obrigarſe mays do que quer, obriga ao que quer: & he regra certa, competidores fazerem caſar mays cedo:dãtre o mal ſe conhece o bem, tèm os homẽs por honra ſer perferidos a outros, & por moſtra de eſpecial amor, que tem ſer raro nas molheres amigas de ſeu proueito,& tanto mays ſe eſtima, por quanto as couſas raras ſaõ eſtimadas. E por iſſo, ſobrinha minha, eu ſou de ſer deſejada, & ſeruida de muytos,que ſe hum ſe vay,fica outro, & he menos magoa,& eſcuzaſe a ſaudade: donde ſe diſſe.hum roim ſe vay da porta,&c.*Fil.*Bem dizeys vós,ſenhora,ſe mays não ouueſſe, mas a cõuerſação he viſco, afeiçoaſe a peſſoa, & depoys não ganha mays que ficar com a payxão.*Aul.*Camanha graça:não vos queria tão prouida em tão pouca idade: não vos ha de lembrar tanto o por vir,ſe vos quereys lograr do preſente,cuyday no preſente,que aqui eſtá o põto,o al leixay à prouidencia Diuina: & mays quereys que vos diga, mana minha, eu ja não vos mando afeiçoaruos, que toda afeição he cuſtoſa, & a molher galante em ſer liure, & deſamorauel ſe ſalua, & o al he bajougice:mas tambẽ algũa couſa ſe ha de auenturar por ganhar outra: & doulhe ora que vos afeyzoeys,quando não pegardes,não ha mal que

não tenha cura. Não tenhays vòs logo que por força ha de ſer mal:ſempre vimos tomar em boa ventura,o que outro engeita:por iſſo ſaõ os panos de muytas cores,tantos toureiros vos ſahião ora, quantos vos conſelharey que tomeys. Eſta he a minh aopinião,que cuydo que não he mà,& deſta queria ver quem bem quizeſſe:ahy eſtà foão, & foaõ, que primeiro que aferraſſem o deſcanſo que tem,paſſarão della com della , & per ventura aprenderão aſsi o que lhe cumpria. Finalmente, ſenhora,vede em que vos determinays , que eu digouos tudo iſto como quem leuaria muyto goſto em veruos deſcançada : porque ſou amiga deſenganada,& não tenho mays que eſte roſto,& ſofrer vicios nos amigos,ſem lhos dizer, he fazelos proprios:como ſou muyto clara,digo aſsi o q̃ me parece a la lhana , & o que queria que me fizeſſem,& eu faria.*Fil.*Bem ſey iſſo *Aul.*Sy,mas parece que me não credes. Em fim,mana,fazey o q̃ quizerdes : quem me mete ora a mym entender na fazenda alheya,nem dàr cõſelho a quem não mo pede? Daqui lauo as mãos deſtes feitos, mas eu fico que vòs me nomeeys,que o demo ſempre me faz adeuinha neſtas couſas , ja me vòs ouuereys de crer para bem.*Fil.*Ora depoys falaremos, & bẽ ſabeys vòs,tia minha,que ſempre folguey

de me

de me chegar aos voſſos conſelhos. *Aul.* Achaſteſ-uos mal delles. *Fil.* Não parece aquelle que là aboca na traueſſa voſſo afilhado Dinardo Pereira? *Aul.* Antes não he outro. *Fil.* Recolhamònos para dentro antes que chegue mays perto: porque he tão ſobejo, & enfadonho, como começa, que nunca acaba. *Aul.* Iſſo haueys de dizer de voſſò primo? Não volo parecia elle, quando vos falaua no voſſo enxouedo: eu heilhe de falar de força, porque me releua. *Fil.* Ficayuos logo embora.

SCENA DECIMA.

Dinardo Pereira.

QVero vèr por eſta ſeſta em quanto a couſa eſtà ca quieta, ſe poſſo hauer viſta da minha gaita, que com minha mà deſpoſição ha dias que não vi, não ſe me faça montanheza, que eſtas, ſaõ como Principes, não lhe lembrão os auſentes. Verey tambem ſe alcanſo fala de minha prima Filomela, & fazer pazes entre ella, & Graſidel de Abreu, que deſauença prolongada he perigoſa, & o odio ſe cria calo, he mao de dilir. Là me parece que enxergo na janela dos furtos minha

nha madrinha Aulegrfia, ja desta vez não perderey lanço, que ella me franquearà o campo, & chamarà quem eu quizer. Quero hirme chegando, & ajudarme do tempo em quanto o passo està seguro de espias: ninguem assoma por cà, venho a pedir por boca.

SCENA VNDECIMA.

Dinardo Pereira. Aulegrafia.

BEyjo as da senhora minha madrinha, com a diuida reuerencia. *Aul.* Eu as do senhor meu afilhado, quede vòs, mà cousa, que ha mil annos que vos não vejo por aqui? E acharuos asi menos não vem de vos querer mal, & tãbem nasce de serdes dos continos, que não he tacha para bom galante. *Din.* E que o fora, tenho eu senhora para mym que não volo parecera, & ao menos ninguem mo encubrira melhor. *Aul.* Por certo que asi he, tanto vossa amiga, & seruidora sou eu, & em tanta maneira me parecem vossàs cousas bem, que não poderia, inda que quizesse, saber ter outro parecer nellas, quanto mays sendo a vossa arte tal, que por sy se salua, & ca estou

sempre

ſempre poſta no campo no que vos toca, tanto me lembra cumprir com noſſa amizade, & não menos de hoje preguntey a hum voſſo ſeruidor, que ſe pregoa por meu: que era feyto de vòs. *Din.* Eu lhe mereço eſſas lembranças, que não eſtimo pouco: mas eſtiue, auerà dez dias, mal tratado de não ſey quantas febres, que ſe ouuerão comigo aſperas: ateouſe, parece, o fogo dalma ao corpo, & começou querelo gaſtar, & quando vio que não me peſaua, ceſſou: porque de minha calidade he folgar com meu mal, & buſcalo. *Aul.* Como iſſo eſtà bom, & mays ſe vos outra peſſoa ouuira: ſe leixaſſeys algũa hora de tèr graça em quanto dizeys! porem contayme, chegou a eſtardes em cama, ou foy mimo? *Din.* Sangrado, & feytas as exequias, como quẽ zomba. *Aul.* Ieſu meu Deos, poys nas cores do roſto pouco ſe enxerga. *Din.* Não ha mal que comigo poſſa, & tambem he da natureza do meu, & todas minhas chagas não fazem ſinal ſenão por mym ja defunto. *Aul.* Ora que tambem as cà ſinte hũa alma, & eu ſou boa teſtemunha, porem bom fora que ſoubera eu de voſſa doença, ao menos ajudarauos com minhas fracas orações a pedir a ſaude, ja que para mays não preſto. *Din.* Eſſe pouco; & ſempre me podeys valer dizendoas com eſſe animo, que daqui

pende

pende mi bien,y mi alma,mi muerte,y mi vida. *Aul.*Sempre fostes desses dichos,que apropriados bem,matãome,& ella foy sabedor disso? *Din.*Sem pre o he de meu dano, & não para leixar de mo fazer. *Aul.* Ora não vos queixeys tanto,que tambem isso não volo hey de consentir, poys não tẽdes de que, & eu não posso sofrer ingratidões: quantos ora ha que presumem,& se contentarião com a sombra de vosso estado. Bem sabeys que a senhora Melicia de Fontes não he peixe podre,& que he muyto para estimar tèr ante ella valia: ora poys da vossa para com ella não ha que negar a mym que me passa tudo pella mão. *Din.* Açacaismo senhora,ou se volo parece, enganaisnos: porque inda que pudera ser o que dizeys, de meu natural, ou não sey se he infermidade; sou tão faminto de seus fauores, que nunca me podẽ matar sede,quanto mays, que sabeys muyto bẽ, & se tèqui o não quizestes saber,sabeyo agora, q̃ me tratão muyto ao contrario do que merece minha fè,& a cada passada me negão a satisfação do que padeço. *Aul.* Não sey se vos diga a isso, senhor afilhado,a muchos vereys queixar,ninguno vereys morir por amores: todos soys muyto maos,& muyto falsos,fazeys o mal,& as caramunhas. *Din.* Isso não foy na auença serdes tambem

contra

contra mym, bem auiado vou eu, que cuydaua teruos por valhacouto em minhas afrontas. *Aul.* Assi ſerey por certo no que em mym for, quando cumprir: mas a verdade de voſſas merces he eſta, & as tolas ja morrerão, & ao menos cá todas eſtas ſenhoras ſabem muyto bem como todos ſoys rapozos, & quão pouco ha que fiar de nenhũ. *Din.* Eu ſenhora não vos hey de deſculpar todos, mas ainda ha algũs que padecem em particular culpas geraes. De mym ſey dizer, que em vez de medrar, deſmedro com a ſenhora Milicia de Fontes, ſem tèr quem lhe và à mão aos ſeus deſcuydos. *Aul.* Ora vos prometo peleyjar com ella muyto de propoſito *Din.* Por ma fazer, quiçà valerey por voſſo meyo, o que por mym deſualho. *Aul.* Por vòs valeys vòs ſenhor, & valereys tudo, o al ſerà ſem razão, & entender mal o que ſe deue a tal peſſoa. E agora onde vos lançays? *Din.* Onde a ventura me lançou farropeas. Que remedio ſenhora madrinha para hum homem cego ha mil dias? *Aul.* Eſſes deſpachos vão por deſtribuição ao tempo: com tudo por vos ſeruir lhe hirey dár rebate: eſperayme que eu tornarey á propria hora. *Din.* Vay ferindo fogo, & para hũa obra pia deſtas para quem ella quer, não ha mays negocio: prezaſe ella de amparar todas, & ſe lhe ſahe a ſorte

em

em branco, faz tudo venial, de vòs, & de mym queixoso: mas como o Castelhano estaua picado, espirito tem no que dizem, porem o amor he Portugues, & quẽ al disser, não lhe sabe sondar as alturas, & nauega por fora de todo o bom sentir.

SCENA DVODECIMA.

Aulegrafia. Dinardo Pereira. Melicia de Fontes.

Qui vola trago à falsa fè preza, sem me ella entender, & sabey que não tiue pouco arteficio para a tirar dantre certas senhoras. *Din.* Quando vos faltou elle? *Aul.* Não direys que vos não siruo. *Din.* Crede que sou homem que conheço minhas diuidas, & que nunca me esquece seruir a quem deuo. *Aul.* Poys eu por não perder por curta, & me lograr dessa confiança: porque saber entregar da ocasião, forra muytas queixas, querome logo pagar, & farmeheys merce, & eu a vòs senhor boa obra em vos desendiuidar. *Din.* Isso me não serà a mym posiuel por mays que sirua. *Aul.* Da vontade tèm preço as obras. *Din.* Por essa via, ninguẽ me gainha. *Aul.* Tenho hum brinco douro de pouca valia, enfadame, & queria fazer delle hũs

pensa-

penſamentos de algũa obra de pouco cuſto, mas que foſſe todauia galante, porque ſou pobre. *Din.* Que triſte epitafio eſſe, fora melhor aleixada ſequer da lingoa. *Mel.* Todas aſsi foſſem. *Din.* Acodio pelo bem comum. *Aul.* Eu não tenho mãy que me proueja, nem tia que me perfilhe como vòs, mana, tendes. *Din.* Bem lho pagou. *Aul.* E mays tambem dizem, que a galantaria conſiſte em ſer pouco cuſtoſa. *Din.* Nunca eu tal aprouo, ſaõ piueradas que a neceſsidade achou para ſeus faſtios. *Aul.* Ora iſto me aueys de fazer, aſsi tenhais boa ventura com quem deſejays. *Din.* Sabe Deos que tenho aſſas mingoa della. *Aul.* E ſeja couſa voſſa, que neſta confiança me fundo. *Din.* Perdey o cuidado. *Aul.* Vedelo vay, & ſabeys, ſenhor afilhado, como me eu quero, iſſo ha de ſer, aſſòprar, & comer, porque ſou muyto apetitoſa, & cozo mal dilações. *Din.* Não ſoys logo do tempo, mas não faltarâ por diligencia. *Aul.* Por vida deſta ſenhora. *Din.* Eſconjuraiſme de maneira que deſatinarey. *Mel.* Não ſeja para o fazer peor. *Din.* Iulgaiſme mal, ſenhora, porque mo quereys. *Mel.* Dahi vem. *Aul.* Não quero pejar: voume, ca volo encomendo que não me lhe façays mal. *Mel.* Dayo por encomendado. Que vento foy eſte que vos agora aqui trouxe? *Din.* O

que

o que me ſempre tras. *Mel.* Acharuoshieys enfa-
dado na pouſada. *Din.* Sempre me julgays ao con
trario do que ſinto, por vos forrardes de diuidas,
como que vos acuſaſſe eu dellas, quanto mays q̃
das verdadeiras que vos não acoimo, não vos po
deis ſaluar. *Mel.* Se vos faltaſſem algũa hora quei-
xas. *Din.* Indemal porque me ſobeja razão. *Mel.*
Ninguem ha que não cuide tela por ſy. *Din.* Mas
val poucas vezes. *Mel.* Aſsi he mal pecado, & os q̃
menos a tèm, ſaõ mays queixoſos. *Din.* Iſſo não ſe
entende em mym, porque eu ja tenho mil razões
de ſer aleijado por eſſa gentileza que me tras em-
baido, & outras tantas para gritar contino com
rayua de não me lograr deſſa perfeição em que
cõtemplo, & farey por aqui hũa ladainha de ma-
goas, que ſe me ouuirdes com ouuidos compaſ-
ſiuos, por ſem duuida tenho correrdes riſco de
vos enuiardes a mym. *Mel.* Liureme Deos de mao
agouro. *Din* Oh que olhos tão ladrões. *Mel.* Eſtais
ja bem ſaõ? *Din.* Nunca o ſerey em quanto vòs,
ſenhora, não quizerdes. *Mel.* Aſsi deue ſer; porque
eſtais ſempre comigo tredo? *Din* Mas quão longe
de terdes iſſo para vòs, ſenhora: como que não
ſey eu, que ſoys muyto confiada, & he diuido que
o ſejais de vòs, & de mym, & oxalá o não foſſeis
tãto, quiça me cuſtara menos minha dòr. *Mel* Ah

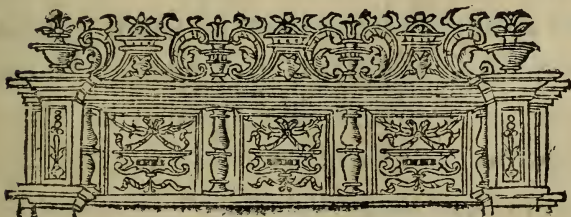
mao,

mao, que ninguem vos conhece como eu. *Din.* Poys pezar dos mouros, ſenhora, não he ja tempo de conhecerdes o que vos quero, & de não ſerdes tão eſcaſſa para quem foy tão liberal de ſy meſmo para comuoſco? E ſabeis quanto? que chego ja a correrme da minha ſogeição vendouos tão izenta, & vou cuidar que me deſprezays, ou deſcredes. *Mel.* Se vos eu não crera, não me puzera a iſto, que nenhũa molher da minha calidade faz, ſaluo penhorada da vontade, mas acolheiſuos ſempre a eſſe deſconhecimẽto, por me nada agradecerdes. *Din.* Ah ſenhora, não faleis hereſias; eu para vòs ingrato, q̃ sò de me abrirdes eſſes olhos cuydo que triunfo do mundo? E mays daiſme mao grado: porque ſaõ elles tão vfanos, & ſenhores de quem os vè, que tudo ſe lhe rende forçado, & eſta força que os meus recebem delles, eſtimo eu mays que quantas liberdades ha no mundo: porque, ſenhora, tudo me podeis tirar; mas ſaber eſtimar, & conhecer o bom, he natureza minha. Ora como iſto aſsi ſeja, & vòs, ſenhora, ſoys quẽ eu contemplo, & o meu idolo, crede de mym, q̃ vos ſacrifico eſta alma apurada no amor que ſe vos deue. Mas não ſeria poſsiuel ouuiruos em parte que vos beijaſſe eſſas mãos de marfim, para verdes minha obediencia, & o ſenhorio que

em

em mym tendes? *Mel.* Sou tão pouco atreuida, que so de falar nisso, as carnes me tremem: & mays não ha maneira. *Din.* Essa he mà escusa; & se vola eu der? *Mel.* Bom siso seria o meu quando nessa parte fizesse o que vòs disseys: & em que conta me terieis, vendo esses atreuimentos? *Din.* Ora ouui isso, & viuey: sabeys porque me não vou lançar no mar? porque entendo que me fazeis essas perrarias de conhecerdes em mym o muyto que vos quero. *Mel.* Isso sey eu ora bem mal, que no coração do homem ha muyto que entender, & nada q̃ fiar. *Din.* Para isso soys vòs, senhora, muyto discreta, & eu tão enleado, que nada do que sinto sey encubriruos: lanço a alma, & estilome de desejos de vossa conuersação: velando, arço nestes pensamentos; dormindo, não me consentem repouso algum, aborreçome a mym mesmo por o pouco que valho comuosco: sò a quereruos mal não chego por mays que me façais, & tomado desta continua não ouço, nem vejo, nem sey entender noutra cousa, & he de maneira que me receyo; que ha de ser isto, senhora? Se he vosso gosto gastarme assi a vida, nunca ella mays valha, Declarayuos, & com isso me cõsolarey. *Mel.* Desatinaisme com vossas importunações, & não quereis respeitar inconuenientes. *Din.* O pezar de

mym

mym, ſenhora, chamays importunaçaõ a não viuer hum homem morto por vos conuerſar, não querendo mays da vida, a qual darey por hũa sò hora deſta gloria: & vòs, ſenhora, não tendes que recear com grades em meyo, & mays de quem vos não ſayrà da vontade, que antes não ſe enterre viuo. *Mel.* Eu cuidarey no que poſſo. *Din.* A vontade tudo facilita. *Mel.* E aſsi tambem ſe arriſca. Hiuos que não ſey quem vem. *Din.* Poys ouuime, ſenhora, braday com voſſa cunhada ſobre voſſo compadre, & dizeylhe que me ouça para apurar a verdade. *Mel.* E pareceuos bem os ſeus enganos? Mande Deos não ſejays outro elle. *Din.* Fiayuos de mym, que eſtà longe do que ella ſoſpeita. *Mel.* O demo o ſabe. *Din.* Por voſſa vida que não ha tal. *Mel.* Depoys falaremos, & eu lho direy, beijouolas mãos.

E SCENA

SCENA DECIMATERCIA.

Dinardo Pereira.

NAM ha cousa que chegue a isto; vão bugiar os Fucaros,& quanto trato ha em Trapizonda : he manjar dalma falar com pessoa discreta , & galante, & achase raramente , se eu chego a armala q̃ me fale de noute,não ha mays na vida : mas o cuidado que eu tiue de negocear por Grasidel de Abreu, enleueime na doçura da pratica,& perdi a memoria de tudo o al,& elle estarà com olhos longos,esperando que lhe leue eu a triaga.Desta maneira correm os despachadores & tudo asi he realmente, não ha quem faça por amigo como por sy , donde todos padecem màs amizades , hirey satisfazelo com esperanças que nos consumem as vidas, & coytado do paciente. Muyto deue trabalhar todo homem por não cahir em necessidade doutrem , porque sò Deos se compadece da alheya, & muytos triunfaõ della, & quando menos,pezalhe pouco.He hum piadoso estado o que ha de ouuir sentenças sobre sy de amigos que vos magoão com desculpas de erros,

& de

& de imigos que os pubricão,& goſtão: ſe vos a fortuna eſcacea,todos vos emendão,& ſe vos venta,todos vos ſofrem. Por iſſo cada hum olhe por ſy,não penda ſeu goſto, ou ſeu remedio doutra vontade, que inda que vos ſeja muyto propria, ſempre manqueyja na diligencia quando menos, como ora eu fuy com meu amigo,& todauia comecey, que he meyo caminho andado. Vejo lâ vir Rocha do Paço,quero ſaber que vay.

SCENA DECIMAQVARTA.

Rocha.

VOume fazendo muyto diſcreto, & pezame,porque receyo dàr comigo em malenconizado, que ſerà hum piadoſo eſtado para mym, & mao pezar veja eu do primeiro que tal coſtume trouxe à terra, bufos que de fracos fazẽ carantonhas,porque os não entreys,& vejays que he tudo pena: do que ouuem fazem ſeu mao cabedal,& tão bõ dia,ſe preſtão para joeiralo,adros em toda diſcreta cõuerſação,& com paruos moſtrão os bofes, & floreão foutos: longe eſtou porem de aceitar homẽs idolos, aſsi que vou a iſto.

Determino velarme de mym não me tomem os portos eſtas maginações malenconinas, que ſaõ alambiques em que eſtilays a vida. Digoo ao tãto por meu amo que ſe preza de contempratiuo: cuydou leuar à toa ſua dama,& fazerlhe do Ceo cebola por diſcrição furgicada, não lhe daua folego com ceumes,& achaques por apurala como açuquer, & a minha ſenhora he pega, teuelhe a cacha em quanto não vio lanço que lhe armaſſe. Agora parece entroulhe,& negalhe obrigação,& reſpeito, vou barruntando que arma para outro nouo Perù, nem pode ſer al, ſegundo hacho na criada: donde arrenego de me ſintir tão diſcreto, porque adiuinhey ſempre iſto,& tenholhe caydo no chiſte:& eſtes meus ſenhores não querem conuerſar, nem ouuir quem os entenda: & ſe meu amo atinar que ſou mays diſcreto que elle, a la miſma ſou poſto na baralha, & hireys buſcar a ſatisfação dos meus bõos annos a paxitos, com emprazalo para o outro mundo, que he bom remedio para matar a fame deſte. Ca vejo Dinardo Pereira, outra tal cabeça, cujo cuydado he damejar, & ellas danſelhe á ſua cuſta porem, que eſte he o cano perque eſtes negocios correm, ou todos,& não vi couſa mays barata que poder comprar o que pretendo: voume a elle.

SCENA

SCENA DECIMAQVINTA.

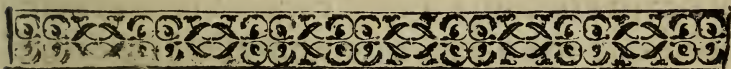
Dinardo Pereira. Rocha.

VE vay mi ſer Rocha? Onde fica monſenhor? *Roc.* No Paço. *Din.* E voſſa nobre peſſoa donde, & para onde? *Roc.* Mandoume à portaria, mas tudo he malhar em ferro frio. *Din.* Como aſsi? *Roc.* Porque minha ama ja ſe me lampedeja, fogeme como ſe eu foſſe viſaõ, & a ſua rapariga deſque iſto começou, anda tão de leuante, que a não poſſo amalhar. *Din.* Poys & eſſe he o amor que vos ella tem? *Roc.* Tempo ſey eu que ſonhaua comigo, & bebia os ventos por mym: & ſe me eu arrufaua, mohiha, & não ha duuida ſenão que a trazia braza, & que me temia, que o homem de barba, ha de ſer temido dellas. *Din.* Ora vos digo, que ſaluo voſſa graça, tão paruo he o amo como o criado. Nũca vòs ouuiſtes: o bezerrinho manſo, &c. A brandura vence almas, aſpereza cria odio, amor ſoſtentaſe com palauras brãdas, & com as de eſcãdalo, ſe desbarata. *Roc.* Antes amor todo he guerra, mas ſenhor tudo o que ſucede bem, ſe aproua, & por o contra-

 rio

rio,o que ſe erra,não erra culpas. *Din.* Soys hum Seneca,bem ſe enxerga que o leſtes,& entendeys, & eſta rapazia tem o Latim como ſe apega , que ſempre ſabe ao fumo. *Roc.* Mays fidalgo he não ſaber lèr. *Din.* Hũa couſa me haueys de ſofrer: guardeuos Deos de amarrar a bachalaureatus que he peor que bexigas:& daqui cuydo eu que vos ficaſtes manquejando nos amores : porque vòs,Deos ſeja louuado,ſoys ſaõ,& eſcorreyto para aparecer antre homẽs , mas ſe não tirays melhor pela carta,não me parece que tendes boa eſtrela. *Roc.* Não lhe negarey que tratão là mays diſſo,que dos Textos:mas o bom natural alcança tudo,& eu ſempre me incriney ao amor,& trazia Dorothea da minha mão, que jurara eu que não hauia mays cordeira:& ſoube agora que ſe ſerue de hum pagem , ja valente polhaſtro , çafaro , & ſem penugem deſtes napolezes eſgalgados , o qual diz que peitar largo que he grande engodo. *Din.* E o dito infanção cujo he? *Roc.* De Germinio Soares , que tambem cuydo pretende impetrar a ama , ſe me eu não engano. *Din.* Não apontays vòs ora muyto mal,que iſſo parece que leua caminho , & não tereys vòs maneira para vos certificardes deſſa ſoſpeita? *Roc.* Tenho prometido hũas çapatas à minha corretor , ſe acabar

com

com Dorothea que me dè hũa audiencia: ſe lhe falo, ella não pode tèr ſegredo, que de goloſa, & palreira a ninguem ſe agacha, & a poucas palauras, ella me dirá o nouo, & o velho. *Din.* Vòs o tendes bem cuydado ſe ſoceder aſsi. Vamos tèr com voſſo amo, conſultaremos ſobre eſſa couſa para que lhe atalhemos, antes que lance rayzes, que eu tenho que lhe deſtes no faro.

ACTO SEGVNDO.

SCENA PRIMEIRA.

Germinio Soares. *Artur do Rego.*

VOS ſenhor quereys vèr minha dama? *Art.* Contaime: tendes algũs amores neſta paragem. *Ger.* Agora o ſabeys? Muyto vos eſquecem minhas couſas. *Art.* Não para vos ſeruir. *Ger.* Nunca vos eu diſſe que tinha trauada pẽdencia com a ſenhora Filomela, que he a que poẽ a raya ſobre as belas. *Art.* Cuydey que era graça:

porque vos não senti tão ferido que vos visse fazer excramações aos ares, nem buscar tempos particulares para os soliloquios de hũs enleuados, que chamão ao amor, Cupido, gabão noyte serena, & quieta, & pondo os olhos no sete estrelo, dizem, fermosa cousa he o Ceo. *Ger.* Inda não arribei a tanto: porque na verdade nunca fuy desses mecos, que fazem saudades antre valados, & amão por arteficio, mas acerca desta minha senhora, a vòs como a vòs, eu não lhe sou tão sogeito que me vejays carpir por ella: porque senhor sou disto, querome a mym mesmo mays que a ninguem, & tenho assentado comigo pouparme o mays que eu poder, hauido respeito a não ter vida de juro: por o que me fundo em passar meus dias sisados em prazer, & pezar de toda a malenconia, & para me desopilar dos enfadamentos, & sogeição do Paço. Busco esta jouenil ocupação, que tomo, como digo, à cautela de me não custar mays do que eu quizer. *Art.* Desse calete busco eu o homem: porque estes pensatiuos parece que tentão contraminar a prouidencia Diuina, vejo que errão tudo, & não viuẽ. Eu queria ocupar o mundo com amores: porque sou muyto desta fruyta, mas não que me ocupe a vontade mays do que cumpre a meu gosto, &

& esta he a suma da galantaria. *Ger.* Que dizeys summa, o pincaro, a grimpa, & o mesmo amego della. Ha hũs enleados deuotos de caualeiros andantes, que se sostentão da contempração, & em qualquer bom rosto que lhe fazem atolão atè as orelhas, & vemlhe de pouco capazes, & muyta falta de sagaz esperiencia. *Art.* Falays lila, que eu com a tèr, hacho por singular siso ser gaynhado de mym por não me perder por outrem, & isto he pura discrição. O homem de espiritos ha de ser Narciso de sua liberdade, & ter bojo que coza fauores de Princesas, sem sentirse empachado, nem danarlhe o estamago como vianda descostumada: porque senhor meu, sabey que me faz todo vestido, & não sou gente pouo, q̃ me espanté prodigios. *Ger.* Bõ he tudo isso, mas dizẽ q̃ amor espreita os mays recatados, & se vos toma em descuberto, ja sabeys, cajadada de cego. *Art.* Diruoshey, como me temo delle por o qeu ouço, não me meto nella cõfiado, trago armas des afeiçoado, faço repartição da vontade como fazia Iupiter: porq̃ tenha onde refazerme do destroço, não pereça tudo junto como Numãcia, q̃ aos Romanos valeolhe no impetu dos Frãceses tèr Camilo fora de Roma, & tẽdo seus Capitães espalhados pelo mũdo, se lhes vẽcião hũ, erão outros vẽcedo-
res, desta

desta maneira me pairo em esses recrontros amorosos. *Ger.* Pareceme de rosas quanto dizeys, mas ha horas em que nada aproueita. Não fugio Priamo Rey de Troya a determinação de seus receos, com quanto poz parte de seus tesouros com seu filho Polidoro fora de seu Reyno, com tenção de refazerse per esta via. *Art.* A boa prouidencia vence toda aduersidade, donde se diz: o sabedor domina as estrelas. Tudo pode ser, mas eu forro minha culpa, & nada vos dou forçado. *Ger.* Dessa maneira hireys ao meu reyno: mas falando agora cà à face da terra; que dizeys àquelle belo rosto? Pareceuos que podera Apeles tirar delle a sua Venus? *Art.* Bom està, quizeralho eu porem sobre o cumprido, & não tanto feiçao de joelho. *Ger.* O, mas matizaya, vós quereys o que ninguẽ tem, bom he olhos castanhos rasgados, com seu escabeche de tredice graue: bom tambem beicinho derrubado, & morder bem o freo: bom barbinha com coua, & papadinha ao pè: poys orelha, assentay que he viua como azougue: eu não queria mays do mourisco, vòs sereys doutras diuindades: quererreys vèr se sarrou, & tentarlhe os cascos, se dà bem ó pè. *Art.* Mays vos digo, que não me pezaria verlhe passear a carreira: porque me satisfaz o que vejo, ella me parece hũa bella

dama,

dama, & deſenfadadiça para toda honeſta conuerſação. *Ger.* Muyto vos engolfays nas eſperanças, olhay em que o tendes, que nada ſe eſperou que ſe alcance ſem muyto cuſto: aquella bella malmaridada não ſe toma com fita vermelha, & mays com ter ao lado eſſoutra joya que là enxergo, de que ouço ſer a meſma alfandega dos aluitres do Paço, alforge de todas em adquirir afilhados, & nouos conhecimentos arriba de parteira, grande conſelheira damores alheyos, & nos proprios ſobre ataimada, enleadiſsima: para com os amigos mimoſa, izenta, & fogo, & ſangue para quem (como ellas dizem) lhe cahe dos dentes para baixo: morta por diſcrições, amiga de merenda: & por tanto vede là por do paſſareys o Tejo, que por nenhũa via podeys tomala, que a não acheys com o maço de mão, para vos ter os enuites, & quebraruos a cabeça, ſe a tiuerdes tão mà, que preſumays fazerlhe roſto. *Artur.* Tudo ſe remedea com prouidencia. *Germ.* Dizeys por Aulegrafia? Poys por eſſa eſpero franquear tudo: porque he toda minha, & ja que lhe ſabeys a lenda, tambem ſabereys que he porto ſeguro dos ſeus encomendados, & eſtà poſta por mym em campo. *Art.* Grande baſaliſco he eſſe para bater a muralha: mas ſabeys vòs de que pè ſe ella calça? *Ger.* Vòs o direys, poys ſabeys tãto della. *Art.* Pela

couro,& cabelo a quem lhe vay a rol,grande mo lher de dar encomendas, em que ao menos forre o feitio:toca de pedir alfaces no verão,& nata em dia de feira.*Ger.* Nunca falta hũa jubilada,tombo das antiguidades do Paço,& em entrando a nouiça,a fazem do seu bando,ensinalhe a andadura,& notáolhe as cartas: donde he forçado pagarlhe ancoragem quem surge neste porto, mas haueys que me tomarà desapercebido.como essoutros q̃ não sabem da terra. *Art.* Eu não queria por vossa honra:cumpre tratala à cautela,que eu vos affirmo que falou mays verdade Plinio, com quanto o reprouão,& estas não ha gosto que lhe chegue a leuar de vitoria o coytado que lhes cahe nas telas,& então gabãono de muyto bom homem,ao qual podeys dar esmola por paciente, & fica por exempro para dàr com elle de rosto a outros.*Ger.* Esse jura sempre por vida de sua dama,bem quisto de todas,seruidor grande de suas amigas,cuja ajuda o sustenta ao payro de todo vendauel,mas nunca lhe vay muyto bem,por ser respeitador de suas horas,& bom de contentar,homem de muytos conhecimentos, apraziuel ao pouo, alem de confiado sem porque,& sem razão,qual he vosso conhecente Dinardo Pereira contino por estas calhes. *Art.* Não cuida elle que val pouco com

sua

ſua madrinha Aulegrafia, que inda que menina, & moça, não dirà por ſy, nunca me em tal vi, antes como he de muytas mudas, & lhe naſcerão os dentes no Paço, etega de patrimonio, he hũa atalaya da fortuna, com hum epitafio que diz: a las armas moriſcote; ſi en ellas quereys entrar, armada em boas moſtras, & afabil aſſeo, combatida de ſeruidores, & trilhada em ſabelos rechaçar os pẽſamentos ſaõ de altenaria, & a confiança de carregação, eſtá bem de pairo, & muyto melhor de vela, mas cumpre que a tenhais de vòs ſe haueis de tratala. *Ger.* Senhor, andaremos aos toques. *Art.* Vedes que he muy certa da mão. *Ger.* E eu o meſmo. *Art.* Poys eu ſeguro que come ja fiado ſobre voſſa nobreza. *Ger.* Feito lhe tenho o alforge de promeſſas ao longe, & darlhey as reſpoſtas de Apoſtolo: hiràs, & virás, não, morrerás, & ſobre eſtas eſperanças peneire ſua merce como camarinha em palha. *Art.* Não ha quẽ ſe repaire de ſeus tempos, & aos confiados hey mayor medo, porque os tomão no brete do ſeu deſcuido. *Ger.* Eſtas reſſabidas eſtão tomadas de quem lhe furta o vẽto, fazeyuos inocente, & ſegurayas, & leualasheys á toa, ou por tolas onde quizerdes. Ca ſe quereys não ſer entendido, não moſtreys que entendeys. *Art.* Iſſo farà quem eſtà de gainho no jogo da vi-

da vida,mas quem pode,descobre mil fraquezas, mays do tempo às vezes , & de necessidade,que as proprias : & por tanto não vos fieys nos prouerbios de Seneca, nẽ nos remedios de Petrarcha, segura quem pode: sabe quem alcança : entende quem prospera:baralha o mundo quem o não recea,& isto tambem tem sua contia , & por isso se disse : à hora mala , perro não ladra. *Ger.* Senhor não falemos de siso que he muyto enfadonho , o bom he matar os imigos com suas armas, como dizia o Capitão Brasidas , estas refinadas correas por seus ardis : o brete dellas he fazer bajoujo: porque saõ como senhores que não querem que os entendão:& saber tratar os negocios,escusa em parte o perigo delles. Ia sabeys que tenho bom natural,que he o todo:porque o cavalo nobre,sò da sombra da vara se gouerna, & o fraco , nem â força de esporas se moue: & saber tentear o trato consigo , he segurar o proprio. *Art.* Em nada ha regra sem falencia : mayormente com estas minhas senhoras, cuja incerteza não sofre regimento,& tudo he asi:perdese hum , no que outro se salua,os acertos saõ raros:eu me contentarey que leueys sempre a sonda na mão,& nada façays sem mo comunicar , que para as ofrontas da noute não vos hey de falar. *Ger.* Querome hir chegando

ao pè

ao pè da janela,& ver ſe poſſo hauer fala, & eſpe-
raime ao perto que poſſays participar ao menos
dos altos,ſe a pratica ſe atear, que eu hey de ferir
fogo, & notay como vou ſeguro. *Art.* Não ſoys
de hũs copidos que tremem, tolheſelhe a fala,ſe-
caſelhe o cuſpo moſtras do aluoroço de ſeu pe-
nado coração. *Ger.* Anda ja ſeleiro neſtes recon-
tros. *Art.* Poys ſenhor,por ma fazer aſsinada voſſa
merce tenha tal maneira , que vâ com toda boa
ordenança,poys tem deſcubertas as atalayas , ou
atalayadas ſenhoras,que acometa as tranqueiras
com amoroſo furor, & animoſo acordo : porque
ſabeys que haueys de achar as ſenhoras frontei-
ras muy conſtantes , & verſadas em receber os
amoroſos embates. *Ger.* Vou de meyo embuço,
bom recacho,& nos bicos dos pès,deſpoſto,& of-
ferecido a lhes dàr bataria de boas razões corta-
das,remoques equiuocos,& diriuadas dições. *Art.*
poys eu lhe enxergo de cà que entendem ja em
vòs , com a diuida ſegurança a gentis damas or-
nadas de deſpojo corteſaõ,vos eſperão ſeus olhos
de eſguelha , ar no peito , tento no deſcalçar da
luua,guedelha deſcuidada, compõdo a gorguei-
ra,chamando a modo de perdigão , para as amo-
roſas telas , & bem adargadas da ſua palanceana
arte ,*Ger.* Para iſſo vou arrodelado de meus con-

trapon-

trapontos, & per trilhados modos nos daremos diuersos,& brauos encontros, quebrando lanças â sola per hum delicado estilo. *Art.*E por fim vos despartireys, despedidos contentes, em diuersos propositos sobre hum mesmo sogeito,cousa que a Filosofos não permitem, mas saõ segredos do amor que se alcança de poucos.*Ger.*Leixay segurar o passo desses picões que lâ passaõ, & vereys doce França.

SCENA SEGVNDA.

Aulegrafia. *Filomela.*

EA vòs sobrinha mana como vos vay com vossas peleijas? *Fil.* Como vos ja disse. *Aul.* Vistes mays o galante? *Fil.* Nem verey por minha vontade:porque a vou achando minha,& folgo muyto. *Aul.*Que falays?Por vida de quanto mays quero que he doudice tratar com aquelle homem: eu hera espantada do vossò sofrimento,mana não chamo amor a obrar sem elle. Se homem que eu olhasse andasse assi comigo em pontos,não o sofreria por toda a vida,não sey doutras condições, mas eu querome muyto mimosa,

mosa: ninguem cuyde acabar comigo por mal, que não sofro desconhecimentos: sou como Alexandre, de quem dizem, que sendo em estremo liberal, nunca deu a ingratos: & de Cesar, que nũca lhes perdoou, com quanto se prezaua de piadoso: porque a ingratidão de todos he condenada, & todo vicio outro pode ter desculpa, saluo este: homem ingrato nunca foy dos Godos, q̃ o coração nobre, com pouco se obriga: canta vòs mana hereys martyr com seus achaques, & elle agora hasse dachar enleado, que a maldade consigo se castiga: & mays eu entendia que cuydaua elle q̃ vos fazia merce em tratar vossos amores, por a facilidade que tinheys com elle, & a estima das cousas consiste muyto em carecer dellas. *Fil.* Agora fico bem desenganada, que a prosperidade desmerecida, nunca he segura: & a presunção sobeja, he muyto certa onde ha menos merecimentos. *Aul.* Tornareys vòs ora como alguem vos falar por elle, & vos puzer o mel pelos beiços, a ser quem solieys. *Fil.* Poys asi he a menina tola, feito he ja, estou farta delle atequi. *Aul.* Certamẽte não vi cousa mays para enfastiar, sòbrinha amiga, deitay mão de quem vos digo, & vòs me nomeareys: sey muyto certo que bebe Germinio Soares os ventos por vòs, & não dagora sòmente, q̃ dias

ha que sofro suas importunações, mas dessimu-
ley com elle, sem ousar dizeruolo todo este tem-
po: porque vos via tão enleada, sabe Deos quan-
to me pesou por vosso respeito: porque anday, &
reboluey, não haueys de achar amiga tão desen-
ganada, & não me dà que me creays, q̃ para mym
bastame saber que falo verdade. *Fil.* Essa tenho eu
por muy certa em vòs senhora, & que vos não
comunicasse tanto minhas cousas, quando quer
que assentara em algũa, não fora sem vir por vos-
sa mão. *Aul.* Assi me valha Deos, mana, que não
menos folgaria com vosso descanso, do que de-
sejo o meu. *Fil.* Não me errays, & de mym tam-
bem vos affirmo o mesmo. *Aul.* Ora em fim, quan-
to a estoutro que digo, se quereys lançar mão del-
le desabri de todo de essoutro, que cuyda que lhe
deueys de foro sofrelo: erray agora por mym,
poys não ha melhor medico que o fiel amigo, &
quando não, desenganaime logo, não vos falarey
mays nisso, que ja pode ser, segundo sou ditosa,
em ser boa para todas, que vos quereys encubrir
de mym, & me agradeceys mal a tenção, & eu de
ninguem quero mays que o que me de sy dà.
Trabalho muyto pouco por saber vidas alheyas,
nem julgalas: por tanto como isso, determinayuos
comigo. *Fil.* Pesame muyto terdes comigo essas

descon-

deſconfianças. Sabeys mana porque não queria entender niſſo? Não porque não creya o que dizeys, que mays não fora que por ſerdes molher como eu, que aſſas mal contado ſeria enganarme por nenhum homem, nem tambem por elle deſmerecelo, que bem entendo que tudo mereçe. Mas de enfadada deſtas payxões, determino arredarme dellas: o que meu for, a mão me virà. Se me Deos tem prometido algũa boa ventura, não ha tantas no mundo que poſſaõ tolherma, & quando não, muytos moſteiros ha ahi. *Aul.* Como ſoys tola ſobrinha minha, & perdoayme. Pareceuos que darieys boa vitoria de vòs a roins? Nas deſauenturas, mays pena dà o goſto do imigo, que a propria deſauentura: porem iſſo he falar de graça. Toda minha vida tenho ouuido eſſes feros a molheres eſcãdalizadas: o moſteiro he bom de nomear, & mao de ſofrer, & muyto duro de aceitar, ſem antreuir muyta graça. Quereys q̃ vos diga, ſobrinha meu amor? Quem não peleja, não vence: muyto ſaberia quem me jagora tiraſſe trazer o eſpelho no ſeo, & prezarme de mym, mas là vos auinde: Quem me mete em matinar ninguem? Ia ſoys grande para ſaberdes o que vos cumpre, amigas como dantes. *Fil.* Falouuos elle mays depoys do outro dia? *Aul.* Qual falou: não

me leyxa o coitado a sol, nem a sombra com re-
cados, anda mays morto por isso, mas daqui me
determino em desenganalo. *Fil.* E que lhe haueys
de dizer? *Aul.* Que se empregue em quem o esti-
me, & o queira. *Fil.* E logo o elle asi pode fazer
leuemente? *Aul.* Que me dà a mym de sua pena.
Eu pàrio? Forrarmehey eu ja das suas importu-
ções que lhe sofro, a fim de vos seruir, & não vos
nego que me peza valer elle tão pouco comuos-
co, ao menos pelo meu, mas olhay o que eu digo,
he certo que por mym perde o que por sy mere-
ce, & quanto nisso acertays, ao diante o vereys,
mas vòs minha mana, esperays tornar ao vosso fa
dairo. *Fil.* Esse he ora o meu cuidado, se o sua mãy
guardou do fogo, quão segura estou disso. *Aul.* Pre
zayuos de leal, que per hy medrareys. As molhe-
res não hão de ser mudaueys, que asi as querem
os homẽs para seus enganos, he grão peça ser afei
çoada. *Fil.* Como zombays à minha custa. *Aul.*
Perdoeme Deos se peco, ora eu não sey que vòs
engentays em Germinio Soares, a la fè por isso
dizem que saõ as molheres lobas no escolher. *Fil.*
Ora tia querevs que vos faça a vontade? *Aul.* A
mym? Fazey a vòs mana ao vosso enxouedo. *Fil.*
Que quero o q̃ vòs quizerdes, com tal que tome-
mos cõcrusaõ cõ elle, q̃ eu não hey de viuer mays
em es-

em eſperanças longas. *Aul.* Leyxayme com iſſo: porq̃ me vay minha honra em vos moſtrar para quãto ſou.*Fil.*E ha de ſer muyto ſecreto.*Aul.*Mas enſinaime ſe virdes que he bem ao cabo de enuelhecer no Paço.O vedelo aſſoma là:por minha vida ſobrinha que lhe falemos,& andareys muyto galante. *Fil.*Mas quero recolherme *Aul.* Não façays que me anojareys muyto. *Fil.* Não vedes que me não enfeitey hoje, nem lauey o roſto, & não eſtou para vèr.*Aul.*Quem o he,ſempre o parece, & aſsi como vòs eſtays deſtoucada, dareys mate a todo o mũdo,& eu fiador.*Fil.*Não me fio diſſo,q̃ os homẽs tudo olhão,& tudo julgão.*Aul.* Que concruſaõ traz agora o hirdeſuos? A noſſa menina tenreira como he eſpantadiça:boa baixeza he, molher de Paço, fugir dos homẽs, conſeſtindo a gentileza em deſpejo, & deſenuoltura,& ter o cabedal que lhe falta da fazenda, na lingoa. Iſto he o que apraz,& namora os galantes,o al he de moça de vila, que não parece ſenão ao Domingo,& acode a hum tamboril.A molher corteſaã,ha de ſer tão ſegura,que em nada enxerguem eſpantos,& de couſa nenhũa faça caſo, ſaluo por grande myſterio: eſte he o meſmo ſaber,arte, & corteſania. Mateme Deos com peſſoas diſcretas, que atè morte hey de querer antes hũa hora de

hum diſcreto,que toda a vica de hum necio: julgueme quem quizer,que eu não poſſo tapar bocas alheyas,nem dar entendimento a quem delle carece. Não ha couſa bem feita por algum bom, que falte hum mao para contrariala:ſempre o vicio teue defenſor,& a virtude imigo:todos julgão fouto o alheyo,& poucos ou nenhum ſinte o ſeu, & ſe ſaõ paruos,não lhe tenho eu culpa,baſta que ſey o que me cumpre,& como viuo *Fil.* Tambem me eu por iſſo vou. *Aul.* Ora hideuos: como ſoys enfadonha , & faſtienta. *Fil.* Aſsi me quero *Aul.* Poys fazeys bem:porque tendes muytos morgados , & rogaruoshão , podeys eſcolher na duzia, amiga minha,eu não vos entendo,molher muyto vergonhoſa,& retrayda, tarde quer cazar, & q̃ ſejays fermoſa,ſe não prouocays as võtades liures nunca ſereys deſejada,boa para eſtatua,que quã to mays perfeita,menos eſtimada, ſe não ha quẽ a entẽda.Se de vòs não tendes cuydado,não eſpereys que outrem o tenha , & aqui podeys enuelhecer,& aborrecer quãta mays obrigação vos teuerem. A molher que vem ao Paço, ha de ſaber cazar por ſy,& ſenão,antes que cà venha, metaſe na obſeruancia,onde ſeruem os muytos recolhimentos , que ſaõ paruoices , & nenhũa couſa deſtrue o mundo , como quererem muytos viuer

pelas

pelas leys do eſtado alheo,& fugir as do proprio.
Não de balde ſe diz,que he por de mays dar cõ•
ſelho a gente manceba , vòs trazeys inda os bei-
ços com que mamaſtes , lembrãouos os enſinos
de voſſa mãy.Como as mães porem ſaõ tolas,ma
tinando as filhas com ſeus auizos de velhas: mo-
ça abaixa eſſes olhos , para ninguem olhes teza ,
não ſejas janeleira , não te fies dos homẽs , & per
aqui mil velhices que o tẽpo ja deſaprouou por
deſneceſſarias,porque não ha melhor ayo,& dou
trinador , & enſina o certo , aſſazonado ao eſtado
em que eſtays, mayormente antreuindo neceſsi-
dade:porque eſſa abranda a ſoberba,& dà nouos
eſpiritos,& eſperiencia de muytas couſas,que he
o fiel da diſcrição. *Fil.* Não me negareys que não
ſe ha de pòr em perigo a virtude que quer con-
ſeruarſe. *Aul.* Como he galante:tambem a honra
ſe ganha,onde ſe ſoe cobrar infamia,& o prudẽ-
te,da ofenſa toma auiſo.Mana minha ſoys muy-
to moça , não vos engane preſunção de bom pa-
recer,que dado que val muyto para obrigar von-
tades , fermoſura com vaãgloria dana mais do q̃
aproueita , & as mays das vezes lhe corre per
dauante mofina mendez,& a boa diligẽcia acaba
o que o merecimento não alcança. Ora eſtay, &
não ſejays ſem ſaber que me correrey por voſſa

 parte:

parte:o animoso,faz vontade da força,& o discreto, conselho da necessidade. *Fil.* Forçareys as pedras:cousas me fareys fazer,que não estão em razão,eu ja não lhe hey de falar. *Aul.* Não faleys,q̃ eu lhe falarey: pegayuos comigo de dentro q̃ vos possa elle enxergar a tempos , que estas,fames fazem estes galgos querençosos da prea.

SCENA TERCEIRA.

Germinio Soares. Artur do Rego.
Aulegrafia. Filomela.

FAço a roda , olhay por mym. *Art.* Assi hides bem : ò como he deslustroso valhame Deos , o corpinho he todo espirito, mas serue mal para passar em alardo: então leyxayo presumir de galante , & o saberse vestir està em França:quantas alfayas ha mester o homem para discreto,que mal o pode ser o prospero,& parecelo o necessitado,mas por fim, tudo passa, & tudo se sofre , & a terra he de nescios confiados. *Aul.* Não gostays muyto sobrinha do requebro com que elle vem em saltinhos dalueloa? Não ha gosto que me chegue a ver estes recachos : ja escara,gran-

ra,grande ſuprico, por eſtas honras me perco eu: notay em que poſtura ſe poem, direys que he corrido,iſſo tem. *Ger.*Beijo mil vezes as de V. M. & ſe para mym pode hauela dalgũa eſperança, que ditoſo dia eſte ſeria, & mays ſe o quereys ſenhora olhar bem, não he alheyo de voſſa obrigação o meu amparo, ao menos porque ſe diga, & veja que boa ſombra me cobre, inda que iſto não ſey ſe me engana, & me engano, ou tomo mays do que me dão. *Art.*Entendei là aquelles eſfolagatos,jurarey que nem elle ſe entendeo. *Aul.* De meu conſelho, perdey antes por deſenuolto, que por curto, que he menos magoa da perda, q̃ eu ſou de tomar. *Art.* Que negro esforço aquelle,ja o ameaça,& elle não aſſoſiega:eſtaſſe pondo nas pernas como ginete, que não lhe ha hoje de ficar regiſto por tocar, ſegundo as moſcas o picão.*Ger.*Douuos minha fè ſenhora de me perder antes por o voſſo parecer, que gainharme com nenhum outro: porque vejays quão entregue lhe ſou.*Aul.*Entendido ſoys, falays com dous entenderes, voz de hũa couſa, & mãos doutra. *Art.* Seu auò marmelo torto foy grande breuiſta,& de confiada que falaua bem, esforçou o tipre para que eu participaſſe. *Ger.* Poys ſenhora diga cada hum por ſy. *Art.*Quanta badalada deſſas haueys

de diſ-

de disparar:cospi,& tomarys folego. Quanta madraçaria ha destes treynados em confiança propria,& então,discreto sou eu, que differente lhes eu porem falara. *Aul.* O tempo he disso. *Ger.* E disso. *Aul.* E a vòs senhor que vos arma? *Ger.* Hum cuydado de quem mo desconhece:& destes anda contra mym hũa grossa armada de receyos, temores,& tres mil dores. *Art.* Armada vos vejo eu meu amigo a tarpeira,o prazer que a outra gentil senhora tem por detras destoutra interprete, como se elle falara bocados de ouro,estas não gostão,nem sintem senão pequices tisicas. *Aul.* Porque hides na do estreito? *Art.* Em estreito me vejo eu. *Aul.* Diriua,não gostays mana? *Art.* Não percays lanço,como elle fica contente, sacodese como galo. *Ger.* E de tudo o que sòmente sento,he, não saber se consente a causa. *Aul.* Quereys que lho pergunte? Inda que bem vos ouue. *Fil.* Ah mà cousa, como soys palreira. *Ger.* Não pio por al, mas receyo hum desengano mays que a propria morte. *Aul.* Que dizeys àquillo sobrinha? Que lhe direy? *Fil.* O que vós quizerdes. *Aul.* E vòs não tẽdes querer? *Fil.* Inda agora não. *Ger.* Se ouuera razão no mundo, ja o deuereys ter para quem se vos entrega. *Fil.* Ay triste que me ouuio. *Aul.* E se volo merecerem teloheys? *Ger.* Que vòs diz senhora?

nhora? *Aul.* Nada ſenhor, pegayuos a, quem cala, conſente. *Ger.* He tão incerto eſſe deſcanſo, que deſcanſo de conſeguilo: & para mym incertezas de vida não ſaõ eſtranhas, mas naturaes. *Aul.* Ou ſoys vòs ſenhor natural dellas? *Ger.* He verdade: ja vejo que ſentis minha dòr melhor do que poſſo, nem ſey dizela. *Art* A eſcaramuça anda trauada ſegundo o feſtejão, a couſa vay per ſeus termos. Iurarey que cuyda elle que contrafaz o proprio Mancias: poys ellas eſtão mays afiadas na corteſania, que mao grado a Cleopatra. Iſto tem o chegar hũa dama a fazer a roda da ſua opinião, que darà pernadas no agrião, & daqui vem grandes quedas. *Ger.* Quereiſme dàr licença para o tomar a bom ſinal? *Aul.* Não, porque temo de não crerdes minha verdade, acerca de vos deſejar ſeruir, & caualo. *Ger.* Mas de me fazer mil merces, & não viuo dal: & ſe me iſſo não esforçara, não ouſarr aparecer ante quem ſe me eſconde. Ah peſar de Fez ſenhora, que não he eſſe roſto para ſe eſconder: porque ſe me tolhe a luz, que o Sol a bõos, & maos não ſe nega. *Art.* Deſarmou em vão, & ella não eſtà pouco ſatisfeita em lhe fazer aquellas careſtias: bem ſabe a litraria. *Ger.* Como diſſeſtes ſenhora que vos não ouui, porque ſe me forão os eſpiritos a pos os olhos? *Aul.* E logo vos aſsi eſ-

panta

panta a sombra, *Ger.* Mirrome na caça, mas eu fiquei desairoso com a cortesia em branco. *Aul* Isso não posso eu sofrer que cae em mao ensino. Por minha vida sobrinha que lhe haueis de falar. *Fil.* Falohey por amor de vòs. *Ger.* Beijo as mãos a V.M. mas não foy na auença recolherse tão prestes. *Aul.* Não sejais mao de contentar, não vos julguem por ingrato. *Art.* Grandes mesuras vão lâ: quiz, parece, cumprir com a cortesia: tambem aquelle he bom termo. *Ger.* Longe estou de cayr em culpa de ingratidão. Por tãto foutamente me deueys fazer vosso valido. *Aul.* Quem o tanto he em toda parte, tambem pode esperar selo nesta. *Ger.* O selo nalma està ja, de mo desconhecerem me receyo. *Aul.* Mereceyo vòs senhor no efeito, não se vos negarà o vosso. *Ger.* Ia se me nega, poys me negão a vista do que desejo, & do que viuo, & vòs senhora que o consentis. *Aul.* Estays mal informado. *Ger.* Não sey de informado, mas formado de sentimento de quem o não tem de mym. *Fil* Ia ouui dizer disso. *Ger.* Consintis nisto senhora? Não entendo por acenos. *Fil.* Não. *Ger.* Ora dobrem por mym que tal ouço. *Art.* Artista he tambem a Filomela quanto basta, dalhe suas picadas a tempos, & recolhese com gentil ordenãça. Ah dũa gazela que grande recramo se perde

em

em vòs: prometouos que ſabe a bogia caçar, não ha mays anegaça, o demo lhes enſina tanto. O Germinio eſtà ſoſpendido no ar do faro della, como o çancarrão de Mafoma, & tem feyto aos pès hum eſpogeiro de continencias. *Fil.* Vejo là Dinardo Pereira ao longe, ha de vir diferir aqui, deueys deſpedilo q̃ o não veja. *Aul.* Senhor hiuos, que vem de ca de dentro, quem não queria que vos viſſe ahi. *Ger.* Poys aſsi me mandays apedrejado de hũa mão tão crua? *Aul.* Daylhe hum ſim, polo meu amor. *Fil.* Sim. *Ger.* Bejo as de V.M.

SCENA QVARTA.

Germinio Soares. Artur do Rego.

NDAY por cà, vamos ao deſerto onde poſſa gritar, ſe quereys que não arrebente. Douuos mihna fè q̃ outrem podia eſtar de peor vea que eu: parece que falaua de mym algum eſpirito, ſegundo eſtiue brauo: dera quanto tinha porque me ouuireys. *Art.* Algũa couſa alcancey de ca, & pareceme que de artificio vos cortarão o fio, por vos leixarem com o deſejo eſfaymado, & he do tempo, dar tudo ſopeſado, juſta

pena

pena da malicia da nossa natureza, que se sostem da variação das cousas. *Ger.* Mas cuydo que, segundo disserão, vinha de dentro algũa, de que se recearão. *Art.* E a senhora Filomela recolhida per detras de Aulegrafia, jugaua o tauoleiro de fora. *Ger.* He inda espantadiça, mas essa que agora vedes assi arisca, eu vola farey caparŕeira. *Art.* Mays me parece a mym que de muyto destra sabe assi palear suas cachas. *Ger.* Não me rendo a artes que alcanso. Se me enganardes sem vos entender, será discrição tinta na terra, & doutra maneira he simpreza. *Art.* Muyto gentio encalha nesse passo, & por isso ando manho sem saber determinarme em que altura me ponha, que assi como entendo estes discretos alcandorados em sua alquimia, cuydo que tambem me tirão o vento, & ando desuelado por dàr hum surto, para que me salue destes bilhafres. *Ger.* Senhor, querereys estar do palanque, vsay do vosso natural, se he bom, & leixay bogios contrafazerse, que por hy os cação. Notastes o sim muyto comprido, com que me açamou a senhora Filomela? *Art.* Notey mil passos bõs nella, & mays destreza do que vos cumpre: donde entendo que todos nos entendemos, nòs a ellas em seus fingimentos, & ellas a nòs em nossas malicias. *Ger.* Assi he, & com tudo enganãose

nãose

nãoſe,& enganamonos. Mas por naſcer eſtâ a que me ouuer de enganar: porque ſey q̃ antre a erua jaz a cobra, & em ſuas branduras a peçonha. *Art.* Preſunção propria he perigoſa, dado que boa, & neceſſaria, a boa lingoagem acaba muyto com ellas. *Ger.* Poys prometouos que volas atarraquei de razões, eſtiue afinado. *Art.* Aulegrafia tambem vos tiria as pelas. *Ger.* Eu não vola leixo entrar em talho: porque eſtou ſempre tão delgado com ella, que me não alcança. *Art.* Não ſey como iſſo he, que ella não lhe metem dado falſo, & anda mays certa ao primeiro pulo, do que por ventura andareys a ſeu boleo. *Ger.* He riſo iſſo, perdeme de viſta a cada paſſo. Falay muyto ſe quereys que fique por vòs o campo em tudo: & mays não vos enganeys, que a molher que crè de ſy que he diſcreta, he facil de enganar, & mays não ſey ſe ha algũa. *Art.* Poys eu tenho para mym que nos precedem na diſcrição neſta parte. Donde Lays ſe gabaua que fizera muytos ſabios paruos, & nenhum ſabio a fizera paruoa. *Ger.* No conſelho para mal, de improuiſo, & em couſas de ſeu goſto, ſão ſeguras, & não ſe dobrão, ſaluo do ſeu intereſſe. *Art.* Credeme q̃ nunca ſe enganão, ſaluo quando querem ſer enganadas. Sò do ſeu deſejo ſaõ mouidas, no em que ſe determinão, ſaõ cõſtantes,

& na

& na virtude puras, & com nosco, como digo, muyto mays discretas. *Ger.* Eu antes a quero simpres, & desta me temo: porque vedes vós Aulegrafia, com que todas registão, tenho sabido que he sempre atropelada de seus seruidores, & afeiçoada cousa de estremo. *Aul.* Perdey cuydado, eu tomo a empresa à cautela de não me queimar o sangue. O negocio està em caminho, & achar o principio em tudo, he dificil, mas achado, facilmente se procede atè o fim: passaremos asi o tempo para aziar da nossa sogeição. *Art.* Sofriuel he em quanto não for mays. Vòs vedes a visagem deste Castelhano que cà vem? Para nòs encaminha, he especial figura: lancemos mão delle em quanto dura o despacho, para que enganemos horas tão perdidas.

SCENA QVINTA.

Aulegrafia. *Filomela.*

Istes mana como fala discreto? Estes saõ os galantes que eu conuerso. *Fil.* Pareceme elle de boa conuersação. *Aul.* Per estremo he arminho de brando. *Fil.* Deue ser muyto vosso,

segun-

ſegundo ſe moſtra confiado em voſſa valia. *Aul.* Guardeuos Deos, ſomos almas de muyto tempo, o homem per quem eu mana falar, ſabey que o tenho na bolſa: doutra maneira, né por meu pay o faria, não, niſſo ſou muyto eſcoimada, a ninguẽ ſofro paſſatempos, à cuſta da honra alheya, confeſſaruoshey hũa preſumpção de mym, toda couſa deſta calidade em q̃ ponho mão, ſe me deu ſempre bem. Quem cuydays que caſou Catherina Teyxeira, Barbora de Froys, & outras, & muytos negocios de muyta ſuſtancia que ſe comigo conſultão, cujo ſegredo enterro? E não ſou como hũas que eu ſey, q̃ tirão de hũas, para dizer a outras, & inda bem não ſabẽ a couſa, ja anda na praça, aſsi o ſeu, como o alheyo. De molheres vos fiays vòs, & conuerſays, q̃ não conuerſaria de ſiſo por todo o ouro do mundo. *Fil.* Iagora ſey de quem me hey de guardar: como tenho os boſes lauados, aſsi cuydaua que os hachaſſe para mym: que a malicia, quem a não faz, não a cuyda. *Aul.* Não he iſſo o que agora corre, haueys de viuer forrada de cautelas, tanto, que nem comuoſco ſejays ſingela, & ſofreruoshey não vſardes tredices, ſe as não tẽdes de condição, mas haueys de entendelas, & ſabey que trago a pratica do que ouço, & vejo, & com os galantes alfanados, que cuidão triunfar

 de nòs,

de nòs, sempre os espero armada. Os que não saõ de laya para serem admitidos, não me tomo de sua opinião, nem os escandalizo, por não me dàr por achada da sua confiança, & antes falo bẽ delles, que mal. *Fil.* Eu não posso sofrer madraços q̃ presumem pregoarse per seruidores de quem os não conhece. *Aul.* Esse he o pregão da fermosura, & a molher cõfiada, poem os pès segura por sima de tudo. *Fil.* E que fareys a praguentos que chamão a isso doudice? *Aul.* Rirme de paruos, que se ouuer quem condemne esta arte, tambem ha de hauer quem a aproue. Não se pode satisfazer a todos. Quero por tãto satisfazer primeiro a mym & aos do meu bando, & os outros enforquemse. A toda cousa deu a natureza seu bicho, & imigo, o da molher, he o homem, do qual tudo lhe he, & deue ser sospeito: por o que lhe cumpre ser com elle muyto acautelada: por o que o principal he saber do seruidor como està de patrimonio, & se não tèm mays que a rama, & ò fundamento em suas esperanças, inda que seja dos Godos, hasse a dama de hauer com elles escassa de vistas, descuydada de suas diligencias, trazelo asi na forja do amor, & telo â destra como qualquer mosteiro: mas se he afazendado, aqui he o lançar das contas: porque fauorecelo depressa por acolhelo a

risco

riſco da peſſoa, fica muytas vezes em branco: doutra parte ſopezarlhe o fauor, acontece outras horas ſeguralo em breue. O meyo diſto, he, nunca lhes dár tanto, que poſſaõ hirſe alabando, nem tão pouco que ſe esfriem no amor, & a gentil dama, com os olhos paga ſuas obrigações, & ſe confeſſa, ou dà penhor da vontade, logo fica de menos preço. A nòs, boas obras nos cegão: a elles auiſaõ. Brandura nos vence, a elles enſoberbece. Amor nos abranda: a elles izenta: & tal he noſſa ſorte, que quando nos tomão por ſenhoras, ficamoslhe eſcrauas, & por ſima de tudo iſto, ſabey q̃ quem cuyda acertar por ſy tudo, nada acerta. A vida paſſaſe forçadamente ſorteada de culpas, as menos graues tèm deſculpa, & ſaõ ſofriueis. A tẽção lhes dà a tinta, & de hum erro naſcem muytas vezes muytos acertos. He officio da diſcrição ſaber nos ſoceſſos eſtremar o grão conforme à ſazão dos tempos. Não ha ley tão juſta, que não poſſa ſer injuſta acerca dos caſos humanos: he tão enfermo o juyzo humano, que ordinariamente tem razões que ſe alcanção: quem melhor ſe reger, terà menos que ſentir. Sem eſperiẽcia, não ha diſcrição ſegura: nem ſem erros, acertos puros. Donde he muyto para agradecer a quem errando, depoys acerta. *Fil.* Melhor ſeria acertar ſem-

pre. *Aul.* Sò a Deos he posiuel. *Fil.* Muyto sabeys tia, não se dirà que passou por vòs o Paço. *Aul.* Poys inda má hora não quereys que me valesse a mesma Corte? A molher que se ha de sustentar nestas casas com tão pouco cabedal, como os mays temos, que queremos, & não podemos, & na reputação vos vay tanto, helhe necessario lãçar redes à ventura, aferrar do azo da vida, quãdo se nos offerecer. Para isto, a que he fermosa, valhe muyto, ser discreta he grão terço, & se ambas, faltalhe sòmente a pratica do Póço: para o que ha de ser muyto fantisiosa, que atè nas feas dà preço. *Fil.* Cousas direys vòs hoje, que nunca forão escritas. *Aul.* Vedes que eu não sou como essoutras molherinhas, que vòs conuersays, & na conuersação vay muyto. Fiayuos de mym, cóuersay antes dama á vossa custa, que moça do retrete que vos sirua: day pouco de vòs a quem se quer honrar com vosco, & conuersay quem vos authorize, gabay todos os homẽs, sereis bem quista, de camareiros, estribeiros, & pages de espada dos senhores, & fidalgos, vos benzey como de demonio, porque fazem notomia em toda a alma que lhe cahe na forja. *Fil.* Ora vos digo que vos ouuirey toda minha vida. *Aul.* Poys palhas he o que vos digo, para o que me fica, & o que tambem

bem importa muyto, he, ſaber conuerſar damas com authoridade que vos ſofra a ſua donzela ſem ſe vos igualar, & a ſua aya aproue voſſa amizade, em tanto que vos apreſente os queixumes de ſua ſenhora, aqui ha muyto que aprender, & em amores de fidalgos, ſe ſe vos offerecem, eſte he o paſſo mays perigoſo, & em que cumpre ter grande acordo: mas vejo ja perto Dinardo Pereira meu afilhado, hiuos embora que tenho que lhe falar.

SCENA SEXTA.

Dinardo Pereira. Graſidel de Abreu. Aulegrafia.

ANDA tão amotinada que a não poſſo alcançar à viſta, mas ſe mal não enxergo naquella janela ha caça, vamonos chegando, & quiçà nos entrarà dado, a dianteira he minha madrinha Aulegrafia, a outra eſtà de dentro, & não lhe vejo o roſto, mas ſeja quem for: leyxayme hir diante aferrar minha madrinha, & como trauar pratica, vindeuos chegando, & meteyuos em conuerſação, poys ſabeys que he guarda dos portos, com que de vontade, ou força ſe

ha de apontar todo galante que quer atalhar a coimas *Gras.* Eu para mym tenho que ella me faz a guerra, a fim dalgum fundamento. *Din.* Poys por tanto vos cumpre mays não entender, & dessimular o que entendeys, & com paciencia forçada fazer, se poderdes, do tredo fiel. *Gras.* Dura ley do mundo: quevos seja necessario grangear quem vos faz mal, & sofrer quem vos faz bem. *Din.* Poys se isso valesse, tal seja minha vida: mas com sangue baixo que sempre he soberbo, se pode, & cõ condições tiranas, & bofes danados, nada aproueita, & chega ja a tanto a malicia, que não se satisfaz de anichilar obrigações, mas tem sua guedelha em contraminar tenções, & minha madrinha he azougue, & joga o douchelo viuo com quantos aqui ancoramos. *Gras.* Arrenegay de quem virdes temido por roim, & aborrecido por perjudicial. *Din.* Muyto bom he ser bem quisto, por ser prestadio, mas vaise desusando: o bom nome perdeo seu preço, & juntamente perdeose a vergonha ao mundo, & o que antigos faziāo por leixar clara memoria de sua virtude, fazem os presentes por deixala da sua cobiça. *Gras.* São nouidades do tempo. *Din.* Que tem por remedio entendelo, & padecelo: ora leixayuos ficar. Que grãde engano seria, senhora madrinha, cuydar ninguem

guem que vos pode ſaber ſeruir melhor que eu. *Aul.* Por certo ſenhor afilhado que eſſa he a verdade, que ninguem me faz merce de tanta eſtima, & que vejo o meu brinco como o eu não ſoubera deſejar. *Din.* Ah, eſtays zombando. *Aul.* Não zõbo em verdade, mas não he para mym nouo, que ninguem tem a voſſa galantaria. *Din.* Ao menos ſenhora na vontade para vos ſeruir, não ſofrerey competidor. *Aul.* Nem eu darey vantagem a ninguem em lho merecer, porque vos trago cà na minha alma, onde não entra outrem, & ſempre digo cà antre eſtas ſenhoras, que ſoys tauola que não joga na amizade como de hum irmão, nem me parece outra arte, nem outra conuerſação como a voſſa. Quão longe porẽ deſtes milagres eſſe voſſo amigo que là vem, podem queimalo, & lançar o pò por todos, para a couſa ficar como não cumpre. *Din.* Não he o demo tão feo como o pintão. *Aul* Antes cuydo que mays, que do bem, haſſe de eſperar o menos, & do mal, crer o mays. *Din.* Antes ſenhora, do bem, crer mays, & do mal, o menos. *Aul.* Eu todauia não quizera eſperalo aqui ſe me não fora por vos não leixar. *Din.* Ah, não ſejays má corteſaã. *Aul.* Vemſe chegãdo com ſeus paſſos de grou, mas o àr he voſſo. *Din.* He afeição iſſo. *Aul.* Eu não na nego, mas comtudo he dàr o

ſeu a ſeu dono. *Din.* Não ſejays tão juſtificada que não he ſofriuel. *Aul.* Se lhe eu mal não tenho caydo no chiſte de ſua confiança, elle ſe virá meter em conuerſação com todo deſpejo. *Din.* Ah como ſoys galante: quem quereys que a não cobice por ouuiruos? *Graſ.* Se voſſas merces não falão ſegredo, tambem me, ſenhora, podeys meter em reſte dos voſſos, poys o ſou a deſtro com mil deſejos de vos ſeruir, ſenão que me val tão pouco tudo, que nem com milagres cõuerterey hũa alma, que me conuerteo, de liure a ſogeito, mas porem, ſe me conheceſſeys de meu dereito, elle me ſobeja, para me hauerdes por tão voſſo ſeruidor que dou quinze, & fauta a quem mays preſumir ſelo. Ora poys bem, iſto como he, leixão voſſas merces de falar por mym, eu ſe pequey por antremetido (inda que a muytos val) aquy eſtou offerecido à pena da culpa, de que me deſculpa a tenção, que ſendo ſaã, a ninguem culpa, antes he a tintura de toda obra: & a minha foy de participar tão boa conuerſação, não como dino della, mas tentãdo habilitarme, ſe me aſſopraſſe a ventura: dado que ja deuera ter entẽdido o que lhe deuia eſperar, poys me deſampara ſempre nas mayores afrontas, porem ſenhora, antre bõs, mà ventura, não tolhe merecimento. Todauia como não queria ſer peſado,

& pre-

& pretendo seruir,& não offender: se cortey o fio â pratica, calarmehey, que assas sandeu he quem não se cala,onde não lhe escutão razão, & o trabalho dos trabalhos, he, falar com ouuidos, & não com corações. Eu voume antes que mays enfade. *Din.* Não senhor, eu vos dou a mão, & và por ambos. *Gras.* A honra,hasse de tomar,mayormente dos honrados, com esta porem, não me atreuo sò:porque não sou para cousa de tãto preço, & pezó. *Din.* Poys eu tambem confesso que vola soltaua de não poder com ella. *Gras.* Quereys me meter na mouta,& arredaruos? Dessas tẽções vos darey per aqui muytos banqueyros. Não pagueys comigo vosso erro de conta. *Din.* Essa he outra, ja me parece que não acertareys a minha. *Gras.* Errala com taes acertos, que mayor ganho que o proprio acertar, & digao a senhora Aulegrafia. *Aul.* Sou muito mâ juyz. *Gras.* Ao menos em me julgar. *Aul.* Bem em que? Vistes aquilo? Poys como eu sou disso, que cousa para a minha arte julgar, nem entender em vidas alheas: não viuo tão ociosa senhor. *Gras.* Não o digo por tanto, mas porque me não julgays, nẽ quereys ter por muyto vosso, não desejãdo eu al. *Aul.* Pagueuolo Deos, que eu não me meto em obrigações, com que não posso. *Gras.* Bem sey que não sou marca, mas os

grandes

grandes em leuantar pequenos ſe moſtrão. *Aul.* Como defeito. *Graſ.* E ante falſos juyzos, a culpa tem louuor. *Aul.* Poys por tanto. *Graſ.* Todauia entendo que pejo aqui, mandaime ſenhora que me vá, ja que aſsi he, que antes quero conſentir em minhas perdas, que erraruos. *Aul.* Não, eu ſou muyto liure, & não me chegão eſſas couſas, mas ja o deuêreys tèr feyto. *Graſ.* Condições izentas me tem morto: ora melhor he obediencia, que deſagradecimento: deuos Deos algũa hora conhecimento do que vos mereço.

SCENA SETIMA.

Aulegrafia. *Dinardo Pereira.*

Como me fica a mão folgada, leixayo vòs hir rezando. *Din.* Correſtelo ſenhora, & eſſas cruezas, & deſprezos não ſeruem para com quem ſe vos entrega, & deſeja voſſa amizade. Sangue nobre não afronta a quem lhe obedece, antes aceita toda diſculpa: mas a vòs ſenhora vemuos iſſo de fermoſa, que todas ſoys deshumanas, & auarentas. *Aul.* Poys aſsi he, & ja que o não ſou, quero parecelo. Vedes ahy ſenhor afilhado hum

do hum homem, ſem embargo que he voſſo amigo, que me aborrece de graça, porque cuyda que he deſpejado, & de corte, & a meu geito, he tão ſem ſabor, que nenhum ſal lhe acho, & então vemſe antremeter onde o não chamão, por cuydar que he diſcreto, & que ſabe falar, & por minha vida que o não he muyto para arrebentar. Outros vejo eu a que elle não dà pelos pès, & não preſumem de ſy tanto. *Din.* Não ſey ſe lhe ſoys ſoſpeita, ou lhe tendes entejo, que elle não he dos mays perdidos. *Aul.* Nem muyto gainhado, cuydo eu, com ſua dama. *Din.* He logo ſem razão, & elle tem que lhe ſoys cõtraria, & não volo merece: que eu ſey, que deſeja muyto voſſa amizade. *Aul.* Eu, porque? Sabey de mym que nunca me antremeto, nem entendo, ſaluo no que me cũpre, & no meu, ſeyo muyto bem, & não me gouerno por outrem, por quão falſos, ou incertos ſaõ conſelhos alheyos para dor propria. Tenho por regra, que he ſuma miſeria pubricar neceſsidades, & grandè pequice notar vicios alheyos: verdade he que ſe me hũa amiga me diz hũa couſa, & me pede conſelho, não lho ſey negar. *Din.* Queria eu remedio, ou não ter neceſsidade delle. Como eſta he douda, & enganada conſigo. *Aul.* E deſenganadamente lhe digo o que entẽdo. *Din.* Se em meyo

não

não antreuier reſpeito proprio que faz çoçobrar todo juyzo,mas ella he toda juſtificação. *Aul.* Por qué he molher como eu , & ſomos obrigadas todas hũas a outras, & mays ſou muyto contraria a eſcarninhos , & tenções dobradas. *Din.* Fruyto do tempo, & de carregação nos mays poderoſos. *Aul.* E por nenhũa ſerey imiga mortal de hũa peſſoa,como por ſaber que tra:ta enganos a quem ſe fia dela:iſſo me dà que ſeja homem,que molher. *Din.* Eſtranha o que vza porque lhe não furtem a benção Senhora madrinha ja paſſou o tempo das confiadas,neſte todos moſtrão que confião,& não ſe fiaõ. *Aul* Antes vos digo,que he pequice ſer cõfiada:o deſconfiar ſegura magoa,& culpa. Mas o homem de honra,& verdade,não ha de enganar molher, mayormente as taes, & em ſemelhantes logares. *Din.* Se ellas não folgaſſem de ſer enganadas , para deſculpa de ſeu goſto. *Aul.* Que fica em baixeza,& gainhaſe pouco,que por derradeiro tudo ſe ſabe,& tudo câ entendemos. *Din.* Inde mal ſenhora madrinha porque por eſſas ſoſpeitas,& cautelas de voſſas merces preualecem muytas vezes os maos que ſabem contrafazerſe,& padecem os bõs que carecem de fingimentos. *Aul.* Crede que nunca nos enganão , ſaluo quando muyto queremos. *Din.* Dias ha que eu iſſo ſey ſe

me

confeſſores crerem. *Aul.* E de meu conſelho ſenhor afilhado, não crieys galinhas onde rapoza mora, que eſtes ditos antigos ſaõ muyto certos. *Din.* Mas vòs não entendeys que dandome, days no voſſo burquel. *Aul.* Não ha cà molher, por ſim prez que ſeja, que não eſtè àlem de voſſas tredices. *Din.* Quizeralhe mays hũa pura ſimplicidade. Senhora madrinha não creais que ha homem tão peco, que não entenda quão pouco valem enganos neſta parte, nem ja ha quem os vze, por ouciosſo que viua: he mà preſunção que de nòs conceberão dos tempos paſſados em que ouue iſſo, & não a exortão em querer de nòs eſperiẽcias em que ſe paſſa a vida, & ſe gaſta o cabedal da fama. *Aul.* Eſſes ſerão os que ſe prezão da verdade, como vòs ſenhor, de que ha poucos, & raros. Mas aquelle gentil homem, & outros taes que eu conheço muyto bem, & todas o câ ja tèm na conta q̃ elle merece: donde creyo que ſeus maos modos não farão impreſſaõ. *Din.* Ah ſenhora quem podeſſe eſtar a muytas amarras em porto tão perigoſo. *Aul.* Nem iſſo aproueita, ſe a fortuna deſanda Por tanto ſe ſoys ſeu amigo, conſelhaylhe não ſeja tão enganado conſigo, ria, folgue, & leue boa vida, não ſe ocupe, nem empregue o aluo em couſa de ſua marca, ſe quer não perder tẽpo. *Din.* Diz

verdade,

verdade, mas a te o bom conſelho ſe ha de temer de peſſoa ſoſpeita. *Aul.* E por derradeiro, eſtes muyto ataymados cahem em peores atoleiros. *Din.* Eſtas jubiladas ſaõ muyto ſentenceoſas, & dà grandes cabeçadas. *Aul* Elle cuyda que o hão de rogar por nome de rico. Bem paruoa ſerà a molher que roga homem, por Principe que ſeja. *Din.* Todas iſſo dizem, & todas rogão quando ſe lhe offerece caſo. *Aul.* Como a molher tem parecer, & he diſcreta, tudo merece, & tudo ſe lhe deue. *Din.* Deſta ley viuem, & com ella ſe condanaõ: porque ſe auenturaõ ſem fundamento. Eſta tem por diſcriçaõ, ter o ſaber na lingoa, a honra no deſpejo, & a virtude na ouciosidade. *Aul.* Aquelle gentil homem tem grande opiniaõ de o naõ mereceré, adiante o acharâ, que ſe me a ſenhora Filomela crer. *Din.* Bem diz elle, que lhe ſoys contraria. *Aul.* Folgo de o elle aſsi crer de mym: ao menos naõ me terà por paruoa, poys o entendo: naõ digo mays eu, que todas: porque o bom nome, nas treuas tem reſprandor, & val em tudo muyto a boa reputaçaõ, a qual elle tem perdida antre nòs, por quaõ falſo, & mudauel he. *Din.* Informaçoés falſas tem deſtroyda eſta terra: & maos pareceres ſaõ os mayores ladrões della, ninguem ſabe diſſo mays que eu, & he falſo, & aſſacado, & fiayuos de

mym

mym que lhe não ſofreria outra couſa, por parte de minha prima,de que ſou muyto amigo, & ella me ouuirà,& ſaberà a verdade. *Aul.* Não a poder que eu poſſa:& ella tambem me cre, & faz o que lhe digo. *Din.*Senhora madrinha, quem não tem parecer proprio,não acerta com os alheyos: porque caſi ſempre em tudo antreuem odio , ou amor,yra,ou cobiça dos conſelheiros, & o efeito do conſelho ſempre ſabe a tençaõ de quem o dà: Trabalhay por tanto em conſelharuos com voſco no que vos for muyto, & naõ vos entragueys a vontades forras da voſſa dòr : que ninguem he tão juſtificado,que corte por ſua afeiçaõ,& mays he grande defeito fazer ayo do meu cuydado a ninguem. Digouos iſto , porque não conſelheys quem por ventura volo agradecerà mal , ſendo voſſa tençaõ boa. *Aul.* Não, minha ſobrinha naõ he paruoa , ſabey que o entende muyto bem , & ſe me não credes vede o que faz. *Din.* Poys certeficouos que eſtá mal informada,& que anda elle mouro por o deſconhecimento com que o trata, tiraya diſto que he mal feyto,que perſeguir ao neceſsitado,he injuria propria. *Aul.* Eu o deſejaua, ninguem ande cõ enganos , q̃ a proſperidade dos maos,nunca durou muyto. *Din.* As armas hãoſe de tirar ao merencoreo , & não darlhas , & a yra

dura pouco nos bõs. *Aul.* Senhor afilhado, là se auenhão, daime licença que me chamão.

SCENA OITAVA.

Grasidel de Abreu. *Dinardo Pereira*

O Que a senhora tem bom, que me hirey eu enforcar por não ser dos seus validos, doulhe quatro figas: ella me dà vingança de sy na conta em que a tenho, & eu tão paruo que me arrisco a ouuir seus maos ensinos, que nestas estão tão certos, sendo rogadas, como as obediencias, quando vos rogão. *Din.* Estas saõ oficiaes de hũs pespontados de tredices, que se honrão de mal ensinados, se lhes cahis na lança. Peitados saõ jasmis, se lhe não days fruyto saõ tojos, & sem isto he graça grangealas com diligencias, q̃ tudo he cauar afrontas. Aulegrafia vestese do tẽpo, & cà falamos na vossa pele, mas não està muyto vossa. *Gras.* Nestas, certos saõ os desprezos com quem sintem penhorados de afeição, & o seu gosto, he, fazer perrarias a corações sogeitos. *Din.* Tambem he preceito do oficio, que como vos vèm aução de seruiço, porque he forçado tirardes

traba-

trabalhão por abateruola: porque lhe haueys de ſofrer tudo, & a concruſaõ he, que ſem muyta aderencia do voſſo, não podeys viuer, nem de paciencia, & mays haueyla de ter para vos ſofrerem. *Graſ.* Nem eſſa baſta, não ſey ſe ſeria mays acertado ſer impaciente, & perder per eſta via, o que per eſſoutra não ſe gainha. Algũa hora hey de ſer liure, & falar fouto do palanque, para rir de valias tão ſopeſadas. *Din.* Não vos apreſſeys, que tudo tem ſazão: falarey com minha prima, & determinarnoshemos: Agora vamos ao Paço.

SCENA NONA.

Agrimonte. *Artur do Rego.*
Germinio Soares.

BESO pies, y manos de vueſſas mercedes. *Art.* As voſſas ſenhor. *Agr.* Dar meha vueſſa merced, por dicha, recaudo, y noticia de vn hombre que anda en eſta Corte, de mediana eſtatura, y tiene vna capa, qual eſta mia. *Art.* Notay como vem real, ſem o nome, per eſſes ſinaes, pouco vos ſaberemos dizer. *Ger.* Como ſe chama?

Agr. No lo sè en verdad, ni mas del, de quanto es vn hombre de mi officio, y por esso le pescudo. *Art.* Gracioso vem, quersenos dar a conhecer por habil. *Agr.* Como señor, conocele? *Art.* Que officio he o vosso? *Agr.* Mi officio señor, cõponedor. *Art.* Bem estâ, como o conheci logo: eu farey deste brasa, porq̃ cuida que he sotil. *Agr.* No me entiende V. merced? *Art.* Não bofè: que chamays componedor? *Agr.* Como son nescios los Portugueses: no alcança entenderme señor por su vida? *Art.* Brosllador quereis dizer? *Agr.* Que no señor, hombre q̃ compone. *Art.* A si, bateis ouro: batifolha chamamos cà. *Agr.* Que diablo de batioja: valasme la Trinidad, nũca ha visto trouas, coplas, rimas? *Art.* Nũca al soube toda minha vida. *Agr.* Troua V. merced? *Art.* Não. *Agr.* Mas de verdad q̃ troua? *Art.* Não por certo, mas he cousa sabida. *Agr.* Pues quien haze coplas, llamamos alla en Castilla, componedor, porq̃ compone en su orden, y regla rima, y cõpostura aquellas silabas, y pies de q̃ se haze el verso, y de los versos componese la troua, o copla, q̃ se dize de copula, figura Latina, q̃ quiere dezir, y significar, congregacion, vnion, y ayuntamiento, por quanto es vna cierta cõposicion de palauras, y razones metrificadas, arte muy tratada, y aun muy necessaria, & importãte para caualleros, que

siruen

ſiruen damas en ſus galas,& inuenciones:en tãto, que eſtoy por dezir,q̃ es necio,o caſi,el que no la ſabe medianamente ſequiera. Toma ora V. merced,hame entendido? *Ger.*Salgado he em cuydar q̃ o não alcanção.*Art.*Ia eſtou com voſco *Agr.*Como ſeñor,que le conoſco. *Art.*Entẽdouos muyto bem.*Agr.*Pues mire mas por ſu vida.Cõponedor puede tambien llamarſe el muſico, que haze vna vniõ de bozes perfetas, & imperfetas,ſonantes, y diſſonãtes,como dezimos,tercera,quarta,quinta, &c.que ſon buenas,y ſonantes.Segundas,ſetimas &c.que ſon diſſonãtes, y no las ſufre la oreja,ſino q̃ meſcladas las diſſonancias,y conſonancias,hazẽ la compoſtura de gentil melodia, y deſto tambiẽ algo ſe me entiende,quando ſe ofrecieſſe,y de vn laud, y paſſar vna pauana,y todo lo demas. *Ger.* Como he çarrado hum Caſtellano em paruo, & não he nada,ſenão que cuyda elle, que eſtà ſobre nòs,& que nos tem eſpantado com ſuas abilidades.*Art.*Finalmente que fazeis trouas. *Agr.* Haze hombre lo q̃ alcança con ſu flaca poſsibilidad , a lo menos publica ſus necedades quando ay oportunidad.*Ger.* Nunca mayor verdade diſſeſtes.*Art.* E poys trazeys algũa couſa q̃ poſſamos ver. *Agr.* Muchas traygo,mas quedaronſeme en la poſada. *Agr.*Não vos lẽbra algũa de còr.*Agr.*No entiẽdo

ſeñor. *Art.* Não ſabeys algũa de memoria? *Agr.* Ah ya le entiendo, dize V.M. ſi ſe me acuerda alguna, eſte ſu lenguage es diablo: yo hize aqui vnas a vn cauallero, o hidalgo, que aca llamays, y boto a tal que mucho mas preciara no hauellas hecho: porque gaſtè los ſentidos en cõponellas, que tan ſotiliſsimas, y eloquentes yuan, y el no me dio por ellas blanca. *Art.* E que tratauão? *Agr.* Loores q̃ en el, por cierto no ay, que ſi las hiziera al menos cauallero de Caſtilla, me diera quando menos cien ducados. *Ger.* Nenhũa regra tem em mentir. *Agr.* Yo pienſo que no las entendio, ſegun hizo poco dellas. *Ger.* Serião taes que o mererecerião. *Art.* Eſpantame: porque Portugueſes nobres, nada tem proprio para Caſtellanos, & là os voſſos, não os temos por tão dadiuoſos. *Agr.* Como dize ſeñor? *Art.* Liberaes quero dizer. *Agr.* O peſia ti mal grado, pues donde ſe halla ſe alla la flãqueza, y la magnanimidad, mâs terciopelo rompen los lacayos de Caſtilla, que las arenas en la mar. Caſtilla, ſeñor, no tiene que ver con el reſſtante del mundo, todo lo demas, en comparació della, es ayre. En ella ay las mineras de plata, y oro, que deſcienden al profundo. Pues los graneros, los axarafes, &c. No ay lenguage que baſte explicallo, vueſſa merced ha de tener por entendido

dido que todo es burla ſino Caſtilla la vieja. *Art.* E Portugal que vos parece? *Agr.* Razonable tierra, mas coſilha, no tiene Caſtilla en el hum trago. Yo ſeguro que es mayor que el, por lo menos vna milla, la vega de Granada: Eſto ſin duda, ſino me engaño. *Ger.* Tudo lhe eu perdoara, ſe elle não cuydaſſe que o criamos. *Art.* Melhor o tendes, que elle meſmo ſe crè, & o tem por fè. *Agr.* Mas a lo que diximos, de los nobles, no ha mas afabilidad y llaneza. Aca vueſtros caualleros, todos ſon fantaſia, que no ſe ſufre. *Art.* Não podeys negar que realmente temos cà o ponto em fauorecer eſtrangeiros, mays que outra nação algũa. *Agr.* No sè deſſo: yo en mi tierra quiziera verme. *Ger.* Naturalmente ſaõ ingratos com noſco. *Art.* Tornemos a noſſo propoſito: por voſſa vida que digays a primeira troua. *Agr.* No ſe me acuerda, en verdad. *Ger.* Agora ta creyo menos. *Art.* Dizey logo algũa que fizeſſeys, que ſabido eſtà que todos os authores ſabem ſuas obras melhor que a oração. *Ger.* Que he grão perrice. *Agr.* Que no ſeñor, para que quiere V. merced aora hoyr torpedades de vn Caſtellano neſcio. *Ger.* E a ti quem to nega? Mas ſobriſſo andamos. *Agr.* Endemas que no sè quan aficionados los Portogueſes ſon a coſas de Caſtellanos. *Art.* Eſtremadamente, os Portugueſes

de noſſa boa condição. *Agr.* Nunca mas medreys todos. *Art.* Somos tão incrinados à lingoa Caſtelhana, que nos deſcontenta a noſſa, ſendo dina de mayor eſtima, & não ha antre nòs quem perdoe a hũa troua Portugueſa, que muytas vezes he de vantagem das Caſtelhanas, que ſe tem aforado com noſco, & tomado poſſe do noſſo ouuido que nenhũas lhe ſoaõ melhor: em tanto, que fica em tacha anichilarmos ſempre o noſſo, por eſtimarmos o alheyo. *Agr.* No dirè yo eſſo de mym, que tan aficionado ſoy al mi natural, que ninguna coſa me parece mejor que el Caſtellano. Que digo mejor? Ni aun tan bueno. *Ger.* Todos ſaõ em eſtremo de ſy, de abonar, & eſtimar o ſeu por melhor. *Agr.* Eſto eſtà claro, que la lenguage Caſtellana es vna laguna, y vna mar Oceana que vence a la miſma copia, pues en la poèſia es coſa eſpantoſa: y quereyslo ver mirad quien trouò como, Iuan Royz del Padron, el Bachiler de la torre, Cartagena, Graciſanchez, y mil cuentos dotros: ſeñor nadie quite el loor a nadie. *Art.* He verdade, mas ſabeys quem me aborrece muyto no voſſo cancioneiro gèral, as graças do Roupeiro. *Agr.* O peſia tal, eſſe fue eſtremado dizidor. Pues Ioan poèta, no le va en çaga. *Art.* E o judeu que fez à Raynha Dona Iſabel a cantiga: Alta Reyna ſoberana,

rana, que razão ouue para não ſer queimado por tão diabolico atreuimento, & clara hereſia. *Agr.* O ſeñor, de los hombres es errar, ſon acometimientos de ingenios ſotiles, que no para haſta lo infinito. *Art.* Ora pòr amor de mym que nos digays algũa couſa voſſa. *Agr.* Que no cure ſeñor. *Art.* E vòs quereys que me cuſte tanto? ora leyxayo. *Agr.* Entiende V. merced el Caſtellano? *Ger.* Vemſe das pontas. *Art* A lingoagem, facilmente a entendemos todos. *Agr.* Y trouas ha entendido? *Art.* Não ſey, pareceme a mym que ſy: dizey vòs veremos. *Agr.* Pues oyga aora, y tenga tento, y el ſentido viuo: porque va per comparaciones, coſa de mas dificultad, y artificio: y tanto, que dudo, lo alcançarà, ſino apenas. *Ger.* Por força nos quer fazer paruos. *Art.* Como com noſco ſaõ boçaes, taes cuydão que ſomos com elles. *Agr.* Dize pues anſi la letra, y introito: y note con eſpeculatiua atencion, como va ſubida en eſtilo, y en ſentencia: que en buena fè, depues de auela hecha, mas eſtimè, & preciè ſu compoſicion que ſi me hizieron Conde *Ger.* Açoutado te veja que aſsi es prolixo, maldito juyzo que tem. *Art.* Caro me cuſta ja payralo. *Agr.* Digo ſeñor que eſcuche.

Bien como todo elemento
Se va siempre al natural,
Ansi vuestro pensamiento
Busca de su nascimiento
Hazer obras de inmortal:
Y la diosa gigantea
Sobre las nunes lleuanta
Vuestra gloria, que se canta
Por el mundo, porque el vea
Que hasta Proserpina espanta.

Art. Ah diabo como està boa. *Agr.* Pensè que le parecieſſe mal, en buena cè: eſto es Caſtellano puriſsimo: hala entendido? *Ger.* Pareceme que lhe hey de dàr hũa peſcoçada, porque me vay enfadando com ſua ſimplicidade. *Agr.* Diga ora la ſentencia, veamos. *Art.* E quereys que me lembre ja? *Agr.* No puede juzgar la eſpeculacion que ſe requiere, para alcançar el profundo ſintido, ſin ſaber primero la intencion del author: porque va mucho en eſto. Oyga por tanto, porque la entienda. *Ger.* Eſtou eſperando quando vos ha de chamar paruo, que bem dà a entẽder, teruos por eſſe. *Art.* Leixayo vazar, que eu voltarey ſobre elle. *Agr.* Eſto ſeñor es todo Philoſophia, y Metephiſica, y razon natural del Philoſopho, que dize en

los

los Metauros , toda coſa buelue a ſu elemento, Ariſtolica doctrina , y Platon en ſus Dialogos lo toca : eſcuche que yo me aclaro , como dizimos: hechà vna piedra hazia el cielo,perdido,y acabado aquel violẽto impetu,y fuerça que la mueue, cahe en la tierra,ſu naturaleza.Sopla vna candela, a la miſma hora ſe buelue aquel fuego que la encendia a ſu region lamental do procede. De las agoas no hay quiẽ no ſepa que toda ſe ahunde en la mar , Salamon lo dixo : todos los rios van a la mar:donde le aludio ſingularmẽte el Manriquez, nueſtras vidas ſon los rios , que van a dar en la mar:ſecretos ſon profundos de Dios que puſo en las creaturas. Cahe V. merce en eſto? *Art.*Muyto bem. *Agr.* Pues luego lo miſmo,porque apliquemos lo dicho. Como nueſtro animo ſea inmortal,queſtion harto ventilada , mas eſto es lo cierto,aunque muchos Philoſophos lo ignoraron , y yo no lo dudo. Trabaja pues eſte animo compellido de ſu immortalidad,y pretende hazer obras inmortales: lo que ſe vè claro en los generoſos, y nobles de heroicos eſpiritos, ſegun V. merced ora es,y otros tales.*Ger.*Como he neſtes certo ſer meigos,& leſungeiros, a fim de ſeu interece. *Agr.* Por donde queda la comparacion proſpiſsima,linda, y galanà, aunque en el cauallero a que la hizo

quedò

quedò muy falto que deuiera cumplir para comigo. *Ger.* Como està magoado, todos saõ amigos de seu proueyto. *Agr.* Aca en Portogal, penso, la gente no es destas cosillas de ingenio, y de ciencia, ni creo las entienden, y de aqui viene no preciarlas. No hay otra tierra sino Castilla, para hõbre viuir por su abilidad, y ser conocido, tratado, y regalado entre los mejores, que en buena fè de gentil hombre, con mi caparota, me sentaria entre Duques, y Mayorazgos, pues y que tales? Los Ifantes de Carrion, y los de Lara, ya los aurâ oydo nombrar. Hartas vegadas, por vida del Rey, me he visto con el Duque del Infantazgo, y con el de Najara pareja como hermanos, platicando en donaires, y mil cosillas buenas, sin hazer diferencia de personas. *Ger.* Tudo a pouca vergonha ousa, & faz. *Agr.* Portogal, señor, no es para hombres de bien. *Ger.* He logo para velhacos, como tu es: todos dizen mal delle, & vence cà como à terra de Promissaõ. *Art.* Ha muyto q̃ viestes de Castela? *Agr.* Quinze dias aurà que soy llegado en esta ciudad, y Dios sabe, que nunca pensè venir a ella: alomenos tan destroçado, que se afrenta la persona de sy mismo en mirarse tal. *Ger.* Ia tardaua o fazerse fidalgo: ha de dizer que vem por omezio. *Agr.* Empero, pues Dios fue seruido, el sea loado

con

con todo, yo me ſatisfago, & contento con tener ingenio mediano, y no ſer del todo neſcio, como los ha muchos por acâ, cà mientras la perſona tuuiere ſalud, no le ha de faltar del pan: porque la ciencia en toda parte es mantenimiento, y prouiſion. Y como dizia el otro: todos mis bienes traigo comigo: aſsi lo eſperimentò aquel tyrano Dioniſio Rey Siracuſano, que cayendo de ſu ſilla Real, vino a enſeñar muchachos, mueue fortuna ſus aguas dulces. Harto deſcuydado viuia ya della, mas como raramente perdona a los buenos, hallome, quiça, de ſu juriſdicion: porque no pudieſſe alabarme del mundo traidor. Bien lo dixo por cierto, aquel Legislador Solon Atenienſe al rico Creſſo, que antes de muerto, no penſaſſe llamarſe dichoſo. *Art.* Sei que ouueſtes lâ algũas deſauenças. *Agr.* No entiendo ſeñor: q̃ llama deſauençias? (*Ger.* Samos Gregos para elles, & o dia que entramos em Caſtela, cumprenos trocar a lingoagem, porque nos entendão, & aſsi o fazemos, & elles de brutos, & maçorraes, em toda ſua vida alcanção a noſſa, viuendo antre nós.) *Art.* Brigas. *Agr.* Ah bregas, quiſtiones, pendencias, diſcenciones: mire como es copioſa nueſtra lengua. *Ger.* Para mentir, tudo o ſeu he bom. *Art.* Señor ſy, a ſeruicio de V. merced: bregas han ſido, y harto reñidas

das en buena fè, que jamas falta vn roin, para deſaſoſſegar los buenos. Ca en verdad, anſi Dios me buelua ſano delante los ojos de mi cara madre, y ſeñora, y ſino, que nunca recobre mis perdidas, no era mas mi propoſito aquel, que ora V. merced puede tener de hecharme en la mar, pero no ſe pueden ſufrir afrentas, endemas delante damas, y adrede. Fue el caſo que yo ſeñor mio andaua en caſa del Almirante, y tenia ſu acoſtamiẽto, y aun era harto de ſu ſeno: y vn ſobrino ſuyo de imbidia, quizo afrentarme adrede, y huuieralo hecho, ſin duda, ſegun venia adereçado, ſino me hallara aprecebido, con ſeys hombres, por Dios del Cielo, todos hechos como reloges, me toma en vna calle angoſta, que eſtaua yo con mi guitarra, diziendo vna proſa a cierta ſeñora frontera en vn terrado: yo viendolos deſembainar, hago vn tiro con vna pelota, y hecho los dos por tierra, como lo pudiera hazer con vna eſcopeta, y con mi eſpada, y rodela, que es vna buena arma defenſiua para tales tiempos, arpele a todos los cuerpos, como ſi traxeran armas de caſco de cebolla. En eſto ſobreuino la juſticia: yo por no caer en manos della, y ſer neceſſario ſufrir ſu mala creança, ſalgome como Leon por antre los porquerones, hiriendo a dieſtro, y a ſinieſtro en ellos, como

en

en abejas. *Art.* Não ſey qual he mays partuo, eu em ouuilo, ou elle em cuydar que o creyo. *Agr.* Y deſpues que acà ſoy venido: porque yo no parè haſta paſſar la raya. *Ger.* Eſſa creyo eu. *Agr.* Hame dicho, que de mortajas hize ricos los clerigos, y para curar los heridos, fueron llamados los medicos de Aragon, por no baſtaren los de Caſtilla. *Ger.* Iſto ja não he pouca vergonha, mas ſuma ſimpricidade: & leixayo hir gabarſe de nós a Caſtela. *Agr.* Anſi que ſeñor, eſta ha ſido la cauſa de my deſdichada venida en eſtas partes, loado Dios, con mi honra ſana. *Art.* Como he voſſa graça? *Agr.* No entiendo ſeñor. *Art.* O voſſo nome. *Agr.* Mi nombre, ſeñor, Agrimonte de Guzman, a ſeruicio de V. merced, y de los buenos. *Art.* Soys da caſa de Guzmão? *Agr.* Señor ſi, a lo que mandare. *Art.* De que terra? *Agr.* De Siuilla la noble. *Art.* He grande pouo? *Agr.* Tomà por ahi ſi es grande, es coſa de admiraciõ. *Art.* Abaſtada? *Agr.* No ſe pue de penſar, ni imaginar, por Dios, mas anegas de trigo penſo coge Siuilla, que hay peces en la mar, y eſtrellas en el cielo. Pues el azeyte de ſu Axarafe, valgame la verdad, que no querria deſcomedirme: mas ſin duda, puede hauer otro diluuio, ſi a caſo llouieſſe. *Art.* Ouui, & vereys onde para Serà tamanha como Lisboa? *Agr.* Màs, mi padre, es Lisboa

Lisboa vn rinconsillo de Siuilla, estoi por dezir que solamente la Iglesia Mayor es tan grande (si mayor) como Lisboa, y no le quito ser harto populosa, pero no tiene que ver con Siuilla. Pues las gradas donde es la lonja, o logar do concurren los mercaderes, es bastante para recoger en si vn exercito mayor que el de Xerxes, aquel que mandò açotar la mar, por le ser rebelde, y no querer obedecelle. *Ger.* Bem emperrado està este, & todos saõ assi. *Agr.* Si V. merced viesse la casa de la contratacion, donde ocurren todos los negocios de las Indias, y se despachan por tres oficiales della: valasme Dios, y que de marauillas hallara: alli podiera ver mas idolos de oro, y plata, yo vi con estos ojos, sin otros muchos, que no tienen cuento, alli vn idolo, que si le pusieron en mitad dessa mar, representara la torre de Babilonia. *Ger.* Ia não estou por o seu mentir, mas ser tão paruo, que cuida que o cremos: a isto não ha paciencia. *Agr.* Dia ha señor, en que entrão dos mil naos cargadas doro, plata, perlas, aljofar, y otras riquezas q̃ no tienen summa: tinaja de oro traen, en que seguro yo sin duda, que quepa el Tajo. Ay nao que trae sem mil arrobas de plata. Salen de la casa de la moneda cada dia recuas de oro, y plata amonedada, como si sacassen agoa del Guadalqueuir,

es cosa

es cosa de ver los montones que en ella ay. *Art.* Espantado me tendes, não cuydey que hauia isso no mundo : & essa cidade serà calçada de prata? *Agr.*Si señor, pues si viesse su alameda, donde las damas van por su deporte espaciarse en sus coches, no ay cosa de tal recreacion. *Ger.* Mas de tanta dessolução, & sofrese. *Art.* Segundo isso, pouco vos contentarà esta nossa terra, que he toda pobreza, & pouquidade. *Agr.* Fasta agora no me satisfaze mucho: màs concepto tenia della, mas por esso dixo el otro : de luengas vias. *Art.* Poys que determinais fazer aqui? *Agr.* Querria assentar con el Ifante Don Luys, cuya fama de magnanimo Principe, fauorecedor de toda abilidad, buela por el mundo. *Art.* Sabey que em partes de sua Real pessoa, condição Real, animoso espirito, & peito creador da virtude, que nada deue aos presentes: & eu fiador, que se vantage aos passados, offerecendose tempo de se mostrar. *Agr.* Por alla nombradia tiene. *Art.* Com justa razão. *Agr.* Yo le tengo hecho vna obra en poèsia, de quanto arteficio pudo imaginarse. *Ger.* Estes como saõ de se apegar ao melhor: em pondo olhos em Portugal, logo amarrão suas esperanças no Ifante, que he a gema delle. *Art.* Fazeime merce que me digays algũa cousa, que vos lembre della: porque

tendes

tẽdes materia para vos esprayar em seus justos, & diuidos louuores se os tratays delle mays que Homero nos de Achiles. *Agr.* Pues por tanto, oyga, vea, y sienta, que quanto la materia sobra a la obra, tanto la obra se lleuanta, y suena con altissimo boato, pues dize, y propone para tratar:

Tome su cythera el Delphico Dios,
Las Diosas Tespiadas hagan su choro,
Y vuestro loor relumbre como oro,
Segun que en nascidos soys el Phebo vòs:
A mi flaca musa, en esto empleada,
Preste sus alas aquel Pegasseo,
Y tiña la tierra el Mauorcio Asseo
Qual Libia quedò de monstros sembrada.

Art. Vay profundissimo, não se pode negar. Vòs deuieys estar afinado quando tal fizestes? *Agr.* Es todo poèsia encendrada, y hagolo yo a la manera del claro, y obscuro de Ioan de Mena, si le ha visto, que nadie ha podido imitar fasta agora. El estilo es heroyco, en que se cantan los hechos de los heroes: y quanto mas va adelante, muestra mas sciencia. Y esto es solamente el exordio. *Art.* Dizeyme, trazeys algũs chistes nouos? *Agr.* Muchos hize ya, empero lo que al presente se vsa màs en

Castilla,

Caſtilla,es buena proſa. *Art.* Que chamays proſa? *Agr.* Siquiera V. merced no entiende? Nunca eſcriuio carta miſsiua a ſu dama? *Art.* Ia vos entendo, cuydey que erão cantigas para andar às Ianeiras. *Agr.* Que diablo de Ianeros? No hay quien entienda eſta vueſtra lenguage. Llamamos proſa vn raſonamiento. Poneſe vn cauallero, y vn galan, con vna guitarra, y habla cantando con ſu dama: ni mas, ni menos como vn coloquio, o dialogo enamorado, y gallano, y es coſa de mucha recreacion, y paſſatiempo. *Art.* Sabeys algũa? *Agr.* Yo hize vna eſtremada a mi propoſito, y en buena cè, que la eſtaua cantando, quando me acaecio la deſgracia que le he contado ſer cauſa de mi deſtierro. *Art.* Ora dizey por voſſa vida, por ſer couſa noua, que deue ſer apraſiuel. *Agr.* No sè ſi ſe me acordarà. Penſo que empeçaua deſta manera.

Proza.

CE ſeñora, que ſe và el tiempo, preſtad ſiquiera a mis terribles anxiedades aquellos çahareños, & indiablados oydos, que de mis inficionadas, y orgulloſas quexas hazen colacion. Vengan ya los relampagos de ſu rubicun-

da vista, y el trueno de la organica voz aliuiara los circunflexos deseos deste miseratissimo coraçon, por coger vn atomo de gusto daquellos rutilantes garços ojos, que me traen enuelezado. No le oygo con el ladrído de los perros, que por hazeros la voluntad muestran quererme dilaniar à manera de vuestros cordeales deseos, que me tienen hecho otro Acteon entre sus hambrientos donayres. Donosa estays señora, pues por vida de los Angeles, que si los Dioses Ytitanos Giganteos se hiziessen de vna conseja, y viniessen contra mi en las carretas que Dario hizo contra Alexandro, no harian mella, para hazerme dàr passo atras de la ingrifada opinion de seruiros. Callà que es zomberia esso. Fresco haze, por el calor en que me enciendo como phenix, y por la Phenix. Tal me tiene, que penso estar em medio de las sulfureas grutas de los Cicoplas. Bueno estaria por cierto quien descendir a sacar dentre las fraldas de Proserpina el Trifauce Cerbero: no creesse ser el mas chico seruicio, que por seruiros, sin seruiros hazer puedo. Hazeisme cosquillas de celos, pues alende del cielo le cumple bolar para se erradir, y escapar de mis manos. Bien sè que buelan mis adrimeticos sentidos, por caçar de escalera mi desuentura, mejor que el aue de Iupiter.

ter. Ah derreniego de la composicion Esspherica, que niñerias son essas, hago pleyto, y homenage a la Claua de Hercules, y al Tridente de Neptuno, que si suelto la rienda a mi corage, de mis ojos, heche centellas de fuego, que abrazen la mar, y le consuman. Y si disparo los congelados sospiros mios, la menos cosa que haran, serà lleuar los elementos, como pajas, a anegallos en las agoas del Cielo cristalino. Iuzgad pues quanto os quiero, y si la razon, por la sinrazon, que me fuerça, y esfuerça la fuerça, que fuerça mi pensamiento a sintir lo que no sentis, y siento no sintirdes, para que yo sienta vuestro dessabrimiento, &c.

Yua por aqui discurriendo en que passan grandes altercaciones, de parte a parte, donaires, renzillas, amistades, y passos sotilissimos de entrambos: cosa mucho para oyr, de quien bien la propone. *Art.* E he grãde? *Agr.* Bien serà de seys, o siete pliegos de papel. *Ger.* Como he prolixo hum Castellano. *Art.* Ora algum dia vos hey de ouuir cantala, que deue ser muyto para ouuir: & haueis me de fazer merce dalgũs papeis vossos: porque eu para cousas destas despirmeis. *Agr.* Yo holgarè de seruir a vuessa merced en lo que se ofreciere. *Art.* Eu tambem vos seruirey. *Agr.* Adonde le

 halla-

hallarè? *Art.* No Paço, & daruoshey a conhecer com os Cortesaõs, & dahi hiremos à minha pousada. *Agr.* En buena hora, mañana yo vendrè. Bezo las manos a vuessas mercedes dos mil vezes. *Art.* Beijamos vossas mãos.

SCENA DECIMA.

Artur do Rego. Germinio Soares.

NAM gostastes muyto da sobeja lingoagem do Castelhano, & como vinha real? *Ger.* Iurarey que vay jurando, que vos tem acolhido, porq̃ todos cuidão que nos vendem com sua sotileza. *Art.* Não vèm com nosco palmo de terra, & nós somos tão apagados, q̃ os ouuimos de siso. *Ger.* Diruoshey hũa verdade, todos somos de perdoenes Deos: tambem antre nòs ha manqueiras que nos elles notão, com muyta razão, mas eu tenho q̃ somos nòs com elles humanos, & elles cõ nosco ingratos: porq̃ aceitamos suas cousas com gosto, & elles sofrem mal as nossas. *Ger.* O peor q̃ lhes eu acho, atinarem mal a verdade de nòs, tendo tanta vezindade, & comunicação: & parece q̃ não

não gostão o bom nome Portugues, achando a a nossa amizade tão certa, que nunca lhe erramos nella. *Art.* Não sey se somos assi com toda nação, que se nos acha em discuberto, não nos perdoão, & fingemse amigos, quando não vem a sua. *Ger.* Tenho que he enueja que nos tèm, & q̃ nos encalma, & afronta, lealdade, & caualaria Portuguesa. *Art.* Como se rirão disso todos. *Ger.* O Castelhano de nós rindo vay, & nòs delle, Deos sabe quem tem razão. *Art.* A razão, he, que nos soframos todos, poys he tão esquiua a natureza humana, que de nada se satisfaz, & de sy propria sinte menos, & a inueja reyna antre os conhecidos: por o que se ha de viuer de tanto me dâ para com o mũdo, visto que quanto mays pretendeys grangealo, menos o satisfazeys: & os que vedes que viuem de artificio contrafazendose em branduras, cortesias, & afabilidades, & tredos sobre tudo: tambẽ saõ entendidos, & tomados às mãos. Por maneira que tudo he, se cuydastes, cuydamos, & então seja discreto quem vòs quizerdes, que eu não sey se ha algum sesudo. *Ger.* Poys por tanto sabeys qual he o bom de tudo? Ser muyto namorado: porque com este aziar dais vento a outra dòr. *Art.* E eu disso sou. Vamos por aqui, & mostraruoshey hũa rapariga, que me não quer mal, & como o pay he

rico,& não tem outra,ſoulhe deuoto,& pretendo encrauala: porque faz muyto em meu partido, cahir neſte atoleiro. *Ger.* E parece bem? *Art.* Iſſo logo lho eſcuſarey,ſe quereys que vos fale verdade: porque como teuer aquella couſa,a que chamais moeda, per que me honrão na Igreja antre bōs, & na praça antre royns,logo ſupre minhas faltas, & as ſuas eu lhas ſofrerey, como não desfazem em minha peſſoa, nem perjudicão meu eſtado. *Ger.* Freos dourados não fazem o caualo melhor, & aſsi ninguem deue gloriarſe, ſenão do que for ſeu proprio, *Art.* Poys por tanto voſſa razão faz mays em meu propoſito. *Ger.* Desfaz logo voſſa danada tenção em voſſo goſto. *Art* Haueys vòs que he pequeno goſto encherme ella a caſa de dinheiro,& com elle muyto deſcanſo para o meneo da vida, & muyta honra nas conuerſações della,& não dos cuydados, & fadigas que trazem eſſas muyto fermoſas pobres? Quereys que vos diga? Eſperança de premio,he conſolo, & esforço de trabalhos: & ja que os hey de ter em ſeruila, não faço mao fundamento. *Ger.* Todauia o contentamento he todo neſta parte: teueſſe eu eſte, & vòs os theſouros de Midas, de que nunca ſereys farto por ſua calidade: porque crece a fame com a abaſtança no auaro, como a ſede com a agoa no idro.

no idropico:& cazar com molher fea,màs rica,he ter bem de comer com fastio:achala boa, esta he a mayor riqueza, nem ha cousa tão gostosa.E poys não he pobre o que tem pouco, saluo o que deseja muyto, não importa tambem, que tal he o estado,se vos elle não contenta:por o que quero mays que tudo o meu contentamento: Eu assi o digo. Que mòr contentamento que cazar com molher que tem moeda para sustentar a vòs, os filhos,& os seus apetites,& não com a que traz para casa presunção sem rayz? Gasto de excessos, alem de sua sorte,& o coytado,caue,roce para lhe sostentar a fantesia nella impropria, & para elle afronta,se o quero fazer,não posso: se o não faço, não viuo:assi que vos armão rostinhos sem lastro de bom cabedal.Eu não me fio tanto da fortuna, serey paruo,& mao galante, que sobrisso não debato:mas daime dinheiro,que o al terâ remedio, & com elle faruoshey da senhora,ortas de Valença.*Ger.* Isso he logo cazar cobiça com dinheiro,& não homem com molher.O casamento ha de ser fundado sobre amor, & não interesse: donde Licurgo mandaua em suas leys, cazarem as virgẽs sem dote,para que nenhũa,por pobreza,fosse engeitada, nem por rica cobiçada, mas escolhida por sua propria virtude, que assas, & bom dote

 he o

he o da casta,& virtuosa. *Art.* Anday vòs a bõs dichos de Philosophos,que o tempo he muyto disso.Essa moucarrice,passou ja, & se Diogenes,como dizia Aristipo ja , então soubesse o vsar dos Reys,não comeria verças , & outro tanto vos digo eu , se gostardes dos prazeres da riqueza , & cairdes bem na conta de seus proes, & percalços: riruosheys doutra fermosura,porque não podeis negar que a necessidade em toda cousa he trabalhosa, & ao homem sobre tudo lhe he necessario possuyr,& tudo o al pode escusar, & inda que tenha a prudencia de Radamante,& sayba mays q̃ Sisipho,não conjunta. O neruo da guerra, dizem que he o dinheiro,& eu digo que he neruo da vida,& o todo,& de tãta força,que tudo arraza.Este dà gosto,dà molher,dà pay,dà filho:& se falta,fica tudo engelhado, como terra sem agoa. Poys amores , nenhũa cousa outra os faz corridios, como dinheiro:& sabey que he sangue , & alma do homem,que se o não tem , anda morto antre viuos.E sabeys quanto pode? Que resiste à mà ventura,á infirmidade , & a todos os males. Encobre as faltas,aformosenta os defeitos, adquire as vontades , faz suaue , & aprasiuel a conuersação. E aquelle corno da abastança, que os pintores pintão com fruytas,& flores, he a figura do dinheiro com

com que tudo vos sobeja, amigos, valias, erdades, tudo em fim: acatado do pouo, seruido de quem volo não deue, sofrido dos que vos tem por insofriuel, discreto sem o serdes, venerado dos imigos, & atè a natureza vos renoua: porque sendo desmazelado, feo, apagado, & mudo, vos cõuerte em lustroso, galante, conhecido, & eloquente, & atè enfermo o faz contente por os remedios que lhe sobejão, & a outros faltão. Por onde não deueys acoymarme pretender ser rico, sendo o selo tão necessario, tão fruytuoso, & tão sabido, inda que gema cõ mimo de gota: q̃ eu para mym tenho, q̃ não ha pobre saõ, poys não ha mayor necessidade, & rideuos doutra discrição, poys sem dinheiro não tem lustre, nem voz. E por isso respondeo Simonides, perguntado qual era melhor, possuyr riqueza, ou sabedoria. Vejo os sabedores frequẽtar as casas dos ricos, & agora dissera idolatrar os poderosos, & de maneira que hũa bolsa de couro per sy he sem preço, val segundo o dinheiro que tem. Assi os ricos que de sua natureza saõ nada, saõ estimados segundo o dinheiro que tem: porque vèmos que os incrinados, & dado á musica, às artes, & a tudo o mays que quizerdes, todos juntamente desenhão seu final intento ao tèr dinheiro, & como tem este, tudo o al despreza, ou

tèm

tem por acessorio: porque com o dinheiro lhe entra o credito, a discrição, & quanto pode desejar. agora filosofai vòs quanto quizerdes, mas a verdade he esta. *Ger.* Não podeys negar da riqueza ser viciosa, & soberba, de pouco saber, & couarda, esfaimada: porque quanto mays tem, mays deseja, enuejada, acoymada, não estima os bõs dotes da alma: porque se funda no que tem, & com o vicio corrompe os do corpo: perde o sono, que he o mayor descanso da vida: tudo lhe he sospeitozo, os seus filhos saõ os peores: porque os dana a abastança: se quer lograrse, gastase: o guardala he trabalhoso cuydado: o adquirila desejo insaciauel. E dizia Socrates, que na cidade prospera, & na casa rica, não acha a virtude morada: quando viuo, aborrece, quando morto, não chorado: & mil outros males, que o rico não entende, & padece. E basta que a fortuna dà a riqueza, a escaceza a conserua, & a liberalidade a desbarata, & raramente dura. *Art.* Cousa tão esperimentada no vso de cada dia he escusado profiala, & a vòs mesmo vos dou em proua. *Ger.* De modo senhor que vossa dama he fea, & quereila arrayar do alheo? *Art.* Não digo eu tal. *Ger.* Dailo logo a entender em procurardes sostentar o partido das feas. *Art.* Entendeyme vòs senhor. Eu digo, que não me

mato

mato por fermoſura tal eſtreme, quãto ora muy-
to,que antes a queria amoedada. Cà bem ſabeys
que beleza,y virtude, não caza neſte tempo. *Ger.*
deixa de ſer mal feito, & bruteza de juyzo. E por
iſſo dizia Ariſtoteles, preguntado porque erão
amadas as couſas fermoſas, que era pregunta de
cego, & por tal deue ſer tido quem não ſe render
à afermoſura, mayormente virtuoſa, & a não an-
tepozer a todo o al, que o mundo tem, que eſta
gainha amigos, & não pode ter imigos, & he na
molher, qual a força no homem: & de não ſe ter
muyta conta com a virtude fermoſa, cuydo que
ha muytos mal cazados, que he vn laberinto in-
fernal, de que não ſe ſae, ſaluo por morte. Ora não
vos lembre iſto. *Art.* Senhor meu, haſſe de viuer
com o tempo, que poem, & tira leys, o qual nòs
meſmos fazemos mays cuſtoſo para nòs com noſ
ſo deſcomedimento, & nouos exceſſos. E deſte er-
ro nacem todos os outros maos foros que temos
admetidos: eſtranhamos, & ſeguimos: culpamos,
& fazemos. *Ger.* Aſsi he, mal pecado, ninguem po-
de fazer o que entende, ninguem entende o que
deue, & o mundo, todo he qual Deos melhore.
Art. Poys portanto he bom, quem pode, melho-
rarſe em ſer rico para ſer nobre: & antes que ca-
zes, cata que fazes, que não he nò que deſates.

Cazar

Cazar pobre he desauentura que dureatè morte: porque a pobreza, sabey vòs quanto quizerdes, sempre foy afronta para a vida: & fermosura não mata fame. Mas por cima de tudo isto, assi pareça a minha dama, como me ella parece. Os seus olhos saõ cometas: poys o rosto he da estrela Boyeira pondose o Sol. Cabelos, não ha mays linho alcaneue. As mãos, não venhão alfeloas da çuquar rifinado. *Ger.* Noua maneira de gabos he essa. *Art.* Poys quereys que seja eu tão paruo que me lance pelo estilo dos Poètas, que todos vão dar consigo em hum mar de etiguidades, que enfastião? *Ger.* Eu senhor tenho minha poèsia noua, & faço minha viagem por fora da rota de Ioão de Lezina, & benzome da vitola dos antigos como de espirro: porque saõ musicos de fantesia sem arte, & não alcançaõ o bom dagora, que tem furtado o corpo a idolatrias contẽpratiuas quando lhe dizia: en tus manos la mi vida, encomiendo condenado, & então logo morrião: vinhão os testamentos, os infernos da mor, & tudo era ayre. E vòs jaseys na cama, & eu ando pela lama, & a dita senhora sua dama estaua mays vaã que Helena, quando do Alcaçar Ylion via matarse sobre ella toda Asia Assentay hũa cousa, cada vez os homẽs sabem mays. Não vos abafem velhos com

vos

vos dizerem: no meu bom tempo era hum Rey tal,os ſenhores taes, os galantes faziáo,& aconteciáo:tudo ſaõ patranhas,ninguem me fale arauia, ſabem mays deſaceys annos dagora, que os ſeſenta dos paſſados. E de ſe hirem açacalando os engenhos modernos,ficão os antigos botos,& ferrugentos,que não tèm aço.Por tanto não vos vades per o que dizem, que ſe lhes deſaprazem os trajos curtos,nos rimos dos com pridos,& ſomos táo apurados ja no bom ſentir,que o que elles tinhão por gentileza,condenamos por groſſaria.Ia não ha quem endoudeça da mores : he mays ſeſudo o mancebo dagora, que cem Demoſtenes, de quem contão por eſtremo, que não quiz dàr dinheiro a Layda, dizendo que não compraua o arrependerſe. E os galantes modernos refinados, não sòmente o não dão,antes o pedem,& aceitão das damas, que he outra diſcrição apurada. *Ger.* Ia eſſa opinião he peor, & aſsi còramos noſſas faltas em tudo. O ganhar dinheiro com dinheiro, chamauaſe onzena, de que os paſſados fazião carantonhas:agora eſtà tanto em vſo, & coſtume,& a maldade o facilitou de maneira, que o primite entre ſy,& chamayslhe cambio:mas o bom diſto Deos o aproue. *Art.* Per hy o que vos digo como ſe vay apurando o ſaber, & de maneira que cada

dia

dia ſe deſcobrem nouas terras, & regiões hauidas por deſabitadas, & innotas dos antigos: aſsi também ſe achão nouos eſtilos de vida, antigamente não permetidos, nem alcançados, fauorecidos, & louuados agora. Por onde não eſtranheys, nem hajais por mal, terſe o amor acomodado ao coſtume, & habituado ao proprio intereſſe que lhe dâ ſombra para vultar, & luſtrar, & não ſe tem em mays preço a peſſoa, ſaluo ſegundo o que poſſue. *Ger.* Aſſas mal he eſſe, & occaſião de muytos. Aquelle grande Temiſtocles Caualeiro Capitão, & diſcreto, cometẽdolhe dous homẽs para cazar com ſua filha, eſcolheo o virtuoſo bem coſtumado, antes que o rico: dizendo que queria mays o varão ſem riquezas, que riquezas ſem o varão. *Art* Iſſo paſſou ja com os ~~Borrões~~ gorrioens de meya volta. Não ha couſa que encubra manqueiras, & aformoſente faltas, como moeda. *Ger.* Ah hiuos di: como ſe pode negar jurdição â gentileza, damice, galantaria, arte, & diſcrição de hũa gentil dama, abrigo de hum apaſsionado eſpirito, que a contempra por a mays rica, & fermoſa peſſoa que a natureza tem? Aquella graña que faz rir o mundo? aquelle deſpejo que lhe dâ bataria? & aquella meguice que rende os brutos? Fraco he o juyzo que lhe nega obediencia, & de tudo ſe lhe deue a eſcolha.

a eſcolha: mas ſoys muyto mao namorado, eſta he a verdade. *Art.* Vos deueys ſer perdido por damices, & querelasheys que ſejão hum chocalho, ou pandeiro, & eu vou noutra bolta, riberas del Doro arriba: não quero molher que me paſſee pela caſa nos bicos dos pès, com torcicolos, & o corpo de engonços, & meſuras requebradas, ſem mays cuydado da caſa, & quando muyto, de ouciosa, faz algũa hora desfiados. *Ger.* Segundo iſſo, não ſoys de hũs que dizem, que he de vilão roim querer que fie, & amaſſe. *Art.* Eſſe mao: Octauio Auguſto Monarcha da Aſia, nas armas, & letras ſingular: mandou a ſuas filhas aprender todo oficio, com que a molher pode manterſe, & aproueitarſe, & aſsi fiauão, & tecião tudo o que veſtião: porque a molher ouciosa, nunca fez bom feito, & faz muytos maos. *Ger.* Vouuos entendendo, quereys rapariga caſeira, fazendeira, tauanes, que em caſa de ſeu pay traga as chaues, manda o almoço à vinha, eſcolhe azeytonas com luuas de cabrito, & forneja na quintãa, gabada do pay de moça de grande recado, & ella encomendalhe que lhe traga da feira hũa ciranda para a çafra. Poys ſabey q̃ para a minha arte, antes a queria fanqueira que gaſte a vida em tirar ouções, & ouuir ouciosos. *Art.* Vedes que não cahis neſta muſica, que a molher

lher haueyla de querer que seja hũa cordeira, ma tinada da mãy sò sofrer as carrancas do pay, corrida, & não despejada. *Ger.* Segundo isso, quereis que seja paruoa? *Ar.* Diruoshey: receber gloria do alheyo, he cousa vaã, & a discrição de minha molher, não me faz discreto: ja se ella entra em dominio, & por ter em pouco o marido, & fazer de sy muyto, toma a mão a mandar tudo, adubar as vinhas, fazer obras, & pagar a feria: estas pegas são basaliscos. *Ger.* Não me podeys negar que tem grandes quebras molher paruoa: porque Eua pecou de necia, & he necessario que o não seja da malicia do homem, que como naturalmente são incrinadas a nouidades, se não são traquejadas na noticia das cousas, sobejamente recolhidas, com hum birimbao se enganão. Ora vede se està bem auiada, & segura a honra do homem, que pende da cabeça de hũa borboleta tola. *Art.* Para mym a mays perigosa he a que presume de discreta, & o perderse ella, està em terse por essa. Eu sou de hũa alma singela, que aprenda de mym, qual a de elRey Geron, que não estranhaua chirarlhe mal o baso: porque cuydauão q̃ tal era o de todos os homẽs. Esta simpreza me ar ma, antes que os resabios de hũas graciosas, que falão desenuolturas, & as cengas que zombão do prègador:

prègador: porque eſtas, com nada acertarèm, nunca cuydão que errão, & a que menos fia de ſy, acerta. Nem nas cerimonias da Igreja a quero deſtra: porque não ſey ſe lhe dâ deſneceſſaria fouteza, & confiança para o acatamẽto diuido. E con feſſouos, que ando tomado do muyto deſpejo q̃ lhes neſta parte vejo. *Ger.* Senhor, a peor gente do mundo he homẽs, & molheres. De ninguem ha que fiar, & de todos que temer: por o que me reſumo, que não ha ley que não tenha contradição, nem eſtado ſatisfeito, nem acerto que não ſeja notado, nem cautela que não tenha contramina. Fiome tão pouco do ſaber humano, que me rio de todos os ſeus tentos: não vejo grandes erros, ſaluo em grandes diſcretos. Todos receceamos os coſtumes alheyos, & lecenceamos os proprios. Sabeis a couſa que me não leua o eſtamago de canſatiua? Querer ninguem conſolar outrem. Vereys que hum homem rebatido de ſua mà ventura, de qualquer ſorte, com dòr, & ſentimento q̃ o eſtila, volteando ſobre magoas, & o conſolador muyto pratico, & deſſenhado com o penſamento dali a cem legoas em ſeu goſto, dà razões exquiſitas cõſolatiuas, todas infiadas em prouarlhe ſer bom o eſtado miſero, & que aos ſeus amados apura Deos nos trabalhos, q̃ aſsi entrou o mũdo,

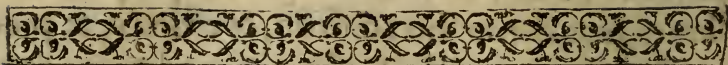
 & ha

& ha de ſayr, & por aqui mil maraualhas mays caldeyadas que recuerde el alma dormida, & quem padece,padece:porq̃ não cuydo que pode conſolar,ſaluo quem pode remedear, & todas eſſoutras caramunhas conſolatorias, he vento. Eſforços de ſaós para doentes, ſaó enxaropes que o eſtamago apaſsionado, em os ouuindo arrebeſſa. Eu tenhome cõ o que dizia Chilon, que aſsi vos lembre a morte,que não vos eſqueça a vida. *Art.* Beijouolas mãos ſenhor,não digo eu mays. Folgaria muyto cõ a molher diſcreta,fermoſa,agraciada:mas hame de lembrar ſe traz alforge, para paſſar a vida,que a morte não he mà, mas o caminho para ella ſi:& ſe eſte he mao,que outra couſa he melhor? *Ger.* Soys muyto profioſo,& cabeçudo. Não ſe pode falar comuoſco de ſiſo:homẽ tão mundano,& tão entregue a vaydades do mundo, para q̃ he bom? Ora vinde ca:aſsi como vòs jueirays a molher,& não lhe ſofreys eruilhaca (porq̃ falemos moral) porq̃ não ſe terà eſſe exame nos homẽs. Que eſtè hũ coytado de hum pay criãdo hũa filha nos ſeus olhos, mays mimoſa que hũa alcorça,mays enfeytada que hũ bolo de rodilha, mays velada que hũa fortaleza antre imigos, matinada como hũa oxa,doutrinada como hum podengo, & que lhe ajunte hum celeiro de formi-

migas

migas para contrapezo da ſua virtude, & do ſeu primor: para aſsi carregada como ouriço cacheiro a entregar muytas vezes a hum vſſo que a não entende,nem eſtima, nem ſabe tratar? Que razão ha para antes que eſte pay tão namorado deſta filha,que todo ſe deſuelou por empregala bem, & a criou com tãto amor,& que nella tem o ſeu goſto,& por ella ſe deſpede do q̃ tem:não deuaſſar, & tirar hũa grande peſquiza da condição,da calidade,da vida,& dos coſtumes deſte ſenhor,que pede,& eſcolhe molher nobre, diſcreta, ſeſuda, fermoſa, & virtuoſa,& rica? E elle quiça carece de tudo iſto.Sòmente diz,que tem moyos,& que ha de ſer, & acontecer. E o dito ſenhor foy criado em muyto vicio,& muyto mal acoſtumado, & muyto neſcio,& desbaratado,& ſobre tudo mal acondicionado.Ora porq̃ tem moyos,entregailhe,ſem mays conſideração o voſſo mimo.*Art.*Eſtà bẽ põderado,& diruoshey,como diz o Cura:diga cada hũ por ſy, como eu digo por mym. Quem çazar ſua filha,veja o q̃ faz,que inda vos en confeſſarey, q̃ ha menos homẽs de tomo,q̃ molheres, quanto a mym,bẽ parece o primor nellas.*Ger.*Poys como ha contentamento, o comer nunca faltou, que a prouidencia Diuina aos bichinhos ſuſtenta. *Art.* Não vos tenhays a eſſas atenças. Viuer â mer-

ce de Deos, ſanto he, mas queria ſaber ſe viueys para lha merecer. *Ger.* O ſenhor o faz, porque he viſto que ante elle não ha merecimento, ſaluo o que elle habilita, & ella lho merecerà por orações: porque todas ſaõ deuotas. *Art.* Cuydo que não lhes dura eſſa deuação, mays que em quãto ſaõ ſolteiras, por cazarem, nem o laurar, & outras habilidades que ſoſtentão por acreditarſe, a fim de ſuas eſperanças. *Ger.* Ora vòs dizey o que quizerdes: mas eu as tenho em melhor conta, & reputação que os homẽs. A charidade, & amor, que em nòs falta, ſobeja nellas. A deuação de que carecemos, ellas a tem, & todos ſeus erros, ſaõ culpas noſſas. Na molher gainhaſe companheira para conſelho, & para esforço nas fortunas, para goſto nos prazeres: diſcrição para o gouerno da caſa: amor para crear os filhos. Finalmente hũa manilha para o que quizerdes: & ella gainha no homẽ hum imigo diſsimulado, hum catiueiro forçado, hum ſenhorio trabalhôſo, & hum laberinto de vontades, & deſgoſtos que ha de ſofrer com rizo, & pairar com ſizo. E ſobriſſo ha de compralo, & elle reſgatala para vendela: porque não ha coração de homem, ſingelo para molher. *Art.* Tambem ellas coxeão neſſa parte. *Ger.* As erradas q̃ ſaõ poucas, mas as virtuoſas q̃ ſaõ as mays, ſaõ puras.

puras. *Art.* Sem razão ſeria negar ſeu preço às molheres, mas como lho confeſſo, & eſtimo, & pretendo ſoſtentar nella, & iſto não podera ſer ſem moeda: & como a não tenha ſobeja, queria que lhe não faltaſſe a ella, ja que ſe aforarão em gaſtar em veſtidos, & vaidades, mays do que podem. E poys ſaõ deſcomedidas no eſcuzado, não ſe eſcuza trazerem o ſoprimento de ſeus exceſſos, ſem os quaes ſe podera viuer com goſto, & ſem neceſſidade. *Ger.* Niſſo não ha que negar, & he hum mal gèral, & ſem cura. *Art.* Poys por tanto, que o padeção, ja que o cauſaõ, & o tempo caſtigarà tudo. Câ não he ſofriuel a deuaſsidão que niſto vai. E porque vejais quanta razão tenho de me prouer neſta parte, anday, & hiruoshey moſtrar eſta rapariga: & vòs me confeſſareys, que he para a ter em algodão como almizquer: para o que ha meſter muyto, por mays que tenha, & que eu a queira por o que tem. *Gre.* Vamos ja que aſsi he.

ACTO TERCEIRO.

SCENA PRIMEIRA.

Dinardo Pereira. *Grasidel de Abreu.*

Rocha. *Cardoso.*

Eyjolhas. *Gras.* Que nouas? *Din.* Assentarão na casinha, que quem não tem dinheiro, não faz o que quer. *Gras.* Grão certeza. *Din.* E diz que ouue braua altercação, & controuersia antre os Bachareys, & o vosso voto monsiur Rocha, que dissera aqui? (*Roc.*) *Auri sacra fame*, tudo agora he cobiça: mas Aristoteles dizia, que era melhor filosofar, que enriquecer. Isto porem foy quando imperaua Alexandre, que tinha Homero na cabeceira, & ja então disse Diogenes que era o ouro amarelo, por se temer de todos os que o buscauão, mas que oxalà dessem todas as aruores tal fruyto. *Din.* Eu sou disso. Soys grão padre de lechones, & homem de barba para

conse-

conſelho. *Car.* Companheiro, ha que comer? *Roc.* Tamanha galga trazeys vòs? Ouui primeiro as ſentenças de voſſo amo. *Car.* Mas as paruoices. *Din.* Ora leixadas paixões, querome entender cõ voſco, que o ledes, & entendeys. O jantar eſtà para dous toques? que eu, de voſſa licença, tragolhe gana. *Roc.* Inda tem vagar: antretanto pode fazer ſonetos. *Din.* Ah galante, ſou eu vòs para ter eſſa habilidade? Em fim, que zombamos? *Roc.* Logo ſerà ſeruido em vindo o mulato com certos eſcabeches. *Din.* Sejays bem cazado com a filha do juyz. Voſſa panela arredada, ja me entendeis: vinho em frio, fatia de laranja, &c. E rideuos dos banquetes de Luculo, que o comer, ha de ſer que não empache o eſtamago, ſegundo Auicena, ja ſabeys. *Roc.* Eſtou no cabo, mas leixemos eſſe eſtado para o Cura Dalhoſuedros. *Din.* Por iſſo ſou perdido por vòs, que com voſſos pòs de Latim, fazeys roſto a tolo, digo Tulio. *Roc.* Parceiros hacharey. *Car.* E não poucos. *Din.* E ſoys para gouernar Veneza. Ora poys que aſsi he, tocarey o rapaz do Conde ~~Daros.~~ Claros *Roc.* De prazer vem voſſo amo, algum paſſarinho nouo vio là. *Car.* Veria muyta má ventura, q̃ anda ſempre apos eſtes. Paſcoa mà venha por quem mo enculcou, que tão paruo he. *Roc.* Poys muyto ſaberà quẽ lhe tirar da cabeça,

que he aſumma da corteſania,& diſcrição,& eſſa he ella a paruoice refinada, grande confiança, & pouca poſſe : ſaõ gentis partes para medrar para alfeloeiro. *Din.* Pregonadas ſon las guerras de Francia contra Aragone. *Roc.*O que elle tem para ſeu remedio,gentil vòz.*Car.*Tal ſeja ſua vida,& a minha , poys o demo aſsi o quiz. *Din.* Como las haria triſte , viejo cano , y pecador : ah pezar de Mafoma. *Car.* Quebroulhe a prima , inde bem. *Din.*Vedes,eſte deſàr tem a muſica, quando eſtais no melhor, leixauos em branco hũa prima falſa. *Graſ.*Deſſas achareys muytas.*Din.*Como vòs porem eſtais real aſsi empreſſado com eſſa varinha. Não ha mays eſtribeiro Africano, que foy alueitar. Que homem ſe perde em vòs, para tirar para a cera da Atalaya. Bem parece que não tem ſua Alteza a informação de vòs , que deuia poys vos leixa aſsi às moſcas , ſeruindoſe de neſcios ſolobros.*Car.*Ia meu amo começa,elle entrarà ora na eſcaramuça do praguejar. *Roc.* Leixalos zombar de hũs,que não faltarà quem zombe delles.*Din.* Eſtou para me enforcar,por quão enganados ſaõ os Principes com paruos, & eu que o ſou mayor: porque não tenho cem mil cruzados de renda cadora para os não ver , ſaluo por jubileo , & dár quatro figas a eſſes ſatrapas que os chupão ſem dò.

dò. *Car.* Vejo eu logo mao caminho para os terdes, nem de contado. *Din.* Diz que hei de ver, & ſofrer valias ſem merecimento, & quem o tem, anda às canaſtras, & então leixai mandar, & ouui falar cabrões naſcidos das eruas, muyto foutos sẽdo moucarroẽs muyto negẽtos. *Graſ.* Como vòs vindes brauo, ſey que vos picarão, que ninguem quer juſtiça em caſa. *Din.* Quereys que tenha paciẽcia com ver corações, lançar corninhos ao ſol, alcandorados em toda ſoberba da ſua fortuna, ſem habilidade, a cujas carantonhas, eu leyo os bofes, cujos principios forão tão raſteiros, como elles eſquecidos do que erão: & os que tem por aução, não podem arribar ao honeſto. *Graſ.* Quão longe de vos contentardes com o juſto: iſſo ſaõ eſcumas de enueja. Fazey vòs os perſonages que elles fazem para ſobirem, & não vos queixareis de vòs. Daime vós a condição ſeruil: porque o ſaber não baſta para dobrala, ſaluo à força de neceſsidade, & inda aſsi mal. Tanto pode a natureza de cada hum, que o que eu forçado não acabo comigo, faz outro com goſto. *Roc.* Sofrey logo quem tem tudo para vir â ſua pretenção: que a nobreza adquireſe viuendo, & não naſcendo, que a virtude do pay, raramente ſe paſſa ao filho: & muytas vezes ſe vè no filho a que o pay não teue.

Ceſar

Cesar mays claro foy que o seu, & o filho de Cipião Africano ficou oscuro. *Din.* Não me podeys negar que atè nas alimarias, & nas prantas tambem se mostra a virtude, & calidade do tronco donde procedem. Tudo o que nasce, tem semelhança da quilo de que nasceo. Não vos nego, porem, que vay muyto na creação, doutrina, exercicios, conuersações & costumes, que aformosentão tudo: he como a enxertia, que parece emendar a natureza. Eu para mym bastarmehia ver estes, q̃ a fortuna leuanta em estado claro, não o merecerem com muytos defeitos proprios, mas saber seus baixos meyos de sobida, & notar seus maos modos de sostentarse, leuamo mal a carne: porq̃ raramente dareys hum destes, que seja sofriuel, & os mays saõ aborrecidos, & de mà digestão, esquecidos totalmente de seu principio. Entender isto me apura, que os não gosto. *Gras.* Sofreyuos logo a vòs, que os não seguis no que lhe notays. *Din.* Poys quereys que hum homem da minha arte, & calidade se faça bogio? Para o puto que assi voasse, não se pode imitar o que vos desagrada. *Agr.* Senhor meu, desenganaiuos, ou se desengane, toda opinião humana de seus escarceos, & furtos, que ninguem vay por onde quer, senão por onde o leuão, & a cõdição propria he leme da fortuna

de ca.

de cada hum,& por tanto, contentese com o primor,de que outros carecem, ſe o tem : que Deos reparte ſeus dões a ſeu modo,& no meſmo modo manda que nos ſofreamos. *Din.* Eſtou remedeado, & quereys que me cale. Triunfem os maos com ſua maldade, & chorem os bõs com ſua virtude. Iſſo armou aos Martyres do meu Senhor Ieſu Chriſto : porque era o cabedal de ſeu emprego. Mas padecer por mundo tolo,carece de ſofrimento em pena de ſeu erro. *Roc.* Pareceme Cardoſo, que eſtes noſſos amos falão largo em caſa, & fora vogão pouco, & ſaõ magoas de acanhados. *Car.* Não que elles tèm todos por paruos,& os diſcretos aborrecem. *Din.* Mays vos digo, porque vejays como ſou carunchoſo, & traça de mym meſmo. Ia entendeys quão precioſa, dina de grande eſtima,& neceſſaria para o vſo da vida,& a recreação da alma,he a amizade em que ſe conſerua toda a maquina do mundo.Ora olhay que fuy cuydar: Eſta meſma amizade, tão frutuoſa antre os bõs, he a mays perjudicial couſa antre os validos:porque primeiramente he falſa,& aquelle carcarejar que vedes quando ſe topão,os çalàs que ſe fazem, as rizadas com que feſtejaõ ſeus bõs dichos,he tudo fingido,o ſeu grangearſe, contrafeito, & o ſeu conuerſarſe, forçado, & tudo ſe reſume em hũa confor-

conformidade de ſeu particular intereſſe, & danoſa ao pouo, antes os queria imigos capitaes: porque eſte odio não pode ſer tirano, & fica afabil aos outros. *Graſ.* Não lhe erraes vòs a junta, & a eſperiencia o aproua. *Din.* E quereys que baſte ſufrimento para diſsimular com magoas tão pubricas? *Graſ.* Fraca vingança, & de baixo eſpirito he o praguejar de ninguem. *Din.* Peor he o fazer porque ſenão que hũs padecem, o que outros logrão. *Graſ.* Ao inuejoſo entriſtece a proſperidade dos bõs, & ao reprendedor, a dos maos, & aſsi todo o dano he ſeu. Faça cada hum o que deue por vir ao que pretende: leixe ſubir quem pode, que ſeu trabalho lhe cuſta. A bonança do bom, he juſta, a do mao, carga para mayor pena. Meta cada hum a mão no ſeo, & veja em que altura eſtà. Ao proſpero, he a vida goſtoza, & a morte, aborrecida. E pelo contrario, ao malauenturado he a vida pezada, & anojoſa, & a morte deſejada: o que tudo para os poderoſos he peor, que tem mays cuydados, & mays temores: por onde, ha pouco, ou nada que enuejar a todos os preſentes, & muyto que recear do por vir. *Roc.* Bem podemos nòs Cardoſo, eſcuzar hir aos ſermões, com eſta lição dos ditos ſenhores. *Car.* Todas aquellas razões ſaõ boas de dizer, & màs de fazer. Queria eu ſer po-

deroſo,

deroſo,& então gritem, & ameacem prègadores, que elles bem ſemeão a terra,mas o grão naſce mal,& prẽde peor.*Roc.*Eu diſſo ſou,boa he a doutrina,ſancta,& neceſſaria:mas eſtes altos ſaõ (como dizem) do Monte Olimpo, em que não ſe mouem as ſinzas dos ſacrificios que nelle fazião: porque lhe não chegão os ventos. Nòs cà a gente raſteira mays aſinha nos alauarcamos: por onde quem vos gauar o eſtado conſolado, gauailhe o inuejado: quem gauar Italia,& todo mundo, gauarlhe Portugal, & diga cada hum o que quizer, que na vida não ha mays que ſatisfazerſe homẽ comſigo,ſem ofenſa de Deos. *Graſ.* Fazeime hũa merce: fazeyuos cego para toda empreſa alheya: na voſſa ponde voſſas forças. Contentayuos com o voſſo jornal,que pay das familias,he,repartir o ſeu á ſua vontade. *Din.* Tende ponto : he muyto velho ja o bom falar : tomay a Cruz, & hiuos ao hermo,que no meyo das ondas,São Pedro ſe afoga, ſe lhe Chriſto meu Senhor & Deos não dà a mão.*Car.*Meu amo eſtà no certo,que eſſoutros inchados que puzerão o goſto em enlear o mundo com fingimentos.Poem o peito no Ceo,para deſcer à terra com o bico, & vnhas a que voão com ſeu intento.*Din.*Eu ja não lhe hey de contrafazer por nenhum intereſſe do mundo, nem darey o

goſto

gosto de praguejar certas horas, por todo o ouro do mundo. *Gras.* Exercicio de ouciosos,& culpados : coytado de quem padece suas magoas. *Roc.* Não que vòs cuydaueys que era ella como eu , q̃ nasci para sofrer vossos mimos , & purgar peccados. *Car.* Porque? que passou? *Roc.* Zombou a dama delle altamente,& elle està sem paciencia. *Car.* Folgo : outro tanto queria eu que minha ama fizesse a estoutro , não velariamos toda a noute, & sabey que ella o traz braza : elle he aleijado por ella,& jura mym,que mays bela foy Helena. *Roc.* He condão das feas,serem ditosas : em desconto, parece,da vaã gloria das fermosas. Mas meu amo & eu,andamos atropelados:porque Dorotea fesseme peor que sua ama , & passamos ella , & eu hũas ciueis, em que nos calafetamos : & despejadamente me disse, que era liure, que me fosse enforcar. Eu com esta rayua fizlhe hum vilhancete, & determino mandarlho : porque agora que me ella despreza , parece que me toma o demo por ella,não sey se com rayua,se com amor. *Car.* Mostraymo , farey tambem minha ajuda. *Roc.* Sou contente. Vedelo ahi , & voulhe diriuando o nome.

Dorotea

Dorotea, dòr ſe atea
No meu triſte coração,
Vendo voſſa izenção.

VOLTA.

Sey tempo, & nunca elle fora
Poys eſte hauia de ſer.
Que vos lembraua, ſequer
Outras horas, hũa hora.
Então m'ereis vòs ſenhora,
Agora o meu coração
Chora voſsa ingratidão

Car. Eſtay aſsi quedo, que voto amym de fazer outra, que vos abafe: & mays và ſobre apoſta. *Roc.* Và, & ſobre eſſa morena. *Car.* Que pondes? *Roc.* Dous arratés de canelões a quem a fezer melhor: juyzes noſſos amos. *Car* Sou contente. *Din.* E hoje que fizeſtes? *Car.* Aqui eſtiue enfadado com meus caſtelos de vento. Ora ouui agora, & eſcreueya com eſſoutra, que vão ambas da voſſa letra, que não entendão qual he a de cada hum. E tambem diriuo.

Atè a dor que eu ſintia,
Sintia por grande goſto,
Goſto morto, em que eſtou poſto,
Poſto que a não merecia,

Merecia

Merecia outra valia,
Valia o meu coração
Não padecer ſem razão.

Roc. Eſtà bem: vejamos agora em que ſe determina. Vay ſobre apoſta de qual deſtas voltas he melhor. *Din.* Feitas por ambos os ditos metrificantes? *Roc.* Senhor ſi, & importa canelões. *Din.* Segundo iſſo, dareys eſportolas? *Roc.* Faremos noſſa corteſia. *Din.* Do vilancete, he de ſaber quem o fez? *Car.* Depoys ſe dirà. Eſſa couſa ha miſter bem viſta de ſeſta: porque ſe vâ logo fazer execução nos meſmos canelões. O que agora cumpre, he, jantarmos, & ſobre a ſentença deſcançay, que eu farey juſtiça, ſem odio, nem afeição: & tudo ſe farà por ſua ordem. *Car.* Quem não ſabe meterſe nella, mal a darà a outrem. *Roc.* Leixalos fazer quimeras na pouſada, & por derradeiro o vento leuaualhe os caſtelos. *Car.* Aſsi leuarà tambem os noſſos. Ay de quẽ viue à merce de fundamentos alheyos. *Roc.* Peor he inda viuer à ventura da võtade. *Car.* Venha o demo, & eſcolha. Bofè pareceme a mym ora, que hey de leixar eſte meu amo a boas noutes, & buſcar outra vida mays ſegura; que eſta do Paço, eu a julgo por muyto incerta, & tardinheira. *Roc.* O meſmo fizera eu, ſe me o

tempo

tempo não teuera penhorado:porque tambem te nho entendido que traz mao fundamento a vida da Corte. *Din.* Pareceme que tambem ſe Rocha picou,& eu ando mouro por acolher minha prima:ſoſpeito que ſe me eſconde: porq̃ Milicia de Fontes temlhe dito q̃ lhe queria falar, & digo eu que deue ella ſentirſe culpada: ou de arrufada, por fingir ſintimento,não ſae da pouſada *Graſ.* A couſa vay de monte a mõte,os termos deſtas quebras ſaõ muyto differẽtes de todas as que ja tiuemos, & eu hey ja de eſperar o que paſſays com ella,para ſaber determinarme: porque a determinação em todo negocio, he perigoſa, & deue ſer cuydada. *Roc.* Podem virſe aſſentar. *Din.* Voſſa palaura vâ diãte:venha agoa a mãos.Hũa couſa vos digo eu Rocha,queſe eu fora vòs,a Dorotea ouuerame de leixar as toucas nas mãos,por lhe danar a grauidade: porque não he compatiuel preſumir ella fazer cachas a eſſa peſſoa. *Roc.* Bẽ o deſegey eu,mas não ſe me àzou. Ella anda muy remõtada,& he muyto para ver a ſua fanteſia,& he hũa tinhoſa q̃ ontem guardaua patas em Barquerena,& agora cuyda q̃ he pouco Para ella o Duque Dalencraſto. *Din.* Fazei hũa couſa de meu cõſelho: quando lhe agora mandardes o vilancete, burrifayo com algũa merenda, inda que ſeja de

alfaces,& tremoços,que esta cousa de dar, arrõba tudo , & gente de Corte rendese muyto a presentes.*Roc.*Se lha eu mãdar,não hey de hir tão rasteiro. *Din.*Ia sey que soys de vossa opinião , mas eu vou ao menos custo por não auenturar tanto:porque estas ataimadas comem às vezes a isca, & ficanse rindo.*Car.*Mandarlhehia eu hum baraço,& então riase a prazer. Mas eu hauia de trabalhar cõ que lhe amargasse o riso.*Din*Desse vosso rostinho de bugio se podem rir : porque vòs soys hũ jogo do tintenenim, & pareceys caçapo alfanado com trempem as pescoço,que juga o fitelho.*Car.*Parecerei senhor,mas ninguẽ me ha de fazer hũa, que lhe eu não faça outra. *Din.*Porque,soys vòs como esse mancebo barbiponente,que poem os pès seguros como passauante do sofio?*Roc.*Eu toda via sou bom bicho,& tido em conta antre ellas.*Din.* E fazeys disso pouco?Poys sabei que não chegou ahi Mancias:isto vos lembre. Se for caso que ella lance mão de algum outro auentureiro:porq̃ ella não ha de estar vagante,tende tal maneira,que o entregueys ao mulato,que eu fiador,que elle volo fustigue.*Roc.*Ia o tenho preuenido,& a elle vèo Deos a ver. *Car.* Não hey de fiar eu minha honra delle. *Roc.* Soyslhe sospeito. *Car.* Deue ser: mas eu confessouos que o tenho por lebre.*Roc.*Não cuida

elle

elle isso de sy,& eu o tenho por bonito,não queria melhor companheiro. *Din.* Poys se cũprir à vossa honra,eu não me hey de negar.*Roc.*De tudo zomba:poys afè que não hei de leuar duas em capelo, & que me não ha de hir a Dorothea por a pendécia a Roma. *Din.*Nem eu creyo menos dessa pessoa , & longe va o mao agouro. Ora leua remo, hiuos comer , & vntay vossas barbas , & depoys alimpay os dentes com peninha de galinha:antre tãto veremos por quẽ sae a sentẽça.*Car.*Ali vẽ Filelfo Correa.*Din.*Recolhey tudo,& dizey q̃ suba.

SCENA SEGVNDA.

Filelfo Correa. Dinardo Pereira.
Grasidel de Abreu.

QVE se fazem os senhores tão enleuados?em cousas que não tèm cura Amador não cures dellas.*Din.*Poys bofè não errais vòs muyto a juntura a hũa alma de Portugal. *Fil.* Eu senhor sou de bom faro, por isso não vos espante latir a mouta.*Gras.*Rides dos mal vestidos , & para cada porco ha seu São Martinho.Ninguem cuyde que arrepica em saluo, que a desauentu-

ra ſempre eſpreyta,& vem não cuydada.*Fil.* Não ha que negar : Porem o que ſe conta agora cà? *Din.* Mil couſas boas. *Fil.* Se o mundo teueſſe algũa,mas por algũas que vejo, temſe deſacreditado comigo de modo,que nem o fiarey,nẽ me fiarey delle.*Din.* Não ſey ſe tendes tambom parecer como cuydays. *Fil.* Eu ſou dama que me hey de prezar delle. Noutro dia ſe me abonaua hũa fanqueira,em deſculpa de ſer trigueira,q̃ o ſeu carão era dagoa do rio tal.*Din.* E gauaſteslho? *Fil.* Afirmeilhe ſer contrario a paredes cayadas : porque me não ouſo encoſtar a ellas, *Din.* E dizem ellas, que o desfarião â vnha. *Fil.* Não he iſſo o que me canſa.*Din* Poys que?*Fil.* Iuyzos de ſaborralho como paõ aſmo dos Iudeus. E aſsi eſtando agora na pouſada compaſſando os rumos de meu enfadamento,fuilhe deſcubrir hum fecho,por cujas conjeturas eſtou em lhe chamar eſpecia de catarro,& não me determino até ſaber ſe alcançou iſto Auicena:porque eu não ſou de hũas velhices aprouadas por vſo , & coſtume , & afeiçoome a couſas nouas mays que vòs às antigas,em que preſumis ſer fragueiro. *Din.* Iſſo ſenhor para o tempo , tal ſeja minha vida : mas não vos queria de eſtimatiua tão deſenfreada por vos não eſperar ao hoſpital.*Fil.* Dias ha q̃ nelle ando.*Din.* Não deſtinguis

bem,

bem ~~gueys~~. Não digo per essa via, que desse mal todos morremos: porque o mundo todo he miseria. *Fil.* Muyto bem sey por quem o dizeys, & por essa o digo, & pesame não o ser ja confirmado, poys não ha gosto q̃ chegue a ser doudo, nẽ vida tão aprasiuel. *Graf.* Como estays com ser paruo? *Fil.* Muyto mal: he viuer do limbo, sem pena, nem gloria, posto q̃ no contentamento que tem de sy proprio pareça sensitiuo. He como caracol, q̃ não alcança mays que o gosto. *Graf.* E q̃ chamays a ser doudo? *Fil.* A nata da discrição: porque o engenho que endoudece, he Cegonha que alimpa a terra de bichos, sinte as pequices do mũdo, & de as recolher na fantesia, & remoelas, atordoado o juyzo do grande pezo da maginação, ferue com desejo de lhe dar o remedio que pretende como aguelha que busca o norte, & paruo he monstro q̃ a natureza mantem por estado, & ocupa a casa sem seruir. *Dm.* Tendes agoas de Matematico falareys por carateres, dahi vireys ao sino samão. Ora poys sabey que he grande rapazia toda negoceação judiciaria, & não me fio dos seus podengos: porque se em toda minha vida acabo de me entender, como hey de cuydar que entendo os Ceos? *Graf.* Não tendes razão, não se pode negar: antes vos digo, q̃ para mym he grãde admiração cuidar

no muyto que Deos de ſy deu a entender aos homẽs em todas as artes. *Fil.* Por iſſo me traz morto ver a confiança de hum corteſaõ tal, eſtreme, perdido por falar per metaforas, & modos exqueſitos, noua lingoagem, vocabolos ſotis, & peneirando dez horas no ar, por fim deſce a hum rato como milhano. *Din.* Nem eſſa não he mà comparação. Vòs ſereys de hũs que de confiados falão em tudo, como de caſa: & ſe caem em hũa cegueira, não ſe deſdirão do ſeu mao parecer pola vida, & todo outro juyzo hão por perdido. *Fil.* Corteſaõs, gente he de guarnição, mas a muyta monda os abafa. São tanto de maquiyas, que nem com fatexas, tirareys à lume hum bom eſpiriro. Os diligentes, ſaõ como gayuotas, leuão tripas, & tudo. Os comedidos, errão ſempre a maré. Os necios, jogão a cabra cega, ſem vèr inconuenientes, & atinão aos brados, atè que aferrão as mays das vezes melhor que todos. Diſcretos, em tentar reſpeitos, gaſtão a vida como alquemiſtas, & aſsi tudo ſe reſolue em queixas. *Din.* Que couſa vòs foreys para cenſor naquella policia Romana *Fil.* Ah que tudo me enfada. *Din.* Muyto proprio he iſſo dos birrentos do mundo, na maneira da vida ſaõ o meſmo enfadamento, que cerrão o punho com ouciosidade, & queixãoſe delle. *Fil.* Mays ha que

queixar

queixar: mas o tempo dà eſta nouidade de eſta-
magos de mâ digiſtão, para ouuir, & ſofrer verda
des. *Din.* Vòs ja não venhays adiuinhar pela mão
que he grão pequice. *Fil.* E per fiſionomia days li-
cença? *Din.* Né eſſa he ſofriuel: porque ſabey que
eu ſenhor tomo ſempre do preto, & a poucos bo-
tes deſcubro os figados a eſtes meus ſenhores, que
tem o ſaber como ſuperficia, & a duas enxadadas
achays agoa ſolobra. *Fil.* Donoſas conuerſações,
deſpejos foutos, & pouco comedimento, ſam cau-
ſa de grande corrupção dos ares. E quanto niſto
ſe auentura, o tempo o aproua, não ſem magoa, &
eſcandalo: mach afemea de amizades vidrentas, &
mal forjadas. *Din.* Para que he falar niſſo: faremos
mil parrafos, & não he ſofriuel ver hũs que ladrão
como gozos com bõs principios, dando de ſy grã
des moſtras, & eſperanças: & ao tempo da vindi-
ma achaylos paſſados do Sol, feitos engaços, ſem
acodirem a pè, nem a mão. *Fil.* São eſſes hũs tem-
porãos, como peras mouſinhas, compoſtos de
freyma, que nem a terem penſamentos ſe armão.
Din. Eu ſou perdido por hũs ayos, cuja grauidade
he tanta, que mao grado a Saturno. E tudo conſi-
ſte em deſmamando o cachopo, enfronhalo em
hum capuz de authoridade. *Fil.* Iſſo baſta, aſsi o
fazia o Centauro Chiron, q̃ doutrinou os nobres

de Grecia. *Gra.* Bẽ vos days nos burqueys: logo ſe aſsi pode paſſar hum longo, & bocejado ſerão da guardaroupa. *Din.* Mas que certa poſtura dos mã-tenedores, apontarem ahi pequices, que baixos eſtamagos tem, & por outra via andão antre elles feitos perſonages. *Fil.* E conſolãoſe com eſperar tempo em que ſe forrem: mas quem vos negar ſer eſſe o purgatorio, não o entende, & eu tenho boa orelha, & o que me a mym não ſoa, não cureys delle. *Din.* Pareceyſme niſſo com hũs que dizem: como he enfadonho o eſcudeiro, da prègação gabão sòmente o ſer breue, & o ſentilo eſtà em Frãça *Fil.* Por eſtas, & outras taes, que eu ſempre vou topar em Ronceſuales, ando aſsi acoſſado de penſamentos ſem fundo, como a tinalha das Lelidas. *Din.* Fazey diſtinção: porque ha hũs como caramujos mal cozidos, ſotrancões, cabeçudos, que não ha alfenete, por ſotil que ſeja, que os tire a terreiro, preſumem de veedores dagoa, parece q̃ ameação o mundo, & tudo he pena como curuja. Outros ſaõ como cranguejos, andão ſempre a traues do vſo, & coſtume: fazem eſpògeiro como touro em ſua opinião, & de deſconfiados não ſofrem a garrocha de parecer alheyo, & faltalhe a deſpeza no meyo da jornada. Ha outros como toupeiras, mantenſe da terra, nella viuem da ſua

prouiſaõ,

prouiſaõ, tem ſua guedelha em cauar para herdeiros. Mas porque a hiſtoria he longa, voume à voſſa tenção para me determinar, que he o que mays vos arma deſta feira calabreada em tantas ſeitas, & todas piadoſas. *Fil.* Eu atè minha merce: por agora deſuiome deſſa eſtrada mays pedragoſa que a ſerra de Ancião. Viuei vòs, & todo o mundo deſſes esfolagatos, que eu não quero mays que ceuarme de penſamentos amoroſos, compoſtos de branduras, olhos eſcaſſos doces no ferir, ays deſentoados ao lume do deſejo, & cada vez que me derdes hũa hora de hum bom acerto, como o de antanho: riome de triunfos de Roma. *Din.* Cóſeſſo que em couſa de damas ſoys bom bicho. *Fil.* Sabeys ja ſenhor Graſidel de Abreu, como fomos feſtejados de certas ſenhoras o ſenhor Dinardo Pereira, & eu? *Graſ.* Não, mas contay. *Fil.* Ora ouui remar. Eſtauamos ambos ao pè de hũa janela, que ja nella terey que contar toda minha vida, porque vierão hũas ninfas ao buraco dos encerados do tamanho de hũa noz, & arreueſadas punhão diuerſos olhos, com mil differenças doces para nos enlearem. E os ditos olhos herão taes, que podião com ſeus rayos transformar mil corações em outras tantas vontades, bem que na minha não ha que trasfegar: porque he pedra, & cal,

cal, & està mays aſida, & aferrado do ſeu intento, que ſamexuga, como quem tem apoſentado o juyzo, & entregue a ſeu deſejo: de maneira, que não ha cem cauouqueiros que me tirem hũa laſca doutro deſenho. Por onde naquelle marulho, ſempre eſtremey, ſem enleyo, o meu aluo. Ora como fuy na pouſada, picado da moſca deſte amoroſo furor: fizlhe eſte Soneto para lhe mandarmos, ſe armar.

SONETO.

He tão ſobida a gloria de vos vèr,
Enriqueceſe tanto o entendimento,
Que sò cuydar em vòs hum penſamento
Excede todo eſtremo de prazer.
Se na vida tèm mays que pretemder
Hũa alma liure, hum juyzo izento,
Siruiruos ſe chamou contentamento,
E o não vos adorar, não entender.
Admirãoſe os ſentidos mays perfeitos,
Deleitandoſe em voſſa fermoſura,
Contemplando eſſe eſtremo de beleza,
Quantos corações ha, vos ſão ſogeitos,
Sabendo que podeys mays que a ventura,
E que deſtes o ſer à natureza.

Din.

*Din.*Eſtà galante por vida de Anna.*Graſ.*Não eſtà mao. *Din.* Daimo, & mandarlhohey : porque hauemos de ter touros ſobriſto. *Fil.* Telosheys vòs, quelhe ſoys aceito, que eſtas ſenhoras ſaõ como Principes,não admitem ſenão priuados, & oxalà chegaſſe eu a quererem enganarme. *Graſ.* Tendes razão: Deos vos liure de eſtado de deſenganos,que he o cume das magoas,& muyto perigoſo.*Fil.*Sabe Deos,que por lhe fugir, & furtar o corpo,eſcolho morrer calando,& aſsi viuo,& não ouſo tomar viſta de eſperança algũa, nem de ſalto.*Din.*Deſſe alto me guardarey eu, por não me arriſcar a perdela. *Fil.* E eu arriſco o ſofrimento por cima do meu deſejo, por me ver ſeguro della.*Din.*Seguro della não fora mao. *Fil.* Em deſeſperalo me ſaluo. *Din.* Deſſe aluo ao preto a que voſſos deſenhos encarão ſeus fundamentos. Ha grande diſtancia, ſe mal não barrunto voſſa opinião.*Fil.*Não ſejays ſoſpeitoſo. *Din.* Sobre corpo feitor. *Fil.* Armo muyto longe da ſeita comũa neſſa parte: tanto, que queria antes alcançar hũa vontade certa,ſem mays eſperanças,que ter tudo della ſem ſeu goſto.*Din.*Terdela haueria por melhor,que eſſoutras filaterias não me armão. Antes vos afirmo,que nenhũa couſa me deſarma como empreſas deſeſperadas, *Fil.* Erraes tudo de

popa

popa, a proa. O homem que ha de emprender amores, ſeja em parte onde o alcançar valia, ſeja goſto o trabalho bem empregado,& ocupação de louuar: porque o refinado eſpirito, he, mâs vale Butre bolando. *Din.* Determinação em amores, ſem afeição, he perigoſa, & muyto para zombar de homem, que por arte, & opinião emprende penſamentos altiuos, & ſem a vontade ſe obriga. Mal pela parte mays fraca,que ellas ſempre ficão liures para o que lhes cũpre. *Fil.* Antes bem olhado, peor he muyto acanhar os eſpiritos: porque andão pelas ramas, & conta feita, vão logo com voſco ao cabo. Recebemuos hum lanço dos comprimentos,dão preſſa a arremataruos o ramo,por ſe verem forras do ſeu fadairo: & eſta facilidade deſacredita o preço,& menoſcaba o amor,o qual ſe afina em render empreſas duuidoſas. *Din.* Se vos ellas tal ouuem,menos piadoſas as achareys, q̃ as de Tracia cõ Orpheo:porque não ſofrem ſer anichiladas,antes tem que tudo ſe lhes deue. *Fil.* Aſsi o confeſſo eu, nem ouue eſtremo bom, & ſingular dom, em que as molheres não ſe eſtremaſſem,& todas ſaõ dinas de muyta eſtima: mas cada couſa tem ſeu preço.& o entendelo,& eſtremalo,não he gèral. *Din.* Ha miſter muyto tempo para eſta queſtão. Quero hir mandar eſte papel,

& de-

& depoys trataremos della. *Fil.* Pareceme muyto bem, & no Paço nos veremos.

SCENA TERCEIRA.

Filelfo Correa. *Grasidel de Abreu.*

VAM differentes saõ os juyzos dos homẽs. *Gras.* Raramente se conchaua hum com outro, & Dinardo Pereira he entregue ao seu gosto, & este dá grande estima às cousas. *Fil.* Ao menos com poderosos val tudo. Dinardo Pereira todo he sensual, honrase dos amores mays do que lhes he sogeito, desnecessaria vaãgloria. Eu ao menos por ella não tomaria pensamentos custosos, quando afeição não me obrigasse: mas ha poucos que cayão na delicadeza do amor, nẽ saybão tratalo: por onde me rio sempre destes amantes, & hey dò das molheres que os sofrem: porque as desdourão. *Gras.* Não hajays dò senão dos homẽs que as sofrem, poys vèmos sempre desestima. *Fil.* Muyto ha que dizer nisso, & muyto que sentir. Eu me tenho entauolado em nouo, & alto posto damor: porque o bom disto he enlear a fisica, & morrer de doença não conhecida, & se

vòs

vòs não ſoys de hũs,que toda letura querem breue : porque lèm ſem goſto. Moſtraruoshey hũa carta a eſte propſito,a qual eſcreui a hum fiſico lido, & diſcreto , & da conuerſação de hũa alma grande ſua couſa, quando os dias paſſados eſtiue mal deſpoſto. *Graſ.* O dizey por voſſa vida. *Fil.* Ouui.

Carta.

ISto sò quero de minha dòr,que me dè folego para gritar,quando apertar comigo,poys calar me dana tanto , que nem ſabeys de mym, nem quereys que ſayba de vòs ſenhor. E ja que la crudel mia ſorte me ha diſtinato a perpetuo languire , & per la ſciagura mia ogni ſocorſo me è tolto,com os vltimos ſoluços qual o ſeruo ferido me vou ao medronho do voſſo abrigo:& lembrouos que egli è vfficio d'animo preſtante el cõpatir all'altrui calamità , & não pode ſer mayor que a minha.Poys a Dio,al mondo,& a me ſteſſo ſono odioſo,& ogni età mè aparechia luſto, affano, & cordoglio , & ſolo per morte,i mei ſtratij ſi potran terminare.O sfortunato achi el Ciel,è tan to nemico,ſo che quel ch'io ſento parra menzogna achi aſpirar d'amor l'aura non ſente. Mas a tão

claro

claro juyzo como o voſſo:& tão verſado em conjecturar tenções de aſpeitos celeſtes,& alcãçalos: Não ſe pode meter dado falſo , donde , ho tolto per ottimo conglio al tuto teco comunicare : per il che,primeiro que tudo, te priego che de niuna altra coſa piu effetuoſamente : ſia da te ajutato, quanto de vno fidele,& perpetuo ſilencio. E juntamente com iſto, io non vi dimando coſa che cometere ſia impoſsibile : ma ſolo quelo che ſenza moleſtia vi ſia facil, & non men che zoneſto. Sou ja tiſico no meu mal,entregue ao deſpacho do tẽpo, para o q̃, não ha banhos de deſenganos frios, nem ſuadouros de eſquiuanças tão aſperas , que deſarreiguem deſte enfermo eſpirito os humores de hum ſecreto cuydado. Deu Deos para iſto hũa piſcina,mas neminem habeo. Só a erua Meliſa pode ſararme, falta Alexandre que ma buſque:por onde eſtou em fame,& ſede de Tantalo, vendo,& deſejando,temendo,& ouſando,viuendo, morrẽdo. Lembraſteſme neſta afronta, & juntamente a queixa de Phebo:

Hei mihi quòd nullis amor eſt medicabilis herbis.

No esforço paſmei, deſeſperei na eſperança : ſed quid tentare nocebit. Para carecer de repouſo foy dado o penedo a Siſipho:quando porem Orpheo o não teue , algum lhe deu com ſeu canto. Para deſeſ-

desesperado me escolheo minha sorte, & eu consenti:porque amans quid cupiat scit, quid sapiat non vidit: ja pode ser por vosso meyo telo eu de vida:mas porque,

Vna salus victis, nullam sperare salutem:

De receoso de mym não quero esperalo. Com tudo,porque soys amigo,aliuio,& valhacouto de desauenturas ,farey ante vòs alardo das minhas dores des seu principio : Namquè est memenisse voluptas. Hauerà certos annos que me sey viuer tão liure, que tinha por impossiuel hauer cousa que me vsurpasse minha jurdição. Antre as armadas,& redes do amor, andaua eu tão solto, & auentureiro,que logo dissereis vendome.este não teme,nem deue:não me lembrando,que a muyta fouteza deu com Ycaro no mar. Enleueime no fauor da ventura, que em algũs casos desta calidade me assoprou. Por maneira, que à minha reuelia, ordenarão os meus espiritos hũa babilonia:lançarãose do bando dos Gigantes, & durando esta gigantomachia , cuydaua eu, bebado de vitorias màs, que as armas do menino, que desprezou as de Tipheo erão sem forças cõtra mym: se a seus secases queixosos ouuia pregoar seu poderio em desculpa do proprio abatimẽto,hauiao por abusaõ:não tinha inda cipilhados os sintidos

para

para ſentir como Dido:

Vulnus alit venis, & ceco carpitur igne.

Quantas vezes me ri dos aleyjados deſte furor, que fere a modo de rayo, abraſando a alma leixando ſaõ o corpo, como tinha por graça hauer Venus piadoſa, ou vingatiua. Coytado de mym: poupauame, parece, minha eſtrela na cegueira paſſada, para as dores preſentes, deſcuydandome dos imigos da minha bonança, para que a menos trabalho ſeu, & mayor meu cuſto, teueſſe entrada em mym o deſtroço da minha liberdade: & no tempo em que eu mays fundamento fiz de me lograr da vida, me poz em cerco eſta morte. Brandamẽte, & ſem ſoſpeita, nem receyo ſe me apoſſou dalma, dantes tão opiniatica de ſaã, agora tão enferma. Nel primo aſpeto che in madoma Drizai la viſta, rimaſe ſenza ſpirito, & viuo in ſola carne, letitia me abbandona, doglia me abbracia, la eſperanza mi è in dubbia, il martirio certo, oi me che tanto me ſento anguſtiato, che mai piu ne pace, ne quiete credo, ne ſpero poter ritrouare, de ogni conſolatione mi ha priuato amore. Mal cuydara eu qual hauia de ſer, antes mal cuydey, & foy, & hauia de ſer, poys he: Infelix animi. Em meus olhos não entra ſono, nem em peito repouſo: Ingeminant curæ, reſurgens ſæuit amor, mag-

noquè irarum fluctuat æstu. Heu quid agam? Quò me vertam? Ad quem confugiam? E poys dizem:fame,& frio, te farà meter com teu imigo, fogo,& dor,antes amor, & desesperação , me trazem a vòs senhor amigo. Ora valeime, que eu me offereço, & obrigo a toda esperiencia que em minha fé quizerdes fazer , & a não cayr de vosso regimento,com tal,que ma não mandeys negar: porque nenhũa cousa me menos sofre o estamago, que conselhos contrarios a esta opinião. Podem os Deoses todos serme imigos , como contra Troya: mas, Placeat sibi quisquè licebit, hoc est,cada loco con su tema. E que digays:

Sors tua mortalis,non est mortale quod optas.

Confesso.

Plus etiam quamquàm Superis contingere fas est.

Vede que cura pode ter espanto tão vpilado: Tantus tenet error amantem. Non altrui incolpando che me stesso , & solo amore , che del suo altiero lume , piu me inuaghisce oue piu me incende. E fezme os desejos inmortaes: Che hamno la morte desiando morta , al hor che fulminato, & morto Giacque il mio sperar , che tropo alto montaua. Asi que a tal prosuposto podeys escuzar reprensiones:che dè hora inanzi , ogni defesa à tarda altra , che di prouar se assaiopoco queste

preghi.

preghi mortali amore ſguarda, non prego gia; ne puote hauer piu loco, che miſuratamente il mio cor arda, ma che ſua parte habbi coſtei del foco. Se eu iſto viſſe, nunca mays valeſſe. A todo o al que não for a eſte fim, çarro orelhas como Vlyſes ao canto das Sereas. Cà o não conſintem. Gli begliochi, che in lor prezença me è piu caro il morire, che il viuer ſenza. Sabey, & ſaybaõ, che viuo del dizir fuor di ſperanza, quem mo não lóuuar eu lho perdoo. Não ſou obrigado, nem poſſo dàr juyzes, baſta que me entendo, & que sò vejo a mayor beleza oculta que antre nòs viue, à que ſe deue o pouco que ſento, do muyto que ſe lhe deue. E dado que vos eu ſenhor não pareça capaz de Diuinas viſoões, bem ſabeys que ao Creador de tudo, ſoura ogni ſtato, humiltate, & ſaltar ſempre gli piaque, & hor in piciol borgo, anzi in humilde amante, não he muyto dàr hum eſpirito prompto, & hũs olhos de Lince, com que veja hũa alma doutra:

Sublimibus alta colunis,
Clara micante auro, flamaſquè imitante Pyropo,
Cuius ebur nitidum faſtigia ſumma tegebat,
Hæc ſuper impoſita eſt cœli fulgentis imago.

E como Venus, por não abater, quiça, ſua fermoſura, lhe opoem a nuue com que encubrio Eneas:

ſou eu sò o que vegghio, penſo, ardo, piango: & qui mi sface ſempre me è inanzi, para mia dohe pena, guena è il mio ſtato, de ira, & di dol piena, & ſol di lei penſando ho qual che pace, vna man ſola mi Riſana, & punge: mille volte il di moro, & mille naſco. Com tudo iſto tendo por muyto certo que

Multa priùs vaſto labentur flumina ponto,
Annus, & inuerſas duxerit ante vices:
Quam tua ſub noſtro mutetur pectore cura,
Scis quæcumque voles, non aliena tamen.

Deſte vltimo temor pende o meu caſo, ſe me delle ſegurarem, tudo me ſeria ſeguro: donde tomara a minha Diana transformada em imagem de pedra, qual ſua condição he para mym, ſegundo a de Pigmaleon Venus transformou de marmor em carne: Votum in amantem nouum; que aſsi o ſou eu em todas as eſperiencias da minha afeição ſendo poys iſto aſsi, & q̃ aut me videbis Imperatorem, aut non videbis Cæſarem: porq̃ conoſcer mi fa che coſa è dio, & eu tão ſatisfeito, que tenho que perieramus niſi perijſſemus, & tambem viſto, como fata volentem ducunt, nollentem trahunt. Vòs ſenhor vos deſcartay de todo inconueniente que me achardes: porque na verdade: Rectè cum valemus omnes, ægrotis recta conſilia

damus,

damus. Tu ſi ſic eſſes, aliter ſenties. E por tanto:
Fata viam inuenient,de vida,ou morte.E eu,

Quod dederit fortuna lutus,libenter amplectar.

Fazey o que em vós for ſe achardes que volo mereço:lembrando ante a minha bella a yra de Nemeſis,ſobre Narciſo, que deſprezando todo merecimento, veyo a deſmerecerſe, & o mays que vos o tempo dèr, que a minha verdade, quando cumprir, eu a farey boa per fogo, per agoa, per ferro,&c. Per ergo has lachrymas, quando aliud mihi miſero nihil ipſe reliquit. Siue ne quid de te mærui, miſerere animæ labentis, & iſtam oro (ſi quis adhuc ſalutis ſpei locus)ſalua mentem:para que com vida vos ſirua a que me derdes, & peço. Da cama.

Graſ. Nunca vi carta de girões ſenão eſta, & ſe fora mays curta,parecera melhor. *Fil.* Para molheres nunca vos peze de eſcreuer cumprido:porque quanto mays tempo lhe ocupays, mays ſeguras as tendes. Alem diſſo he bom abafalas de razões, & darlhe paſſatempo,& ceuo para ſua ouciosidade. Eu o bom nunca o acho prolixo, nem me enfada ler o que tem çumo. Quem vos gauar a couſa de breue, não goſta do que lè, nem no ſente. *Graſ.* Eſtou perdido por eſſa carta, & deſejo ſaber

ſe ferio fogo. *Fil.* Eſtas couſas todas reſpondem ao longe como eco. Vou curſando por minhas magoas, faço minhas diligencias com o diuido reſpeito a cauſa dellas, deſuelome em enterrar minha tenção, por não offender ſeu nome. *Graſ.* Per eſſa via tarde colhereys o fruyto de voſſo trabalho? *Fil.* Sabey que tudo corre aſsi. Nenhũa opinião alheya ſatisfez em tudo a outrem, tantos homẽs, tantas ſentenças. Por onde ſobre proſupoſto de fazer o que deue cada hum, ſiga ſua natural arte, como não for perjudicial: por nada ſe contrafaça, que he baixeza de eſpirito: leixe ao mundo grozar, que ja não ha de perder coſtume tão antigo. *Graſ.* Pareceme que tendes razão, & douuos o meu voto: mas trago o goſto tão danado, que da vida, & de mym o tenho perdido. *Fil.* Iſſo leixay para mym, ſe quereys que andemos a verdades, que hum dos mayores trabalhos que tenho, he, temporizar com o mundo, moſtrando que viuo, ſendo morto no eſpirito: & tão eſcaſſo me ſou do meu contentamento, ſe poſſo telo, que em meyo delle lhe fujo de cioſo de mo entẽderem, por não errar aos reſpeitos diuidos â cauſa. *Graſ.* Cada hũ ſinte o ſeu, que outro tãto digo por mym, & cuydo que me ſobeja razão, & tela para gloria no ſofrimento, & no padecer he o mayor bẽ do mũdo,

mas

mas ſer tudo ao contrario,& não hauer couſa que me obrigue ſenão o meu enleyo enganado, & cego, he magoa que não tem deſcanſo , & tudo eu vejo;mas que fará quem quer bem?*Fil.*Tapaiſme aſsi a boca ſenhor:amor he azougue, traça, & caruncho,que ateado nalma não ceſſa,nem ſe ſatiſfaz tè fazela pò. Mas ſabeys como me tenho ao pairo com elle? Tanto que o ſinto com a moſca da ſua furia, doulhe ſeus tempos ſòs , em que lhe leixo correr o campo de ſeus ſentimentos , & fazer gazua em mym. E paſſado eſte recacho,recolho minhas magoas no retrete do meu peito,polas não pubricar , & ahi refazem forças,& folego para me tirarem a vida,que ſoſtento de impoſsibilidades , & ſem fundamento dalgũa eſperança. Por outra via(enxergada de muyto poucos,& trilhada de menos) ſou tão ſatisfeito do que padeço,que ſe o cuydo,vejome hum pauão com a roda feyta. *Graſ.* Segundo iſſo, em eſtado proſpero deueys eſtar:porque o fauor faz goſtoſo,& leue o trabalho , que aſsi fuy eu , quando Deos queria? *Fil.*Senhor o homem haſſe de afeiçoar em parte, onde o mal que vos vem,he dita ſintilo,& o bem ſem preço:porque a cauſa da dor,he a conſolação della.*Graſ.*Si,mas ſe lhe falta a eſperança, que em todas as empreſas he a maxima , que ſoſtenta, eſ-

força,& auiua o eſpirito, he triſte ſorte, & abate todo goſto. *Fil.* Não he fino amor o que pretende mays o proprio proueito,que o de quẽ ama: que ſe deſejays bem â peſſoa a que o quereys,ſem razão,he deſejar roubarlhe honra, & fama:que em ley de bom caualeiro, & bom namorado, ſoys obrigado defender, & ſoſtentar a toda molher. Por tanto não ſejays de hũs, que em ſuas tenções pubricão o que deuem enterrar no penſamento, & em ſeus pregões juſtição o bom nome de ſua dama: & por ſobejos querem deſmerecer o que na tenção deſmerecem: ſendo certo, que mays amor teſtifica de ſy hum amador com hum ſuſpiro, hum acatamento honeſto, & hum receyo ſogeito,que com quantas cartas, & recados pode mandar: nem ha mays certos meſageiros da verdadeira afeição que os olhos: porque como per elles ſe deſcobre o que o coração quer, & entende,aſsi moſtrão a dor da alma,& a pureza dos pẽſamentos, & os viuos eſpiritos que delles ſaem abrazados do amor do peito amante,vãoſe abrazar ao da amada:& per eſtes meyos ſe entendem & ſentem os corações, donde ſe diz que ſe falaõ. *Graſ.* Serà iſſo depoys que ſe amão:mas para ſe entenderem,& amarem, requerẽſe muytos meyos: que quem deſeja,& ſinte,não eſcuſa buſcar,& cometer.

meter. *Fil.* Aſſas pouco he o amor, & muyto inte-reſſeiro, que não pode ſofrer ſua pena, por eſcuſar o perjuyzo de quem ama. E de ſer iſto mal olhado nos principios, ſaõ os fins tão perjudiciaes. Bẽ que a crueza, ou vaãgloria de molheres indiſcretas, que pretendem experiencias, cauſaõ fazerem os homẽs, por ſatisfazelas, muytos erros pubricos. *Graſ.* Sempre ouui que he pouco o amor que pode conſigo. Eſſes reſguardos, & reſpeitos que vòs quereys ter, ſaõ muyto pouco ſeguros, & menos eſtimados dellas, que querem antes veruos doudo pubrico, que namorado ſecreto. *Fil.* Eſſas não ſe ſentem. Eu trato das que tem primor diuido a ſy proprias. Todo fundamento conuem ter firme alicece. Quem edifica deſejo amoroſo em coração paciente, ſeja ſobre ſegredo, hauendo por melhor padecer morte deſmerecida, calando ſua pena, que merecela, pubricando ſeu cuydado em dano da cauſa delle: o al he negar amor, & entregar ao deſejo, & pelo ſatisfazer, eſquecer todo outro bom reſpeito. *Graſ.* Que menos pode fazer quem ſinte a dor, ſenão pubricala, para lhe procurar ſaude. *Fil.* Em lugar ſolitario, em companhia de ſeus penſamentos, pratique ſeus males. Onde ſe hum o deſconfiar em ſeu merecimento, outro lhe darà confiança na ſua fè: & aſsi eſcuſa

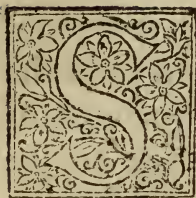
deſcu-

deſcubrirſe ao amigo que o pubrica de hum nou tro,atè que todos o ſabem:& não fica eſcrauo da quelle a quem entrega ſeu ſegredo. *Graſ.* Neſta parte nenhũa couſa corrompe tanto o ſegredo co mo querelo ter demaſiadamente, & he forçado fiarſe de alguem a quem comunique ſeus ſucceſſos,& mediante o conſelho alheyo, acertar no proprio, & tambem para ajuda do meneo deſta couſa,em que sò não pode prouer.Ca muytas vezes remedea os erros que o cego paciente faz,vallhe tambem para goſto no prazer, & esforço no pezar. Aſsi que naturalmente he neceſſaria a comunicação.*Fil.*O puro amor,ha de ter tanto reſpeito em guardar o decoro ao ſeu,que anteponha e iſto todo contentamento,& toda dòr:& a ſua fè ha de ſer hum aziar que lhe dè ſofrimento para paſſar per tudo,por cumprir com quem pretende ſeruir,& não afrontar. *Graſ.* Raramente achareys molher que lance mão deſſas finezas:antes cuydo que ſe querem traquejadas, & poucas conſeruão ſeu ſegredo.São ſempre deſconhecidas para com o verdadeiro merecimento.Imigas de ſy meſmas em não eſtimar quem ſabe eſtimalas,& não acertão:porque hum eſpirito delicado,& altiuo,qual deue ſer,& he o de hũa gentil dama,não deuia ati nar a outro intereſſe, ſaluo ſeruirſe de quem ſouber

ber reſpeitar ſua grandeza, & per ella regiſtar a eſperãça. *Fil.* Muyto deuedor he a ſeus fados quẽ emprega bem os penſamentos: & neſta parte ninguem lhe eſtâ em tanta obrigação como eu. *Graſ.* Agradeceilho como o entendeys, & não culpeys os que virdes menoſcabados na ſorte, que os ſocedimentos não ſe podem fugir, nem reſeſtirlhe ſem ſocorro Diuino, & de muyto pequenos azos de mal, ſocedem grandes damnos, & eu que o tenho eſperimentado: porque me tras a ſenhora Filomela abrazado em engratidões, & izençoẽs, a riſco de nos deſauirmos de todo. *Fil.* Se tem por ventura algum fundamento nouo? *Graſ.* Tudo receyo, & quero ver ſe poſſo ter meyo de me ouuir, & ſobriſſo tambem foy Dinardo Pereira. *Fil.* Vamos, que eu querome hir ao Paço, & là vos eſpero.

SCENA

SCENA QVARTA.

Aulegrafia. *Filomela.*

SObrinha minha,meu amor,quereis vir para esta janela,que tenho muyto que vos contar? *Fil.* Que me dareys vòs? *Aul.* Daruoshey aquelle gentil homem que là està defronte. *Fil.* Tudo isso era, huy por elle,& pela sua vida. *Aul.*Seja pela do demo : não vedes mao hora que he proximo? *Fil.* Per hy bem, não me lembraua: Como aquelloutro seu companheiro he todo alfenim? Iurarey que he perdido por sy mesmo. *Aul.* He toda a doce França:mas eu o tenho por bizarro:porque me parece que não he ca conhecido,& deue andar agora à pratica com Germinio Soares que he Aguya, & todos estes lhe pagão pareas. Este deue ser de hũs filhos mimosos da mãy, & muyto obediente, matinado della por rico, & velado do pay que não se lhe caze a furto. E elles com toda a doutrina,raramente escapão de cahyr em barrancos,de que ficão com o peor. *Fil.* Mas nunca al vimos,saluo grãdes quedas nestes mays recatados:porque os pays viuerão a seu sabor cõ

muytas

muytas culpas, & cuydão saluar dellas os filhos em que lhes dà a pena que merecem. *Aul.* Differente arte porem, he, a de Germinio Soares, & a sua confiança: eu sou perdida pela sua brandura, & acholhe muyta graça na conuersação: he muyto aprimorado, & mays sabey que não he tacanho. Bem vistes como nos proueo na nossa romaria. Mas quanta differença de condições ha nos homẽs. Ha hũs que de graça vos perdereys por elles: outros que tudo he fastio *Fil.* Mà rayua os coma todos, do peor, atè o melhor, que elles viuem liures, & nòs morremos catiuas. Não me fizera Deos homem, para andar por onde quizera a boca que queres, como elles fazem? E as coitadas de nòs não hauemos de ter vontade propria, a sogeição toda a vida, os passos vos contão, as palauras vos acoymão, & atè os olhos vos registão. *Aul.* Assi he mal pecado: mas se eu fora homem, pintada ouuera de ser a molher que me enganara. *Fil.* Vòs, foreys hum tauanes, arrebata punhadas: a cada canto tomareys hũa dama. Mas eu ouuera de ser muyto doce, muyto apontado, espenicado, & todo contempratiuo nos amores. Ditosa fora a mulher com que os eu tratara: porque fora muyto mimosa, & muyto venerada de mym. *Aul.* Eu sou muyto disso, queria o homem meneauel,

neauel,aprasiuel,pratico,que tenha muyta praça, & gèralmente bem quisto. *Fil.*Esses têm muytos antressolhos,& como saõ gèraes na conuersação: na afeição não saõ particulares , & sò comsigo tẽ conta.*Aul.*Vòs sereys de hũs sotrancões que roem as vnhas,& dão com dedos estalos,que saõ tudo malicia,& não ha mouelos dos seus treze, inda q̃ vos escabeleys antelles. O homem ha de ser bem assombrado,quando não for gentil homem , & o mesmo quero da molher, & de ruym rosto, não ha que fiar , & muyto que velar de hũs verdenegros,que se tem por sabechões:porque saõ adros, & liureme Deos de màs condições , & mateme com corações mauiosos , & humanos. *Aul.* Poys pareceme a mym de Germinio Soares , que com qualquer arrufo,& lagriminha , farão delle cera. *Fil.*Não vos fieys tanto disso , que a sylua sempre pica. Os homẽs tèm muytos resabios, & escarninhos:nenhum ha fiel para molheres, que quanto as tratão de fora , mostrãoselhe arminhos , & depoys que as logrão , saõ imigos. Os discretos nenhũa confiança tem de nòs,nem nos dão credito. Os paruos não sabem estimalas,nem as acatão. A verdade he, senhora madrinha , que a nossa sorte he triste,& catiua,& para nòs,nada he seguro:quã do cuydamos descansar , então nos cansamos.

Bemauen-

Bemauenturada a que ſe entregou a Deos, que eſta ſe poz em ſaluo. *Aul.* Quem o duuida? Como vòs agora eſtays contrita; pode ſer que algũa foſſe lá contra ſua vontade. *Fil.* He vento iſſo, ſeja de que ſorte for, mas a ſua he a boa: porque tomarão o porto ſeguro, & o menos deſcanſo ſeu abate todos os goſtos do mundo: quanto mays, vede que ſerà hum mimo de Deos. *Aul.* Mana minha, leixayuos agora deſtas certezas. Ouuiſtes vòs ja dizer: amores, & dores, com paõ ſaõ boõs. Não ſe pode ter tudo, o tempo o dâ: tratay do preſente conforme à idade, que ella não eſpera. Fauorecey aquelle galante, & fazey delle muyto fundamento, que ſe vos cayr em ſorte, como cuydo, eu fiador que vos não arrependays. *Fil.* Deos o ſabe. Eu todauia tenhome com ſer liure deſſas payxões. *Aul.* Ora não ſejays ſem ſabor, que me aborrecem muyto peſſoas de entejos, & que não ſabẽ eſtremar as couſas. Como he certo que não ſoys tão de pedra, que vos não incrineys ja a quem volo merece. *Fil.* Eu o deſejaua, inda niſſo ha muyto que cuydar: não ſe moue logo aſsi a menina, & mays eu cuydo que ſey tambem o meu ſalmo. *Aul.* Poys eu tenholhe dito o que me diſſeſtes: & elle com o mayor aluoroço do mundo, diſſeme, que faria o que lhe mandaſſeys, & eu por rematar

prome-

prometilhe falarmoslhe esta noute. *Fil.* Ay,guar-
deme Deos de mal: Iesu mãy minha, longe và o
mao agouro;sequer vòs prometeys tal de manos
a boca. *Aul.* Isso me mata de vòs;não mo disse-
stes? *Fil.* Não para lhe falar tão asinha. *Aul.* Ora
certo que vos não entendo.As pessoas por falar se
entendem.*Fil.*Mays ao longe.Em que conta que-
reys que me tenha esse homem se lhe for tão fa-
cil? Não sabeys que homẽs desejão o que lhe ne-
gão,& estimão o que lhe encarecem? *Aul.* Essa re-
gra não he sempre certa. Como os gostos saõ di-
uersos,asi he a afeição. Onde ha amor,perdemse
as cautelas,& o grãde he muyto sofrego, & quer-
se satisfeito antes que inconuenientes o cerquem.
Fil. Todauia bem sabeys que não ha cousa tão
enganosa como o coração do homem, cuja arte
he mostrar o contrario do que sinte. *Aul.* O gèral
não comprende todos : tambem hũas molheres
vingão outras. Em Germinio Soares he escusado
falar dessa maneira. Nas palauras,& modo de vi-
da,he muyto bom de conhecer a tenção de cada
hum. E mays quereys que vos diga,tambem do
pouco siso,&pouca firmeza das molheres,nasce a
culpa dos homẽs. *Fil.* Ay mana,não sejays por el-
les,que a molher que nelles poz confiança, nunca
se alabou.Ia fuy tola,não hey de crer senão o que
vir.

vir. *Aul.* Ora olhay ca ſobrinha mana, não pode hauer mayor falta na peſſoa, que não ter palaura, & não tela he ſummo deſaforamento: mal ſofreria eu falar da minha, nem vòs quereys. E quanto aos voſſos receyos, eſſes hãoſe de ter de paruos, que tem de natureza ſer tredos, & antre peſſoas diſcretas, ninguem he julgado pela opinião popular, & querouos dizer o como deueys ſer fouta neſta parte, ſem dar orelhas a maos juyzos. Toda molher galante helhe dado, & pode dar moſtras damor, como não der eſperança de couſa deshoneſta: ſegurada a honeſtidade, pode fauorecer ſegura, quem lho merecer, ſem lhe ſer mal julgado: não ſe offereça a ſer ſeruida com geitos, & deſſaſoſſegos que abatem muyto ſeu preço. Mas ſe ſabe que he amada de quem quer que ſeja, pagarlhe com deſprezos, he ſinal de deſconfiança propria, & por ſer ingrata, não ſeja cauſa de perder o que gainhou por fermoſa. Eſquiuar ſeruidores, as mays das vezes he paruoice: que elles não deſdourã, antes abonão a dama neſtas caſas, em que não ſe eſcuſa ſer viſta, & requeſtada, o em que ha de ſer atentada, & prouida, em quanto a vontade não fez aſſento, ſaber eſcolher com tento, & ſem preſſa: não ſe vença do proprio proueito, ſaluo ſobre o certo,

como agora neſte negocio, que temos antre mãos, & và a minha conta o que niſſo auenturardes, que molher ſou eu para fazer o que diſſer,& tirar tudo a limpo. Em fim não curemos de mays hiſtorias, nòs hauemoslhe de falar, eu falarey primeiro, & não lhe faleys vòs, ſe vos não ſegurar o campo. Aqui nada perdeys, & auenturays ganhar o que tenho por muyto certo. *Fil.* Onde quereys vòs agora que lhe falemos? Eu ja não me hey de pòr em parte que poſſa Graſidel de Abreu auentar, ou eſpreitar algũa couſa, ſe acertar de andar per hy. *Aul.* Ora por minha vida que vos acho graça, mas pouca: a obediencia, & medo que lhe vòs inda tendes, nunca ſe vio, agora não me eſpanta teruos elle em pouco. *Fil.* Pola ſua negra vida, como me eu diſſo rio *Aul.* Boa eſtà aquella que aſsi for ſogeita. Em hora que o elle tomaſſe o demo; & doutra parte, ſoys a mays alta molher que cuydey ver, ou vi: diz que a hey de rogar com o ſeu proueito: a mym que me vay niſto. Ora vos deſengano, que ſe me ja não tiuera penhorada com Germinio Soares: prometouos, que vos não falara palaura, mas por minha honra, heyuos de moſtrar minha verdade, & acabado de vola fazer vente, lauar as mãos de voſſos negocios:

por-

porque não ſou como outras amigas fingidas, que folgão de meter em culpas, a quem ſe dellas fia, & depoys zombão de fora. *Fil.* Eſtays merencorea, & eu queria antes anojarme a mym meſma. E porque vos não pareça outra couſa, digo que me meto em voſſas mãos, fazey o que quizerdes. *Aul.* Inde mal, & inde negra, poys meus pecados me fizerão tanto mal, que deſconfiays de mym. *Fil.* Não digo eu iſſo. *Aul.* Ora leixaime fazer, que me não podeys negar, que ſou para muyto como começo, & vòs o vereys. Eſperayme aqui neſta janela em quanto lhe vou mandar recado.

SCENA QVINTA.

Dinardo Pereira. *Filomela.*

Gora me cahe a lanço minha prima Filomela, querolhe fazer meu tiro por parte de ſeu ſeruidor Graſidel de Abreu, para os pòr em paz, dom de Deos, per que todo bẽ crece, & elle trouxe à terra, para a conſeruar A minha opinião porem, he, entreſſachar os tẽpos em guerra: porque tiranos não logrem o ſeu izentos, deſeſtimando os homẽs que os ſoſtem, & o meſmo tambem entendo que corre nos amores que ſe querem alternados de auenças, & deſauenças: porque a molher mimoſa enfadaſe da proſperidade, cuja malicia quero tomala antes que venha algum interualo. Beijo as mãos da ſenhora minha prima: que mũdo nouo he eſte? Que couſa he eſta? Que pecados tamanhos forão os de hũa alma? E q̃ deſconhecimento o doutra? Cuja he aqui a culpa? Que a pena bem ſey quem a padece. *Fil.* Quãto mays certo he q̃ ſabeys vòs ſenhor primo a verdade de tantos enganos, & tão longos, & q̃ tinha eu muyta razão de me queixar de ma vòs tã-

bem

bem não falardes. Mereciauos eu não ſofrerdes verme vendida tanto tempo, & não ſerdes em conſentimento diſſo, poys o encubrieys? Acabey em fim de ſaber que não ha que fiar de homem, & por vòs jurara eu. *Din.* Não ſenhora, vòs ja não me atalheys. *Fil.* Sabey que ſou inuiado a vos cõuerter, & reſtituyr à noſſa fè, da que andays muyto izenta, & irregular: & ſe o não valer comuoſco, hirmehey fazer helche: & mays ja que a couſa eſtâ danada, quero ſaluar minha hõra, & que me reſtituays a poſſe do meu credito, que por nenhũa via ſofrerey perder com quem tanto deſejo ſeruir. *Fil.* Eu, ſem embargo de meus queixumes, quando for em couſas de voſſo ſeruiço, que eu poſſa moſtrar a minha amizade, a ninguem darey vantagem: porque ſou amiga deſenganada em todo tempo, & de toda hora. *Din.* Beijo as mãos a V. merce por eſſa que para mym hey por de grande preço, & tambem ſou tão certo de quẽ deuo, & deuo a vòs ſenhora prima tanto, que agora hey de ver ſe me reſpondeys, ſegundo o que vos quero. *Fil.* Eu ſenhor? *Din* Haueiſme de ouuir, & ſe me quizerdes crer, diruoshey a verdade de tudo o que paſſa. *Fil.* E para que jagora? *Din.* Ah ſenhora que não val nada iſſo. Eu não vos hey de negar muytas culpas em Graſidel de Abreu.

Fil. Senhor primo. *Din.* Haueys de ouuir razão, mas estas serão de condição trabalhosa, ou mimosa, & não de võtade falsa. Ora nisto ha ja muyto que dizer, & que respeitar: porque senhora prima muytas cousas faz a condição, que a vontade não concede, antes nega, & onde ha vontade, tudo se acaba, & està seguro. Daqui vem que sofremos aos amigos muytas semrazões, & dos imigos, nẽ a razão nos satisfaz. *Fil.* Senhor quereys que vos diga? *Din.* Ouuime senhora, por me fazer merce, & não me atalheys: todauia sou tão bandeiro por vossa parte, que nenhũa desculpa sofro, nem acceito pela de Grasidel de Abreu. Mas estay comigo, douuolo culpado, douuolo condenado por herege damor. Aqui tem agora lugar o animo grandioso. Misericordia não deue negarse a quem a pede. Mà demanda tem necessidade de clemencia, como a inocencia a tem de juyz justo. Ambas estas alfayas tendes de obrigação de quem soys: hũa me haueys de dar, seja qual quizerdes: se vos errou, vsay a piedade que se vos espera, & nunca faltou em sangue nobre. E se volo eu der sem culpa da que me dizem que lhe pondes, sede justificada, que o al serâ teima, & rancor que nunca faz empressaõ na alma pura offendida, quanto mays não lhe errando. *Fil.* Como falays a vosso sabor,

mas muyto ſaberà quem me tirar dos meus treze. *Din.* Falo fouto: porque tenho a cauſa juſta. *Fil.* Tudo he malhar em ferro frio: ja ſey o que me cumpre. *Din.* Eu ja não me hey de hir com mâ reſpoſta, mayormente de quem eu cuydo, & ſey de mym que lha mereço boa, & me deue dar credito. *Fil.* Boſè ſenhor primo, quanto agora, longe eſtou de aceitar eſſas juſtificações, nem piedades, antes eſtou determinada acabar queſtões para todo ſempre. *Din.* Boa hereſia ſeria eſſa, ſenhora: dizia hum Rey que ſe deuem os poderoſos aproueitar da clemencia, primeiro que vſaſſem do poder: porque o animo real ſenhor doutro, ha de ſer piadoſo, & não vingatiuo: & o meſmo digo para comuoſco, por ſegurardes, com perdoar, & não perderdes com rigor o ſenhorio que tendes ſobre hũa alma. *Fil.* Nem o tenho, nem quero telo. *Din.* Ah não ſejays teimoſa. *Fil.* Mal ſabeys quanto me diſſo prezo. *Din.* He logo muyto mal feyto, & perdoayme ſenhora que volo não poſſo dizer doutra maneira. *Fil:* O perdão de Deos: mas eu hey de fazer o que quizer, & vòs ſenhor dizey o que quizerdes. *Din.* Senhora minha, a piedade ſoſtenta, & conſerua o que a crueza acaba, & deſtrue. não ſe ha de vſar de todo poder, & o mays notauel primor do Principe, he perdoar, & dar. Dõ-

de Cesar preguntado de que tinha mays gloria, lembrandolhe, se alegraua mays, disse: de perdoar aos que me errão, & galardoar aos que me seruẽ: & esta quero eu que agora sejays, perdoando màs sospeitas, & agradecendo boa vontade. *Fil.* Todas essas razões saõ boas de dizer, & vòs que as sabeis bem pintar, mas não respondem ao meu proposito, nem me armão. *Din.* Antes vem a plumo: porque està claro, & não se nega, antes todos confessamos serem vossas merces princesas nossas, & nòs não pouco satisfeitos com isso. *Fil.* Poys bem, estamos remedeados com esses principados. A outro perro com esse osso: mas quão longe o q̃ dizeys, do que fazeys, que todos vos prezaes de nos sopear, & querer ternos por escrauas. *Din.* Tà senhora que me afrontays, & por parte de minha senhora o não posso, nem quero sofrer: porque eu ja não saberia negarlhe minha seruidão por nenhũa via, & todo homem aprimorado se preza de trazer sua dama na cabeça. *Fil.* Inda mà hora não seria assi. Boa tola serâ a que consentir sogeição: isso he là para mulherinhas de vila, que todo seu feito, he, sarilhar, & debar, & não entendem vossas malicias: cà temos outros esperitos. *Din.* Por isso arrenego eu, ou arrenegamos todos, que soys todas tão izentas, que nem conhecimento do vosso

senhorio

ſenhorio nos quereys confeſſar: porque ſoys tiranas de vontades,vidas,almas, & nem aſsi ſatisfeitas.*Fil.* Não ſe fala al ſenão diſſo, quem vos queimaſſe todos por embaidores. *Din.* Não ſe pode falar agora comuoſco:eſtays merencorea, que he paredemeyo com deſarrazoada. *Fil.* Boſè mays o eſtays vòs em profiar no eſçuſado: que quanto a mym,como não ha couſa que chegue a ſer liure, nunca viui com goſto como agora : & ſe me não credes eſperimentayo, & não vos leixeys ſopear da vontade apetitoſa, & vòs me nomeareys. *Din.* Não me diuertays o propoſito. Vós ſenhora ja que o ſoys de quem padece voſſa iſenção,cuyday que perdoãdo offenſas,& galardoando ſeruiços ſe gainha contentamento, & louuor, & por eſte reſpeito conuertãoſe eſtas peleijas, que não ſe eſcuſaõ antre os que ſe bem querem, em mayor amizade,& ſeja tudo renzilha de Saõ Ioão. E fora de voſſa paixão,eu vos perdoo depoys confeſſardeſme o que vos mereço,& me agora negays, com tal que pagueys per junto tudo a Graſidel de Abreu,que delle quero as aluiſſeras.*Fil.* Mas quereys que não falemos mays em couſa tão eſcuſada? *Din.* Haſſe de ſofrer iſſo no mundo? *Fil.* Deſenganeſe,que eſtou taõ farta de ſeus embates, que por couſa deſta vida não tornaria a elles. Que tẽ
eſſe

esse homem de ver comigo? Elle cuydaua que era eu obrigada a sofrer seus achaqûes sempre? Poys saiba em certo que ja passou. *Din.* Senhora prima. *Fil.* Senhor primo. *Din.* Pezar de toda a mourisma não sejays tanto molher em ser teimosa, confesso que tendes razão em atanazalo: mas tambem haueys de olhar que o espirito afeiçoado tem mil paixões, & quanto mays vencido, menos sofrido. Ao animo apassionado, nada se ha de crer, nem estranhar: porque não està em sy, & falarlhe, he, falar com quem estâ ausente. *Fil.* E como ora o eu estou. *Din.* Ia o vejo, quanto mays em paixão damores que desatina hum homem. *Fil.* Assi não vèmos cada dia outra cousa, ah raposos. *Din.* Ah crueys, & olhay como rima. Cuyda Grasidel de Abreu que vos he mays leal que hũ Portugues, & vòs senhora acusailo por traydor, & condenailo sem ouuilo, nem lhe aceitar razão que o desculpe, & quereys que tenha sufrimento. Digouos senhora que he caso para perder o siso. *Fil.* Deos o tenha de sua mão, mas não ajays medo, que elle he para muyto, quando tal fosse, quanto mays quem se tão bem empregou. *Din.* Assi cuyda elle, & não lhe val. *Fil.* Eu me entendo, & se fuy paruoa atequi, não o quero ja ser. *Din.* Assas pena, & castigo he o pezar, & arrependimento do cometido, quando

quando ſe tem,& padecer a inocencia não he juſto. *Fil.* Todos ſoys inocentes, & elle ſobre todos. *Din.* Ia volo dou culpado; mas arrependido: não olheys ao que podeys, mas ao que deueys. Paſſar pelas offenſas he grandeza, & mayor animo he ſofrer a injuria, que fazela: & mays mofino quem a faz que quem a ſofre: de vingarſe muytos ſe arrependem, & de perdoar, nunca, por ſer o goſto da vingança de hum mao momento, & o do perdão dura para ſempre. *Fil.* Aos homẽs nunca lhes faltão razões, a razão ſy. *Din.* Senhora minha, do meu mao conſelho, não cureys ora de nouidades. Conſeruay o que tendes ſeguro, não venhays a nouas eſperiẽcias, que ſaõ perigoſas. *Fil* Poys por tanto como iſſo, elle ma tem dada de ſy, & boa, & me enſinou o que deuo fazer: por onde hey por eſcuſado falar em couſas paſſadas, que fim derão. *Din.* Logo eu conſintirey eſquecerem as paſſadas, com tanto que nas preſentes não haja mudança. *Fil.* E como ora eſpero não fazela. *Din.* Não digo da maneira que days a entender, mas que eſquecidos os paſſados agrauos, poys o proprio remedio da afronta, he, eſquecela: acabeſe toda deſauẽça. *Fil.* Eu vos ſeguro que nunca amays tenhamos. *Din.* Beijo as mãos a V. merce per eſſa, & iſſo me parece de roſas, & aſsi he muyta razão, não

hauela

hauela antre vontades tão certas: não erraua eu em vos ter por essa. *Fil.* Senhor não me faleys ad Ephesios, entendeime se quizerdes como o digo, que eu bem vos entendo, em que folgaua com fingimentos,& os cria. *Din.* Estou para hauer merencorea, se podera tela de vòs senhora. Do descredito que me tendes, fiayuos dos amigos, que peor he fiar de imigos: & desconfiar de todos, he triste vida. Melhor he vencer com conselho, que com paixão. Tomay ora o meu, que afè de vosso seruidor, que està Grasidel de Abreu saluo de culpa. *Fil.* Quem perde a Fè, nada lhe fica em que se salue. *Din.* E se a não perdeo? *Fil.* A muyta facilidade he paruoice,& de mym estou escandalizada por a muyta que tiue em me fiar delle: como hey de ser sesuda daqui por diante. *Din.* Em quanto durar o arrependimento. *Fil.* Achome tão liure, que de contente me desconheço. *Din* Certos feros de magoada. E com isso desconhecereys todos. Poys dizeime senhora: & tão izenta se cobra là a liberdade? *Fil.* Mays prestes do que cuydays. Por tanto ninguem anoge sua dama, se não quer perdela. *Din.* E asi mo aconselhays? *Fil.* E mays agora que hey de auisar todas que fação mal, sem quererem bem, que os homẽs asi querem. *Din.* O demo to disse. Apelo por parte dos afeiçoados,

& a culpa de hum (quando a ouuesse) não deue ser pena de todos. *Fil.* Nunca ouuistes, que ameaça muytos quem afronta hum? E hum ingrato ensina outros ser escassos? *Din.* Estays braua de maneira que vos hey medo. *Fil.* Guardeuos Deos de molher determinada. *Din.* Não cuydey que se vsaua là tanta mudança. *Fil.* Poys que querieys, ser muyto liures, & as coytadas sogeitas? Ia as tolas morrerão. *Din.* Bom està isso: vòs senhoras mãdaes, nòs obedecemos: vòs descansadas, nòs cansados: vòs alegres, quando nos vèdes tristes: vòs senhoras da vossa vontade, & nòs querençosos de vola fazer. *Fil.* Quantos enganos. *Din.* Injuriaisme por boas palauras: tudo sofrerey senão negardesme minha verdade, & com todo homem que ma contradissera, me matara: mas com vòs senhora, não ha mays que sintir, & padecer, & vaime parecendo que aproueitarà ja pouco minha porfia a quem me cà mandou. *Fil.* Credeme que vos ouço por não ser mal ensinada. *Din.* E eu se sou sobejo, perdoaimo: porque nos negocios proprios, rogo, & nos alheyos, importuno. E mays não sou tão pouco vosso, que poupasse o gosto danado de ninguem, com vossa perda, mayormente que presumo de tão leal a honra, & estima de todas as molheres, que por nenhũa cousa melhormente mataria

taria hum homem, que por saber que trata enga-
nos a molher de respeito, & tenho para mym por
suma das vilezas, & grande grossaria, fingir amor.
Fil. Não tratemos de vòs senhor primo, que soys
esse, & cà estays nessa posse antre estas senhoras:
mas de essoutro senhor. Para que he vir com no-
uidades agora, se no tẽpo passado não teue amor
merecido por boas obras, & conuersação singe-
la: porque o hauerá, perdida a razão para hauelo?
a Fè he como a alma, que não torna donde sahe;
inda que ninguem perdeo a Fè, saluo quem a não
tem: elle nunca a teue, & esta he a concrusaõ. *Din.*
Senhora prima afè de gentil homem que lhe te-
nho dito disso mays do que podeys dizer, pri-
meiro que aceitasse viruos falar, & deume taes
razões, & cõ tantos juramentos. Fiayuos de mym,
que vista sua inocencia lhe prometi fazer estas pa-
zes. *Fil.* Não façais, que a elle vemlhe isto melhor,
não lhe pejarey o tempo, que quem dous senho-
res serue. *Din.* Ah senhora que he mor mentira do
mundo. *Fil.* Que o seja, ou não seja, que me dà a
mym. Não hey de tornar atras de meu proposito
poys me acho muyto bem delle. Fazeime merce
que mudemos a pratica, ou me day licença para
me hir. *Din.* De maneira senhora, que não valho
comuosco ouuirdesme? *Fil.* Que vos hei de ouuir?
Confes-

Confeſſouos que dizeys verdade:porque vos parecerà que ſe me deuia,mas eu quero agora viuer à minha ley, & ver que vida he viuer ſem amores,que deue ſer muyto deſcançada,ſegundo vou ſintindo. *Din.* Nunca viueſtes ſem elles. *Fil.* Ha ja tanto,que me eſquece, & hum eſtado tras eſquecimento doutro. *Din.* Poys ſenhora olhay que o ſenhorio do coſtume he muyto forte. *Fil.* A peſſoa determinada tudo acaba, & pode comſigo. *Din.* Finalmente que he eſcuſado debater niſto? *Fil.* E bem eſcuſado. *Din.* Se aſsi fizeſſem os deſpachadores, forrarſehia, ſequer o tempo, mas inda me não hey por reſpondido. Cuidayo bem, que as couſas cuydadas, ſe embicão, não cahem. Deue cuydarſe muyto tempo, o que hũa vez ſe ha de deliberar.Lembrouos que ſe alguem perde,tambem perdeys. *Fil.* Sinta cada hum ſua perda,& caleſe com ella,que eu aſsi o farey,ſegura de me arrepender. *Din.* Day ora ao demo eſſas birras, que de fazer vontade à paixão,ſocede o arrependimento. *Fil.* Senhor perdoayme que me chamão. Beijouolas mãos.

SCENA

SCENA SEXTA.

Dinardo Pereira. *Grasidel de Abreu.*

VOTO a tal que o vio, & fugio por não lhe falar: nisto ja não ha cura, liureme Deos dos odios destas, que como começão não tem meyo em ser teimosas. Bem se diz, que ou amão, ou aborrecem. *Gras.* Que vay câ, que tendes feito? *Din.* Day a Deos, mays danada està esta cousa do que eu cuydey. Estaualhe falando, & em vos vendo vir, foise sem me esperar mays razão. Passamos grandes baixas, eu às boas, & ella às màs. Eu porem fiquei com a peor, & desenganado rasamente, que não hauia de entender em cousa vossa. *Gras.* Não volo dizia eu? Sabia melhor que hauia isto de ser asi: saõ galardões do mundo, coytado de quem ha de sofrer tudo Sede là afeiçoado, vereys como vos pagão, não querem ellas mays que acolheruos a vontade para vos fazerem perrarias. *Din.* Ora dizeyme por vossa vida: vòs quereys bem no estremo que mostrays? *Gras.* Mas que vedes vòs em mym para eu não querer mays do que digo? *Din.* Poys afé que nũca

pude

pude entender de vòs mays, que parecerme que o fazieys por passatempo. *Grass.* Tal foy para comigo, mas tinha que era empregar tempo: porque tambem entendo quão pouco fruyto dão fingimentos nestas partes. *Dm.* Nem tambem dà perda, he hum viuer como vossos vezinhos, pouco custoso, & de gosto, & sem amores, cuydo que ninguem pode telo de sy mesmo, & com elles tudo vos alegra, & atè pòr hũa ataca noua vos contenta: & sabeys por quão necessario o tenho? Que como me derdes hum coração namorado, contemplatiuo, sem fezes de censual: douuolo fonte de espiritos nobres, hum debuxo de bós costumes, & que não tenha em muyto ser outro filho de Amon. Sem amor não pode tomar fogo para bom feyto, logo fica apagado, & homem inhabil: por isso sou perdido por mym, & tenho muyta razão: porque não me dem comer, nem beber, saluo pestanas que fação sombra, sobrancelhas afiladas, & hũa espertadura como estrada, & então sob los teus cabelos ninha, dormiria. Mateme Deos com homẽs desta feuera, & mandeme tomar Marrocos, vereys se mo defende o Sofi. E vòs cuidays que tudo he, namorado sou eu? Mays ha que fazer nisso, que nas bragas de hum bode. O bom galante, primeiramente ha de ser liberal,

ſe quer alcançar vitoria, liure para ouciofo, eſpreitar azos, & lograr acertos, paciẽte para ſofrer ſemrazões, & fingimentos, diſcreto para ſaber arrazoar o que lhe cumpre, ſecreto, & não vãoglorioſo, para encubrir ſuas glorias, fiel para agradecelas, & animoſo para perſeuerar no trabalho: eſte tal nunca morre, nem erra valia. A voſſa arte não entendo eu, nauegays por rumos muy aueſſos da minha agulha: ſaõ outras diſcrições ſingulares deſuiadas de certezas. Eu ſou de hir pelo caminho das carretas, que em fim tudo o mays trilhado he o mays certo. *Graſ.* Diruoshey hũa verdade, como a meu confeſſor, & que encubri ſempre: porque a minha arte, he, nunca dizer o deſneceſſario. Eu quiz, & quero bem em todo eſtremo à ſenhora Filomela. *Din.* Agora me eſpanto mays de vòs, & vos julgo peor, dino do mal que vos veyo. E ſendo aſsi, em que vos fundaueys quando por nada armaueys peleijas de anno, & dia? *Graſ.* Como vòs ſabeys: eſſe he o querer bem refinado todo rabujento, & videntro. Nunca quem teue o amor que eu tenho temporizou falando à vontade, como lhe queria muyto, receaua muyto: & a molher, para ſuſtentala haueislhe de mudar os poſtos de bem a mal: porque ſaõ tão mudaueys naturalmẽte, que ſe lhe não alternays goſto, vida, & eſta-

& estado, dandolhe agostar, & sintir as differenças do desejo, tomão logo fastio ao que possuem. *Din.* Ora crede que nenhum amador vè o que lhe cumpre: o muyto mimo vos danou. Bem se diz que a velhice descobre os erros da mocidade, & a fortuna o mao conselho: & tal o teuestes em seguir, de confiado, parecer proprio. Poys sabey que no amor prospero se deue cada hum velar de suas cautelas: porque menos seguro está quem a muyta segurança tem desaprecebido. De boa fortuna não ha que fiar, que o mar em hum momẽto se muda. Fazey sempre que vos não tenhão odio por vossa culpa, & cumpris comuosco. O amante sabe, inda q̃ mal, o que deseja, mas não sinte o q̃ releua. O mao teme a ley por suas culpas, & o bom a fortuna: porque entende sua inconstancia. Isto he andar no certo, & não buscar mundos nouos. *Gras.* Eu, poys vimos a tudo, fazia a conta ao longe: pretendi esperimentar sua condição se me respondia a meus fundamentos; porque amor apura no sofrimento. *Din.* Esperiencia de amigos he muyto perigosa, & a molher he desconfiada das boas obras, quanto mays das màs. Proua de amor como he doce, sendo a q̃ deue assi trabalhosa a contraria: mayormente se a vontade està sogeita. Nunca ouuistes que o enfermo des-

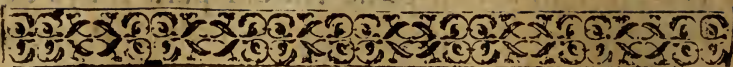
regrado faz o mestre ser cruel? A ninguem tenteys de paciencia, que não ha quem a tenha, & ferida muytas vezes conuertese em furor. Tal foy minha prima, que da muyta que teue comuosco cansou, & nada se acaba por mal. E como diz o exempro: guardeuos Deos de yra do Senhor, alboroto de pouo, & de doudo em lugar estreito, ella senhora de vòs, douda como o saõ todas as fermosas, buscastes cinco pès ao carneiro em querer esperimẽtala. *Gras.* Quem quereys que acerte tanto? Verdadeiro amor não sabe ter regra. Eu sou de saber o que tenho, por escusar depoys magoas que roem a alma, & primeiro se ha de vsar do saber, que tentar a fortuna. *Din.* Se assi quereys, sofrey o dano, por lograr do proueito. A paciencia he brandura comũa de todos os males, mas eu hey, que he matarse duas vezes quem se mata cõ as proprias armas. Nunca creays animo apassionado. Encubristes tanto o bom da vossa tenção, que desesperastes quem vola não entendia: porque qual te dizem, tal coração te fazem. *Gras.* A Fè he do que não se vè, & em crermos o q̃ não vèmos està o merecimento, & crer com proua, não se agradece. *Din.* Assim, que quereys q̃ vẽdo ella quão esquiuamente a seruieys, vos crese o que não via. Excelente varão soys: estas

minhas

minhas senhoras queremse muyto mimosas, & dado que depoys de entregues ao amor sofrem as perrarias que primeiro fizerão, que por isso se disse: para cada porco ha seu São Martinho, mas se, se assanhaõ, ou se enfadão, ja ouuirieys, que ou amão, ou aborrecem. Outros andão a enganalas com falças mostras de bem: & vòs com as de mal enganaueys a ella, & a vòs. Mao fundamento fazieys, não soys camuz de entender damas: querey antes ser amado que temido, que por amor durão as cousas que se perdem por temor, & he pequice querer amar sob cor de imigo. Hides fora de todo o bom dos amores que hão de ser meguices, & branduras, & essoutras rabugẽs saõ mecanicas. *Gras.* Como o meu amor não he comum, não tem os termos vsados comũmente. Fiz sempre cõta de descansar com a senhora Filomela, por o que lhe daua os toques das magoas para me lograr seguro do descanso. *Din.* Bem presente não se deue leixar o que està por vir: para que he adiuinhar o mao anno? *Gras.* Porque gostado o mal se conhece o bem. A esperança do descanso aliuia o trabalho. Pouco gosto pode terse do bem, receando o mal. A deleitosa vida amarga com a lembrança da morte: melhor he o trabalho que espera repouso, que o deleite de que se es-

pera nojo. Pouco contentamento tinha elRey Dionisio das musicas, & faustos de seu estado real, parecendolhe ter sempre sobre a cabeça a espada núa que pendia de hum cabelo. Gosto he contar fortunas passadas, saluo ja dellas. *Din.* Não ha bẽ, por pequeno que seja, que não queira antes logralo presente, que a mayor promessa do mundo: porque sò Deos sabe o por vir. Quem trabalha por descançar, não descãça sem trabalho: & poys o toma à condição de per elle conseguir o descanço, melhor o aceitaria podẽdo, que escolher o trabalho que por seu respeito passa: & por tanto quando vos derem a escolher do mal, & do bem: escolhey o bem, & chamemuos paruo, & que digays, que he melhor o bem, passado o mal, não cureys dessas vaydades: no que estamos, benedicamos, dizem là. Regras de Philosophia, são boas de dar, & màs de experimentar. Nenhum vi tão paruo, que não errasse. Lograr do presente, que o mal quando vier, elle ensinarâ sofrerse, *Gras.* Ah quem se visse em estado de conselho, para debater sobre elle, mas eu viui esperando que falasseys com vossa prima atègora antre esperanças, & temor: perderãose ambos com me leixar em peor estado: venhão as dores, poys asi o quizerão meus fados, *Din.* Não vos entregueys â paixão, ja

vos

vos a fortuna não pode mudar para mays dòr. Fica eſperar o remedio que Deos darâ. Yra com poder he rayo: o efeito de tudo conſiſte em ter poder, & crer, ſe qualquer deſtes falta, nada ſe faz: porque ninguem faz o que não quer, & faltando o poder, por de mays he o querer. Minha prima tem agora tudo, não ha reſiſtirlhe, leixaya cumprir com ſua furia. Antre tanto eu falarey com voſſa cunhada, que as molheres rendemſe hũas a outras: & ella lhe farà perder eſta merencorea, que quanto mayor lha vejo, mays lhe eſpero amançala. *Graſ.* Seja aſsi, nada fique por tentar. & quando não, entregarmehey às magoas, que ja ſey que eſtas dà o mundo, em ſatisfação das verdades. *Din.* Ora que tudo ſe farà bem, & o tempo o dâ. Vamonos ao Paço que ſaõ horas.

ACTO QVARTO.

SCENA PRIMEIRA.

Germinio Soares. *Artur do Rego.*

PArecemme horas de hirmos à nossa auentura. *Art.* Eisme aqui com minha esclauona cinta, coração seguro no peito, & a vontade pronta em vosso seruiço. *Ger.* Eu diria que era bom leuar verdugo mays de marca, quaes os ja trazem todos, & postos em ponte de ferro, a poder de estocadas se defendem como de hum baluarte. *Art.* Castelhanos trouxerão essa couardia à terra. Quando Portugal florecia, com seu treçado ao longo da perna, bom esforço cometia tudo, & dauãose, & tomauãose com gintil destreza, & animo destemido: agora passouse a confiança do espiritu à munição das armas. *Ger.* Hauemos de andar com o tempo: porque nos ajudemos delle. E por tanto forrayuos para contraminar matantes roncadores, que andão feitos relo-

gios,

gios, que eu vou de minha coura, & casco de laminas, luuas de malha, & duas pelotas de chumbo, & este verdugo de Milão, que he dos melhores que vistes. *Art.* Braço ha no mundo q̃ dè dous golpes com esse espeto. *Ger.* Eu não quero mays que polo diante do peito, & meu passo auante. *Art.* Ora vos digo que hides hum Mazagão de forte. Poys eu não quero mays para arripicar em saluo que este chapeo de casco, & minha luua da ferrar, & vereys que descozer faço com a minha fisberta, se vimos a isso. As horas, vòs senhor as vede por vosso regimento, que do conselho do Capitão péde o esforço do caualeiro. *Ger.* Vamos, que melhor serà hirmos de antemão, que errar marè, que em acertala consiste tudo. Nòs himos apercebidos para os noturnos combates de nossos petrechos, ao proposito competentes. Esperaremos as horas no posto: porque não o tomem primeiro outros auentureiros: poys por estilo de bōs cortesões, he de quem toma a posse. *Art.* Vedes que graciosa noute? *Ger.* He a propria para morosos furtos. Mas vamos calados veremos se ha galantes nas frontarias, que nos possaõ estoruar. *Art.* Mal lhes armarâ agora isso: porque vou de maneira, que se me alguem faz carrancas, & posturas de buso: em outro tempo se podem

melhorar

melhorar de mym em que me tomem sem colera, mas neste perdoelhes Deos. Dò hey ja do que me anojar, & se puzer em pontos comigo, que como sabeys, tambem na valentia ha horas : & em vossa dita, parece, cahiome o meu quarto, & vou para me dar com hum esquadrão. *Ger.* Se vos sintis picado, hide lestes, que a galantaria anda aqui trauada de maneira que não ha quem perca ponto, deue causarse do faro destas senhoras, que esse deu alento aòs tiranos para sustentarse dez annos cercados, & o temeroso ceruo, fasse atreuido tocado deste furor. *Art.* Se toparmos gração que se ponha em som de fanfarraria, leixayme, que eu vos darey conta delle. *Ger.* Diruoshey, eu tenho que he lingoagem de Satanas, & semente que semeou nos animos Portugueses por conhecer que saõ altiuos, & pontuaes em seu brio, & que casi pecão de desconfiados : porque leues palauras vem a eternos odios, o que nas outras nações he venial: & nòs fazemos a honra tão vidrenta, que qualquer toque a amola. *Art.* Antes vos digo que se vay ja perdendo a opinião com que se guardaua o decoro aos homés, & não se sofrião os desaforamentos que o interesse tem admitidos. *Ger.* Temse o mundo feito muyto sesudo. *Art.* Logo lhe eu isso sofrera, mas tenho que o interece o

tem

tem feito couardo, & esses sisos dos bõs dà ousadia a roins para tomarem liberdade em seus excessos,& cayrem com elles. Eu não vos louuo ser soberbo,nem vos gabo ser sofrido,por não dar licença a couardes. Entendo que o muyto sofrimento acanha espiritos nobres , & dà folego aos fracos.*Ger.* Muyto ha disso pela terra, & he viuer christãamente sem odios.*Art.* Essa vos não confessarey eu , antes cuydo que quando as amizades erão pubricas,hauia corações mays puros,& agora tudo he brazas debaixo de cinza , & cobra antre as eruas. Dessimulo,porque não vos veleys de mym: Não me declaro,porque não me recebe de vòs,& fica assi o campo seguro para vos ferir onde vos acho em discuberto. Estranhase tolher a fala,& sofremse obras imigas.*Ger.* Essa he a discrição que achou o mundo,saber dissimular o odio, & atreuimentos ja não vem a lume,& amarrar o siso inda não basta. Quando o escudeiro se enfeitaua com brozeguins bayos , barrete vermelho cõ fita azul, morto por leuar boas pernas acaualo,& no cabo da carreira apupaua : então se estimaua a colera: agora em açamala vay a honra,& em leixaruos acanhar a discrição. O homem brigoso he bruto,o manhoso louuado, & por tanto não sejays ardego boca ardẽte,nem tomeys sestro

tão

tão desasazonados. *Art.* Não sey tão pouco do mundo andando em meyo do pego. Pouco presumis de mym, se me fazeys tão cego que não vejo o tempo bisexto, & que apupa a quem seu cabedal emprega nessa mercadoria que ja teue preço. Tenho entendido que està o Portugal na derradeira idade que requere repouso. Cobiça dinheiro para fazer quintaãs, natureza de velhos, & sofre rapazes por viuer. Mays vos digo, porque entendays como sou de atalhar a desgostos, que cansaõ a vida, & poupar minha recreação, que não me haueys de acolher nestes amores do Paço: porque saõ muyto longueiros. Quero mays duas horas de hũa madama sem coymas, que me vem a casa bailar, que todas estoutras vossas damices: porque as que digo, he hum comer feito, & barato, & estas minhas senhoras saõ tão guardadas, & recatadas, que não se pode fazer com ellas trauessura que vos não caya em casa: & eu viuo à ley de siso, & não me auenturo em cousa de tã to perigo, & pouco tomo. *Ger.* Valhame Deos quão mao namorado soys, baixa estofa he o trato dessas madamas: mays de homẽs sensuaes, & deuassos, que de galantes: & não tendes gostado amor contempratiuo, que he o doce dos amores. Essoutra cousa he bruteza que enfastia, & enfada

muy

muy em breue, & tem cem mil enfadamentos dalma, & do corpo. Sabey que o mel da vida, he, seruir hũa gentil dama, & quanto mays perigosa he a empresa, tanto de mays preço: quanto mays velada, mays estimada, cobiçada, & de mays gosto. Contraria opinião tendes de todo o homem de espirito: ha cousa que chegue à recreação que a alma sinte em contemprar a lindeza de hũa dõzela, que he a nata da natureza? hũa pintura admirauel, a menina das creaturas, a mostra das graças, o trasunto do primor? Ora chegay a ouuir a agradecida fala, a meiga brandura, a mansa cõuersação. Senhor hey dò de todo homem sensual, & percome por hum galante contemplatiuo. Pondeme vòs alem do mar, que o menos que farey, he, ser outro Leandro. *Art.* Heys ahi vòs que vos armão caualeiros andantes, & os encantamẽtos da insula firme. Eu senhor queria a entrada franca, & sahir pela porta, por não morrer como Calisto: & todauia se cumprir, ninguem he mays verde que eu. *Ger.* Agora me contentastes, que eu bem estou com o siso: mas às vezes parece que ha casos em que posto aparte cumpre vsar desarrasoada determinação, segundo fazia Alexandre. Hũa hora por outra hanse de cometer as cousas à ventura, & não ser sempre arbitrador, poys não
basta

basta alcançar os sucessos dellas, por cousa de tanta estima como hũa linda dama tudo se ha de auenturar, & nada temer: mas para com os auentureiros deste passo. Toda a boa cortesia he esforço, & discrição, & tacha querer afrontar ninguẽ sem necessidade: & temse por grossaria estoruar a ninguem seus gostos. A paz hasse de procurar sempre. E assi dizia Cipião Mayor, que não se deuia trauar peleija, saluo conuidado da ocasião, ou forçado da necessidade: porque de Capitão descuydado era desprezar azos offerecidos: & de estremada couardia, não ter animo acometedor quãdo se offerece esperãça de não hauer desastre, nem perigo: & o temor não dà outra cousa, saluo destroição, & afronta. Por onde o bom he sempre antes de virem às armas, acabar tudo com a boa razão. E assi disse Phelipo vencendo os Arcadas, melhor fora se os venceramos por saber, antes q̃ por força: que a vitoria alcançada per virtude do animo he a milhor, por quanto nas forças, as alimarias nos vencem: por o que ser bom Capitão he especialidade muyto de vantagem a do bom caualeiro. E por isso dizia Cipião Africano, que o parira sua mãy Capitão, & não soldado. *Art.* Não se nega que o saber domina sobre tudo, se o tempo o permite, & que he bom viuer de proximidade:

dade:mas esta cousa corre, segundo tenho entendido : segundo o que cà dizemos, que o couardo fugindo,não foge a morte:porque às vezes o querer fugir brigas,as causa. E homẽs muyto caualeiros,& aprimorados, por não quererem ter palauras, hauendoas por armas de molher, ficãose afrontados, & serlhes depoys necessario melhorarse com dobrado trabalho: porque não ha enfadamento,& ocupação que asi atormente a alma,em quanto a não satisfazeys,& depoys de satisfeita:& hauer de cumprir com o mundo,parentes, amigos, & com honra, não se pode fazer. Se não fora Christão esperarauos hum touro: por onde palauras saõ muyto perigosas,& vinganças màs de azar: & ha hũs madraços que trazem o esforço na lingoa,vendo gente em meyo:& se vos vèm comedimento, queremse senhorear de vòs com sobrançarias. *Ger.* Esses necios,desenganalos com obras:andão aprecebidos de termos grosseiros no primeiro recontro, por se forrarem de vir ao segundo, em que mostrarão o fio:saõ de alcateas,& q não entende sua composição, & quẽ vir seus preparatorios telosha por Golias : mas isto he para pouo, & molheres. O homem que de sy sabe que não ha de fazer couardia,seja seguro, & não dé vento a roncarias. De branduras vos ve-

lay,

lay que peor he o dia encuberto, quo o descuberto. Dizia Chilon: ameaçar, he auisar o inigo, & danar a ocasião da vingança. Homem manso abu tumado me desatina, & nunca o queria por contrario. *Art*. Eu nenhũa cousa receyo tanto como palauras, que vos tomão descuydado, por quão má he de hauer satisfação dellas. Darse hum homem com outro, o que menos pode, se se defende com animo, não fica couardo. Ficar mal de palauras, acanha a opinião, obriga muyto, & quem se guarda he mao de acolher em parte que vos satisfaça, & saõ culpas mays da mofina, que do animo. A minha voz, he, ser Biscainho nas razões, & Portugues nas obras, sayndo ao primeiro arrepique. *Ger*. Aqui somos, inda cà temos gẽte de guarnição, amantes de caualo, os quaes fazey conta que manterão a tea parte da noute. *Art*. E quem saõ os meus senhores? *Ger*. Inda o não sey. *Art*. Os dous que cà estão assentados deuem ser seus lacayos. Vamonos para junto delles: porque os amos não encalmem comnosco, & se detenhão de sofregos se entenderem que temos negocio.

Ger. Seja asi, que a noute grande he
& ouuiremos tambem o
que dizem.

SCENA

SCENA SEGVNDA.

Dom Ricardo. *Dom Galindo*
Germimo Soares. *Artur do Rego.*
Xarales. *Miranda.*

VOS senhor Dom Galindo ouuistes hoje a senhora Dona Paula com Dom Galaor na mesa da Raynha? *D.Gal.* Não fuy là por certa ocupação. *D. Ric.* Ora poys ouui. Foyse Dom Galaor para ella, & çarrouse de maneira com elle que o afrontou, & chegou a tanto, que elle de inchado soltouse em palauras taes, que foy necessario a seu primo Dom Florendos, que estaua da outra parte, sayr per ella: & ficou a cousa tão azeda antre elles, que se recea hauer desafio dambos. Eu ja sabei que se fora Dom Florendos, àlem do mar o desafiara: porque, senhor, estardes com hũa dama obriga muyto, & requere estar homem sempre com o pè diante, como Grou. *D.Gal.* Muyto me contays: assentay senhor que hũa dama he hum vidro: & o galante que com ellas ha de tratar, cumprelhe andar confessado, & com cedula feyta: porque se lhes entra hum

entejo do ar:fazemuos deſprezos,que não ha mu ralha que ſe lhe tenha. Ora â hum torcicolo com bocejo,não ha caſa forte, que por no ſufrir vltrage, cometerey todo o impoſsiuel. *Xar.* Iuriadez que teneys poco que hazer en eſſo: ca peor que moro es quien me tiene aqui a deshoras,al freſco de la noche,con hambre,ſed,& frio: mas puto de mi (judio) que te ſufro, por vn negro ducado al mez, y eſſe mal pago, y es juſto; que quien ſirue locos, y necios, no puede ſacar dello ſino mala ventura. Y boto a tal que ſi me paro a penſar en eſto,eſtoy por derreñegar de la leche que mamè, por hauer venido en eſta tierra,do todo es locura, y fantaſia. *Mir.* Vòs Caſtelhano cuydaueys que tudo em Portugal era mel,& manteiga? *Xar.* Calla Portugues bouo, que de necio no ſientes tu mal.Hados malos me traxeron aca purgar pecados en comunicar bouos. *Ger.* Vòs goſtays deſta farſa? *Art.* Real eſtà o paſſo, & o Caſtelhano tem ſal. *Ger.* Poys o Portugues não ſe lhe agacha. *D.Ric.* A ſenhora Dona Paula he gentil dama, & ſua opinião,& ſofre mal galantes de almazem,& o que ella admite, ſabey que ha de ſer atilado, & poucos taes na duzia. E parece ſer que o ſerão paſſado, mandoulhe Dom Galaor pedir que quizeſſe dançar com elle hũa baixa, & alta, & ella

eſcu-

escusouse por mal desposta; & dahi a nada, sahio a passar galharda, & pauana com Dom Felipẽdo. E Dom Galaor, ja sabeys que he fraco cortesaõ, & leua mal o Paço. *D. Gal.* He verdade, & ja ha dir à coua com se vestir mal. *D. Ric.* E cuydo que se queixou. *D. Gal.* Vamos, & venhamos: q̃ pode hum fidalgo dizer a hũa dama, que não seja amores, ga lantarias, obediencias, sogeições, & bõs ensinos? Ora se fala bem, que lho aleuante a dama, & estime, & se mal, que lho dissimule, & sofra, poys elle faz o que pode, & sua tenção he contentala. *Xar.* Tomad por ahi, pensays mi amo q̃ todos tienen de ser como yo, que viuo de sufrir necios como vòs. En buena cè, que deue ser muger de biẽ, pues no sufre badajos. Si el galan fuera Xarales, a mi el cargo, que no le hallasse desgraciado. *Mir.* Não te calarâs Castelhano? Queres que te quebre esses focinhos. *Xar.* Callate tu noramala, pues eres asno, y no sientes la carga que traes a cuestas en viuir con otro tal como tu. *Mir.* Bem sey Castelhano que correys hoje risco comigo. *D. Ric.* Si, mas presuposto que ella se enfada da sua fraca cortesania: porque quereis obri gar hũa dama discreta, que naceo para mimosa, que se encalme com ouuir muyta sensaboria, & frieza, que he hum brauo, & incompatiuel

 enfada-

enfadamento? *D.Gal.* Diruoshey a isso senhor: eu não sinto qual he o homem discreto, quanto mo derdes mays namorado, que se atreue, ou pode falar a sua dama, sem tartarear. *D.Ric.* Desse voto sou eu. O homem afeiçoado, mays fala com os olhos, q̃ com a boca *Xar.* Nunca mas medreys q̃ para melcochero. Oyes Miranda? Oy me acaecio con vna rapaza, hija de la mesonera amiga de mi prima Cifuentes, quererla hablar, y por no quererme escuchar, subiosseme la mostaza a las narizes, y fue tanta mi saña, y corage, que le descarguè media dozena de bofetones, y ensangrentelé todas las muelas, hecho esto, escabullome depresto, y vengome muy enojado. *Mir.* Voto a mares, que andaste como homem de barba, inda que a tés bem ruim: porq̃ não ha ceuadouro para caçalas, & fazelas vir comer à mão, como darlhe hũa boa estafa, que todas tèm, que as não castiga senão quem lhes quer bem. E eu com a minha tarasca não lhe acho melhor entrudo, & baila diãte mym. *Ger.* Pareceuos que dizem bem os amores destes com os daquelloutros, que tè falar temem? *Art.* Tudo tem pro, & contra. Tantos homẽs, tãtas sentenças. Todos os estados tèm seus estilos. *D. Gal.* Muyto bom seria isso. Eu todauia não sou de ver logo os cabos, que são muyto sem sabores. Daime

hũs

hũs amores picados, esperanças perdidas, izenções amorosas, que vos fazem afocinhar a cada passo, que aqui vay a trisca dos suspiros, ansias mortaes, & a profia dos desejos: porque, senhor, tambem não se pode tolher a hũa gentil dama, antes lhe està bem, & pode, se quer, ser izenta: porque eu não sofro hum homem enfadonho, quanto mays quem naceo para a sofrerem, & desenfadarẽ. *Ger.* Està aprimorado do Galindo. *Art.* Não se pode negar ao sangue puro, ter delicadeza nos espiritos, & pureza nos pensamentos. *D.Gal.* Senhor, sofreime esta fraqueza, se vola parecer, mas eu a minha arte he estimar damas como as meninas dos meus olhos: porque asi o saõ ellas. *Xar.* Para el puto que tal hiziesse: juri a la mar salada a hallarme con vna destas sus requebradas, mas paparotes les diesse. *Mir.* Esta de meu amo, que parece feita de engonços, & anda sempre nos bicos dos pès, como alueloa: quem me desse achala antre laura, & Coruche, para me vingar destas màs noutes que me dà: porq̃ eu ja primeiramẽte hauia de desbijala de todos seus pendiricalhos, & ensinarlhe a doutrina Christaã, q̃ perdesse ella a saudade aos suspiros de seus requebros. *Xar.* Y para hazelle su officio con Letanias, y todo, dalle al cabo con los talabartes vna buena disci-

 plina,

plina, en buena fè que la dexasses mas dotrinada q̃ la Siuillana en su tiempo. *Ger.* Haueys q̃ soubera aquelle grande Dõ Ioão de Menezes tratar assi hũa dama? *Art.* Mas como se acharia enleada a delicadeza de hũa donzela linda, em poder de hum destes alões. *Ger.* Tudo a desauentura pode, & tudo se vio ja: mas culpas desta calidade, nunca as desculpo em molher, se ella as cometeo, nem lhe chamo senão desaforada deuassidão, por mays cores que lhe deys da fraqueza humana. *Art.* Fraca disculpa tẽ, mas he para lastimar muyto: porque a molher he o em que se ella assi mesma estima. *D. Ric.* Muyto bem estou com hauer de sofrer tudo a hũa dama, por ser dama, & ser molher: mas os mouimentos acidentaes, não estão na mão dos homẽs: porque ellas tambem deuem muyto fugir de escandalizar por não auenturar ser escandalizadas. *D. Gal.* Poys dizeime senhor, sabeys se se desafiarão? Que Dõ Galaor, eu seguro que aceite o desafio de bona voglia: porque lhe tem vantagem nas armas, em que he muyto destro. *D. Ric.* Não vos vades por hi, que no animo està o negocio. Eu não me fio tanto nas mostras, inda que as não condeno: mas de homem de sangue que tem vergonha, tudo lhe espero: & mays nisto ha ter razão por sy, & dita. *Xar.* No os

mateys,

mateys,que yo os prometo, si alla van, que ellos bueluan saluos,y sanos como los de antaño. *Ger.* Como he certo a ninguem perdoar o pouo. *Art.* Olhe cada hum que faz, que muy comum he, trosquiarme em conselho,& não o sabem em minha casa.*Mir.*Dizey Castelhano,nunca vòs ouuistes, não querer ferir, nem matar, não he couardia, mas bom natural? *Xar.* Ansi lo dizen en mi tierra:mas empero,alla, si dos rufianes de por ahi salen a campo por nada, de muertos, o arpados, todos a bien liurar no escapan ellos, y los padrinos. *Mir.* Isso serâ borrachas: sabeys vòsoutros mays que punta al ojo? Não ouui eu sempre em Castela, al buen huir llaman sancho. *Xar.* Nora mala para vòs,y para vuestros aguelos,pues adõde vuo los Ifantes de Lara,Bernardo del Carpio, y el Cid Ruym Dias?*Mir.*Nesse tempo não hauia Portugueses. *Xar.* Quanta necedad dezis hermano,perdone Dios a quien mas no sabe.*Mir.*A vòs amargauos a verdade Castelhano. *Xar.*Mirà Miranda no riñamos, que os pezarà si me enojo. *Mir.*Todauia vòs Castelhano correisuos,& então hireys a Castela dizer que saõ os Portugueses bobos, & a mym, chamaõme engule Castelhanos,& toda Castela velha não he papo para a minha luguesa colobrina*Xa.*Iuri a las siete cabrillas:

ſi Caſtilla ſe le entojaſſe,que tiene en Portugal vn almorço. *Mir.* Pelos oſſos de minha dona,que cõ hũa queixada de aſno, faça morteiro de todos vòs,como moſquitos. *Xar.* Quiero callarme,que al loco, y al toro. *Ger.* Não ſe pode negar ſerem Caſtelhanos galante gente: Não goſtays da ſegurança do Miranda? *Art.* He muyto certo poſto de Caſtelhanos linguarazes,& gracioſos,correrſe como lhe não fauorecem ſeu partido: & ſe ha quem lhe tenha as pelas, perdemſe a cada paſſo. *D.Ric.* Todauia Dom Florendos andou curto, & não ſey o que farà. *D.Gal.* Sey eu logo muyto bem o que fizera: porque eſta couſa, quer que tomeys o conſelho comuoſco, para ſegurala. *Ger.* Dom Galindos he bom bicho, & vem de boas egoas. *Art.* Aſsi ſabey vòs, que eſtes caſtiços logo tèm outra ſeda, & outra condição mays tratauel, & humana. *Ger.* Poys ſe o conuerſardes, ſereys ſeu negro:porque a ſua fidalguia, & o ſeu primor,he como de branco a preto,doutros inchados de valias da fortuna. *Art.* Eſſes deſconhecemſe a ſy meſmos, & não tem inda a natureza alporcada para ſerem comeſinhos:& mays realmente parece que de ſerem idolatrados de muytos,que a neceſsidade obriga grangealos. Não aduirtem os juyzos que os eſpreitão, nem ſabem eſtremar os homẽs,

donde

donde ſaõ aborrecidos,& notados. *Ger.* Cõ muyta razão:porque não ſejão cabrões tão necios,que ſe ponhão nos pincaros da ſoberba como lhe entra hum dado de dita,& como carecem de merecimento,aſsi o não ſabem grangear, o que podião fazer a pouco cuſto. *Art.* Não dà tudo a fortuna,antes muytas vezes lhes he mays falſa,que liberal. *D.Gal.* Diruoshei ſenhor:eſtes deſafios ſaõ por couſas tão leues,& ſem odio, nem paixão de partes,sòmente por primor, que nem os hey por bõs, nem me parece mal virem amigos delles. E tenho eu que o homem que leuemente aceita brigas, leuemente ſe ha nellas. *D.Ric.* Si, mas que quereys fazer a murmurações dos homẽs? que neſtas couſas,aſsi vos acuſaõ os amigos, como os imigos: & todos vendem então hombridades à voſſa cuſta,nem ha quem vos cõſelhe o que deue, nem o negocio he para tomar conſelho, ſaluo conſigo meſmo: & ha niſto mil pontos, de que homẽs muyto experimentados, não ſabem deſaſirſe: & ajuntaſe querer hum fidalgo às vezes requebrar hũa dama, & por contentala, arriſcar ſua quietação. *D.Gal.* Eſſe he o demo,& nunca o cumprir com elias leixou de ſer cuſtoſo. *Ger.* Ia o Caſtelhano não diſcanta, & he perda. *Art.* Eſtà amuado. *Mir.* Xarales dormies, ou que demo te

toma,

toma,que não falas? *Xar.* Estoy contemplando en tu necedad,y mi locura. *D.Gal.* Ay,ay,vòs senhor vistes o que eu vi? *Xar.* Pensè en buena fè que le apaleauan. *Mir.* E não lhe acodias? *Xar.* Mi fè,antes me holgara,por verme vengado. *D.Ric.* Parece que deuem agora vir da mesa de sua Alteza. *D.Ric.* Senhor não ha cousa que chegue a verdes hũa dama à claridade de hũa vela *D.Ric.* Perdela seria muyto melhor. *D.Gal.* E vèla tambem, não he mao. *Ger.* Grande diriuar vay lâ: & com quanto me ocupaõ o tempo,gosto de os ouuir:porque em fim todos falamos hũa lingoagem, por mays que se nos fação idolos. *Art.* Mas quão mal elles ora sofrerião cuydar que os grosamos: porque não compadecem na outra gente juyzo,nem primor algum:& achareys muyto mays impaciẽtes os que menos razão tem de selo,hũs ciosos da fidalguia,pobres de auoengo,que os naturaes della saõ mays humanos em admitir,& aceitar espantos alheyos:não lhe faz nojo o particular talento. Todos porem manquejão de desconfiados. *Ger.* Sabeys hũa nobreza muyto enfadonha,& nogenta? a dos que sobem por dita: querem negar,& apagar seu nacimento com se fazerẽ intrataueys, enfadão o mundo, não sintem como saõ vendidos em recompensação da sua deshumanidade,

& ido-

& idolatria. *Art.* Não he ſofriuel neſta parte o eſti-
lo deſta terra. Que ha de poder tanto hum mao
coſtume que ferrem os homẽs com o foro, como
ao gado com ferro, & não vos valha ter partes de
merecimento, & juſtiça, de auoengo que por for-
tuna, & leys do tempo deſcayſſe, para vos enta-
bolardes em nobre, & outros ſem o ter, nem me-
recer, por dita, ou por dinheiro, tẽnos para tudo,
& mandão o mundo, & leuão o grao aquelles a
que ſe deue, por juſtos reſpeitos, que não valem.
Ger. Muyto ha que recramar niſſo: mas parece co
mo Deos dà merecimentos, aſsi querem os pode-
roſos dar foros. O certo, & o juſto, no dia do grão
juyzo ſe verà, que agora tudo he treuas, & confu-
ſaõ. *D. Gal.* Aque delRey, aque delRey, que correo
o encerado. Voume lançar em hum pego. *Xar.*
Ya lo hizieſſes, pluguiera a Dios. Las tripas me
truxo a la boca con ſu aque delRey. *Mir.* Vòs Ca-
ſtelhano cuydaueys que ereys ja mamado. *Xar.*
No en mi anima, ſino que me holgara de velle
arraſtrado, por no oyr ſus necedades, que pienſo
que aqui nos tiene de amanecer, ſegun eſtan de
eſpacio, y no sè qual es el Dios que lo ſufre. *Mir.*
O que te ſofre a ti, que es peor que elles. *Xar.* A lo
menos no ſoy tan necio como voſotros. *D. Gal.*
Ah deshumana cegueira! que ſtrago os olhos que-
brados,

brados,quebrados para quebrar, todos os goſtos paſſados. *Xar.* Tomá por allà que concierto de razones. *D.Ric.* Iſſo he voſſo? *D.Gal.* ſenhor não, he do Chiado. *D.Ric.* Em algũas couſas teue vea eſſe eſcudeiro. *Ger.* Eſtes nomeão hum eſcudeiro, como os Iudeos nomeauão Samaritano, como que não procedeſſem muytos de mays baixos troncos. *Art.* Natureza he da ſoberba deſconhecerſe, & cuydar de ſy, o que outros não cuydão. *D.Ric* Eu ſou perdido pelo Petrarcha. Laſſar il velo o per ſole o per ombra, dona non vi vidi io, por che ne conoceſte il gran diſsio, che ogni altra voglia détro al cor mi ſgombra. *D.Gal.* Sabeys ſenhor que me mata? a letra do Dante ſobre a porta do inferno: Voi che intrate laſciate ſperaſſe. *D.Ric.* Eſtà fidalga. *Xar.* Mas la quiziera villana para ſer buena. Eſtos Portugueſes, todo ſu negocio es, hidalgo acà, hidalgo acullà: queriale yo las obras hidalgas, mas ellos curanſe poco de hazellas. *Mir.* Como ſaõ fidalgos, ſaõ preuiligiados, & eſcuſos de toda obrigação, & tè para com Deos querem ter pontos. Nòs cà não ſomos gente. *Ger.* Entrão na Filoſofia que he toda magoas. *Art.* He tão natural noſſo, ſermos cenſores dobras alheyas, que como entramos em materia de reprenſaõ, qualquer de nòs he ſentenceoſo, & mays tudo he verdade: porque

que somos nòs todos erros. *D.Ric.* O Virgilio, senhor tambem he muyto delicado nesse passo: & pintandolhe a entrada diz:

Vestibulum ante ipsum, primisquè in faucibus orci,
Luctus, & vltrices posuere cubilia curæ.

D.Gal. Brauo epitafio. *D.Ric.* Nunca homem tal disse. *D.Gal.* Sabeys hum verso que me derrea, de Lucano, quando Porcia, sabida a morte de Pompeo, dizia:

Turpe mori post te ferro, non posse dolore.

D.Ric. Està marauilhoso, senhor, não ha cousa como Poètas, para falar bem. *Xar.* Bueno va el negocio: de caualleros se han buelto Letrados: ò plega a Dios que presto seays recueros, y despues (porque mejor medreys) forçados en galera. *Mir.* Ora vente, hiràs tanger o teu crauo, & ornejarâs hum pouco. *Xar.* Es musico tu amo? *Mir.* Como eu, mas elle cuida que não ha outro Orpheo. *Xar.* De las armas queria que tratassen como sus passados, pues es su profission, que para el Latin sobrados nescios ha. *Mir.* Por isso a terra he cheya de trampas. *Ger.* Vedes outra opinião vulgar, hauerem por bom não saber. *Art.* Os nossos passados teuerão essa manqueira, fazendo fidalguia o ser inhabil, & todauia erão assi muy escoimados nas armas, & na verdade, & não se lhe

pode

pode negar hum grande louuor em ſeus famoſos feytos. Iſto, porem, não tolhe ſer mao o não tratar as letras humanas, que nunca botarão a lança do nobre. Antes eu diria que as boas artes, aos nobres sòs armão, & nelles ſaõ melhor entaboladas, & ja ſe iſto aſsi vay entendendo, & vſando. *D. Gal.* Diruoshey hum verſo que trago a meu propoſito, ſe vos quadra, he de Ouuidio, que fala ſempre do tempo: de Medea para Iaſſaõ:

Et formoſus eras, & me mea fata trahebant.

Achey eſta hũa razão namorada para hũa dama que lhe parece conquiſtar mundos com ſua fermoſura. *D. Ric.* E que lingoagem lhe days? *D. Gal.* Voſſa fermoſura, & meus fados puderão tudo. *D. Ric.* Pareceme muy forçada: outro ſentido lhe daria eu à letra, para lhe abater a opinião, qual me parece deuia de ſer o de Medea, que para molher, vem a pedir por boca. *D. Gal.* Dizey, veremos. *D. Ric.* Fermoſo ereys vòs Iaſſaõ, não baſtara porem, ſe me não deixara arraſtar de minha afeição, & aſsi faz a ſua cauſa boa. *D. Gal.* Eu voume quanto à minha tenção, que muytos comentadores ha, que dão aos Poètas entendimentos alheyos do ſeu, melhores, & peores, por quanto não ſe leixão alcançar, ſenão de muyta diſcrição, & galantaria. *Ger.* Como Dom Galindo eſtà aferrado

rado com o ſeu parecer : quão longe de crer, que pode hauer outro melhor. *Art.* Natureza he deſtes não cuydar que ha juyzo, que chegue ao ſeu. Nòs não lhe negamos que muytos tèm muy claros entendimentos, & engenhos, ſe quizeſſem ſeguilos. *Ger.* Manha he de Portugues, com qualquer couſa que alcança de algũa ſciencia, pareceLhe que eſtà no cabo della. *Art.* Dahi vem fauorecerem muyto pouco toda arte : & tambem de muytos que a não tèm, & nada alcanção: & com deſprezarem, & reprenderem tudo, cuydão fazerſe diſcretos. *Ger.* Todos taes ſomos, & em todas as regiões cuydo que he aſsi, poys tão geralmente ſe queixão os eſcritores, & eu o não hey ja por inconueniente, para cada hum por iſſo leixar de ſeguir ſeu engenho, com tal, que nunca ſe antremeta em emendar a Igreja, nem pontos de Fè, poys tem o Eſpirito Sancto por Padroeyro : porque acometer o contrario, hey por a ſumma das paruoices. *Art.* Voume com voſco a carga cerrada entrar hũa vez na barca de São Pedro, empole o o mar quanto quizer, & durma o Meſtre embora, que ja ſey que acordando manda os ventos, & obedecemlhe. E por tanto, mediante ſua graça, nunca me vereys homem falto de Fè. *D. Gal.* O Propercio picaſe de cioſo, & fuilhe

achar

achar a este proposito:

Scis quæcunque velis, non aliena tamen.

D.Ric. Està delicado, mas em ciumes ninguem falou como o Boscão, & vay hũ Castelhano achar: Mucho mas lo quiero viuo, que muerto de vòs llorado. *Xar.* Mas pensè que lo hallassès Portugues, que no sabem mas que hablar: minha fermosa. *Mir.* E Castelhanos sabem mays que rebolarias, & feros? *Xar.* Quiziera mas hallarme aora en las vinhas, al pie de vna cepa, que oyrte a ti, ni a los bobos de nuestros amos. Hermano Miranda quieres que hagamos arroido hechizo, quiçà con esto, por despartirnos, que haremos que se vengan? *Mir.* Vay bugiar. Eu não posso arrancar, sem fazer sangue. *Xar.* En vna bota. *D.Gal.* Gintil Poèta he o Boscão. *D Ric.* Gracilaso leualhe a boya. *D.Gal.* Ambos me satisfazem; cada hum por sua via. Mas se me desseys licença, não lhe dou a fogaça do nosso Francisco de Sâ de Miranda, de seu estilo sentenceoso, & muy limado, & nouo. *D. Ric.* Acharcys muytos contra vossa opinião. *D.Gal.* Basta ser natural, para ser contrariado *Ger.* Como aquilo he certo de Portugueses. *Art.* Não nos sofremos. *D.Gal.* Todauia conceder vantagẽ, a ninguem he difficil, & atreuimento insofriuel. A mym não ha cousa que me atarraque, como

boa

boa prosa. *D. Ric.* Eu a louuo: mas não tireys seu preço á troua, que a boa, raramente a fez homem paruo: & a mà, não se sofre. Donde se vè claro quão pura, & rara he. *D. Gal.* A troua Portuguesa sem fezes he muyto para agradecer: & senão tomaime o nosso Dom Ioão de Menezes, vereys se falou ninguem melhor que elle, & mays tudo he seu proprio, sem se ajudar do alheyo. E o Boscão, & Gracilaso colherão as flores dos outros. *D. Ric.* Esse mao. Virgilio escolhia pedras preciosas do esterco de Enio. Não faz pouco quem sabe ajudarse dos Autores, mayormente de diuersa lingoagem. O Gracilaso teue nisto braua habilidade. Achey noutro dia o seu verso: Que no hay sin ti el viuir para que sea: no mays namorado passo que cuydey ver. Conta Apiano Alexandrino nos triumphos: que vindose Marco Antonio desbaratado per Octauio Augusto acolher a Cleopatra, que se tinha feito forte, receosa do desaforamento dos soldados, mandando que lhe dixessem que era morta. Ouuida per elle a triste embaixada, disse: que esperas mays Antonio, poys a sò causa de viuer que te ficaua, fortuna ta roubou: & sem ti Cleopatra, ja não ha para que seja a vida. Com isto deuse pelos peitos com hũa adaga. O que sabido per ella, mandou que lho leuassem

aſsi meyo morto , & lançando cordas de hũa janela,ella,cõ ſuas damas,a toda ſua força, & aſſas trabalho,o alou acima. Ora pintay hum homem ferido de morte,namorado em tanto eſtremo que ſe matou por amor : com os olhos pregados na viſta delles, & proſupondo que neſte tirar que ella fazia com as damas , elle deu não menos cabeçadas,que ſuſpiros. E ſubido, & lançado no regaço de Cleopatra,cuberto dos louros cabelos della,que pranteando os arrancaua,& regadas as faces de muytas lagrimas,em que o banhaua: eſpirou o triſte amante. *D.Gal.* O diabo como iſſo eſtà mimoſo:pareceme que o eſtou vendo. Porem notay ahi o eſtamago de hũa molher que lhe morre hum homem puramente de ſeus amores nos braços, & ella viue. *D. Ric.* E que amor quereys que baſte merecer a morte de hũa dama? Tudo ſe lhes deue. *Ger.* Galante eſtà Dom Ricardo. Mas haueys vòs que faria eu o que fez Marco Antonio,por minha dama,inda que foſſe mays meiga, & agraciada q̃ trinta Cleopatras? *Art.* Não ſey de vòs. De mym ſeguro eſtou , como quem tem aſſentado , não fazer por ellas couſa fora do meu goſto,& proueito. *Ger.* Não ha quem poſſa ſer tão izento. De ſua jurdição he, fazermos corros por ellas,queiramos,ou não queiramos. *D. Gal.* Poys

os ho-

os homẽs não quereys que tenhamos ante ellas preço. Eu não me acanho a merecimentos, tambẽ tenho meus põtos. *D. Ric.* Esses que os tenhaes com competidor, que não he cousa sofriuel: mas com damas hasse de ter obediencia, & sofrimento. *Xar.* Andaos ahi a dezir donaires, y medrareys con ellas. Iuri al ciego, si comigo se consejassen estos, de rodillas les haria ser seruidos de sus damas. *Mir.* Por isso he Deos bom, que a estes dà o dinheiro, & a nòs o saber: que se lhes dera tudo, não lhes tiueramos vida. Esta, porem, he hũa triste consolação: porque eu obrigado de minhas necessidades, estou sofrendo a corua da minha velha, que lhe rugem as tripas mays que a hum sendeiro de merchante: & se acerto vela em garganta, assombrame como alma passada, & a pezar de mym: porque me mantem, para seruir este, a festejo como hum palmito, & estes não saõ para saber tratar hũa dama christalina feita de leite, que eu comeria como requeijão: porque estas saõ mays tenras que talo de cardo. *Xar.* Por esso se dixo: dà Dios hauas a quien no tiene quixadas. Y el mas ruin puerco come la mejor bellota: porque a los bouos aparece, &c. Para estas, si vna destas me cayesse entre manos, que la tuuisse mas contenta en vna choça, que mi amo en sus pala-

cios,y no querria màs renta de la que con ella me dezeara. *Ger.* Bõs eſtão os caſtelos de vento. *Art.* Não ha eſtado que não viua de ſeus enganos, & confianças, grozando outros, & o melhor de todos he o de que cada hum ſe contenta. *Ger.* Mas olhay a que chegarão os exceſſos da malicia humana, que vierão os homẽs a por em preço a molher,não tendo outra couſa melhor. *D.Ric.* Sou muy pontual na eſtima que ſe deue às molheres. E para ver como eſtays neſta couſa do amor: reſpondeime. De duas damas,que igualmẽte vos ſatisfizeſſem, hũa que per igualdade deſmereceys, outra que vos deſmerece; qual eſcolhereys ſeruir? *D.Gal.* Sem mays chamar a conſelho, aceitaria a empreſa da menos cuſtoſa,poys não ha quẽ não eſcolha breues trabalhos, antes que os longos: & como a de menos quilates he melhor de alcançar, & de mays certo emprego: pareceme ſiſo auenturalo com eſta. Na outra ha perigos, & temores, & o deſprezo certo, com que tarde, ou nunca vos aceita penſamentos:& eſtoutra pelo contrario,eſtima ſer amada, & trabalha obrigarme por amor. Ceuame em eſperança, que he o amego do goſto das couſas. *D.Ric.* De animoſo eſpirito he ſeguir couſas altas, & deſejar o dificultoſo. *D.Gal.* Não ſou tão entregue a vaydades,

voume

voumè com a voz dos muytos. Não quero ſer deſſes eſpeciaes , notados da fama,cuja familiaridade ſempre he muyto cuſtoſa. *D. Ric.* Poys a mym não me pezaria alcançala , inda que foſſe à meu cuſto: porque não ſe ha de fugir fama por não fazer nada. Vou porem a iſto:todo efeto moſtra mayor força,onde ha mayor reſiſtécia. Tal he o amor de mayor merecimento,& ſendo mayor, fica de mays eſtima. Fraqueza he crer o que leuemente ſe alcança,& de bom eſpiritu,ter empreſſo o mays difficil : o facil de adquirir em menos ſe tem,& para menos amor,o que ſe gainha com trabalho,por elle ſe eſtima. Os perigos niſto ſaõ goſtoſos,não eſtimar he animo:ſaber cometelos, & cõtraminar hombridade,& aſsi ſe apura, & afina a diſcrição:com a ſomenos, ſe vos acolhe he abatimento, depoys aborreceuos. Vayuos bem pelo que tendes, & não por voſſa peſſoa , q̃ não pode ſer mayor deſgoſto.Com a alta tudo he gloria,tudo puro amor : & de ſeguir tal cuydado, ſegueſe telo de ſy proprio para ſe ſingularizar em todo outro primor. Tal amor nunca foy pequeno, couardo,nem paruo. *D.Gal.* Antes he paruoice leixar o certo, pelo duuidoſo : o deſcanſo , pelo trabalho : & ſendo igual na fermoſura , tal ſerà no amor,& eſte em meyo cũpre cõ tudo. *Art.* A ope-

nião de Dom Ricardo me arma. *Ger.* A de Dom Galindos he segura,& â vista de terra. *Xir.* Quete parece Miranda las locuras en que nuestros amos consumen el tiempo, velando las noches, y durmiendo los dias como morciegalos. *Mir.* Deos lhe dè en que entendaõ, ou a minha fame. Coitados dos que andão no mar lidando com a morte,por sustentar a vida:estes,aramà, merecem o que comem,& não essoutros ceuados de conseruas. *Xar.* Dessos no hayas duelo,basta su locura para aliuia llos del trabajo. Gente que pone sus esperanças en el viento, que sufra sus contrastes, por que la codicia siempre fue verdugo de sus paniguados. Hombre que va a la mar, maldito el seso que tiene. *D. Ric.* Enxergouos sensual,& pesame:porque he hũa seita damor muyto baixa,& pobre de gostos. Poem todo o seu no efeito breue, & para brutos. E chegar a ver o fim de nada,he triste sorte: poys he claro que no infinito està o mel, empresas atermadas não podem ser gostosas. *Mir.* Hey medo Castellano que mouraes de cajão: por que soys tão prouido. *Xar.* Malos agueros vengan por ti. Vòsotros los Portugueses soys el mismo viento, por esso no estimays lidar con el. *D. Ric.* Para me certificar se vos sondo a tenção,& vos fazer vẽte que hides a traues do bom Quero saber

qual

qual haueis por mayor contentamento, ver de preſente voſſa dama, ou em auſencia contempra-la? *D.Gal.* Eu ſou de a ver, & mays cuydo que todos taes ſaõ: porque a couſa amada deleita viſta, & o deleite da contempração, he a eſperança de ver aquilo em que ſe contempra. A dama de preſente contenta, & namora, & quanto mays ſe vè, mays he deſejada verſe. O vela contino ſegura amor, que pelo contrario auſencia desbarata. Pela viſta contentáoſe os corações, & faláoſe as almas: & o contemprar ſerue de aſſoprar o fogo do deſejo de vela. Por onde mayor gloria ſente quem ſe contenta, que quem deſeja contentarſe. E a ſaudade que daqui procede, he a fonte dos deſgoſtos, & paixóes que afogão a vida. *D. Ric.* Ora olhay quanto vay em cayr na realidade das couſas. O contentamento mays eſtà no que deſejamos, que no que vèmos. A contempração lograſe do deſejo, & deſeja, & a viſta deſeja mays do que alcança. Contemprando recebem os Eſpiritos contino contentamento, contentando os deſejos no que cuidão. E como as couſas ſegundo mays, ou menos eſtão juntas da alma, aſsi lhe emprimem ſeus bős, ou maos efeitos. O penſamento que reſide nella faz ver muyto melhor com os olhos do entendimento a quem ama: falarlhe, & tratala ſe-

gundo ſeu deſejo na contempração:& o goſto da viſta conſiſte,& reſumeſe no preſente,ſem ſe eſten der a mays. E ſendo amor natureza de medroſo,aquece que vendoſe ante a amada,perde o ſentido,a fala,& a força,eſmorece, ou paſma , o que tudo ninguem queria que lhe aconteceſſe. Ora vede ſe contenta o que querieys eſcuſar. Mas a contempração forra deſtes deſares em auſencia, vos faz vente o que imaginaes: o como, entendeo quem o ſinte São ſegredos do amor,que ſe alcanção per graos de afeição. *Mir*. Mas de paruoice. Melhor me dè Deos ſaude,do que elle ſabe o que diz.*Xar*.Maldita palaura que le entendi. Parecete que ſe ſufre eſto? E toda mi vida ohy predicacion de dia,y aora,por mis pecados, vengo ohyr ſermones de noche a mal mi grado , y todas ſus enleuaciones , y ſus no sè ques , no funden vna paja.Anſi paſſan eſtos ſus dias , ſin hazer en toda ſu vida coſa que valga vn marauedi. *Mir*. Logo paſſaria per ſuas ouciofidades : ſe eu não nacera para lhas ſofrer,ou padecer.*Ger*.Vèdes aqui quan to pode o pecado , que nos fez ſermos ſogeitos hũs doutros,para pender o deſcanſo de noſſa propria vida da vontade alheya. *Art*.Inda iſſo paſſara:mas pender tambem o aſoſſego he peor , & ſe noſſa ſogição foſſe pola ſaluar,ſeria veſpora de liberdade:

berdade: mas padecer seruidão por cousas sem fundamento, & obrigar corpo, & alma a perpetuo catiueiro por galardões transitorios: não pode ser mayor engano, & assi permite Deos padecermos descontentamentos em quanto siguimos estes fados: porque não sabemos lançar mão da verdade que nos elle ensina. Quem pudesse sentir, & entender isto no principio da viagem. *Ger.* em todo tempo he bom o arrependimento a quẽ se dele ajuda. *Art.* Per Deos ha de vir o remedio, que humano juyzo naõ alcança. *D. Gal.* Vòs senhor direys o que quizerdes: mas douuos hum seguro de mym, que me não haueys de conuerter a vossa opinião, que por ver hũa dama, farey estremos, & pela conuersar, de mym mangas ao demo, & vòs contempray. *Xar.* No hay paciencia q̃ baste a oyr los cuentos, y mentiras destos locos. Nunca medre quien tal sufre, y segun la cosa và, aqui nos tiene de amanecer. *Mir.* Poys o mal he, que como eu daqui for, que me hirey lançar em lançoes de veludo com a bela infantinha da minha guelas de cegonha, a qual gemerà do coração, por não dizer que he da madre. Eu porem, por me forrar de seus requebros, hey de hir escumando de merencoreo, & direy que briguey com a justiça. E se falar palaura, desandarlhe logo com

o pu-

o punho ſeco,& ſe me tiuer mà cea, eu lha darey peor: porque não zombemos. *Xar.* Pues yo para eſtas,que no me he de recoſtar,ſin primero demãdar cuenta a mi Marinilla de la ganancia de oy,y quiça le darè vna eſtafa,ſino hizo buena venta de las verças. Mas digo vna coſa Miranda, ſi te parece:ya que los ſenhores amantes, oluidados de ſy miſmo, eſtan de eſpacios: ſi ſerá buen conſejo dar vn ſalto en el meſon màs cercano, y tomar ſendos tragos de vino,por atajar al peligro del ſereno. *Mir.* Para termos mays queſtões ſe os errarmos que ha de ſer?que elles fazem dos dias noutes. Boa guerra que os tiraſſe deſtas ouciosidades, & puzeſſe os homẽs em preço. Eſtes não podem hir ao Paraiſo, que là não vão ouciosos, & ſeus pays muyto menos,que enteſourão com onzenas pubricas por lhe fazer morgados,para elles leuarem eſta vida, & darlhe mao grado. *Xar.* Paſcoa mala vẽga por mi padre,y mal ſiglo aya mi abuelo,y toda mi generacion,que ni blanca, ni cornado me dexaron. *D.Ric.* Tornão abrir o encerado. *D.Gal.* Encarrado me veja eu com ellas, inda que ſeja entaipado. *Xar.* Mas açotado. *D.Gal.* Senhor, gauaime aquella molher: vedes como eſtà fermoſa? *D.Ric.* He gentil dama. Eu tomara agora ali a ſenhora Dona Claudia. Quem he a que eſtà cõ

ella?

ella? *D.Gal.* A ſenhora Dona Vitoria. *D.Ric.* Sabeis quem me dizem que fauorece altamente Dom Cifuentes? *D. Gal.* Ia me iſſo diſſerão, & mays me affirmarão que ſaõ caſados ſecretamente, & ella leixa ja de vir acima. *D.Ric.* Ia ſe iſſo diz aſsi: poys eu volo dou por certo. Dama de quem vos diſſerem que he caſada, daya por recaſada: porque ſaõ ellas muyto diſcretas, & fazem tudo muyto a ſeu ſaluo. *Mir.* Poys olhay vòs là ſe podeys fazer outra tal caualgada, & remedearuosheys bem com voſſo pay. *Xar.* Porque? Hale de pezar con vna dama hidalga, y hermoſa. *Mir.* Como ſoys paruo Caſtellano. *Xar.* Y vòs diſcreto Portugues: ſi fuera poſsible ſello alguno. *Mir.* Cuida o pay caſalo com algũa Princeſa deſterrada, & cada dia compra para o morgado, & eſtoutra não tem mays q̃ a merce de Deos. *Xar.* Eſſa le ſobra, ſi la tiene. Ayuntan vnos para otros. A padre diſcreto, dad hijo necio Al codicioſo auariento, dale hijo prodigo. De manera que como ponen la confiança de ſus deſeños en ſu propria prouidencia, y no la regiſtan con la voluntad Diuina, ſale todo mal parado. *Mir.* Poys matalohia o pay, ſe ſe lhe caſaſſe a furto. *Xar.* Calla, que hijo, es a que facilmente ſe concede el perdon. No te entremetas tu en ello: porque no ſe buelua a ti la pena de ſus cul-

pas,

pas, que esto es muy cierto, que en lo demas, presto seran amigos, y Dios quiere que derrame este lo que el padre ayunta. *Mir.* Primeiro o demo leue que tal aconteça. *Xar.* Mas a ti con el: y yo fiador, que ha de ser lo que digo, y no te arriendo la ganancia destos passos, y noches bien gastadas. *Art.* Não erra o Xarales a barreira: se sayr Propheta? *Ger.* Dayo por saydo, & Miranda culpado, & punido por conselheiro, no que per ventura não entra mays que com o trabalho forçado: *D. Gal.* Aquella he a guarda que lhe vem fechar as janelas. Ora sus, entreguemonos às treuas: não sey que horas saõ. *Xar.* Và a la vna. *D. Ric.* Mente. *D. Gal.* Pareçeme que deseja o Castelhano cear. *D. Ric.* Vamonos. *D. Gal.* Vamos. Ou Castelhano saõ ja horas? *Xar.* Mas deshoras senhor. *D. Gal.* Tendes ja sono? *Xar.* No senhor, sino gana de comer, que dà mas pena: juria mi, senhor, que lo bueno era lleuar esta senhora para casa, y emplear las noches en la cama, y no andar como grillos gruñiendo al sereno. *D. Gal.* Haueremos conselho vòs, & eu sobrisso. *Mir.* este Castellano, senhor, he muy prouido, & recease não lhe dem algũa calamocada âs escuras, que de dia não lhe pode aquecer desastre: porque em vez de correr, voa. *Xar.* Siempre traes prestas mi amigo Miranda

dos

dos pares de badajadas, por hazer de donoso. Mas aora quiziera mas bien de cenar: porque me siento tomado de romadizo: y esto es de tener el estomago ayuno. *D.Gal.* Anday là, que eu pago o vinho. *Xar.* Pues afè de hombre que no he menester otro xarabe.

SCENA TERCEIRA.

Germinio Soares. Artur do Rego.

TInhame ja morto a tardada destes, receando deteremse tanto, que se me passassem as minhas horas, & se deitassem a dormir nossas amigas. *Art.* Ellas velão toda a noute, mayormente para obras tão pias. Ora vòs passays pelos passos que vimos dos fidalgos, & seus lacayos, que a quererse contar isto parecerà fingido. *Ger.* Não ha cousa que possà fingirse, que não aqueça, nem se podem particularizar os aquecimentos per quantos termos passão: donde estes ficão com menos graça contados, & o melhor esquecido, que a poderse tentear tudo o que aqui passou, não ouuera mays farça. Ora os meus senhores desaparecem ja, & não deuem fazer volta: porque passa de

meya

meya noute:por tanto pondeuos daquella banda à minha vista, olhay se vier alguem que me deys auiso com tempo, que cà tudo està despejado, & sem embaraço. *Art.* As noutes vão sendo frias, & esfrião os namorados, que de sy tambem saõ ja frios:& como faz escuro que se poem o luar, não querem dar tempo sem vista. *Ger.* Isso faz o seruir por interesse,& não por amor,que onde o ha, tudo faz como de presente. Vou fazer sinal para saber se saõ vindas. *Art.* Falay seguro, que â legoa vos axorarey quantos almogoueres vierem:porque sou homem de grande lingoagem nesta negoceação,& antretãto auirmehey com hũs meus senhores que chamão castelos de vento,melhores que mesturços para fastio. Ah quem me ja chegara a estes termos com a minha menina: como sou para festejala; se lhe lembrarey agora? Mas a bogia de confiada em mym, pelo que presume que se nella gainha,dorme agora o sono solto,& ja tomara que sonhasse comigo,& acordala:& ella em som de gritar, apresentarlhe eu mil piedades, & amores: porque a obrigasse a fazerse muda, & cuydar que era tudo sonho. Sò para isso quizera saber magica: ò diabo, mas que cousas eu fizera. Ia primente ouuera de fazer de hum diabo hum caualo que voasse,& trazer esse perro de Brazabu

selado,

ſelado,& enfreado,& correr nelle todo mundo:& onde vira cabrões,que preſumem que podem, & que mandão , & que os haueys de ſofrer, darlhe muyta bochechada : porque cuydão que não ſe lhe entendem ſuas baixezas,& refolhamentos conhecidos.Braua vida me leuara,mas quando chego a me lembrar que vos ſaltea em hum momẽto a morte,& faz tudo pò, caheme o coração aos pès,deſejo fazerme Beguino.Eu a iſſo hey de vir, ſe me não entra hum dado , o tempo o dirà. Mas ſe eu falo à minha menina , que he sò no ninho, eſſa moeda que o vilão do pay tanto negocea , & fecha , ha de arder , que eu hey de triumphar do ſeu trabalho , & lograrme da filha , mal que lhe peze. Pareceme que fala ja meu companheiro: preſtes eſtauão as minhas ſenhoras : ma como ſaõ diligentes neſtes negocios,& noutros quebrão de preguiça : niſto nunca adormecem , nem ſe acouardão.Como eſtes cães ladrão,não ſey ſe lhe farão nojo para ouuir,& repricar de improuiſo,que não pareça cuydado: Quero aſſentarme, quiçà ſegurarão mays.

SCENA QVARTA.

Aulegrafia. *Germinio Soares.*
Artur do Rego. *Filomela.*

H ſenhor, eſtays ahi? *Ger.* E não ha pouco. *Aul.* Ia cudarieys que não hauia de vir? *Ger.* Amor nunca carece de receyos, & toda eſperança deſejada, nunca vem cedo Eu ſenhora com tudo confio tanto em voſſo amparo, que nada deſeſpero delle: & ſobre voſſa palaura viuirey cem dias. Mas digame ſenhora: a minha ſenhora veyo ja, ou ha de vir. *Aul.* Virà, me parece. *Ger.* Não mo ponhays em parece, que me tornarey mouro, porque mouro por vela. Chamaya que vos valha Deos, que não me ſofre a alma carecer de bem tão eſperado. *Aul:* Sofreyuos, que não ſaõ inda todas lançadas. *Ger.* Lançadas que a alma atraueſſaõ. *Art.* Quanta poluora de mentiras ſe aly deſpende agora de parte a parte: ellas verdade nunca a falão: eſtoutro anda feito almazem de fingimẽtos para com ellas: per maneira que ſe calafetarão belamente. Muyto quizera ouuilos, que todauia ſaõ duas, & não ſey ſe o tratarão mal: porque ſabẽ

deſte

defte mefter mais que pegas, mayormente com homem que dellas concebe boa opinião, & as tẽ por galantes,& eftão fempre como atalayas fobre vos para julgarem o que dizeis,fe lhe falais enleado,fe defpejado,fe receofo,fe confiado,& dahi faberem por onde vos hão de vadear,& tẽ quantos pontos vos darão de fi por mefes,& annos;trazem muy decorada a fciencia de damires. *Ger.* Oo fenhora quem quereis que tenha fofrimento em tãta dilação,& mais vindo taõ aluoraçado com o folego no papo pera efte defejo,fe vos minhas dores dão algũa,& de mim tendes dò qual fe deue a hũ proximo amigo,& feruidor. Valeime no que podeis,que o tempo & a vida me fogem,& efmoreço.*Fil.*Para mais tenho eu que vos fenhor fois,bẽ que não leixo de conhecer,& refpeitar voffa paixão, porque fentiria a mefma no que defejaffe. *Ger.*Ah como fois difcreta, mas quão proprio he de defcrição, conhecer magoas. *Art.* Quão longe meu amigo de faber feftejar as gentijs fenhoras, ha lhe de querer falar fizos, que lhes a ellas não armão,polo pouco que tem,& eralhes toda a feruentia, porque tanto que vos fentem graue, & apontado: velãofe de vos,& nem por continuação de tempo,que tudo acaba,valeis com ellas: o boy com q̃ fe eftas farrão em bandas,he muita defen-

uoltura, pouco primor, nenhũa deſcrição. Tudo iſto em conſerua, faz hum homem perolas a pedir por boca: porque o tomão às mãos viuo cada vez que querem: quanto mays paruo, mays valia, & sò niſto as acho diſcretas, poys ſabem eſcolher o que lhes cumpre. *Ger.* Vou deſconfiando da vida. Em que ſe pode agora deter a ſenhora Filomela? Deſenganaime ſe não quiz vir, & conhecerei meu eſtado, que não he pouco? E ſe dorme, por ma fazer, que vades acordala, não na tenhaes mimoſa em perjuyzo meu: inda que todauia falo mal, que bem conheço que he juſto que padeça eu, & ella triumphe: mas deſatiname o grande deſejo de a ouuir. *Aul.* Diruoshey, ſenhor: não me leua o coração fazeruos mal, poys volo não quero. Ella muyto bem vos ouue: agora acabay com ella que vos fale. *Ger.* E ja me deſemparays? *Aul.* Antes amparo. *Ger.* Tendes muyta razão, & a mym faltame para poder dizer o que ſinto, & quão ſem ella ſeria não me ſintirem, poys não viuo ſenão de ſintir, & padecer o deſconhecimento que ſe me tem deſta vontade tão certa; eſtando em mym tão conhecida a ſogeição, com que me ſatisfaço, pela que ſe deue à cauſa. E ja que, ſenhora, naſci para chegar a bem de tanta gloria, quanta tenho em vos ter preſente. Mereçauos

çauos ouuir vosso consentimento: porque ouuir-uos será a beatificação que deste martirio espero conseguir. *Aul.* Falailhe não sejays corrida que parece isso curteza. *Ger.* Boa està minha amiga, com tudo vem forjado, fez que dilataua a vinda, pela encarecer. Agora encarece a fala, por sopezar a honestidade. *Aul.* Acabay que me injuriarey por vossa parte. *Ger.* Ora senhora, não por mym, que eu me conheço indigno: mas por respeito de quem vos roga. Valhame o que vos quero. *Fil.* Se quereys ser crido, cõformay as palauras. *Art.* Voume enfadando, & quizerame mays na cama. Esta pena tem certa màs ocupações: tempo perdido, q̃ nunca se cobra: tesouro de magoas para a velhice, & enfadamento em satisfação. Ah quem pudera ter juyzo claro em nacendo, para forrar grandes quebras. Tangẽ agora os frades às Matinas, & vão louuar seu Creador, & estouho eu julgando por grande trabalho, & velo toda a noute por paruoices do mundo, & o q̃ nestas horas anda no golfo do mar lidando com o vento, sofrendo perigo, & trabalho imenso. Tem por cousa insofriuel dar obediencia a hum Guardião piadoso, & pelas cousas do mundo damola a muytos soberbos q̃ nos esmagão com sem razões. *Ger.* Não queria eu mays bem, nem vòs senhora me podeys fa-

zer mayor merce que mandardeſme em que vos poſſo ſeruir, q̃ deſtes deſejos, & da eſperança de ſatisfazelos, & verme por vòs mandado me ſuſtẽto. Mas não cuydo inda que querey s fazer tanto por mym: *Fil.* em voſſa mão eſta o q̃ dizeis deſejardes. *Ger.* Como ſenhora? Não me dilateys mays tamanho contentamento, que em verdade q̃ o não ſey. *Fil.* Si ſabeys. *Ger.* Ora matẽme, poys me mato. Como? E tão pouco meu amigo querey s q̃ ſeja, que ſabendo meu bem mo tolha? Não vos enganeys comigo. *Fil.* Aſsi o eſpero eu em Deos. *Ger.* Iulgaiſme mal ſenhora: mas ſabeys q̃ ſoſpeito? Que por não me fazerdes as merces, que he forçado q̃ vos eſpere. Lançaiſme com deſconfianças, para voſſa eſcuſa. Ora ſeja aſsi, q̃ sò o que quizerdes quero, & sò iſto deſejo ſaber para meu deſcanſo, & confirmação de minha verdade: mas aſsi viuas tu. *Fil.* Eu vos tenho por tão diſcreto, que entendeys muyto bem o que vos dizem. *Art.* De vagar vay a couſa. Eſtas deſde que começão ſaõ infinitas, não ha quem poſſa deſpedirſe dellas, que queyrays, não volo conſintem. Se lho days a entender, diſsimulão. Se vos declarays, aſſanhãoſe. Ha meſter muyta paciencia, & tento para as conſeruar. Ellas, na verdade, ſaõ muyto deſenfadadiças, porem tudo por derradeiro

enfada,

enfada,ſenão grangear Deos:mas ja pode ſer que he meu amigo o importuno, quelle he perdido por lhes moſtrar lingoagem : & forma de ſeu pè acharà.*Ger.*Poys vos ouço,quereys que vos veja, quiça o veruos me darâ a entender o que não alcanço?*Fil.* Sou muyto corrida : & mays para que he ver couſa tão fea. *Ger.* O camanha graça. *Art.* Dà tres:eu não me poſſo ter com ſono,& ellas começão inda agora pelo melhor.O ocupações humanas ! como ſoys verdugo de quẽ vos ſegue, ſe o quizeſſemos entender. Não me daria a mym Deos hum eſpirito q̃ me entregaſſe a hũ capelo, que he o mays certo valhacouto das pequices do mũdo,& não me deſuelaria por as badaladas, meninices , & certezas corriqueiras , em que ſe eſtes amantes enleuão , & a ouuintes de fora enfadão? quero paſſear por me valer deſte ſono. *Ger.* Bem ſey ſenhora que me não achays capaz deſſa alta viſaõ:mas para iſſo ſoys grande,para grandes merces,& que volas não mereça, dayme podelas ſeruir, que para tudo o em que me puzerdes ſou. *Fil.*Nada me fio de de palauras,nem viuo de eſperanças.*Ger.*Iſſo não entẽdo eu.?*Fil.*Declarailho ſenhora tia, poys me trouxeſtes a iſto. *Aul.* Sabeys ſenhor que quer dizer eſta ſenhora? Que ſe lhe querereys o que dizeys, que lhe deys palaura

laura de caſamento. *Ger.* Aſsi te tome o demo a ti,& a ella. Dou cem palauras, mas terà bom penhor nellas: porque ſe coſtuma agora muyto cũprilas? E buſco eu outra couſa? *Fil.* Poys haueyſme de dar logo a mão. *Ger.* Com cem vontades, para tras. *Fil.* Ha de ſer preſente a ſenhora minha tia,& o ſenhor voſſo companheiro. E ſe iſto não quereys, podeys hiruos a dormir que he ja muyto tarde: não gaſteys voſſo tempo de balde, que eu não vim aqui com outro fundamento, & por cumprir com a ſenhora minha tia, que me aqui trouxe. *Ger.* O ſenhora, que,& vòs ſoys tão determinada? Poys eu tambem, ja que vos declarays, declarome, que nada faço forçado: buſco quem me obrigue por amor. Conhecido eſte, então me obrigarey ao que vos quero. Sem amor nada farey, nem eſtà em razão. Algum preço,& valia hei de ter por mym, ja que afeição o não tem. Por tanto faça Voſſa M· ſenhora o que a vontade a obrigar,& al não, que iſſo pretendo. *Fil.* Poys ſenhor vaſſe embora repouzar, que eu conheço bem enganos,& nunca valerão comigo. *Ger.* O demo to diſſe. Como me hey eu de hir aſsi ſenhora. *Fil.* Hirmehey eu logo:& beijouolas mãos. *Art.* Eſtas ſaõ as quatro: folgai lâ. Elles em ſeus goſtos não ſintem o tempo:& ſe os eu ouuira, menos enfada-

mento

mento fora, mas não foy tão galante, & lembra-lhe pouco meu enfadamento. Grande trabalho he, pender voſſo deſcanſo do deſcuido alheyo. *Ger.* Iſto me guardaua a fortuna? Para ouuir deſen ganos tão aſperos me trouxe a minha deſauentura aqui? *Aul.* Senhor compadre não vos agaſteys que tudo ſe curarà. *Ger.* Ah ſenhora, não me digays iſſo. Quem quereys que não ſe agaſte? Ha de hauer no mundo tanto deſprezo, & deſconfiança? Mal auenturado he o homem que quer bem, & nunca leyxou de lhe fazer mal. *Aul.* Tomays iſſo muyto em groſſo, & não tendes razão. *Ger.* Inda mays, que hauer no amor comprar, & vender? *Aul.* Como aſsi? *Ger.* Eſtà mal viſto. Certo que eſtou o mays abatido homem do mũdo: tão mao ſou eu? Tantos males tenho feito que não ſe fião de mym? Eu não ſou Baſaliſco, que mata com a viſta, nem lobo que enmudece a quem vè. *Aul.* Hides muyto longe da ſua tenção. *Ger.* Quereys que vos diga ſenhora? Eſſa ſenhora he tão izenta, que deue ter a vontade ocupada noutra parte. *Aul.* Que não ſenhor, he mays fora diſſo: ſerà deſconfiada, não para leixar de vos querer o que mereceys, & quanto mays vos quer, mays vos teme, & deſeja. E tambem vós tendes a culpa: porque ſe lhe quereys o que dizeys, que vos monta dar-

lhe a mão agora,ou depoys.*Ger.*Nada faço abafa damente,nem me obrigo cõ cautelas.Deuera dar credito à minha palaura, & não moſtrarme tão claro q̃ o não tenho ante ella.O tempo não nos fo ge,nem ha tanto que me quer ouuir. Võtade gainhaſe com võtade: & o goſto eſtà em cuydar que alcanço per mym, o que ſe me deue por quẽ ſou. E ſe comigo nada auentura:porq̃ obrigação deuo fazer o que ella quer?*Aul.*A do amor que lhe tendes.*Ger.*Eſſe penhoraſe com outro amor. *Aul.* Senhor compadre hiuos embora repouzar, que eu quero teruos muyto mimoſo,& poupado. Tudo ſe farà bem,q̃ de tal peſſoa como vòs,não ſe crem enganos.*Ger.*Diſſo vou injuriado:porq̃ não ando tão ouciofo,que me ocupe em couſa a q̃ me a võtade não obrigue.*Aul.*Ora bem:eu tomo tudo ſobre mym. *Ger.*Hey de purgar eu o q̃ outrem pecou?Homẽs podemſe mal julgar hũs por outros, & mays eu q̃ ſou tão differente de artes dos que ſe podem temer,& crer os enganos:mas eſſes peruaIecem.Pezame de eſſa ſenhora não fazer de mym mays conta, *Aul.*Iſſo he nada.Amores tèm eſſes trabalhos : porem ſaõ doces , poys ſe acabão em mayor amizade,& deſcãſo. *Ger.*Eſſe leuo eu bem pouco.*Aul.*Eu volo faço bom:& ſobre mym dormi deſcançado.*Ger.*Beijo as de voſſa M.

SCENA

SCENA QVINTA.

Germinio Soares. *Artur do Rego.*

Ezar de meu pay com as bebadas que aſsi me enfadarão, mas como he certo eſtar ali a outra, que ſe fingio ida: poys eu não me hey de enforcar, mas haueyſme de cayr nas mãos: como eſtareys enfadado, & morto de ſono? *Art.* Cuydey que eſtaueys de juro. *Ger.* Não podia deſempeçarme dellas. Sabeys que horas ſaõ? *Art.* Darà cinco. E poys que vay? Grandes diſcrições? Grande tremer de fala? ſecar de coſpinho, & todos eſſoutros ſinaes de eſtremo damor? Ficareys grandes compadres, que para tudo ouue tempo? *Ger.* Dayas aos coruos que me eſcozerão: ſabem muyto. *Art.* O que bem! Contay por voſſa vida. *Ger.* Cuydarão de me acolher: eu fizme forte em minhas cautelas, & ficamos em jogo. Mas crede que ſe ouuerão comigo brauiſsimamente. *Art.* Em eſtremo folgo: porque cuydays que vendeys o mundo: chegarão a determinarſe ſobre voſſa boa tenção. *Ger.* Eſſe foy o negocio? *Art.* Pedio a mão. *Ger.* Deſpejadamente? *Art.* Muyta tinta he eſſa;

lingoa-

lingoagem haueys mester para escapula. *Ger.* Não me faltou. *Art.* Por isso he grande descanso andar damores com quem veruos seja o mays que della podeys esperar. Estoutras saõ partido vencido, pelo que de vòs pretendem. Todos seus gostos cansados, & com contrapezo de magoas, quer vos enganem, guer as enganeys. Poys em que ficastes? *Ger.* Arrombado em toda desauença. *Art.* Tudo isso vòs là fostes fazer? Melhor não viereys cà. *Ger.* Bofè melhor. *Art.* Não podieys forgicar algũa escusa, inda que impropria, que tiuesse qualquer còr? Que com ellas, toda mentira valeo sempre mays que a verdade. Folgão fingirse enganadas, passar vida sobre esperança perlongada, & sofrerse de malenconias. *Ger.* Vinha tão ensayada no seu proposito, que nenhũa razão me admitio. *Art.* E vossa comadre abelha mestra? *Ger.* Esforçoume em minhas fraquezas fingidas: & protestou que cerziria toda desauença. *Art.* Tudo he falacia. Ioga dambas as maõs. Disuos hũa cousa, & com ella consulta outra. Segurouos, poys asi vay, que nunca vos desauenhays de todo. Determinaõ leuaruos à toa com fingimentos: porque vos armaõ alçaprema. Sabeys que estas lutaõ decorado? E guar dar naõ fazer paruoice, que fique em casa. *Ger.* Naõ ajays medo, sou muyto confiado em mym.

Art.

Art. Ahi està a queda. Tomay a empresa de vagar, naõ façays vontade a desejo. Estas honraõse de amores abonados, ao principio armaõse sobre esta voz de casar; sobre tal proposito fazem o alicece á sua esperança : se lhe corre a dita, Deos que bem: quando naõ, ja depoys de feita profissaõ no amor, inda que lhe desfaçays o fundamento, & vos entendaõ liure, dissimulaõ, consintem que as enganeys, para cumprirem comsigo, & escusa cõ o mundo. Poem tudo nas maõs da fortuna, se alguem as engana, naõ falta a quem enganem. Este he o remate de suas contas, & a summa desta historia. Alguem cuida muytas vezes que faz no alheyo, & faz no seu. Ellas como se vem em perigo de desengano, soltaõ a carola a esperanças, com isto muytas vezes pescaõ: porque o tempo faz a razaõ. Por tanto abri vossos olhos. *Ger.* Excelente varaõ soys: vòs o tendes muyto bem dito. Ora ouui: porque não sey se soys camuz de me entender: naõ sou de hũs polhastros enleados, que naõ vèm senaõ aquilo a pos que vaõ: ceuaõse de fauores, para depoys enlearse em dores. Tomo isto sòmente a fim de algum passatempo, se me ventar: & quando naõ, a boas noutes. Trago a vontatade tão certa no que me cumpre, que he rizo hauer manha que me desuie de minha rota.

Art.

Art. Como eſtays deſſe bordo não ha mays que pedir. *Ger.* Vamonos recolhendo, que eu vos ſeguro, com toda minha payxão, dormir muyto bem o que reſta.

SCENA SEXTA.

Graſidel de Abreu.

Rabalhoſa couſa he receber dano de quem vos não podeys queixar, nem melhorar. Ia quem pode vingarſe, menos ſinte ſeu mal: mas que farà o triſte que de ſy dà a vingança, em vez de tomala da ocaſião della? O quem pudeſſe verſe alheyo de ſeus ſentidos, que em toda aduerſidade, o mayor tormento, he, hauer ſido ditoſo: porque a memoria do prazer paſſado, acrecenta a dòr da triſteza preſente: donde dizia Themiſtocles, que mays queria aprender arte de eſquecimento, que de memoria: por ſer tão vidréto o goſto da vida, que não sòmente magoa a lembrança da gloria gaſtada, quando perdida: mas tambem a da afronta paſſada, entriſtece nas honras preſentes. Beatos, por tanto, os que eſtão fora deſta humana miſeria, & logrão a bemauen-

turança.

turança. Triste eu; posto por aluo aos contrastes da minha mà fortuna, quanto melhor he, como dizia Cesar, morrer hũa vez, que cada dia em cõtinos temores: mas a quantos trabalhos atalha hũa morte temporaã: assi dizia Lisandro, hasse de morrer quando as cousas estão prosperas. Sintiao bem Xerxes quando vendo o helesponto cuberto da sua armada, & as prayas ocupadas da sua gente: mouido da vaãgloria de tamanho estado, chamouse bemaueuturado: deshy chorou logo juntamente. E perguntado de seu priuado Artabano da causa de tão subita mudança: respondeo: veyome à memoria, quão breue he a vida dos homẽs, que de tão grão multidão delles, daqui a cem annos, nenhum destes serâ viuo, o que cada hora vemos, que não ha cousa tão junta a outra, como morte à vida: foge hũa de nòs contino, a outra seguea. A quem entra na vida, parecelhe cousa infinita: a quem sae della, hum nada. Conhecese o engano, quando não pode escusarse: agora o conheço. O quão pouco ha que crer em fè de molheres. Fiel seruidor não sirua a quem delle desconfiar. Mas ah doces enganos! Quem me vos roubou? Senhora quem me vos mudou da que ereys? que não he possiuel que vos mudastes vòs, nem eu hey de crer heresias de tanta per-

feição:

feiçaõ:maos conſelhos de màs companhias. Mas que digo eu? Eu ſou o culpado. Naõ de balde ſe diſſe que o mimo deſenſina, & o auaro he cauſa de ſua miſeria. Sẽpre ſenhora poupaſtes meus contentamentos,que me eu deſtrohia de cioſo de mym meſmo.Faz a fortuna doudo a quem muyto amima, & em mym ſe cumprio. Dino he de perder o bem quem delle naõ ſabe vſar. Ninguẽ deſeſtime o deſcanſo que tiuer, que hum erro no principio pequeno,no fim vem a ſer grande.Mas ſenhora, inda que eu ſeja culpado, amor he hũa couſa muyto ſotil, & diligente em adquirir receoſos cuydados,no fogo ſe apura o ouro:tal cuydou fazer voſſo amor, & meus deſgoſtos, que ao verdadeiro nunca faltou ſofrimento. E dado que o ſerdes taõ fermoſa me venceo, a condiçaõ vos eſtimaua, que o certo amor ha de ſer dos coſtumes. A menor perfeiçaõ da molher he a fermoſura,que o tempo lha desbarata.Que deſconfiança vos tomou de mym agora mays que nunca? Naõ ſabeys que couſas fingidas muy preſtes tornao a ſua natureza? Se o meu amor fora fingido,ja cançara ha tantos annos. Que he iſto ſenhora, aſsi hey de perecer ao voſſo deſamparo? Tèqui cuydey que era birra: mas paixaõ que vay fazendo profiſſaõ no tempo, dà màs ſoſpeitas de ſy.

Cà

Câ vem Dinardo Pereira, quero conſultar com elle a concruſaõ deſte negocio.

SCENA SETIMA.

Dinardo Pereira.

Vanto ha que conhecer no coração do homem: que retretes de fingimentos, que eſcaninos de incertezas tem, & quantas moſtras de diuerſas cores. He vento fazer contos, do poluo tomar as da cauſa, em que o poem, em hum sò ſogeito. Tem o homem muyto mays inumeraueys efeitos, & acidentes ſem numero. Ia ſe he diſcreto, não ha braças que lhe poſſaõ ſondar o bucho. Menos incerta he a Aſtrologia Iudiciaria, que as operações do peito humano, & quanto mays prouido mo derdes, mays erros darey nelle: porque guardou Deos para ſy sò o acertar. Iſto me apura, & ando atonito do amor de Graſidel de Abreu, quando fauorecido de Filomela moſtrauaſe izento, agora deſprezado, confeſſaſe ſogeito: pode com a proſperidade carecida de ſiſo: faltandolhe, eſcaceoulhe o ſofrimento, cõ que agora moſtra o ſio. Por iſſo arrenego deſtes

que

q̃ ſe moſtrão liures, & depoys caem em mayores quebras. De que ſeruem enganos de quem he comſigo mays enganado? Mortos por fazer eſperiencias de vontades alheyas, & da propria não ſabem tomala. Chamo eu a eſta diſcrição, pequice mal incrinada, que o prudente não quer enganar, porem tambem não pode ſer enganado. O ſaber de cada hum, em fim, he ſegundo ſua condição natural. O malicioſo, tal tem a diſcrição, qual he, & aſsi dos mays. Verdade he que tão mao he crer a todos, como crer a nenhum. Eſtamos em mundo, que querem os homẽs antes parecer ſabios, q̃ ſelo, & naõ parecelo: porque diz que a boa opinião val tudo. Muytos conheço q̃ lhe valeo iſto. Mas eu ſou mays de o ſer, que parecelo: & a meu ver, cada hum tenha cuydado de ſy, & leixe os outros com ſua carga. Faça eu o que deuo, & quando naõ mo fizerem, fico ſem culpa, que he hum bom eſtado, & melhor de todos: em amizades, nunca eſperiencias, ſenão forçadas: & iſto deſtrohio Graſidel de Abreu: Filomela enfadouſe, & quebrou banco. Soſpeito que achou amparo, & riſſe delle. Não no ſofria, parece, ſenaõ à mingoa, & gaſtay là voſſa boa idade em confiança de vontade alheya. Cà o vejo. Quero ver que diz.

SCENA

SCENA OITAVA.

Dinardo Pereira. *Grasidel de Abreu:*

QVE vay?Donde vindes? Para onde hides?*Gras.*Não ſey ſe vou,ſe venho, ſe eſtou,ſe fuy:he muy paruoa vida eſta. Ditoſo o que acaba jornada. *Ger.* Agora eſtà por ver, que não ha mòr trabalho que viuer? Porem com tudo,morrer he grão paruoice.Sou muyto treito de ſaudade:& ſe quereys que fale mays claro,muyto mao, & quem fez mal ſempre teme.Folgo com eſta vida:porque não ſey que vay na outra,& que gaſalhado acharey. Cuſtauos aqui os olhos,de enfadamento,tomar caſa de apoſentadaria: que ſerà onde contino vay tanta gente buſcar pouſada? E ſabeys que pequice ſerà vir hum diabo muyto tredo,& mal aſſombrado fazeruos hũa forca, andar comuoſco aos botes,& danaruos a grauidade com deſcorteſias. *Gras.* Se quereys eſcuſar eſſas differenças , recenceay a conta da vida , antes de hirdes ao eſcamel,leixay vaidades do mundo tão cuſtoſas , & conformar com Deos : porque ſeguray s viagem,& perdeys os receyos que vos picão.

T *Din.*

Din. Falaime depoys ſobriſſo, que agora ando hũ pouco ocupado em meus goſtos, & não lhes poſſo ſer desleal, ſaluo quando a poſsibilidade me deixar. *Graſ.* A eſſe tempo, nem grado, nem graças. *Din.* Ora que melhor he tarde que nunca. *Graſ.* Sey que tendes priuilegio de tempo. *Din.* Eu ſenhor meu quero muyto grande bem, & vayme muyto melhor: & Deos criou a molher fermoſa para deſcanſo do hõmem, & a mays neceſſaria alfaya que lhe pode dar. *Graſ.* Mas para deſtroição de noſſo goſto: De mym affirmo, que não ouuera fortuna com q̃ me não auiera meaõmente, & não ſou poderoſo para me ter ao payro com os deſenganos de hũa molher. *Din.* Por iſſo hey medo ſempre à minha, & a velo de todo recontro, por lhe tirar azos de dar orelhas a nouos conhecimentos. Digo iſto: porque trago atoardas que ſe ſerue Filomela de Germinio Soares, & voſſa comadre aſsi o ſoſpeita, & anda ſobre certificarſe, para lhe eſcozer as orelhas: & iſto deue ſer, fazeruos cacha, que os primeiros amores podem apartarſe, & não eſquecerſe: & ſeus termos ſaõ feros da ſua magoa: porque o coração apaſsionado, o mal ha por bom conſelho. *Graſ.* Não me fio de paixão que dura muyto. *Din.* Vòs tiueſtes a culpa: conheceyuos, q̃ o ſabio conhece ſuas faltas. Não ha tão grande

clari-

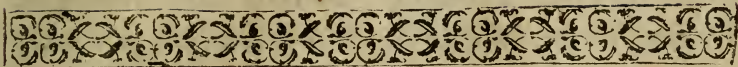
claridade que a ſoberba não eſcureça, & humildade he fundamento da verdade? Enganaſteſuos ſempre comuoſco,que he mays perigoſo que enganar outrem.O que a fortuna rege,não he ſeguro, & em hũa sò hora ſe paga quanto ſe erra em toda a vida. *Ger.* Eſſas reprenſoẽs ſengas podiens agora eſcuſar: porque reprender quando ha neceſsidade de ſocorro,he danar muyto mays. Vòs ſenhor tereys razão,& eu terey errado: mas tudo ſe julga ſegundo ſocede. Mà fortuna nunca foy louuada. Capitão vencido, não lhe chamão ſeſudo:nem ao vencedor, doudo. Por iſſo he por de mays deſculpar maos ſuceſſos: & deſneceſſario rependelos ſem tempo. *Din.* Não ha quem ſofra o aziar da verdade. Mas ſabeys que digo? Hey por muyto perigo leixar crecer cizania antre vontades amigas, que depoys podeſe mal deſarreigar. Amor facilmente ſe perde,& difficilmente ſe adquire. *Graſ.* Tudo temo,tudo me lembra, & tudo ſinto. *Din.* Eu vos direy: ſe he verdade que poem os olhos em Germinio Soares, o bom era eſquecela de todo: porque he de crer que lhe vay bem, que elle he homem a que ſe deue tudo: & que o não foſſe,ellas ſempre eſcolhẽ o peor,que a fortuna de molher lhe vem dar ſeus bẽs aos indinos:donde a dita dos maos, he tormento de bõs.

Eu a minha arte era esquecela, & melhorar doutra. *Graſ.* Falay em al. Sabeys quão paruo ando niſſo, que quanto a mays deſeſpero, mays a deſejo. *Din.* Fados de noſſa natureza. Diruoshey o q̃ entendo deſta couſa, & depoys virey ao que faria: porque nada me fique por dizeruos. Hiſopo preguntado que fazia Iupiter, reſpondeo: abaixa altos, & leuanta baixos. Daqui veyo, que não ha boa hora para hum, que não ſeja ma para outro. Tal foys agora com voſſo competidor, & nũca al vimos, ſenão leuar hum o que outro ſuou. A grande Laida daua eſta regra aos amantes para alcançar toda molher. Conuem a ſaber. Quanto ao primeiro, ſeguila: porque tudo o trabalho vence. Item ſeruila, que quem dâ eſpera, & quem torna dà. Item ſofrela: porque ſaõ acidentaes em ſuas paixões, & em tudo ſofredores vencem: & as injurias dos que nos mandão, haõſe de deſsimular: como as couſas dos Principes, ſintilas, & calalas, que o ſabio tem a lingoa no coração: & poys a dama he ſenhora delle, tudo ſe lhe deue ſofrer: ſe he mà moſtrarlhe que a tem por boa, & tirarlhe as ocaſiões do mal. E por tanto agora não vos ſinta Filomela que ſabeys ſeus amores porq̃ quererâ antes ſofrer perdas, q̃ ouuir injurias. Do galante podemos ter maneira, que por bem leixe

a em-

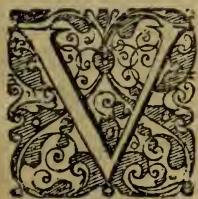
a empreza,& quando não, por mal, que a justiça he por vòs: deshi mostray que a hides esquecendo, que à molher amada, mays sinte os descuydos com que a tratão, do que estima os seruiços que lhe fazem: isto com tento, que não lhe pareça que a desamays de todo, por quanto saõ todas muy tenras no querer, & duras no aborrecer. *Gras.* Tudo o que dizeys confesso por bom: mas os meus males vão em tanto crecimento, as minhas magoas tão de aleuanto, o sofrimento he tal, as paixões temme tão senhoreado, & eu ja tão entregue a triste, que não me parece que posso viuer para nenhum bem esperado, quanto mays tão duuidoso. *Din.* Poucas vezes se vio mal, que não seja auiso de mayor bem. Phalero Tebano, estando muyto enfermo do baço, entrou em hũa batalha, em que lhe derão hũa lançada, da qual sarou, & juntamente da infirmidade, por causa della. Mamilo Bubulo Rey dos Etrucos, em hũa batalha lhe derão hũa sètada pela garganta, & ficoulhe o ferro dentro: depoys andando à caça, deu tão grãde queda do cauàlo, que lançou pela boca o ferro, & ficou saõ. E assi às vezes se ve de notauel desauentura, vir a bem afortunado: donde Themistocles desterrado dizia: pereceramos, se não pereceramos. Nada deue esperarse, ou desespe-

rarſe, ſem eſperimentar ventura. Não vos deys tanto ao ſofrimento, que vos tolha buſcarlhe remedio. Nas couſas duuidoſas val muyto o bom conſelho, & ouſadia, nada vola faça perder: que do mal que homem teme, deſſe morre. Sem perigo nã ſe faz façanha. Inda que vos dè pena, ſe minha prima mudou o amor, ſou de parecer que o mudeys: porque como hũa molher ſe deſdoura em ter muytos corações, nenhum preço tem comigo: ſou neſta parte muy eſcoimado, digouos o que faria. *Graſ.* Eu não poſſo crer iſſo della: mas ſe mo days vente, no amor não ſe ſofre companhia, como reynar, nem eu lho ſofrerey. *Din.* Ora daime eſpaço tè Domingo, que eu ſaberey a certeza: porque tambem ſe minha prima não eſtà ocupada, & he a que deue, eu me obrigo congraçaruos. *Graſ.* Seja aſsi, que não ſahirey do que ordenardes.

(?) (?)

ACTO

ACTO QVINTO.

SCENA PRIMEIRA.

Germinio Soares. *Artur do Rego.*

VOS ſenhor ſabeys hũa couſa? *Art.* Que foy? *Ger.* Sou poſto outra vez em concerto com a ſenhora Aulegrafia. *Art.* Como aſsi? *Ger.* Des que nos deſauiemos na noute de màs razões, lidou todo eſte tempo Aulegrafia minha comadre com ella (como ſabeys) & tinhaſelhe às voltas branda, & amoroſamente. Tiue eu maneira com que lhe faley ontem na portaria à boca da noute. Trauouſe a conuerſação de modo, que a armey a quererme ouuir eſta noute. Nunca vos deſegey ſenão então: porque tiue com ellas mil paſſos bós: farlhehey crer quanto quizer. *Art.* Eſſa era a dos feros? Como iſſo eſtaua certo: nunca deſabrem mão de todo dos ſeruidores: folgão de ocupar todo mundo: não ha quem dellas ſe deſempece: mays intricadas q̃ o laberinto de Creta,

de que se Theseo liurou, & não dos modos de Phedra. Trabalhão as molheres sempre por estar a muytas amarras: porque diz que a ouelha que não tem dono, comea o lobo. No primeiro porto que podem tomar (se lhes arma) lanção anchora, por abreuiar esperanças. Assi que não hajays por das sete marauilhas vossa reconciliação. Mays foy a destruyção de Tebas, & a entrada de Alexandre em Corinto. *Ger.* Todauia se teue bem nos seus treze. Vay em seys meses que foy nossa desauença; & eu neste meo tempo contino no cerco, sem lhe leixar tomar folego doutra determinação. *Art.* Não ha siso que baste resistir a tanta continuação. *Ger.* Eu quanto mays se me defendem, mays embirro em combatelas. *Art.* Onde ha resistencia no paciente, po~~ys~~ em mays força o fazedor. Obediencia abranda duros corações, tè nos brutos. Quanto Numancia foy forte; tanto ensistirão os Romanos em destroyla. Presunção de fortes destruhio Troya, & Cartago. *Ger.* Crede que he assi: & sabey que lhe dey braua bataria, & que a tenho rendida, perdey cuydado. Verdade he; que a minha comadre Aulegrafia deuo a vida: porque nunca amiga assi treçou por amigo: & dizme ella, que claramente conhece em Filomela ser decepada por mym. Ora eu nunca vi molher tanto

da mi-

da minha arte,& aſsi doce, & galante na conuerſação. Ia graça, he paſmo. Poys condição , mays branda q̃ arminhos. Diſcreta, ſe a ouuirdes aleijaruosha : porque as ſuas repoſtas ſaõ lançadas darremeço. Hum ar, hum requebro, & hum riſo, que vos ride de mays galantaria. Hũa mão lhe tomey deſsimuladamente que parecia ſeda de Bragança. *Art.* Ia vòs niſſo andays? Olhay por vòs que o eſtado dos priuados he perigoſo : porque proſperos deſconhecemſe , & abatidos, ninguem os conhece. *Ger.* Que mays dahi, nunca peor caiſſe. *Art.* Ia tu jazes. *Ger.* Contentamento proprio não ſe compra por preço. Marco Aurelio Filoſopho diſcreto , & Emperador tudo deſsimulaua a Fauſtina ſatisfeito de ſua gentileza. *Art.* Ia ſe apega a diſculpas. Bom vay. *Ger.* Fermoſura he pedra de ceuar de corações humanos: & amor hum deſejo do que bem parece : daqui ſe moue noſſa razão, viſta, & ouuidos , & ſe deleita : deleitando rouba, & roubando inflama: & quanto mays claro juyzo, tanto mays ſe afeiçoa ao que lhe parece bem. Ora ponho iſto em pratica : Filomela não me negareys que merece per ſy muyto , & he muyto para eſtimar ſua peſſoa. *Art.* Si, mas neſte tempo ninguem ſe eſtima, ſaluo pelo que poſſue. *Ger.* Mays dez, menos dez , tudo vem a hum con-

to. E

to. E mays eu vos direy:tenho isto muyto bem gizado:asi como asi heyme de hir este anno para a India,& ja que hey de cauar vida, quero que seja com gosto, & passar estes dias nelle, que depoys não sey o que de mym serà:& por tanto,que mao fundamento achays casar com Filomela, por cujo respeito,tambem me farão muytas vantagẽs no despacho. *Art.* Os homẽs mancebos temos a vista do entendimento curta, & o juyzo atado, & posto em talas de seu apetito, & tal vos vejo ja.Pintays o que quereys,& Deos farà o que quizer.*Ger.*Porque eu vejo que nada he feito sem elle,o temo,& me ponho em suas mãos. *Art.* Como delle ha necessidade,logo o conhecemos.*Ger.* Vòs não vedes que não se sofre enganar tal molher,que he grande conciencia? E eu senhor meu sou Christão, & lembrame que ha morrer, & ser julgado na outra vida, segundo as obras desta. *Art.* Como todos somos graciosos, sò vos he necessario andarnos à vontade, & que com a sua nos conformemos. Obrigouos eu a enganala? Não vos enganeys vós, & apartayuos de seus amores, que ella não lhe faltarão outros, que a emparem. *Ger.*Risse mays de homẽs, & das molheres que se fião delles: & tenho bem tirado a limpo quão pouco Grasidel de Abreu valeo com

ella;

ella:mas homẽs,que querem abonarſe à cuſta da fama alheya,& tudo foy emportunar amigas que lhe falaſſem,& lhe valeo pouco,cuſtandolhe muyto do ſeu:& nunca chegou com ella a mays, que ſe eſtaua em companhia doutras, tomarlhe hum barrete com ellas. *Art.* Não creyo que elle emempregaſſe ſeus annos de balde, que eu ſey que a ſeruio muytos.*Ger.*Ora a mym mo jurou quem o bem ſabia, & minha comadre ſe rio ſempre de mym neſſa parte.*Art.*Quem me vòs alegays;a ſatrapa dos conluyos. *Ger.* Eſtays mal informado: ſe a trataſſeys, dirieys que não ha tal molher. Quereys fazer hũa couſa? Anday damores com ella,& falarlhey por vòs, vereys hũa eſtranha arte.*Art.*Folgarey muyto,para vos moſtrar que piloto ſou.*Ger.*Ora eſtay aſsi,que a vejo a lanço,& ſereys logo ſeruido. Não vos mudeys daqui. *Art.* Quero ver que terço ſoys. Hey medo que eſte meu amigo de confiado ſe perca: vioſe fauorecido, & cuydou que ninguem chegara a tão ditoſo eſtado,de pouco fragueiro nos amores, & he certo que fez Graſidel de Abreu mil notomias na paciente: mas como elles eſtão atolados na afeição,he por de mays tudo o q̃ ſe lhe diz. Todauia eu ſou muyto mao, ſe me dou por amigo ſeu, & me tem por tal; que tenho de ver mays que cumprir

prir comigo em lhe falar verdade no que lhe cũ-
pre? Por isso o mundo anda tão trastornado: por-
que não ha amigos senão para tempos de prazer,
de proueito, & prosperos: & nas de siso, & impor-
tancia todos se arredão: & tambem ninguem ha
que aceite reprensaõ: Gauão todos o bom, & se-
guem o mao. Nengum viue pelo que entende, to-
dos querem seguir a voz popular. Não foy tem-
po em que o primor dos homés menos preço
teuesse, & menos vso a boa amizade: & que haja
algũs que a vsarião, ha tantos que a desbaratão,
que fica em paruoice querer trato que não se vsa
por sem fruyto. Daqui vem hauer tantos erros em
nossas obras: porque como nas proprias sempre
nosso juyzo mãqueja, & não admitimos o alheyo
nem ha quem o dè desenganado: assi não ha po-
der acertar. Meu amigo foyse ao sabor de seus
antolhos: ella o castigarà, & auizarâ a tempo que
lhe seu arrependimento não sirua de mays que de
lhe renouar magoas. Este he o fruyto que se tira
sempre desta negoceação: mas se entro em
jogo com sua comadre, quiça o re-
medearey, se ouuer inda lu-
gar de remedio.

SCENA

SCENA SEGVNDA.

Germinio Soares. *Aulegrafia.*

EV ſenhora comadre deſta vèz hey de dizer o que entendo a meu riſ-co: mas de voſſa licença, que todauia heyuos medo. *Aul.* Que he ſenhor? que para tudo a tendes. *Ger.* Pareſtas barbas que eſtays muyto fermoſa. *Aul.* Ah que bom propoſito: & quando o não fuy eu? *Ger.* He verdade, mas agora mays que nunca: todas as couſas tem horas. *Aul.* Ia me logo não viſtes de balde: folgo para meu contentamento. Porem ſenhor, não vos enganem cores. *Ger.* Poys bẽ ſenhora, ſou eu negro? *Aul.* Aſsi me ſey eu vingar: & não tendes conciencia de me enganar? Fiayuos là damigos. *Ger.* Como folga de repetir niſto. Nada ſou liſongeiro, do que me peza, que quiça me fora bom: falo a verdade do que entendo. *Aul.* Ora em fim, não hey de parecer mal, a quem me bem quizer. *Ger.* Poys eu ſenhora onde fico? *Aul.* Outrẽ vos parecerà melhor, & eu aſsi quero *Ger.* A duuida. *Aul.* Conheceys aquelle galante que là eſtà disfraçado? *Ger.* He hum grande deuoto voſſo, &

ſerui-

ſeruidor. *Aul.* Meu? E ſabieiſme eſſe bem,& não mo dizeis. *Ger.* A fè de gentil homem que fallo ſem zombaria, & que me aueis de ouuir muito de propoſito ſobre iſto. *Aul.* Ieſu que boa ventura, eu cuidaua que não lembraua ja ao mundo. *Ger.* E ſe lhe lembrardes, que remedio? *Aul.* El remedio es morir. *Ger.* E não mao,ſendo damores voſſos. *Aul.* Não ſerei eu, mentirãolhe os olhos, que eu inda agora me tenho por minha izenta deſſas obrigações. *Ger.* E ſe elle diz que he voſſo forçado *Aul.* Dilo elle? não ha logo miſter mais,mas ſe elle meu he,conheçoo eu bem mal. *Ger.* Pois ſenhora conheceyo, & ſeruiuos delle, que pareſtas que he afazendado. *Aul.* Tal o hei meſter. *Ger.* E diſcreto, perdei cuidado. *Aul.* Iſſo lhe não quizera. *Ger.* Fidalgo mais que os Godos. *Aul.* Tambem lho eſcuſaõ. *Ger.* Pois galante, olhaime aquella peſſoa, & aquelle poer de pes no chão,não he fermoſo,nem belo,porque ſe forrou de paruo, & como começa entrar nos amores, he decepado, fareis dele hũa cera. *Aul.* Segundo iſſo,he fauo de mel. *Ger.* Pouco menos,& de verdade, ſenhora comadre,que polo que vos quero,& deuo,queria empregaruos aqui & a ſeu rogo venho ſer interceſſor para conuoſco, & aueis de preſupor que antes de aceitar ſua peti ção,o eſconjurei, & tomei omenagem da pureza,

& ſe-

& segredo que se nestes casos requere: por tanto và sobre mym, queu vos porey em porto seguro, como quem deseja seruiruos, & quero que vejays o que em mym tendes, ja que me fizestes merce em meus gostos. *Aul.* Senhor compadre tudo confio de vòs: mas sou ja velha para estas cousas, & ando muyto fria dellas. Esse senhor, poys he tal, não lhe faltarão outras mays fermosas, que lhe mays armem, inda que cada hũa presume de sy: queu tambem tenho meu pedaço de fantesia: & muyto saberá quem me tirar meus dous dedos de opinião. *Ger.* E poys quem senão vòs senhora? E o mal he, que vos não sobeja razaõ, a qual tam bem hey que elle tem em vos hauer por senhora, & louueilho quando mo disse: porque he homem obrigado a fauorecer o bem. Ora elle meteome em que vos pedisse licença para vos seruir: aceiteilho, & pela tençaõ me releuay meus atreuimentos: & mays não ha de ser assi, senaõ que haueys de ser taõ galante, & taõ confiada que o fauoreçays: & seu fiador que vos naõ peze ao diante. *Aul.* Muyto bem sey senhor comprade que por vòs naõ me ha de vir senaõ todo bem, & bastaua veruos gosto, para tambem telo. Mas ja vos digo que me vou lançando dessas cousas, pela pouca confiança que tenho dos homẽs, de quem

ja naõ

ja não ha que fiar, & não leixo de vos conhecer a vontade, que vos eu mereço. *Ger.* Todauia ſenhora, eſta noute hey de vir falar à ſenhora Filomela, elle vem comigo, fazeima de ouuilo, & terçarey eu em meyo, que bem crereys que hey de ſer pelo que vos cumpre. *Aul.* Guardeme Deos, & aſsi ſe faz iſſo de manos a boca? Encomendemſe a vòs os deſencaminhados, ſe aſsi negociays por todos. *Ger.* Aqui não trato ſenão de vos ſeruir: & por tanto queria abreuiar dilações. *Aul.* Não ſou tão deſpejada, & que volo pareça para comuoſco: eu tenhome por corrida. Em fim ſenhor depoys falaremos ſobriſſo, ja que ſaõ couſas voſſas, a que não poſſo negar goſto. Vinde vòs embora, que agora não ha tempo para mays.

SCENA

SCENA TERCEIRA.

Germinio Soares. *Artur do Rego.*

E ora que hauia ella de engeitar o ſeruidor, vay morta por conceder: mas ſaõ tão indiabradas, & certas em ſeus ſingimentos, que por mays que o deſegem, ſempre hão de moſtrar q̃ o não querẽ. *Art.* Que tendes ja feito? *Ger.* Pouco menos de campo franco: lanceilhe a braſa no ſeo, agora leixay laurar ſuas horas como fogo artificial. Aboneyuos ahi por trinta homẽs, pouco menos de Conde, ſou grande terceiro, & tenho vea com ellas. *Art.* E poys que diz? *Ger.* Ella he de boa auença, & deſeſperada como começa entrar no bailo. *Art.* Mays fermoſa foy Tamar. *Ger.* Não cuyda ella iſſo. He gracioſa, & de muyta arte, com que tudo fica bom. *Art.* Como ellas não tem roſto, logo querem remedearſe per graças: & eu querialhe os reſabios, & galantaria nos termos da virtude: que o al, que ſeja apraſiuel, não he vendauel. *Ger.* Não tratemos diſſo. Eſta noute quero ver como vos haueys com ella na pratica, que eu ſeguro que vos jura ja pela pele. *Art.* Eu vos

V direy:

direy: jugarà a artelharia: ella tem de ſy grande confiança que fica em manqueira nas obras, & deſpejada, de que he muyto para hauer dò, por ſer couſa que menos cumpre a molher, & eu heyuola de leuar ao pinaculo, & fazer della pandeiro, porque a leyo. He toda penſamentos, & crè que per ſy tudo merece, & ſe lhe deue: vãa de gabada, olha ſempre de traues, mà de contentar, toda entejos, eſtranhas mudanças, & tem a rol algũs por quebras: preſume de ler, & parecelhe bem o Caſtelhano: quer ter parecer em ſonetos, & grande marca de tenções. E com todos eſtes epitafios do ſobreſcrito, em puridade podem tirar parelha como para catiuos. *Ger.* Ora vos digo que ſoys hum praguento homem: porque notays por mao tudo o que he primor. Soys o meſmo Momo, & como hum homem tem eſſa condição, não ha couſa que o contente. *Art.* Dizer o que não he chamo eu praguejar: mas notar calidades proprias, he, ſer Plinio da natural hiſtoria. E ſabeys outras ilhas de que deueys ſempre deſuiaruos, & nordeſtear a bombordo? Hũas gabadas de grandes mãos, & temſe por inuentatiuas nos labores, & não lhes dura mays que em quanto ſaõ ſolteiras. De lingoa ſaõ chocalhos, conhecem todo mundo, goloſas no quarto grao: gaſtão dias, &

noutes

noutes em concertar o ſeu cofre: enfeitãoſe para a cama, temperão muyto bem decoada, falão antre ſy deſenuolturas, contrafazem, & tocão de tauaneſas. *Ger.* E da carruagem do exercito tendes apontamentos. *Art.* Eſſas ſaõ hũas rapazas que não merecem fazerſe dellas lenda. De moça de retrete para baixo, nenhũa commemoração haueys de fazer, & fugir ſua conuerſação, que nunca leixa de ſer cuſtoſa. *Ger.* Nem de negra que ſae fora, & pode leuar recado. *Art.* Eſſa, vilão voſſo que a tenha da ſua mão, o qual ella trarà alfanado, & tereys nella hum agoadeiro para vòs, & voſſos amigos, à cuſta dos quaes a pagareys, & pelo anno com algum cançado, & terà certos ſeus Reys pelo ſeu dia. *Ger.* E de pera parda dolhos esbugalhados, que quando fala abre muyto a boca, ou a torce, dentes muyto aluos, gengiuas amarelas de caſca de nogueira, grande meſtra de conſeruas, & prefumes que he officio de Beneſes. *Art.* Eſſas ſaõ o viuo diabo, he mate forçado procurar ſua amizade em valia, para terdes credito para paſſar letras, & recambiar nas feiras: porque ſaõ grandes pedreiras, & incanſaueys por parte do penitente que tomão a cargo. Haueylas de trazer mimoſas, & enſopadas na vaidade. Saõ todauia de muyto cuſto: porque

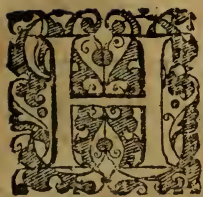
vos despem se podem,& se as desaforays,não tendes mays vida, que não descansaõ tè vos varar, mentem de sol a sol, tèm boa fala desentoada: he o mays perigo esteiro que ha em toda paragem: porque tèm mil arrecifes muy perigosos *Ger.* Vòs jâ fazeime merce que vos não saibão que soys praguento: porque se benzerão de vòs: & nenhũa hauerâ que vos admita, quanto mays minha comadre. *Art.* Pouco se perde nisso, à minha menina, pão caseiro, queria eu lembrar, que estoutra cousa, por vosso respeito a emprendo em quanto me não enfadar. *Ger.* Eu vos fico que tenhays passatempo, & esta noute o vereys.

E com isto nos vamos.

(?) (?)

SCENA

SCENA QVARTA.

Dinardo Pereira. Artur do Rego.

HOMEM a que a eſperiencia não, enſina arrenegai delle, & não lhe eſpereys bom feito. Verdade he que a condição de cada hum vencelhe o entendimento. Donde ſempre tenho viſto, a vontade fazer tudo o que o juyzo nega. E aſsi vèmos que o ſer de todos os eſtados conſiſte em quem os poſſue. A paruos aborrecemlhe diſcretos. Roins tèm por induſtria ſua malicia: deſta maneira damos todos còr a noſſas incrinações: & baſta para ter tudo em nada, ſaber que ſaõ noſſas obras julgadas pelos homẽs de noſſa natureza, treitos de errar, & ſempre cegos, por mays ſabedores que ſejão. Por diſcreto tenho Graſidel de Abreu: mas deſque deſcahio da bonança em ſeus amores, tem feito mil pequices: porque mà fortuna ſempre deſcobrio quantas faltas afermoſenta a boa. Por o que, nunca me debato muyto por diſcrições proprias. Mas he eſte que eu cà vejo meu amigo Anſelmo do Rego? Ora delle hey de ſaber as ſoſpeitas que trago. Quero eſperalo ja

que traz a proa para cà. *Art.* Quem não quizer errar muyto, viua ſempre acautelado na forma, poys nada he ſeguro: & o mays perigoſo paſſo que a vida tem, he ſer homem muyto confiado de ſy, por quanto ſe ha miſter muyto mayor coração,& eſpirito para reſiſtir a hum vicio aparelhado,a que os azos vos conuidão, que para acometer hum eſquadrão de imigos. Ia em trato de molheres, não ha molher, por tola que ſeja,que não embarace o mays diſcreto homem do mundo:porque elle entregaſe ao deſejo deſapercebido de reſiſtencia, & ella naturalmente naceo armada de fingimentos:por mays afeiçoada que ſeja,nada faz ſenão, o u por ſeu goſto, ou por ſeu intereſſe. Na eſperança da vitoria nos engodão, tè que nos metem na cilada:& com qualquer fame que nos fazem,nos tomão no brete. Quem ouuira Germinio Soares pregoarſe per acautelado nos amores de Filomela, jurara que nunca ella delle leuara o melhor:& o galante caſouſe com ella, com cuydar que furtaua bogas. Ora juray lâ por ninguem, & fiayuos em ſiſos, que eſſes dão mayores cabeçadas. Por iſſo he rizo cuydar de ninguem que ſabe. A verdade he que de azos poucos ſe ſaluão. Sabe quem Deos quer Mas como ſua amiga, & ſua comadre Aulegrafia o ſoube trazer ao talho?

E apos

E apos isto jurarey que tem consulta sobre mym para me armarem para sua desculpa : porem eu lhe tirarey esse cuydado,com o ter da minha menina que he carne sem osso, & de proueito. Poys que cousa para a minha arte Aulegrafia, & mays hauerà quem a cobice,que asi se alternão os gostos,& sortes humanas. Cà vejo Dinardo Pereira que não sey o que sintirà desta noua,por parte de seu amigo Grasidel de Abreu , ao qual ha de pezar forçadamente da vitoria de Filomela:porque muyto mays vos cansa o bem que vedes a outrem,que o que vos falta.Quero hirme a elle,que ja desejo contar esta historia.

SCENA QVINTA.

Artur do Rego. *Dinardo Pereira.*

SEmpre vos acharão nestes lugares taes , & com o furto nas mãos as mays das vezes:porque soys tão daninho?Que fazeys aqui? *Din.* A vòs senhor nada se nega:ceuo a alma da vista de hũs olhos belos , de que viuo. *Art.* Bem digo eu que haueys mester degradado da Corte. *Din.* Desse corte tenho eu senhor para

mym que he o vosso pano: senão que como vos embuçays, & soys dos galantes de antre lusco, & fusco como ourencu, & em tempo de luar costeays ao oscuro: não fazeys sombra, & enleays o mundo: mas eu seyuos buscar a escama tras a orelha. *Art.* Não tendes tão bom faro como cuydays. Leixay a mym o saber latir a mouta: porque pelas conjecturas quasi adiuinho. *Din.* Não he mao isso para ter entrada com gente nobre. *Art.* Não sou muyto disso: ao presente armo em hũs pensamentos cubertos de sentir o que passa, fistola que desasossega muyto todo espirito. *Din.* Sabeis de que maneira? que se nisso atolais, não aproueita cortaruos a sobrecarga do sentimento, & olhando para tras he tempo perdido, perda sem remedio, ficaes estatua, morreis em magoa, sem cura de inueja daquelles a que pouco lembraes, & em vos escutarem queixas vos fazem merce, hũ triste estado. *Art.* Não vou por hi, mas ao modo moral viuo, ja me desuiei de huns sentidos dos sapatras, deoses penates dos que os seruem, porque tenho entẽdido a mà nouidade desta cousa q̃ chamais corte. Lembrame que Seneca, & Papiniano validos com Emperadores, querendo desasirse delles para lograrse de si mesmos, não lhes valeo entendelo bem: que estado chamaes logo o que se alcan-

alcança per baixezas, & ſe poſſue com receyo, & ſe quereys leixalo, não podeys? Mayormente em tempos em que abilidade boa não tem preço, & màs inuenções o leuão: & por tanto ſenhor meu là ſe auenhão os confiados em eſperança, que nenhũa inueja lhes hey. Cà ao ſocairo da terra alauercado, tomaria do meu trabalho honeſto premio, com liberdade, & recolher ao abrigado: quẽ al quizer, Deos lho dè. *Din.* Logo não ſoys de ganir apos promeſſas contrafeitas? E com rayua como cachorro que roe oſſo (porque não lhe acha carne) eſcaramuçays em emendar a vida do Rey. *Art.* Eſcuſada couſa, hey por deſneceſſario açoutar Principes em pubrico do que em ſecreto lhes deſsimularia, & hum mao exceſſo. *Din.* E em que vos fundays niſſo, que elles tambem errão, & ſeus erros chegão ao viuo? *Art.* Em ſaber tomar o pulſo aos aſpeitos dos planetas errantes: porque comprendo o ogeito de ſuas influencias, os quáes proſuponde que neceſsidade os pode compadecer, mas por honra não: cobiça os ſabe pairar, & eſprito liure nunca. *Din.* E eſſe conhecimẽto ſe moſtra maos temporaes, dauos pena. *Art.* Ahi me calo Paixão que não tem outro furo, ſaluo bebela, ou vertela, nunca lhe agaſalho os receyos dante mão. Corto aſsi as cabeças a hum monſtruoſo

traba-

trabalho ſegundo Hercules. Valhome do ſofri-
mento por eſcudo de Palas contra a preſente co-
biça Meduſea: deſta maneira cumpro comigo:
deshi ponha Deos a virtude,& vaya a el Doro por
do va,&c. que ao bom Chriſtão nada do mundo
lhe dà pena que não ſeja ſofriuel. *Din.* Eſtays o
mays bem arrendado homem que vi, *Art.* Sabeys
porque?Porque vejo caos de homẽs çafaros, que
em hum credo fazem notomia de viuos, & mor-
tos: tudo emendão,nada perdoão: louuão o que
nunca virão:praguejão do que não entendem:re-
boluem o centafolho da vida: leuão a fogaça ao
mundo,& entaboláoſe em opinião ſem cauſa, cõ
que tudo lhes val. *Din.* Não vos vades per hy,que
ella não ſe gainha de balde, antes hey que he
muyto cuſtoſo alcançala. *Art.* A verdadeira con-
feſſo;porque ſe alcança per juſto preço,& he rara;
mas a falſa tem dita, & acerto, & desbota muyto:
faz finca pè na valia de cada hũ a que o mereci-
mento dà poucas vezes ſua voz:& he tão mao ra-
pas o mundo, que apela, agraua, & pede reuiſta:
& todauia obedecelhe acuruado de bayxos reſ-
peitos,& iſto ſofro mal:que poſſa tanto hum par-
ticular intereſſe que vos obrigue grangeardes
quem vos aborrece,& venerar em pubrico quem
antre vòs deſeſtimays. *Din.* Por iſſo me eu rio dos

que

que batẽ a mata. Vejo baratarſe a feira em odios, & inuejas,& daqui procede o praguejar. *Art.* Poys por tanto tacho o vſarſe tão ſolto, & contino de muytos que fazem ſaber de forgicar comprimentos,& conſonancia falſa embuçada com a deſtreza do contraponto:& o capaz adquerir tem mays quilates de diſcrição , grangear proueito a velas tendidas , ſem dar ouuidos a reſpeitos oſtantes, por ſer o tempo de cada hum para ſy,& Deos para todos:pagar com eſperanças do alheyo,& não lograr do proprio:não ver do olho couſa que ſaiba a eſpirito E o remate, & proua de todas eſtas diſcrições que nos eſpantão,he,leixar hum teſtamento tão intricado, que nacem delle exames de demandas para ſeus herdeiros.Ora ſe iſto he bom não ſey que poſſa ſer mao. Por iſſo ſenhor, perdoaime ſe vos confeſſar aqui antre nòs que tenho o mundo por muyto tolo,& a mym por pouco menos. *Din.* Hireys ſeruir a voſſa feitoria, & là mo direys , que laſcarins diz que não ſofrem palaura deſcuydada. *Art.* Diruoshey ſenhor, viuirey como em Roma : mas dizey primeiro ſe ma derem. *Din.* Ia eſtà por proſupoſto a tal peſſoa,& de tal ſeruiço. *Art.* Eſtay, não carregueys mays em recepta , que quantas mays obrigações apontardes,tantos empecilhos de deſpacho, & azo de dilação

lação me pondes: porque aſſentay que não hâ fruyta mays ſorodea, nem trabalho que mays tarde com o fruyto, mas ſaõ ſortes. *Din.* E agora vindes do Paço? *Art.* De là venho fugindo de enfadado. *Diu.* Porque ha là fadas que fadão? *Art.* Mas ha mil couſas que enfadão, & homẽs que vos canſaõ com maos eſtilos de condições baixas. *Din.* Camanha verdade eſſa he. *Art.* Crede que não ſou apagado (quanto muyto) em ſaber ſondalos: & ſabey que tenho tirado pela fieira a ſumma deſta couſa, de antigo, & calejado neſtas deſauenturas brasfemadas de todas, & por muytos que vejo açoutados da eſperiencia, & tomados do tempo com mataduras nalma. Determino, de voſſa licença, porme em ſaluo com as orelhas, o mays cedo que me for poſsiuel. *Din.* Vòs vindes chamejando, trazeys requerimento. *Art.* Lá trago hũ papel no lago da hidra, que me cuſta ja mays o eſperalo, & requerelo, do que me tem cuſtado ſeruilo, & merecelo. *Din.* Vedes, iſſo he ſoberba: donde ha tantos annos que ſeruis neſſa eſperança, não vos coze agora o animo dilação de dous dias? *Art.* là foſſem dous annos, & acabaſſe. Agora vos chegou, donos dão, & ſeruos chorão? Poys ſabey que os terceiros ſopezão tudo de maneira, que não ſofrem, nem leixão entrar tauola a merecimento,

& obri-

& obrigação : porque reſpeitos particulares , ou beneſe proprio leuão a boya â força de diligencia, & ſeu contrapezo. De modo que o que não he de ſeu ferro, he impoſsiuel hir a rol, & quando muyto vay no enxurro. E eu ſenhor ſou muyto mao para ſofrer idolatrias deſtes ſemideoſes lares. *Din.* Menos ſofro eu eſſes eſpiritos Portugueſes tão mociços. Porque ſereys vòs ſenhor, eu, & ninguem tão vão, que cuydeys que vos hão de rogar com o que vos cumpre, inda que ſe vos deua. He diuido ſeruir, & rogar os que podem, & valem : porque fanteſias ſem alicece não dão outro fruyto, ſaluo magoas a ſeu dono. *Art.* De homem de preço he não dar obediencia ſenão a quem lha reconhece. Eſſoutra gente pouo faça o que não entende. *Din.* He muyta verdade, que neſta parte muyto bem eſtou com o Portugues, que não reconheção ſenhorio, ſenão a ſeu Rey, ao qual he diuido o amor, ſeruidão, & lealdade que lhe temos ſobre todas as nações : porque nos cria nas abas como filhos, com os quaes reparte o ſeu patrimonio como que o não teueſſe, ſaluo para nolo dar. E aſsi por ſua real humanidade ſomos liures, & realengos, & os que podem arrimarſe a ſua ſombra, não tem mays que deſejar. Mas para vir a iſto não ſe eſcuſaõ meyos, por o que o homem diſcre-

discreto hasse de vestir segundo o tempo, & o viuer muyto mays, dessimular em quanto não vè a sua, & como teuer azas que lhe consento que seja outro Perseo sobre o caualo pegaseo: conquiste mays que Baco Indico: seja mays liure, & izento que Diogenes, & mays graue que Catão Censorino, & viuirà asi pelo foro da terra: porque Quinto Fabio dessimulãdo, & sofrendo vécia Anibal. E mays téde hũa cousa para vòs, para estes q̃ nos fazem carantonhas porque idolatramos, & se nos vendem por vèdores dagoas na discrição Cretense, não ha escarlata que asi os cegue como o sofrimento de quem os trata, hum alauercar ante elles, & carcarejar da sua sombra os faz logo perder os registos para comuosco, & descuydarse da vela, com que os sondays a cada passo, & o mesmo fazem elles a outros que os precedem. *Art.* Tudo he vento sem ser aruore de fruyto de todo anno. *Din.* Isso pela mesa està, & se escacea logo arrefece: porque o que apraz he tão leue de esquecer, como de lembrar o que magoa. Por onde não ha duuida que he muy incerto o acertarlhe a juntura: mas quem naceo para sofrer sofra, & dessimule, ou apare as vnhas da cobiça. *Art.* Diruosshey senhor: muyto bem me parece, & he estilo de homem honrado dar sua obediencia, & sua possibi-

ſibilidade a quem lha eſtima : mas ſe me vſurpays a corteſia, he tudo entornado, que eſpirito nobre não ſofre maos enſinos. He manjar dalma, & ſemente de amor o bom enſino : como me negays a honra que ſe me deue, ja vos compro o beneficio que me fizerdes ; antes nunca acabays de me pagar. *Din.* Senhor, ja Ouidio dizia em ſeu tempo: o preço he em preço, caſi diga, toda couſa de preço ſe vende, & ſem elle nada ſe dà : o cenſo, digamos, a peita dà as honras, & amizades : & o pobre que não pode peitar jaz por ahi deſprezado. Por onde vereys quão antiga lepra he a que vos agora laura. *Art.* Se me vòs pozeſſeys taixa a eſſes que me querem ſeruidão, culpaime ſe lha não der com ſabor, & lealdade. Mas vòs vedes muyto bem que nos eſmagão eſſes taes, ſem nos enxergarem, o que per elles he muyto mal olhado, & peor feito, & a nòs forçado o ſentilo. E então, pezar de Fez, diz, que me ande eſtirando antre ſatrapas de Perſia, que ſequer de viſta me não conhecem, & os mays deſcomedidos ſaõ os que mays enxergadamente moſtrão as fezes de ſeu auoengo, que nos nobres que não desbotão da obrigação do bom ſangue, ſempre achays outra brandura, aos quaes a popular ambição não lhes desbota o cume da honra, mas a moderação viſta dos

dos bós: porque como o dinhiro foy honrado, logo cahio a verdadeira honra,que he virtude do animo, que Reys não dão, nem ſe ganhão com liſonjaria,nem compra com moeda. *Din.* Eſſa he a verdade. Mas que faremos aos padroeiros da mentira, que a ſoſtentão a pezar de Galegos? *Art.* Ià diſsimularia termos baixos. Mas quereys que vos diga ſenhor? Siruaſe de mym hum negro, & moſtreme conhecimento. Porem deſprezos, comerey antes terra, que ſofrelos. Deos me dè furo per que me liure de ver tanta pouquidade de animos,& tanta ſoberba de humanos, o que sò neſta noſſa terra ſe acha, onde ſe honrão com deſcorteſias,como nas outras pelo contrario. E ſe me eu vir no palanque,o meu rotulo ſerà pela Ley,& por elRey. *Din.* E antre tanto que elle tarda,y no viene,viuireys de deſejos famintos do efeito, que he o tormento de Tantalo no inferno. *Art.* Companheiros acharey. *Din.* E o voſſo requerimento ſenhor para a India? *Art.* Senhor ſi, neſſe lago de honrados me hey de lançar de molho como ſardinha. *Din.* Em eſtremo folgaria que vos deſpachaſſem,hiriamos todos eſte anno. *Art.* Porque? tambem vòs hides? *Din.* Querendo Deos. *Art.* Vamos pezar de meu pay, comeremos deſſe arroz com leite de coco, & o ſeu bringue, manjar que

tanto

tanto gauão, & tentaremos essas orancayas. E sabeys porque me arma muyto a India? Dizemme que là nunca faltão dez pardaos ao homem de bem. E como me days isto, digo senhor, que não quero tornar a Portugal, por não ver suas miserias. *Din.* Eu sou disso, senhor, não se pode ja viuer em terra, em que se vos falta moeda, sobejãuos desauentura, & do Paço tirays espiritos vaõs do q̃ vedes que vos assoprão continos deseios a que vos habituays para mayor magoa. *Art.* Que falays? He tormento de Ticio no inferno, que lhe come hum Abutre o coração, que nunca lhe mingoa, mas sempre crece para pena infinita. *Din.* Digo senhor que quero hir morrer, & comer biscouto mil annos, por fugir destas sirtes, & espero vir triumphar dous dias nesta Corte, banqueteando gẽtis damas de Lisboa, com muyta ostra. *Art.* Isso não farey eu: mas virey comprar matos maninhos, & pòr bõs bacelos, à imitação daquelles nobres antigos Fabio, & Curio, que de suas vitorias hião descançar nos doces campos: eu sou destes sizos; por não gastar em vaidades o quese gainha tão trabalhosamente: & se days em seco com a moeda, pagays o escote, com tornar là, onde as mays das vezes leixays a vida em arrefens da vossa pequice: porque parece leixãouos vir

com a condição com que Plutão deu a molher a Orpheo. O homem ſeſudo trabalha para a velhice: ſe alcança deſcanſo, aferreſe delle, conhecelo, & eſtimalo, & contentarſe com o que pode: o al he vento, a vida breue, paſſaſe em contas, & hum Ezechiel ouue a que ſe acrecentou. Por tanto viuer para com Deos aprecebido, & para com o mundo moderado. *Din.* Vòs vireys hoje a fazer hum doutrinal de corteſaõs, ſegundo eſtays. Não ſou de ſer tão ſengo. O homem para calabrear a vida, & ſaber tratala, ha de ſer ſobre o verde, & dar cem voltas ao mundo, ſem lhe lembrar prouidencias de velhos, que ſabem ſegundo ſe atreuem. *Art.* Fazey vòs ſenhor o com que folgardes, que bem ouciofo eſtà o homem que quer que vão todos pela ſua via, tendo cada hum natureza propria, & vontade liure. Eu, querendo Deos, hirey à India, & no ponto que me achar em deſpoſição de buelta, buelta los Franceſes, virmehey cà meter em hũa coorte, antes que andar mays na Corte, a qual he hum touril para gente manceba, mas depoys que vos o tempo amança. O ſizo he acolher com o fradel ao abrigado. *Din.* Bem dizeys vòs, ſe não ouueſſe mays que dizer, & fazer: mas primeiro que o homem aqui colha o fruyto de ſeu trabalho, & ſe deſen-

uencelhe das eſperanças que vos lanção grilhoẽs, he peor de fazer que o caminho que Eneas fez com a Sibila,cuja volta, diz o Virgilio ſer concedida a poucos, & eſtes muyto amados de Iupiter. Donde diſſe Marcial que deſta vida corteſaã,dous atè tres ſe melhorão, & os mays vão na corrente das magoas, & deſauenturas dar conſigo neſſe mar da morte. *Art.* Vòs direys hoje as lições de Iob. Não ſintays tão mal de mym, que tudo o que dizeys alcanço:& inda mal porque he tanto a meu cuſto, mas quanto digo, vay debaixo do proſupoſto,ſe Deos quizer. *Din.*Per hy bẽ: porque eſta paſſagem à India, não he paſſar a Almada em barco de Cacilhas com grandes borriſcadas,antes tão duuidoſa, que foy ſombra della a hida de Colcos, & haſſe de fazer com grande receyo,& quem o não tem, não ſinte, que a fabula que vos contão que Glauco ſe tornou Deos Marinho:entendeſe que todo homem entregue à vida do mar,he bruto como peixe. Ora vede q̃ genero de gente pode ſer,& preguntay a quem com elles tratou, diruoshão que carecem de toda razão, & humanidade.*Art.*Nẽ tal vida não na pode ſuſtentar,ſenão tal gente:mas q̃ lhe farey? que eſtâ a terra aforada em tantos exceſſos, & a muyta ſobegidão das couſas temnos poſtos em tanta miſeria,&

 neceſsi-

necesſidade,que não podemos caber nella,ſem en
xamear,nem mãter,ſem trazer de fora tudo. *Din.*
Todo eſſe mal nòs meſmos nolo fazemos , & as
delicias de Perſia deſtroyrão Roma com guerras
ciuis,& aſsi o fazem agora a nòs com cobiças, &
tiranias, & odios , de que hey medo q̃ venhamos
ao ferro. E ſabeys de que maneyra ſomos ja?que
fazem de nòs todas as nações de Europa,o q̃ nós
fazemos aos da Etiopia,com chriſtalinos , & tres
mil outras couſas deſneceſſarias , que elles deſe-
ſtimão,nos chupão como ſameſugas quantas ri-
quezas trazemos de toda Aſia : & veyo a couſa a
tanto,que ſohião os nobres tèr caſas de armas: &
as molheres temlhas conuertidas em caſas de vi-
dros,& fazem diſto eſtado,& de ter muytas donas
& elles quatro rapazes. *Art.* Tudo o que dizeys
aprouo,mas eu não poſſo remedealo, nẽ fazer ſei-
ta por mym,& arrenego de tãtos conſelhos,& ne-
nhum remedio : tudo ha de ſer determinações,
ſem concruyr em algũa,& quando quereys pòr a
mão per vòs,não ha para que:porque tempo cor-
redor he como ondas do mar , couſas recolhe a
elle,& outras lança fora,& quem lhe erra os azos,
& ocaſiões perde a ſazão.Senhor meu,hey de çar-
rar os olhos como cabra cega ; & atinar onde ſe
me offerecer:porque emfim;q̃ diabo,ha hy mays

que morrer. *Din.* Que posto tão certo esse, he de mancebinhos bocicodios, que falão foutos do palanque: mas se venta rijo com chuueiros no cabo dos correntes, ou trouoadas de calmaria na costa de Guinè: quanto vos desejareys antes na praya de Cabeça seca, qual Vlyses se vio, que antre as Ilhas de Samatra, com os tesouros de Cresso. Não o digo porem por vòs, que os homés honrados nacerão para coar afrontas, & perigos: nem ha mayor obrigação, & peor vida que a sua: mayormente estes que seruimos de remos do Reyno. Mas vejo hũs bilhafres calaceiros, sem juyzo pintar Vlyseas de hidas, & vindas, que inda não, vão, jà vèm, & se lhe meteys o leme na mão, Phaetão, sabem menos regerse, que eu voltar per corda. Toda empresa querse tenteada, & regida per muyto sizo, & oxalà bastasse. *Art.* Querer medir tudo pelo exame da razão, he hum surdo genero de paruoice. *Din.* Que chamays paruoice? *Art.* Sabeys que? He infermidade de bexigas, que se apega da conuersação. Tão mao he o muyto sizo, como a muyta doudice: por isto sofro mal polhastros desta outonada; que sendo filhos de Sacres, Basaris sahẽ Ogeas, ou tartaranhas: se lhe contardes os pontos da vfania calção por vinte Hercules; & quãdo vèm a passar a carreira, saõ reuelões,

 & tèm

& tèm taes ſeſtros que lha não farão correr direita Autumedão, nem o Chirão Centauro, & ſahindo da caſca bufaõ penſamentos , mas ſem colera no efeito, & ao tempo do empar , ficão çafaros. Não ſe vio çafra tão tomada de neuoas, todos os pode a Aguia lançar do ninho , & nenhum ha que não ronque que paſſarà os Alpes com Anibal. *Din.* Eſſa ſeita Pitagorica he para hũs comparatiuos acordados no arroydo do que coligem dos pulpetos, & com dous pès deſſes ameação cõ a galharda, & ſoſpirão por Portugal o velho. Cuidão que em tudo o que apontão , pelo menos, ſempre tomão do aluo *Art.* Micelo mio, ora digão o que quizerem , que eu voſſo ſou. E de hir per eſſes mares deſſas Oceanas agoas , enroladas como malaſſadas, com velas cheyas que chião, acodir em pernas cilhado de arreuem breado à mezena, ou ao traquete , & leixar o cabreſtante para mimoſos. E quando me cahir velar o meu quarto da modorra, tomarey hum laude, & vermeheis outro Amphião ſobre golfinho , direy mal à minha vida. E cada vez que me lẽbrar direy tambẽ: hiuos minhas cabras hiuos: & Ioana patas guarda. Cantarey em voz alta: penſando vos eſtou filha, & ſoã me eſtà lembrando: & por desfeita: tangouos yo mi pandero, que vem a propoſito: vereis

que

que brauas ſaudades faço. *Din.* E não vos eſque-
ção hũs borrifos de, que me muero madre, que
por antiga ſempre tem graça. *Art.* Por quanto lei-
xareys algũa hora de ſer namorado? *Din.* Por ne-
nhum preço: o homem de bem ha de ſelo atè
morte, & ſe não, não lhe eſpereys bom feito, &
mays tendo **tanta** razão como eu tenho em ſer
aleijado por hũa minha muyto prezada, & ama-
da ſenhora. *Art.* E poys ſe vos haueys dir, que lhe
fareys ſe ha cà de ficar? Haueys que vos eſperarà
atè volta? *Din.* Si, iſſo eſtà pela meſa, ſem falta. *Art.*
Mays certeza queria eu nos temporaes. Mas que
digo; caſaruosheys antes que vos vades à veſpora
da partida. *Din.* Não ſou deſſas trauesſuras: não
tenho eſtamago para tanto, não ſey ſe me vem de
deſconfiado de mym? Mas por o que tenho viſto,
& ouuido. Acho muyto perigoſo pòr vezo, &
tolhelo. *Art.* Não errays muyto a barreira, que na
verdade eſta natureza humana he muyto enfer-
ma neſta couſa de ſofrimento, & de quantos Ca-
pitaẽs forão ſobre Troya, nenhũ da volta achou
a caſa ſem fezes. E Penelope que Homero quiz
abonar, temſe que foy das mays deſenuoltas, &
mintio niſto como Virgilio nos amores de Dido
com Eneas. Por tanto parece que he ſizo não
pòr neſta ventura, quando a couſa eſtà em minha

 mão,

mão, não ouſo fiala de mym, quanto mays na alheya. Vós perdoaime, mas eu ſerey mao de armar niſſo. *Din.* E eu deſſe voto ſou. A ninguem quero deuer que ſe doa de mym mays que eu. Fique a ſenhora comendo em talha na eſperança da volta, & ſua alma em ſua palma. Não lhe tiremos a liberdade que lhe Deos deu. *Art.* Ora ſabey que ſobre tudo iſſo, as molheres ſaõ eſtremadas no que determinão, & neſſa parte muyto macias, na virtude aſſas differente da noſſa, em quanto pretendem fazer a ſua, & entauolarſe na ſua opinião, fazem milagres: ſaõ muyto recatadas, nada do que lhes cumpre lhe eſquece: & iſto he o certo, & gèral dellas que ſe lhe deue eſtimar, & por algũs deſcuydos odioſos as condenamos: porque â molher de Ceſar não conuem ſoſpeitas, & eſta he a minha voz. *Din.* Và por ambos, que niſſo me fundo. *Art.* E mandailhe cantar hũa que diz: Eu me parto, & vòs quedays, não ſey quando nos veremos, peçouos que não percays il amor que nos tenemos. *Din.* Vem a plumo: ora bem, vaſſe a falar verdade. Tendes câ neſtas caſas algũa couſa? Que eu poderuoshey dar boas ajudas, ſe vos ſeruem, que não he tão pouco, antes o remedio das taes neceſsidades. *Art.* Bem ſey que mandays no alto, & no bayxo: folgara ter em que vos penhorar,

rar, mas não chego a ſer para tanto. *Din.* Antes cuydo que de ſerdes para muyto mays, vos vem não vos fazer iſto papo: caheuos das bainhas o mundo todo. *Art.* Mas não ha quem me queira, & eu ſou puſilanimo para empreſas tão duuidoſas. *Din.* Não mays, não mays: ſou comuoſco. Quanto ha que ſey tredices de hũs enleados, que preſumem de ſecretos, ſe lhe vay bem, & veláoſe dos gèraes. Senhor meu, que logreys voſſos fauores embora, que ninguem cobiça ſabelos, nem vos ha inueja. Eu tambem faço ſombra, mas naõ ſou taõ auarento dos meus goſtos: porque naõ quero prazer naõ comunicado. A meu geito, o melhor dos amores, he, a comunicação, & pratica extrauagante com os amigos, para hum dia rir de ſuas damices, & outro chorar ſuas ſaudades. Iſto faz o goſto dobrado, & o trabalho leue. *Art.* Haueria iſſo por perjudicial: bem que não ſe eſcuſa com hum amigo particular, em ſegredo, comonicarſe: mas quanto a mym não louuo o abonarme á cuſta da honra alheya, & alem diſſo tenhor por ocupação ouencioſa, & ſem fundamento eſtes amores do Paço. *Din.* Quando iſſo diſſerdes cantay por deſuio: mis arreos ſon las armas, mi deſcanſo es peleare: & ſe profiarem comuoſco mordey o verſinho dizendo: quanto mays certa foy

foy a tença de Burgos:& com isto ficays chaçando sobre todo mundo. *Art.* E vòs soysme tão arduo das esporas: Guarday não volas ponha se me outra vez anteparardes, que eu sou picado. *Din.* Asi senhor, està muyto bem, & dalasheys debaixo da cuberta em compasso dambas partes: poys sabey que ja não se costumão essas velhices. *Art.* E eu não aprouo nouidades, & viuo mays do meu parecer que do costume: porque sey quantos ha maos, & mal aprouados: serà paruoice, mas outras haueys de achar mays gradas. *Din.* Confianças me trazem morto: porque vou sempre descobrilas antre torres de Ximena, & eu de enfadado de certezas, não vos darey hũa palha por hum romance velho. *Art.* Poys eu não ha cousa que me arme tanto, & hey muyto grande dò de hũs juyzos poldros, & tão curtos da vista, que aceitão toda nouidade sem pezo, a olho, & asi me parece de vòs senhor que por andar com som do moderno sereys todo hum soneto, & condenays logo todo o outro verso, sem mays respeito nem consideração: & eu digouos que queria mays ser caixeiro dos Fucaros que todos esses primores. *Din.* Tambem essa opinião he moderna, mas baixa: serà segura, mas nunca pario Cipiões. *Art.* E pareceuos se esses agora forão que seruirão de

cauou-

cauouqueiros? *Din.* Mas de menos, que tambem os agora haueria, ſe lhes ventaſſe. O tempo, poré, por mays tyrano que ande da verdade, nunca pode tirar o preço ao bom : & ſabey que contentamentos proprios, quando forem juſtificados, ſaõ goſtos que regem a alma, & ſegurão o porto, triũphos injuſtos, & de mà prumagem, por mays que reluzem, là tem ſempre o ſeu bicho que deſaſoſſega altamente o eſpirito. Senhor leixemos parabolas que arrepicão muyto a caãs, & ſeu tempo virà. Venhamos ao preſente: vòs armays para eſtes rios das ſenhoras Palenceanas? *Din.* Senhor ſaõ aleijoẽs. Dias ha que empreguey meu cabedal em hũs cuydados amoroſos, de que me receyo. *Art.* Poys hũa merce me fazey: & digouos iſto como quem vos deſeja liure de màs venturas : tenteay bem voſſo emprego, & hide ſempre com a ſonda na mão, não vades cahir em baixos de que depoys não poſſays ſayr, como fez ha poucos dias hũa alma, que muyto bem conheceys. *Din.* Quem, por voſſa vida? *Art.* O tempo volo dirà, que eu não volo poſſo dizer: porque me vay ſobre ſegredo. *Din.* Como ſoys gracioſo, hey de hir pregoalo, & mays dizendomo vòs? *Art.* Soys parte niſto, por reſpeito doutra. *Din.* Oraja ſey o que he. Apoſto que adiuinhe: ſe acertar confeſſarmoheys?

heys? *Art.* E vòs para que o quereys ſaber, não vos indo niſſo? *Din.* Quereys tirar à natureza a curioſidade humanas? Antes vos digo q̃ muytos ſe ocupão mays em ſaber o alheyo, que em entender no proprio. *Art.* Nunca vos pendureys deſſas ouciosidades, tarde, ou cedo ſe ſaberá. *Din.* Camanha graça quererdes vòs agora fazer miſterios do que eu entendo. *Art.* Que entendeys? *Din.* Vòs ja não me podeys negar que anda voſſo ſocio Germinio Soares proſpero nos amores da ſenhora Filomela minha prima. *Art.* Porque diſſeuolo ella? *Din.* Tudo ſe ſabe, & tudo barrunto que anda perto de ſe caſarem. *Art.* Se ja não ſaõ caſados, podeis dizer. *Din.* Por voſſa vida? Eſtays zombando? *Art.* Sabeys quanto zombo? que fuy hũa das teſtemunhas, & voſſa madrinha Aulegrafia outra. *Din.* Ella andou por ahy, que o diabo lhe deu ſaber tanto? Grande couſa me contays: & vòs como eſtays niſſo? *Art.* Bem poys elle aſsi quiz, mas não que eu foſſe o autor: antes vos digo que comonicandome elle ſeus amores, ſempre o aduerti, & elle por me fazer dos ſeus, quiz que me picaſſe com Aulegrafia, & eu conſenti, parecendome deſuiala da contramina, que entendi que lhe armaua, & elles trazião o negocio tão aceirado, que hindo a noute paſſada com elle para lhe falarmos, vierão am-

bas

bas,falarlhe,& caſarſe foy tudo hũa couſa,ſem eu ter mays voz niſſo,que acharme preſente,& muyto grangeado da ſenhora Filomela. *Din.* E eſſe era o homem que me vòs gabaueys de diſcreto, & rendeſe tão depreſſa ſem mays conſideração? *Art.* Liurenos Deos de conuerſação que facelita impoſsibilidades,& pega como viſco. Poys ſe vireys como elle ao principo zombaua, & ſe moſtraua recatado, começando os amores a ſom de paſſatempo: mas ella he muyto gentil molher,& a fermoſura he muyto poderoſa para render eſpiritos delicados: & Aulegrafia peitada delle franqueaualhe tudo. E a Filomela apoſtouſe a venderſe por ſeu juſto preço, & não gaſtar tempo de balde. *Din.* Muyto bem ſabem o que lhes cumpre,quando querem: & mays ella he,gato eſcaldado,& o fiarſe doutrem, a fez não fiarſe de ſy, & ſegurar ſeu partido: & Aulegrafia embairà os diabos. *Art.* Deſejo atropelala,por vingalo: porque cuyda que ſabe muyto. *Din* He hũa mina de cautelas: & ſe vos arma, dirlhey de vòs marauilhas. *Art.* Fazey por voſſa vida,verey ſe me entendo com ella. *Din.* E guarday não vos acolha que he hũa pega. *Art.* Não acolherà, que meu amigo me fica por baliſa, para ſaber donde me hey de guardar. *Din.* Nada val quando o a fortuna àzar.

Ora

Ora Deos os faça contentes, & os leixe lograrſe, que eu folgo de minha prima ſe empregar bem; que não lhe podem negar, merecer tudo por ſua peſſoa, que he o principal. Per maneira que o negocio eſtà arrematado, & niſſo não ha duuida? *Art.* A cem amarras, & as partes ſatisfeitas. *Din.* Que o ſejamos nòs tambem: & ſempre me deu na vontade que eſtaua minha prima em porto ſeguro, como a vi iſentarſe de Graſidel de Abreu, que ſabey que não lhe foy mal com ella, o qual elle de muyto confiado nella, por a ter penhorada em hum amor de muyto tempo, parecialhe impoſsiuel negalo ella, mas quiz fazer muyta eſperiencia, & tambem foy mexericado que tinha outros amores na Cidade, & era mentira: & elle cuydou rendela mays com iſſo, & ella parece poz cobro em ſy, cozendo a dous cabos: magoou eſte, & açàmou eſſoutro. Como Deos ordena, porem, tudo deſuiado do que cuydamos. He certo que ſintio minha prima por perda grande deſarmarſe de Graſidel de Abreu, & eſtaualhe guardado Germinio Soares. Bem ſe moſtra niſto como todas noſſas diligencias, & maginações ſaõ vento ſe lhe Deos não aſſopra. Donde tinha razão Socrates, dizendo que não ſe deuia pedir a Deos, saluo ſimprezmente bem, zombando dos votos humanos,

que

que moſtrão querer enſinar a Deos o que nos cumpre, ſendo elle sò o ſabedor do bom, & repartidor do melhor: por o que, quando do Ceo eſtà ordenado, na mente Diuina, o contrario do noſſo deſejo; por demays he pretendelo. Por iſſo ſizo, & regra infaliuel he entregar à vontade de Deos. Ter o cuydado em cipilhar a alma; conforme ao que manda a Ley que profeçamos. Tomar o leme do honeſto trabalho, & leixar o cuydado da viagem a quem tem a cargo, & manda a nao. *Art.* Fazer todauia cada hum o que pode por ſua parte, para que Deos o ajude. Ter ſofrimento nos trabalhos. Comedir nos vagares do tempo, & não eſmorecer nas dilações. *Din.* Quão prouido cumpre ſer o homem, para não dar cem topadas. *Art.* Ha miſter mays olhos que os de Argos, & inda aſsi dorme. *Din.* Não ha mancebo que ſayba ter de ſy cuydado, & todos preſumimos de nòs muyto. *Art.* A Germinio Soares, confiança propria o deſtrohio. Fiouſe do ſeu conſelho, & não tomou o dos amigos. *Din.* Senhor, hauia de ſer ſua, para que he mays. E ja que lha Deos deu, tanto monta rica como pobre, & elle he o que remedea tudo: & os bõs ſocedimentos aprouão as obras. Quiçà lhe ſocederà ao diante de maneira, que ſeja dino de louuor o que agora parece de culpa: o ho-

o homem sezudo isto pode. Remedar com saber o que se erra no tempo,& ocasião. *Art.*E tambem senhor,rio de quem ha sempre de comprazer ao mundo:o que não he possiuel,hauendo tantos,& tão diuersos juyzos,& os acontecimentos tão cõtrarios dos que cuydamos. *Din.* E mays cada hũ quer viuer do seu gosto , & não do alheyo. E de querer satisfazer ao pouo,nasce muytas vezes errar para Deos,& para mym mesmo.E querer cũprir com vontades alheyas,causa não fazer a propria,& agrauar muytas. *Art.*Ia em cousa de casar he a mayor graça querer pay,nem ninguem que cumpra eu com o seu gosto , & negue o meu , & que outrem me escolha a molher com que eu hey de fazer a vida. *Din.* Para filhas he ley sofriuel. *Art.* Grandes paruoices tèm pays com filhos.*Din.*Não he de espantar, por a differéça que tèm na idade , & gosto. *Art.* Mas no saber, que he dos velhos. *Din.*Ora tambem voz de parentes nisto he boa peça,os quaes viuendo a seu sabor , falão de papo que não haueys de ter vontade, saluo do que cumpre a vossa honra, & fazemme asno para leuar a carga de mil descontentamentos, de que se socedem depoys grandes afrontas. *Art.* Senhor liurenos Deos de fazer cousa que haja de ser julgada dos homẽs. E mays vos digo,que não

ha tra-

ha trabalho como pedir conſelho: porque ſe o vòs nao tendes proprio, qual volo dà a voſſa dòr, raramente achays quem ſe ocupe em cuydar, para volo dar. O homem capaz faça o que deue a Deos, & a ſy meſmo, & leixe julgarſe, que não ha de quem não digão. *Din.* Todauia eu não queria ſer ocaſião que digão de mym com cauſa. *Art.* Aſsi digo eu. Franqueza he grande zombar no principio dos amores de hũa molher, & cayrlhe depoys nas piozes. *Din.* He juſtiça Diuina viſta cada dia: porque na boca do caualeiro, não ha dauer vituperar ſeu imigo, & deue ſempre defender o nome das molheres, como fazião os da Tauola Redonda, antes louualas, & tratar do proprio, & não desfazer no alheyo. E então, como dizia o outro, chameſe Alexandre deos: quero dizer, tenhaſe cada hum na conta em que quizer, & lâ ſe auenha com ſua vaydade, que ſe não he perjudicial, pode ſer proueitoſa. *Din.* Pareceme iſſo muyto bem, temos os juyzes muy conchauados. *Art.* Vòs ſenhor que quereys fazer? *Din.* Hirme à pouſada, ſe não mandays outra couſa. *Art.* Eu voume daqui a hum pedaço ſobre certo negocio. *Din.* He couſa em que eu ſirua? *Art.* Senhor não: beijouolas mãos. *Din.* Poys veja, que eu eſtou preſtes em todo tempo, & naõ ſaõ cumpri-

mentos. *Art.* Aſsi o tenho por muy certo. Poys ſenhor vejamonos mays vezes. *Din.* Eu vos fuy buſcar à pouſada ontem, & diſſeráome que vos mudareys. *Art.* Senhor ſy, para Valuerde. *Din.* Ora hum dia deſtes lhas hirey beijar. *Art.* Fazeyme eſſa merce: porque temos ahi grande paſſatempo com hũas alfayatas, que pouſaõ fronteiras, onde acodem moças aprendizes, & he hum ceuadouro. *Din.* Não perderey eu iſſo. E tocays tambem jogo. *Art.* Não ſe pode viuer ſem iſſo: & mandamos baratos. Ha tempos de eſgrima, & boa pratica. *Din.* Là me tendes como bom bebedor. *Art.* Quero ver, & daqui me faço preſtes.

SCENA

SCENA VLTIMA.

Dinardo Pereira. *Grasidel de Abreu.*
Cardoso. *Rocha.*

Rande cousa tenho sabido para meu amigo: esta he outra erua, qual a de Alexandre para curar seu amigo Tholomeo. Ora fiayuos lâ em amor de molheres: sabey que nunca leixão certo por duuidoso, & minha prima eu a louuo: porque não cuyde nenhum galante que açābarca com boas razões o q̃ a razão não sofre. Quando vires o bom dia metelo em casa: porq̃ na verdade o viuer sempre em esperanças, & andar em contas com medranças, deue ser esperiēcia de purgatorio, se o não he do inferno: & quē se pode per algũa via forrar deste estado, inda q̃ com perda, deue fazelo, q̃ esse he o gainho, & o al fadairo. Voume buscalo logo, acabaremos estas desauenças: na pousada deue estar, & não sei como tomarà a concrusaõ, mas eu ja lha tinha pronosticada: porq̃ como vi durar Filomela em sua birra, logo tiue q̃ hia noutro bordo de mays seu gosto. Aqui somos, Cardoso. *Car.* Senhor. *Din.* Està là Grasidel

de Abreu? *Car*. Senhor ſi. *Din*. Micer Rocha, que faz Monſeor? *Roc*. Là eſtà na camara paſſeando, & ſuſpirado pelo vento. *Din*. Poys agora o vereys ganir. *Roc*. Quero eſcuytar o que vay, que ja deſejo velo de todo deſenganado, por acabar queſtões. *Din*. Vòs ouuiſtes ja, que ſe curão grandes enfermidades com remedios aſperos? *Graſ*. Poys que foy? *Din*. Antes he, que haueys dauer paciencia, & fazer o coração largo, para o que o tẽpo dà. *Graſ*. E vedeſme vòs fazer outra couſa ha mil annos? *Din*. Aſsi he neceſſario agora: porque naturalmente ſomos leuados de nòs com impeto a todos os efeitos, vituperamos, louuamos, enternecemos, & agaſtamonos para a parte a que nos moue a preſente afeição. *Roc*. Grande orador vem teu amo, Cardoſo. *Car*. Eu quizeralhe menos lingoagem, & mays dinheiro. *Roc*. Melhor fora, mas mouro ja por ſaber o que traz. *Graſ*. Dizey o que quizerdes fouto, que não me podeys dizer mal, que eu não tenha cuydado, & eſperado. *Din*. Eſſe he hum grande meyo para ſofrelo. *Graſ*. Peor he ja ſofrer a voſſa tardança. *Din*. Tenho ſabido grandes couſas. *Car*. Mas grandes paruoices, & não pode ſer mayor, que vſar tantos circunloquios ſobre nada. *Graſ*. Contay, não me eſteys martirizando. *Din*. Day a Deos, aquella ſenhora ſoubeſe ajudar dos

azos.

azos. Por isso dizem, com o que Pedro sara, Sancho adoece: & tinha muyta razão Demetrio em dizer que nenhũa cousa lhe parecia menos dita, que não passar algũa aduersidade. *Car.* E ter sempre desauenturas, & miserias, que lhe chamays? *Roc.* Mazmorra. *Car.* Peor he inda a nossa vida cõ estes, & a destes comnosco. *Din.* Por hũa de duas: ou porque a pessoa que sempre prospera não pode conhecerse, poys de sy não tem esperiencia, ou os males passão per elle por fraco, & não habil para sosterse nos recontros da fortuna. *Car.* Quizerame eu ver prospero, para esquecer miserias: poys he proprio da prosperidade o esquecimento do primeiro estado, & essoutros floreos, bõs de dizer, & maos, dèuolos Deos, meu amo, para vòs curar a cabeça. *Roc.* Fazeys bem: porque a vossa he muyto maciça. *Din.* Ora tambem muytas vezes vem mal por bem: vòs asi o tomay, & perdey a saudade à senhora sobre senhora minha prima, a quem podeys dizer, que micer Germinio Soares, de dia lo tiene en hierros, de noche lo tiene consigo. *Car* O como folgo, & vòs meu amigo Rocha como soys bocicodio: porque agora ficareys em branco dos amores de Dorothea, que sabey que vos não ha de sonhar mays: & o retorno das vossas merendas, fazey conta que se perderão nos

cachopos.*Roc.* Escutay,ouçamos o remate,que eu vos responderey. *Din.* E elle a tem recebida por boa, & lidima: ao que diz o Castelhano,a quien Dios se la diere,San Pedro se la bendiga. *Car.* Como vosso amo ficou coado. *Roc.* Halse de enforcar. *Car.* E vòs hiruosheys meter frade, & chamayuos Frey Amador Chusado,que a Dorothea se he a que eu cuydo,à imitação da sua ama,hasse da posentar com sol, saluo se ella não pode. *Roc:* Doúa a cem coruos, que não foy necessario lembrarlho: antes por não se perder à mingoa, logo lançou mão do nouo conhecimento, & eu lho barruntey do primeiro dia que vi o pagem mirrarse nella.*Car.* Poys diruoshey:vòs soys hum vilão carregado por diante,& assombraila,& essoutro rapagão,eu o conheço:he darte, & anda sempre muyto golpeado,& ellas saõ perdidas por rostos que tèm inda a penugem: porque se confião em os enlear,& tomar do primeiro pulo. *Roc.* Par estas rapas poucas, & raras, que per ante ella o hey de tomar, & darlhe hũa reuolta de couces: porque veja essa rapariga, que differença ha de Pedro a Pedro. *Car.* E que culpa tem elle em querer a quem o quer? E mays vos digo, que me dizem,que lhe dà ella lenços, panos de cabeça, & as camisas:& a vòs toma as pestanas. A ella me tornaria

naria eu antes. *Roc.* Senão ſe eu não poſſo acolhe-
la. Que ha Deos de ſofrer que triũphe de mym
hũa rapariga tinhoſa,& lambareira, a mayor go-
loſa que vi? *Car.* Porem como vòs eſtays magoa-
do?Inda voſſo amo moſtra melhor eſpirito. Eſ-
cutay veremos em que ſe reſume o meu. *Din.* O
bom Piloto como teme naufragio, rime com a
perda o que o pode ſaluar,& alija ſem dò ſeu em-
prego. E como os medicos nos corpos enfermos
cortão o que pode danar:aſsi ſe deue cortar tudo
o que afronta a alma.Por tanto,de meu conſelho,
daya por eſquecida. Empregay o penſamento
em parte de ſuſtancia que volo ſayba eſtimar:aſsi
vos hireys çafando de ſuas lembranças,que hum
amor com outro ſe tira,como ella fez. *Car.* Con-
ſolayuos Rocha,& tomay aquelle conſelho: & ſe
quizerdes,eu vos enculcarey couſa de voſſa arte,
& que vos aceite à meſma hora.*Roc.*Onde?E quẽ?
*Car.*Conheceys vòs aquella que laua os ſeruido-
res?*Roc.*Mas voſſo auò:bem ſoys vòs para ter taes
conhecimentos. Quem vos tirar de ſer mulatei-
ro.*Car.*Não hajays vòs merencorea, nem tomeys
à mal o que digo por remedio : porque me doe
voſſo deſamparo.*Din.*E como vos forrardes , ve-
reys quanta merce vos Deos fez em vos tirar de-
ſte enleyo. *Graſ.*E quem viſtes vòs ſezudo, ſendo

 afeiçoa-

afeiçoado? Amor não ſe rege per razão. *Din.* Foilhe iſſo aſſacado: não ha couſa em que a razão não tenha o ſeu quarto, voluntario, ou forçado, tè nos brutos, & racionaes tèm força. *Car.* Que aproueita, ſe ninguẽ quer vſala, ſaluo no que faz de ſua prol. *Roc.* Verdade, a razão ſaõ as couſas mays louuadas, & menos eſtimadas: & daqui vem todos os males ao mundo. *Din.* Tendes tambem outro remedio, a deſeſperação que cura muytas chagas: porque ſe esforça contra a dòr, & o esforço he sẽpre principal dos bõs ſuceſſos. *Car.* Brauo conſolador eſtà meu amo. *Roc.* Para conſolar, & aconſelhar muytos ha, mas para remediar nenhũ. *Car.* Muytas magoas ſe abrandão com o conſolo, & muytos erros ſe concertão com o bom conſelho. *Roc.* Hum, & outro ſe toma raramente ſem o remedio: ſabey que he hum perro eſtado ſer conſolado, nem aconſelhado. Eu queria não ter neceſsidade de nenhum delles: porque o al he mao de achar, & peor de goſtar. *Graſ.* E que ſuceſſo bõ days a quem days por meyo deſeſperalo? *Din.* Homẽs viciosos entregues a ſeu apetito, ſempre vèm a razão per peneiras: mas o que ella nega não conuem ao juyzo claro. Aos vencidos dá o Poèta per ſaude, não eſperala: & diz Quinto Curcio, que a deſeſperação he graõ incitamento para hum honeſto

nesto morrer,& dado que proceda da enfermidade da saude, ja os cuydados lhe não combatem o animo forçado: porque quem não tem que esperar,não tem que desesperar:& asi a desesperação faz os homés ousados. Donde dizia Ouuidio: quem he mouido,& arrebatado dos sucessos contrarios,que pode buscar, & esperar senão aduersidades delles? Por o que se lanção, sem medo,aos perigos, como a cotouia, que fugindo do esmerilhão se mete pelas casas,donde se val delle,& asi, das espinhas nasce a rosa,que he,de triste sucesso, o alegre,& do grande perigo,a segurança. A pos a esperança do bem, tem o segundo lugar a desesperação, & esperase o que se deseja com gosto, desesperase o que perdemos para descanso. *Roc.* Todas aquellas razões saõ boas de dizer, mas pouco gostosas de ouuir, & muy difficultosas de seguir. *Dm.* E poys o tempo que desengana,enganado vos trouxe à luz vossos receyos. Tomay o conselho que vos a necessidade dâ, & tende paciencia que he mãy da honra. *Gras.* De maneira que isso passa sem verdade auirguadamente? *Din.* Agora mo disse Artur do Rego,que foy presente, & testemunha do recebimento,& deume por autor de tudo minha madrinha Aulegrafia. *Gras.* triumphar essa de mym,he o que mays sinto: porque

que o afortunado,inda que padeça trabalho proprio,o prazer de ſeu imigo lhe dâ mayor pena,nẽ ha magoa que aqui chegue:mas poys aſsi vay, ja não ha que ſintir de ninguem, ſenão da minha mà fortuna. *Din.* E que ſabeys ſe he boa?? Eu tomalohia por melhor,ja que o Deos permetio, do qual ſempre ſe deue eſperar bem.*Graſ.*Per maneira, que em cabo de tantos annos ſiruo Filomela, quando cuydaua tela penhorada para me não negar,antes obrigada a eſtimarme, & ſatisfazerme: meteoſe em meyo da minha obrigação Germinio Soares,& pode tanto com ſuas peitas, & aderencias, mediante ſua amiga Aulegrafia que me leuou a boya,eſquecida de quantas promeſſas me deu,deſprezando quanto lhe eu tinha merecido, ſem admitir juſtificação algũa minha,aceitar verdade,nem reſpeitar ſeruiço. *Din.* Nem mays,nem menos,do que nos ficão grandes exempros para os que peregrinamos neſta vida corteſaã:aos mãcebos de não ſe meterem confiados em amores de paſſatempo, em que o perdem, & perdemſe. *Car.* Notay lâ Rocha, que para vòs o diz. *Din.* As molheres moças tomem auiſo dos enganos dos homẽs,& não ſe auenturem, poys perdem mays: que ſe hũa ſe ſalua,as mays ſe condenão.*Roc.* Nũca vi voſſo amo tão Filoſofo.*Car.*Vòs eſtays agora

boto

boto do gosto, & em nada achays sabor, mas o Pereira fala por trinta, & vosso amo pode aprender com elle toda sua vida. *Roc.* O estado acanhado abate o saber, por isso não me espanto agora do Abreu estar manho. *Din.* Quem ouuir esta historia, dirà, que he hũa comedia, empeçar, & acaba em prazer: porque vòs ao principio sintistes muyto as desauenças que teuestes com Filomela, & dellas se azou vir ella a ceitar os amores de Germinio Soares, em que se confirmou o perigo, & se rematou agora no contentamento do amante querido, & no descanso do desprezado, que haueria por melhor: queira Deos que o bom sucesso de hũs, não engane outros auentureiros: porque sempre nos ajudamos mays dos exempros, que fazem a nosso gosto, que dos que nos auisaõ o que releua: benzeilha, & por amor de mym que vos não lembre mays. *Gras.* Eu determinado, sou pedra, & cal. *Car.* E todauia não acaba de se determinar? *Roc.* Poys terà bom remedio em o não fazer: & quer elle inda que lhe deua estoutro fazelo, sendolhe forçado. *Gras.* Folgo de me Filomela desobrigar, que doutra maneira, não sey o que comigo poderà. Tèqui a tiue na conta do bem que lhe queria, cuydando della o mesmo. Agora, poys não amo a quem cuydey

que

que amaua:não tenho a quem amar:riſcarmehey de ſeus cuydados. *Car.* Com que dòr da ſua alma ſe elle vay tirando. *Roc.* Hum amor de tanto tempo, he muyto mao de deſarreigar. *Din.* Aſſentay niſſo, que aſſentado tenho comigo, que ella não vos ſofreo, ſaluo em quanto não achou quem a mays ſatisfizeſſe, que eſtas gentis damas aſsi o tèm por pratica: mays ſe incrinão a ſeu intereſſe, que a ſua afeição. Nenhum amor as obriga ſenão a de ſeu proueito: grande auiſo para homem afeiçoado temer muyto. Mas ja que não he quem vòs cuydays, & o fundamento de voſſo amor ſe foy em vento, tal deue ſer o que lhe tinheys: porque amor he hum concepto que tendes dalgũa couſa dina de eſtima, & merecimento, ſe vos eſte falſificão, apagaſe como candea que ſe lhe gaſtou o pauio. *Car.* He diabo eſte meu amo: mao grado a melhor alucitar, vailhe curãdo a chaga per ſeus pontos, como hum ſacamolas *Roc.* Eſcutay ouçamos em que aſſentão. *Din.* E poys a ſenhora Filomela eſtà contente da ſua eſcolha, que o ſejays vòs de voſſa liberdade, que muy certo fruyto he de empreſas mal fundadas, terem por ſatisfação tempo perdido, vida atalhada, arrependimento ſem ſazão, & magoas por heranças: & o mays certo deſta vida aulica, he, leuarem hũs o galardão

dos

dos outros,donde hà muytos queixosos, & poucos contentes.*Car.*Que nouas aquellas Rocha para quem serue per esperanças. *Roc.* Por velhas as tenho eu ja: mas que ha homem de fazer? senão como carneiros,saltar hũs tras outros. *Din.*O bom disto,he,lançar ancora na praya que a fortuna primeiro offerecer,antes que outro terrenho nos tolha o porto: porque nunca vejo senão desprezar, & engeitar hũs cousas,com que outros se melhorão,& depoys chorar erros a tempo que não tèm remedio. *Car.* Muyta doutrina leuo hoje daqui, mas que serà mays dinheiro para poder leixar a boas noutes o pregador,& não ganhara pouco em me forrar de ouuir suas patranhas, & sofrer suas moucarrices.*Din.*E sabeys como he tudo? Espiritos que não saõ contempratiuos, cahem muy raramente na realidade do bom. Bojos maos de cõtentar,nada estimão, tudo tèm em pouco, lidão sempre com maos acontecimentos, nisto gastão a vida:quando cuydão que per seruiço tèm segura sua obrigação,saemlhe dantre mãos os azos:ficão em branco com as queixas, segundo agora ficastes.*Car.*Cãta agora não me parece que meu amo ata muyto, eu ao menos entendilhe bem pouco. *Roc.* Vós não soys marca de ser mays que Arraez de ribatejo. *Car.* Sereys vòs logo com o vosso Latim

tim aprendido de enxerga, como carne de porco que vendem, bom Piloto para o rio das enguias. *Din.* Os comedidos, & que se velão das necessidades fortuitas, & sintem a breuidade da vida, & a pouquidade da terra: lanção mão do que podem, alcanção o que se lhe offerece: & assi em pouco tempo se satisfazem, & ficão de gainho, por o pouco custo que fizerão: tal foy Germinio Soares. Ora fazeime merce que agora sejais muyto mays contente que nunca: porque não cuyde a fortuna que triumpha de vòs. *Gras.* Vou cayndo no que cumpre à minha saude, & entendo quãto vay no conselho puro: porque estar tredo sobre quem se fia de mym, he vileza, & paruoice com cataratas: & quer Deos, que a estes, da primeira enxadada lhe desenfardelays toda sua tredice, & donde cuydão que julgão, ficão julgados. Digo isto por hũs, que nos desgostos de seus amigos tèm gosto, & falãolhe a sabor, & nunca respondem com a tenção às palauras. Mas vòs senhor, como a vossa he boa, & a amizade pura, assi soys claro, & verdadeiro. Vejo em vòs quão verdade he, que sem hum bom amigo na aduersa, nem prospera fortuna, não se pode viuer, & quanto he milhor a manifesta reprensaõ, que o amor incuberto. E bẽ se diz, que as cousas prosperas adquirem amigos,

& as

& as aduerſas os aprouão. E por tanto não ſahi-
rey do voſſo parecer, por toda a vida: & mays ſe-
ria doudice lembrarme do que me fazia eſque-
cer de mym, ſem lhe lembrar. *Dim.* Como ſe con-
uerte a neceſsidade em razão. Aſsi nas aduerſida-
des he mays eficaz remedio a neceſsidade, que
a razão. A diſcrição conſiſte em ſaber ſofrer
com animo, o que nos ſucede contra noſſa eſ-
perança, & goſto, eſperando ſempre ſocorro Diui-
no, que nunca faltou aos bõs, & que o bem pedẽ,
& apricar noſſo eſpirito ao ſofrimento, & reme-
dio, poys nos Deos deu razão, & virtude, & junta-
mente animo, para podermos deſuiar, & vencer
todo mouimento, & tempeſtade aduerſa, & ſenho
rear noſſos ſentidos, & apetitos: & por tanto ga-
nhayuos a vòs. Cà não he bom, nem cumpre ſer
ſempre hum em todo tempo, a idade, o lugar, oca
ſião, & ſuceſſo requerem ſua vez. Perdoaſe o paſ-
ſar pelos vicios, mas querer eſtar nelles, he torpiſ-
ſimo. Os homẽs hão de viuer da razão, poys per
ella ſe differenção das beſtas, que vão apos ſeu
apetito. *Roc.* Quanto voſſo amo, diz, he muy facil
de dizer, & de fazer dificil. Sutilezas eſtremadas
quebrãoſe. Quem quizer ſer obedecido, mande
moderado, que o coſtume de longe, he outra na-
tureza que a vẽce: & para ſe hir dilindo, ha miſter
eſpaço

eſpaço doutra continuação. *Car.* A grandeza do animo faz poſsiuel impoſsibilidades: porque todo caminho tem ſeu fim. Mas a falaruos verdade, enfadame ja tanta razão de meu amo, que nunca começa como acaba: & todo o muyto trilhado perde o ſabor. Eu quizera antes ter ja ceado, ſerà bom, que lhe atalhemos, ſe a cea eſtà para iſſo. *Roc.* Falays Seneca: querolho dizer, que preſtes a tem. Entremos, podem cear cada, & quando quizerem. *Din.* Por iſſo ſou perdido por vòs Rocha: porque ſobre não ſerdes muyto gentil homem, quero dizer bello como outros panfilos, que ahy ha. Soys bem aſſombrado quando vindes com boas nouas. *Car.* Eſſas não tem elle agora de ſy. *Din.* Como? Morreulhe ſeu pay? *Car.* Eſſe mao, para herdar algum conchouſo. *Graſ.* Sabeys ja de voſſa amiga a ſenhora Filomela que he caſada? *Roc.* Aſsi o ouui. *Graſ.* Pareceme que zombou de nòs. *Roc.* Sempre me pareceo que não ſe deſamarraua em ſoſſo. *Graſ.* Ora poys ſabey, & crede de mym que por nada me hey de enforcar. *Car.* Eſſe esforço quizera eu a Rocha. *Din.* Porque? *Car.* Eſtâ muy magoado de lhe a Dorothea comer a iſca das ſuas merendas, que ja nas hortas não hauia alface, que lhe baſtaſſem. *Din.* Tambem ſe vos leuantou com o amor. *Car.* Nunca faltão royns

que

que ſe antremetão onde os não chamão. *Din.* Como aſsi? *Car.* Foylhe o demo deparar à madama Dorothea hum pagem de Germinio Soares em tal hora mingoada, que bebe os ventos por elle, ſem fazer mays comemoração do ſenhor Rocha: como couſa que nunca fora. *Din.* Ora virdes vòs a ſer moſino em amores, haueria pela mòr graça do mundo. *Car.* Poys bem lhe podemos cantar, para que pariſtes madre, vn hijo tan deſdichado. *Din.* Se tal he, podeiſuos conſolar: porque moſina não naſceo ſenão para homẽs de grandes eſpiritos, que sò tem para fazer roſto a ſuas diſcordias, & bojo para cozer ſeus deſenganos *Roc.* E que vio elle em mym para não poder ter a cacha à fortuna? *Din.* Là vos acho hum não ſey que, aſsi, aſsi, que me pareceys muy deſcoroçoado em caſos furtuitos: que no al de voſſa hombridade, nenhũa duuida tenho: mas vejouos arte de vos enforcardes ſe vos morrer a molher, & os homẽs hão de pairar fortunas. *Car.* Perto eſtà diſſo, com perder a dama: porque tambem na verdade ella he muyto rapariga, & não ſinte, & foy muyto ingrata, & deſcomedida, em aſsi trocalo leuemente por hum rapas, parece ella deue telo por reuelhuſco, ſem embargo da pouca barba, & o outro he eſcamado, ſem ponto della, nem eſperança, & parecelhe

menino,& moço.*Roc.*Zombamos,& não cuydais vòs ora que falays pouco frautado , & feyto em vòs muyto a Corte.*Car.*Muyto pareceys vòs agora bilhafrão esgalgado , que fez preza em grande trilhoada de negalhos de tripas,& escapoulhe das vnhas,de confiado,& faz furto no ar com vio,vio: porque vòs fazey conta que olhos que la vieron hir.*Roc.* Se foreys mays breue,teuereys graça,mas deueys lançar mão de sacamolas,quiçà se vos dará melhor que a cortesania.*Din.*Ora consolayuos Rocha , que nas pressas se mostrão os amigos. E por que vejays quanto o sou vosso, querouos dar hũs amores, em que vos melhoreys, & com que façays remoela a essa graçoã.*Car.*Eu lhe inculcara hũa donzela da sua arte,& mays proueitosa. *Roc.* E ri,& folga, como se dissesse algũa cousa,& parece porteiro do Cartaxo pregoando fato de mortalha com trempem ao pescoço por colar. *Car.* Não estays hoje para dizer cousa bem dita , poupayuos para depoys que cozer essa paixão. *Gras.* Ora senhores não tãto Paço,que outros vi ja estarẽ melhor delle. A boa resolução desta cousa,Rocha,seja cearmos por agora, & dar o feito por esquecido,que os casos desesperados, per sy se consolão , & a fortuna atè aos vencidos ensina a arte da guerra. Melhor he padecer culpa alheya que a

pro-

propria. Nas cousas contrarias não estemos por bõs ditos, mas por os necessarios. Sabemos que como aos bem afortunados, os mays dos seus sucessos saõ contentes, & prosperos: assi os tristes de proposito se lhe offerecem ocasiões de tristeza, & magoa. E dado que ninguem he tão animoso, q̃ não se abale com a nouidade de qualquer desgosto, os desamparados da boa fortuna deuem pòr toda esperança de sua saude na virtude, fazem do rosto aos dessabores que lhe socedem, com telos em pouco, & passalos como desesperados: porque val muyto a confiança do bom animo em todo caso, & as feridas que cada hum recebe a olho, saõ mostra, & indicios da sua virtude, & a morte que se segue aos que a temem, em desprezala se fogem. Por o que ja que vossa amiga a senhora Filomela, & a sua donzela Dorothea estão contentes, & satisfeitas do seu prospero acerto, não tenhamos pesar do seu prazer, nẽ magoa do seu gosto: que parece odio, ou inueja, que tudo he hum: hũ, nem outro lhe tenhamos, & este he bom, & seguro conselho, dado que sempre falta, quando se toma forçado do soffediment: o todauia a condição, & natureza do homem, he, querer, & não querer. Este querer, & não querer a seu tempo assazonado, he dos discretos. Querer o que não conuem, ou

 o que

o que não pode, he de homẽs que querem a ſy meſmos, & não ſabem vencerſe em ſeus apetites. E por tanto, ſe vos parece, ja que ſoys homem entendido, queiramos agora o que podemos, poys não podemos o que queriamos, & não inuejemos a boa fortuna a quem a tem. Que como ſabeys, poys o ledes, Alexandre dizia dos inuejoſos, ſerem tormento de ſy meſmos. Conſolemonos com ſaber que as grandes glorias humanas, as mays das vezes as conſiguem ditoſos ſem merecimentos, hauendolhe de dar por premio da propria virtude, a que realmente o mundo ſempre contraſta.

Din. Muyto parece iſſo pregação de padecente. Lancemos o baſtão com alça. *Valete, & claudite.*

MOMO.

TOrno a declararme comuoſco. Tendes ouuido hũm largo diſcurſo da corteſania vulgar: & ſe algũa couſa vos parecer mordaz, não pode ſer menos: porque ja primeiramente, não me podeys negar, que toda obra humana não carece dalgũa falta, quando não de muytas.

LAVS DEO

Carta que ſe achou entre os papeis de Iorge Ferreira de Vaſconcellos.

QVEM ſem remedio padece,
O remedio he ſofrimento,
E eſte vence o tormento,
Que ora aſsi,ora aſsi creſce:
Onde a ſemrazão florece,
A razão fica ſem flor,
Triſte de quem tem a dor
Que lhe negão,ſe merece.

Quem fez emprego da vida,
E não ſegurou ventura
Por tempo a magoa ſegura
Com eſperança perdida:
Iuſtiça não he ouuida,
O clamar he no deſerto,
E o remedio mays certo
He ter na morte aguarida.

Mays ſe queixa o mays culpado,
Geme entre ſy o innocente,
E dâ muy pouco o contente
Por quem viue magoado:
Tudo o que foy ja eſtimado
Perdeo neſte tempo o preço,
A quem entendo aborreço,
Se engano,ſou enganado.

A gente toda tem feito
Ydolo do intereçe,
Quem entender não podeſſe
Viuiria ſatisfeito:
A cobiça do proueito
Tiraniza a liberdade,
He deſterrada a verdade,
Não ha ja pureza em peito.

Obrigar não aproueita,
Neceſsidade acanhada
Todo negocio he cilada
Amizade contrafeita:
Por de mays ſua rede deita
Quem a não lança chumbada,
Anda ingratidão de armada,
Cada hum faz por ſy ceita.

Tudo

Tudo eſtà na opinião
Que innoua cada hora leys,
E que vos d'ellas queixeys
Cumpre hir por onde outros vão:
No poder eſtà a razão,
E a honra na valia,
Quem não merece, porfia,
Pedir naſceo cò vilão.

O tempo (ſe tarda a emenda)
Deſengana os enganados,
Neſtes humanos cuydados
Cada hum ſua ſorte entenda:
O auaro da fazenda
Serâ prodigo da honra,
Alma enloda, & ſy deshonra
Quem de promeſſas poem tenda.

A palaura do ſenhor
Que ſeja muy comedida,
Mas a merce ſem medida,
E deſta ſe adquire o amor:
Nos honrados o fauor
Nunca foy mal empregado,
Eſpirito nobre acanhado
Não pode ſer mayor dòr.

Não ſe contentão tyranos
Com ter da ſua mão o tempo,
Mas atè do entendimento
Roubão coraçóis humanos:
Vão de monte a monte os danos,
Ninguem o toma por ſy,
Leyxo dentender em my,
E entendo alheyos enganos.

Mao ſaber, & juntamente
Pouca vergonha, ſaõ dados,
Com que mil vejo roubados
De quem não vè quem o ſente:
O diſcreto, & o prudente
Traz leme na condição,
E tem igual a razão
Para ſy, & para a gente.

E nunca outra couſa vejo,
Senão homẽs comedidos
Da razão mal reſpondidos
Leuarlhe a boya o deſejo:
Ser infortuno, & ſobejo
He muy certa grangearia,
Primor nunca tem valia,
Seu tormento he bom deſejo.

Iſto

Iſto nos dita a rázão,
Mas eſte ſegre preſentè
De injuſto não conſente
Mays do que as riquezas dão:
O deuido galardão
De grandes merecimentos
He, fazer abatimentos
Ao mays perfeito varão.

Dizer, & fazer he dado
A muy poucos, & o querer
Foge ſempre do poder,
Anda tudo aſsi trocado:
Se quero ſer eſtimado
Hey de valer, ou peitar,
E ſenão tiuer que dar
Serey por necio julgado.

Tudo ſobe ao ſeu ponto,
E da ly depreſſa deſce,
Todo eſtado compadeſce
Aqueſte duro deſconto:
Se por merecer me afronto
Sou omecida da honra,
Ià mays alimpou deshonra
O ter riquezas ſem conto.

Quem de ſy não tem receyo,
E ſe fia do ſeu peito,
Seus danos tras a effeito,
E abraza em ſeu ſeo:
Quem toma as couſas em meo
Contente com ſer leal,
Não cuyda de ninguem mal,
Nem que farà caſo feo.

O deſcanſo pouco dura,
Os trabalhos ſaõ muy certos,
Os dias breues,& incertos,
Nada da vida ſegura:
A mayor deſauentura
He viuer com alma inmunda,
Todo noſſo bem ſe funda
Morar Deos nella,& ſer pura.

O goſto tentea a conta,
Obra a ſeu ſom o apetito,
Arromba as leys de eſpirito
Onde interece aponta:
Não alcança o fim que monta
Hum goſto deſtruydor,
Fonte de magoas,& dòr
Cauſa de dano,& afronta:

He

He malicia conhecida
Negar ajuda podendo,
He matar aſsi o entento
O leixar tirar a vida:
Podendo ſer defendida
Crece o dano com mòr culpa,
Nunca pode hauer deſculpa
Em coração homecida.

Conſtancia que em bem ſe alcanſa
Virtude,he de grande eſtima,
Culpa que tarde ſe lima,
Nos males perſeueranſa:
Quem nos Ceos tem a eſperança
Nauega a ſeguro porto,
E quem para ſendo morto
Peza o que faz em balànça?

Tras noſſo dano ſeguimos
Guiados de confiança,
Muy tarde,ou nunca ſe alcança
O que nos mays apetimos:
Entre nòs cada hora o vimos
Que nunca couſa cuydamos
Que acertemos,& choramos
Por aquillo de que rimos.

Ando de todos queixoſo,
E todos o ſaõ de mym,
Falo na morte,& ſem fim
Sou eſcaſſo,& cobiçoſo:
Sempre triſte,& pezaroſo
Dos males que vſarſe vejo,
Reprendo todo deſejo,
De tudo ando deſejoſo.

Finjome brando,& amigo,
Tiro de vòs o que poſſo,
Cubiço por meu o voſſo,
Sinto hũa couſa,outra digo:
A quem deuo ſou imigo,
A quem me deue acho ingrat o,
So bre voſſa vida trato,
Minhalma trago em perigo.

Tolho o fazerſe bem,
Gabo por forma os amigos,
Noto contino os imigos,
Honro sòmente a quem tem:
Trabalho porque me dem,
Faço tudo por proueito,
Ando todo contrafeito,
Não tenho amor a ninguem.

Acabo

Acabo de vos louuar,
De vós cem mil tachas digo
No rosto:porque he perigo,
Não ouso de motejar:
Em tudo acho que notar,
A mym tenho por perfeyto,
Dos poderosos sogeito,
Dos fracos mao de tratar.

Sou de izenta condição,
E chamolhe eu grauidade,
Prometo sem ter vontade
Ou muyto mal cumpro,ou não:
Ser falço hei por discrição
Se interesse me obriga,
Verdade não se me diga,
Não sofro contradição.

Falo fouto da virtude,
Não na vso,inda que posso,
Que me mostre amigo vosso
Melhor tenhays vòs saude:
Trabalho porque se cuyde
De mym que sou diuino,
Dou barato o bom ensino,
Mudo o meu ser a meude.

Fazme pejo quem mentende,
Com necios me comunico,
Não cuydo no que pratico,
Vendo a quem tambem me vende:
Quem de mym fauor pretende
Secome para com elle,
Se tenho proueito delle
Nenhum erro ſeu me offende.

Gabaime,& ouuiruoshey,
Folgarey comuoſco daime,
Requereys emportunaiſme
Aborrecereys ſabey:
Tende honra acanharuoshey,
Sede pouco,& valereys,
Peitay,tudo alcançareys,
Ligongeay louuaruoshey.

Sempre trabalha abonarſe
Quem de ſangue,& honra he falto,
Se fortuna o poz em alto
Aly vereys o aſſoalharſe:
Poucos vereys eſtremarſe
Nos effeitos da humildade,
Das leys da boa verdade
Os vereys menoſprezarſe.

Homem

Homemmuyto cubiçozo
Não tem vergonha,nem ley,
O interece he ſeu rey
Mayormente ſe he vicioſo:
De viuer muy deſejoſo,
Suas contas faz cò mundo,
Eſquecido do profundo,
E na morte muy medroſo.

Culpa propria não ſe ve,
Vèmos por caſa o caſtigo
Inda mal(por mym o digo)
Inda bem,poys aſsi he:
E tendo todos por fè
Que tem ſeu deſconto tudo,
No que mereço não cuydo,
E queixome ſem porque.

Toda a conta he do preſente,
O por vir batelhe àporta,
Mortos no que não importa,
O que cumpre não ſe ſente:
Queixaſe a gente da gente,
Todo mundo he o culpado,
Nenhum vejo condenado,
Todo eſtado he deſcontente.

Toda

Toda a vida he deſperança,
Magoas o ſeu cabedal,
Merecimento não val,
Reſpeito proprio eſte alcança:
E quem poem a confiança
No trabalho, & diligencia,
Dalhe de roſto aderencia
No eſquecimento o lança.

A minha pouca ventura
Não deſobriga ninguem,
Quem faz o que a ſy conuem
A ſua parte ſegura:
Muyto val a tenção pura,
Dana muyto o mao effeito:
Fazer da feição dereito
He ley vſada, & muy dura.

Ingratidão desbarata
Toda boa incrinação,
Virtude ſem galardão
Com qualquer vencelho ſe ata:
Malicia embuçada trata,
A pureza anda abatida,
A honra he toda fingida,
Nobreza anda muy barata.

Temnos aqui deſtroido
O viuer de paciencia,
Nas palauras conciencia,
Nas obras outro ſentido:
Animoſo he o ſofrido,
Mas o mao toma ouſadia;
Por ventura acertaria
Quem foſſe deſcomedido?

Não terão conformidade
Iuntas cobiça,& nobreza,
Foy ſempre vil a eſcaceza,
Nobre a liberdade:
Em priuados, amizade
Redunda em dano de muytos,
São particulares fruytos,
Sendo commũa eſta herdade.

Os maos acometimentos,
Com prouidencia ſe vencem,
Erros dos grandes padecem
Os ſogeitos,& os izentos:
Quando os maos ſocedimentos
Os conſelhos não reprendem
São culpas que não ſentendem,
Fruito de maos pençamentos.

Terra que tem feita ley
Contra toda charidade
Como eſperarà piedade
De quem morreo per ſua grey:
Remedio a meu mal buſquey,
Cada hum me reſpondia
Que em cambos o ſeu trazia,
Sem elle por fim me achey.

Chamão induſtria a maldade,
Entendem Deos a ſeu geito,
He mays amigo o proueito
Que a ley, nem a verdade:
He virtude grauidade,
He ſaber ipocreſia,
Adquerir caualeria,
Saber ſer falço bondade.

Em tudo o que não pretendo
Proueito he perder o tempo,
Moſtro ter em Deos o tento,
No mundo meſtou reuendo:
Os iguays eſtou mordendo,
Os pequenos deſprezando,
Dos mayores me queixando,
E a mym não entendendo.

Aos maos dà ouſadia,
A deſeſtima do bom
Sempre foy popular tom
Eſpecie de profecia:
Todos ſe queixão à porfia,
Alguem deue ter juſtiça,
Quem cauſa do dano atiça
Parte da culpa teria.

Quando o mal não ſe caſtiga
Não creyo que o bom ſentende,
A quem o o erro não offende,
Merecimento não obriga:
Pelo que não ſey que diga
Ao que remedio não ſey,
Em deſertos queixarmey,
Là acharey quem me perſiga.

F I M.